VOZES NO MEU OUVIDO

DORIS STOKES

Tradução: Amadeu António

VOZES NO MEU OUVIDO

A AUTOBIOGRAFIA DE UMA MÉDIUM

Doris Stokes e Linda Dearsley
Copyright © Doris Fisher Stokes 1980
Futura
Macdonald & Co
Londres & Sydney
Um Livro Futura
Publicado pela primeira vez na Grã-Bretanha por
Futura Publications Limited em 1980
Reimpresso em 1980, 1981, 1982 (duas vezes)
Copyright © Doris Fisher Stokes 1980

ELA AJUDOU A RESOLVER CASOS DE HOMICÍDIO.
ENCHEU A ÓPERA DE SIDNEY
TRÊS NOITES SEGUIDAS.
UMA VEZ, TEVE MESMO DE CONVENCER
UM HOMEM DE QUE ESTAVA MORTO.
AGORA ESCREVEU A SUA PRÓPRIA
HISTÓRIA DE VIDA ASSOMBROSA.

O nome dela é Doris Stokes.

Em criança, via frequentemente coisas que os outros não podiam.

Durante a guerra, foi oficialmente informada de que o marido tinha sido morto. No auge do seu desgosto, foi visitada pelo pai, morto há muito, que lhe disse que o marido estava vivo e regressaria.

Mas a alegria transformou-se em luto quando o pai reapareceu para avisar da morte iminente do seu filho bebé, saudável.

Ambas as previsões cumpriram-se.

E Doris Stokes teve de aceitar o facto de possuir um dom espantoso. Poderes psíquicos excecionais que, ao longo dos anos da sua vida extraordinária, trouxeram alegria e conforto a milhares de pessoas.

CAPÍTULO 1

Ainda estava escuro quando acordei. Lá fora, na noite, um sino tilintava. Gritos e passos apressados ecoavam da rua abaixo, e o céu, pela fenda nas cortinas, era de um negro avermelhado estranho.

Depois ouvi a voz do meu pai. «Meu Deus, Jen, há um incêndio na casa do Tom!»

Uma conversa abafada subiu pelas escadas. Ouviu-se um rebuliço de atividade apressada; botas rangeram no chão, roupas farfalharam, vozes sussurraram com urgência. Depois a porta da frente bateu com força, dois pares de pés trovejaram no passeio. Passos enérgicos afastaram-se rapidamente a estalar – e fez-se silêncio.

Fiquei quieta, a escutar. Na cama ao lado, a minha meia-irmã mais velha, Edna, dormia tranquilamente, o cabelo loiro espalhado pela almofada. O pai tinha saído, a mãe tinha saído, Edna dormiria até com um furacão. Com cuidado, afastei os lençóis e saí da cama. Atravessei o quarto na ponta dos pés e parei. Edna não se mexeu. Ninguém daria pela minha falta.

Enfiando o casaco por cima da camisa de dormir, desci as escadas a rastejar. Esticando-me o mais que podia, levantei o trinco, abri a porta devagarinho e, num instante, estava na rua, a correr pela rua sombria, os pés descalços a bater nos paralelepípedos frios.

Não era longe. O Tom morava só na esquina, mas à noite as ruas conhecidas transformavam-se – vazias e escuras, com poças de negrume assustadoras. Havia fumo no ar enquanto corria, desviando-me das sombras, e quando virei a esquina já lá estava um carro de bombeiros parado à porta da casa do Tom. Multidões de pessoas enchiam a rua, o passeio escorria água e vultos atarefados iam e vinham.

Os meus olhos ardiam e o fumo fazia-me cócegas na garganta, mas quase não reparei. Estava tão ansiosa por ver o que se passava. Encolhendo-me o mais que podia, esgueirei-me pela multidão, empurrando e espremendo-me por entre pernas, enquanto as vozes dos adultos continuavam por cima de mim como se eu não existisse.

«Sim, um inválido… dorme sempre no rés do chão…»

«… aquela lâmpada de petróleo mesmo ao lado da cama… parvo…»

«… derrubou-a… acontece facilmente quando…»

De repente, alguém soltou um gemido. Ao mesmo tempo, um grande empurrão levou-me para a frente da multidão, exatamente quando dois vizinhos, carregando uma maca improvisada, apareceram na porta enfumarada.

Fez-se um silêncio estranho.

Sem compreender, estiquei o pescoço. Quando os carregadores passaram por um candeeiro a gás, vi o que transportavam. Uma coisa horrível, carbonizada, enegrecida, quase irreconhecível como corpo humano. Fitei-a, horrorizada – mas fascinada – e depois ergui os olhos e congelei.

A caminhar ao lado da maca vinha o Tom. Real e sólido, sem um cabelo chamuscado. E, no entanto, ali estava o seu corpo na maca. Queimado e negro. O que estava a acontecer?

Confusa e assustada, vi os três – os dois carregadores e o Tom – afastarem-se pela rua. Depois virei-me, quando um homem do outro lado se virou – e dei de caras com o meu pai.

«Doris!» Surpresa e depois raiva passaram-lhe pelo rosto. Ele abriu caminho pela multidão e deu-me uma palmada certeira na orelha. «Que estás aqui a fazer? Volta já para a cama, rapariga. Neste minuto!»

Corri. Voei pela esquina o mais rápido que as pernas permitiam, lágrimas a escorrerem-me pela cara. As sombras, a escuridão, nem as senti enquanto disparava. Algo enorme, algo aterrorizador tinha acontecido naquela noite, mas eu não percebia o quê.

Ainda chorava quando os meus pais chegaram a casa. Encontraram-me encolhida no fundo das escadas, a cara manchada de lágrimas, a fungar.

«Agora, rapariga», disse o meu pai, «não devias ter saído. Não é coisa para nenhuma criança ver… Pobre Tom.»

«Mas pai», engasguei-me, «ele não morreu.»

O meu pai pareceu impaciente. «Não sejas ridícula. Morreu queimado.»

Abanei a cabeça. «Não, pai, não morreu. Eu vi-o.»

E o meu pai parou e fitou-me, com uma expressão estranha no rosto. Os olhos não largavam os meus. Depois disse baixinho: «Viste, Doll? Viste mesmo?»

«Sim, pai», insisti, «ia a caminhar mesmo ao lado deles.»

Foi demais para a mãe. «Essa rapariga vai parar a um manicómio antes de acabar», disparou ela, «e tu ainda a encorajas nestas ideias parvas, Sam.»

Mas o meu pai limitou-se a despentear-me o cabelo, disse-lhe que a Doris estava bem e mandou-me para a cama.

Ele sabia que eu era diferente. Olhando para trás, tenho a certeza de que era um psíquico natural. Não tinha formação nenhuma, não seguia nenhuma filosofia a não ser a sua, mas mesmo assim sabia coisas por instinto. Tenho a certeza de que pressentia que não teria muito tempo connosco e tentava ensinar-me, preparar-me para o que me esperava nos poucos anos que passámos juntos. Às vezes zangava-me tanto com ele. Achava que era um pai muito severo, mas era demasiado nova para ver o que vejo agora – que todo aquele tempo eu estava a aprender lições valiosas que me influenciariam a vida inteira.

Bem, não acho que nem o pai percebesse todas as implicações deste dom estranho com que nasci. Eu, de certeza, não fazia ideia. Para mim, era só a pequena Doris Sutton, de Grantham. Às vezes aconteciam-me coisas esquisitas que eu suspeitava não acontecerem aos outros, mas afastava-as, recusava-me a pensar nelas. Queria ser como toda a gente – e, tirando esta outra capacidade, era.

O dom, porém, não se deixava reprimir. Era como se toda a minha vida tivesse sido planeada à volta dele. Ignorava-o, esquecia-o, negava-o, mas, fosse o que fosse que fizesse, esta capacidade peculiar, por vezes assustadora, voltava a emergir quando menos esperava e, no fim, descobria que tinha seguido o meu destino o tempo todo.

Ainda não percebo por que me aconteceu a mim. Nasci uma rapariga normal de Lincolnshire. Queria um marido, uma casa bonita, filhos. Eram essas as minhas maiores ambições. Se alguma vez pensei numa carreira, teria adorado ser enfermeira – mas com a minha educação escassa isso parecia fora de alcance.

Se alguma cigana velha tivesse olhado para a bola de cristal ou lido as folhas de chá nos meus dias de Grantham e me dissesse que eu tinha um dom que ajudaria milhares de pessoas, desde o mais pobre dos reformados

a celebridades e milionários famosos; que um dia apareceria em programas de televisão, filmes e rádio, eu teria morrido de riso. Eu? Doris Sutton? Não sabia fazer nada. Não tinha talentos especiais. Nem os meus amigos mais queridos me imaginavam como bailarina, cantora ou atriz, e nunca fui grande beleza.

Mas, pouco a pouco, ano após ano, o padrão foi-se construindo em silêncio – e foi exatamente isso que aconteceu.

Nasci em Grantham e, pelo que contam, era um bebé fraco e doente. Os médicos disseram aos meus pais que eu não sobreviveria e batizaram-me numa taça de açúcar de prata que pertencia a um capitão do Exército de Salvação porque achavam que não havia muito tempo. Contra todas as probabilidades, sobrevivi.

Hoje percebo que devíamos ser desesperadamente pobres. O pai era ferreiro, mas sofria muito do peito por ter sido gaseado na Primeira Guerra Mundial. Era um homem alto, careca, e usava sempre um cachecol à volta do pescoço para proteger o peito. Não devia ajudar muito. Quando eu tinha seis anos, teve de deixar de trabalhar por completo. Recebia dez xelins por semana de subsídio de doença e a mãe lavava roupa alheia para ajudar.

Ela era uma mulher pequena, enérgica, com um cabelo preto espesso e lindo, e era uma lavadeira maravilhosa. Conseguia meter as mãos em água quase a ferver. Quando lavava a louça, enchia o lava-loiça de bicarbonato e nuvens de vapor e esfregava durante horas. Passava o pano por dentro de cada asa vezes sem conta até a louça brilhar; a roupa que lavava era de outro mundo, mesmo sem máquina de lavar.

A nossa casa era uma típica de dois quartos em cima e dois em baixo, com água fria da bomba no quintal e sanita exterior. Não tínhamos jardim, mas a mãe enchia a casa de fetos em vasos.

Quando era muito pequena, tínhamos candeeiros a óleo. Adorava-os. Esperava com ansiedade as longas noites de inverno em que se acendia a lareira a carvão e os candeeiros, e o pai contava-nos histórias do que fizera na guerra.

A sexta-feira à noite era a «noite de limpeza», como o pai chamava. A minha meia-irmã Edna e eu tomávamos banho na banheira de lata em frente à lareira e depois o pai lavava-nos o cabelo com o seu próprio champô.

Fervia lascas de coco que comprava na farmácia e massajava-nos a cabeça com aquela mistura de cheiro horrível. O fedor era medonho. Edna e eu contorciamo-nos e queixávamo-nos, mas o pai nunca ligava.

«Melhor cheirar mal do que ter piolhos no cabelo, filha», dizia – e nunca tivemos piolhos.

Ele era a luz orientadora da nossa família. A mãe era muito prática na lida da casa. Mantinha tudo, e a nós, impecáveis – mas para tudo o resto apoiava-se no pai. Era ele que tinha ideias.

O domingo era um dia muito importante. Íamos à escola dominical de manhã e à tarde, e à noite a mãe levava-nos ou ao culto vespertino ou a ouvir o Exército de Salvação na praça do mercado. Era motivo de orgulho para os meus pais que Edna e eu estivéssemos arranjadinhas com roupa domingueira elegante, como as outras crianças. Infelizmente, não tinham dinheiro para isso, mas o pai salvava a situação.

Ia ao mercado aos sábados e trazia retalhos de tecido. Que espetáculo quando chegava a casa. Edna e eu ficávamos de pé na mesa da cozinha, a rir, enquanto o pai, com a boca cheia de alfinetes e uma tesoura grande na mão, andava à nossa volta, drapejando o tecido, alfinetando e cortando, alfinetando e cortando. Os resultados talvez não fossem alta costura, mas estávamos sempre arranjadas para a escola dominical.

Outra das ideias geniais do pai fez de Edna e de mim as primeiras crianças em Grantham a usar chapéus de pele. Tinha arranjado uns bocados de pele em qualquer lado e transformou-os em dois chapeuzinhos. Pregou um emblema australiano no da Edna porque o pai dela era australiano, e o emblema do seu próprio regimento de Lincolnshire no meu.

A comida era muitas vezes um problema, mas naqueles tempos as pessoas ajudavam-se umas às outras. Tínhamos tanta probabilidade de nos sentar à mesa de um vizinho para o chá como à nossa. Talvez não fosse uma refeição substancial, mas a mãe tentava encher-nos depois com uma ceia de pão embebido em água quente e leite condensado. O importante era partilhar.

Lembro-me de uma noite em que ainda era tão pequena que tinha de subir a um banco para chegar à mesa da cozinha. Edna e eu estávamos de camisa de dormir, prontas para ir para a cama, e a mãe servia a ceia quando bateram à porta.

O pai foi abrir e, curiosa, corri atrás dele. Fiquei à porta, agarrada à perna das calças de bombazina castanhas dele, de boca aberta a olhar para

as pessoas lá fora. Era um homem, uma mulher com um bebé e duas crianças pequenas, pálidas e esfarrapadas.

«Boa noite, irmão», disse o homem.

«Boa noite, irmão», respondeu o meu pai.

«Estou a caminho do asilo», continuou o homem, «mas não quero levar a família comigo. Se entrar lá, não os deixam sair outra vez, e estamos a andar para tentar encontrar trabalho.»

«Entra com eles, irmão», disse o meu pai. Nem lhe passou pela cabeça mandá-los embora.

A primeira coisa que fez foi tirar-nos a ceia da frente e dividir a mistura em mais duas malgas para as outras crianças também terem. O homem foi-se embora e eu perguntei ao pai o que era o «asilo». «Não é da tua conta», respondeu a mãe com rispidez.

O pai interrompeu-a. «Não, a criança quer saber», disse ele. «É a casa dos pobres, Doris.»

Naquela noite, o pai dormiu no sofá, a mãe, a mulher e o bebé dormiram na cama de casal, a criança mais pequena foi posta no meu berço e a outra criança, a Edna e eu ficámos na cama de solteiro da Edna.

Na manhã seguinte, estávamos a tomar o nosso pequeno-almoço habitual de pão com leite e água quando o homem voltou para buscar a família. Corremos todos para a porta e lá estava ele com um saquinho de rebuçados de papel.

Entrou e pousou o saquinho na mesa da cozinha.

«Obrigado, irmão», disse, «não tenho muito, mas isto é para os teus filhos.»

O pai abriu o saquinho e tirou dois grandes rebuçados de noz cobertos de chocolate. Os nossos olhos brilharam. Só víamos chocolate no Natal ou nos aniversários. Era um mimo maravilhoso. Estendemos as mãos avidamente, mas o pai travou-nos.

«Esperem!», ordenou, e, tirando a faca do bolso, cortou os rebuçados ao meio, para haver um bocadinho para cada criança.

«Mas foram comprados para nós», lamentámo-nos Edna e eu. «Não é justo.»

«Silêncio», disse ele. «Neste mundo tens de aprender a partilhar. Só assim voltaremos a ter alguma semelhança de normalidade.» Eu não sabia do que ele estava a falar. Eram só palavras para mim, mas nunca as esqueci.

Passava muito tempo com o meu pai. Levava-me a longos passeios pelo campo e falava-me dos pássaros, dos animais e de todas as plantas diferentes. Nunca me tratava como criança. Tratava-me como adulta – mas uma adulta com menos conhecimentos do que ele. Explicava-me quais as plantas que se podiam comer, quais faziam bons remédios para males comuns, quais era preciso evitar porque eram venenosas. Eu escutava-o fascinada.

Tinha o dom de inserir pequenas lições sem dor no meio de uma história; de tal modo que eu mal dava por estar a aprender alguma coisa. Lembro-me de uma noite, depois do nosso banho ritual e da lavagem do cabelo, o pai sentou-me ao colo para me contar uma história. A trama desenrolou-se e depois disse: «Lembra-te, Doris, não importa se não tens dinheiro, desde que tenhas boas maneiras. Boas maneiras levam-te a qualquer lado no mundo, podes misturar-te com qualquer tipo de pessoa. Respeita sempre o ponto de vista do outro. Nunca tenhas medo de ninguém enquanto disseres a verdade, mas lembra-te sempre de que a cortesia e as boas maneiras são o dinheiro de Deus.»

Não sei se tinha a ver com a história. Esqueci a história, mas nunca esquecerei as palavras dele.

Era geralmente um homem bondoso, mas se eu fazia alguma coisa errada ou tentava enganar-lhe, ficava em sarilhos. Era impossível safar-me porque o pai sabia sempre. Como da vez em que roubei um balão. Tinha de passar por uma nova loja Woolworths a caminho da escola e era uma loja tão fascinante que eu e as minhas amigas entrávamos pela porta das traseiras, atravessávamos a loja e saíamos pela porta da frente só para ter uma desculpa para espreitar. As prateleiras eram abertas, inclinadas ligeiramente para baixo e carregadas de coisas lindas.

As mais lindas eram os balões. Tinham acabado de lançar uma nova linha. Amarelos vivos, cobertos de pintinhas minúsculas; eram as coisas mais bonitas que eu alguma vez vira. Custavam 1d cada e várias crianças tinham-nos. Eu teria vendido a alma por um daqueles balões.

Pedi e pedi um penny para comprar um, mas de nada valeu. Os meus pais simplesmente não tinham um penny a mais. Já os ouvi discutir se compravam um saquinho de chá de um penny ou se aguentavam com as folhas velhas até ao dia do pagamento, só para me darem o penny para

pagar as quotas nas Girl Guides. O pai achava importante eu ir às Girl Guides. Balões, porém, não estavam na lista de prioridades dele.

Dia após dia passei por aquele balcão tentador. Quanto mais pensava nisso, mais fácil parecia. Seria tão simples estender a mão ao passar, pegar num balão e continuar a andar. Ninguém daria por isso. E assim, numa manhã, foi exatamente o que fiz. Amarrotei o balão com força na mão até sair da loja, depois enfiei-o no bolso.

Ficou no bolso o dia todo. Não ousei tirá-lo para ninguém ver. Depois da escola corri para casa, subi a correr para o quarto e tirei-o. Era lindo. Pousei-o na cama para admirar o amarelo brilhante, depois comecei a enchê-lo. Foi quando o pai apareceu à porta.

«Onde arranjaste esse balão, Doris?», perguntou. Fiquei aterrorizada. «Encontrei-o», murmurei depressa. Solenemente, ele pegou nele e examinou-o com cuidado. «Isto nunca esteve no chão», disse por fim. «Onde o arranjaste?» «Encontrei-o, pai», repeti. «Não encontraste, Doll», disse ele baixinho, «roubaste-o!»

Aquelas palavras suaves foram piores do que um grito zangado. O meu coração pareceu parar. «É só um balão de um penny, pai, só um balão de um penny», balbuciei. «Um penny ou cem libras, rapariga, roubar é roubar», disse ele. «Põe o casaco.»

Pensei que me ia levar para a esquadra. Muda de medo, obedeci e ele levou-me pela rua abaixo, agarrado pelo cachaço. Nem uma palavra foi dita. As ruas já estavam escuras, os candeeiros a gás estavam acesos e eu mantive a cabeça baixa para o caso de passar por alguém que conhecesse. As meninas pequenas iam para a prisão? Perguntava-me. Era verdade que só davam pão e água para comer? Quando, de repente, o pai puxou-me para dentro da Woolworths.

Arrastou-me até ao balcão dos brinquedos e pediu para falar com o gerente. Depois tirou o balão. «Esta é a minha filha», explicou, «roubou um balão a caminho da escola. Agora trouxe-a de volta. Quer castigá-la ou faço-o eu?»

O gerente pareceu embaraçado e eu tremia. «Não acho que seja necessário, senhor, se ela o devolveu.» «Ela não devolveu, fui eu que a trouxe», disse o meu pai, «disse-lhe que tinha roubado.» «Sim, bem, não acho que seja necessário agora.» O gerente olhou inquieto de mim para os clientes curiosos que pairavam em volta. «Oh, mas é», disse o meu pai. E ali mesmo, no meio da Woolworths, pôs-me ao colo e deu-me palmadas e mais palmadas no rabo até eu gritar.

«Nunca te deixes tentar a pegar no que não é teu», disse-me, «tudo se sabe.» E com ele por perto, sabia-se mesmo.

Tinha uma qualidade instintiva, clarividente, que o ajudava a reconhecer e compreender o mesmo em mim. A minha mãe também reparava, mas não entendia. Dizia muitas vezes, sombria: «Há qualquer coisa estranha na nossa Doris», e fitava-me com desaprovação. Eu não sabia o que queria dizer. Não percebia o que tinha feito de errado.

Sei que o episódio de eu ter visto o Tom a andar por aí ileso depois de ter sido queimado até à morte a preocupou bastante. Na manhã seguinte, quando desci para o pequeno-almoço, tentou convencer-me de que tinha imaginado ou inventado. Não cedi. Agarrei-me à minha versão com tanta teimosia que, no fim, percebeu que eu estava a dizer a verdade ou o que achava que era a verdade. Só confirmou os seus piores receios – que eu estava a enlouquecer – e levou-me ao médico.

Não sei o que lhe disse. Eu estava sentada ao lado dela na consulta, a balouçar as pernas, perdida num devaneio. A conversa aborrecida dos adultos ia e vinha por cima da minha cabeça. De repente, o médico recostou-se na cadeira e desatou a rir.

A mãe ficou aflita. «Mas doutor», insistiu, «ela acredita mesmo nisso.» O médico limitou-se a rir e a sorrir-me. «Bem, não lhe faz mal nenhum, pois não?», disse. E a mãe teve de se contentar com isso.

Não se falou mais no assunto, mas depois disso reparei muitas vezes na mãe a observar-me quando achava que eu não via, a tentar detetar mais sinais de loucura. Estava sempre a repreender o pai por me «encorajar». Aprendi a não mencionar nada ligeiramente duvidoso que visse. Não queria voltar ao médico.

Ninguém soube dos meus amigos secretos. As crianças com quem brincava e que mais ninguém via. Tinha uns seis ou sete anos quando apareceram pela primeira vez. Tinha estado muito doente com impetigo e febre reumática…

Mais uma vez, os médicos disseram aos meus pais que eu não sobreviveria. Era muito grave e não podiam fazer mais nada por mim. A febre piorou. Rebolava-me na cama, cada vez mais quente, as horas a fundirem-se em delírio.

Devo ter chegado a um ponto crítico da doença, porque a seguir dei por mim a ouvir a mãe a soluçar e o nosso jovem coadjutor ajoelhado ao

lado da cama. «Nas tuas mãos, ó Senhor, recebe a alma desta criança», rezava solenemente.

Senti-me demasiado distante para me perguntar de quem falavam. Depois, de algum lugar nas sombras, ouvi o meu pai: «Não! Ela não vai morrer.» Pareceu quase zangado, pensei, enquanto voltava a adormecer.

A partir desse momento, o pai dedicou-se a curar-me. Deixara os médicos fazerem o melhor que podiam, agora ia tomar as rédeas. Percorreu os campos à procura de plantas e ervas especiais e preparou duas mezinhas, uma de ervas e outra de alcatrão de carvão. Tinham-me rapado a cabeça e o pai esfregava as mezinhas no meu couro cabeludo três vezes por dia. Os vizinhos podiam troçar, mas lentamente, para espanto de todos, comecei a recuperar.

Fiquei fraca durante meses. Aconselharam a mãe a obrigar-me a estar quieta e a poupar forças. Não devia andar muito. Cansava-me depressa disso. Empurravam-me num carrinho de bebé como se fosse um bebé! Nos dias bons, levavam-me «para o jardim» – um caminho de cinzas poeirentas ladeado por hortas que ia dar à linha do comboio – e deixavam-me lá umas duas horas a apanhar ar. Faziam-no com a melhor das intenções, mas eu aborrecia-me muito sentada ali sozinha.

Numa tarde soalheira, estava estacionada no caminho como de costume, a ver preguiçosamente uma borboleta esvoaçar pelas couves, quando dei por alguém atrás de mim. Virei-me surpreendida e deparei com uma menina.

«Olá», disse ela, «eu sou a Pansy.»

Fiquei de boca aberta. Era fascinante. A pele era preta! e brilhante como as botas do pai. Tinha dentes brancos brilhantes, cabelo encaracolado apertado e o vestido mais lindo que alguma vez vira. Era como um pano comprido estampado com azuis vivos deslumbrantes. Nunca vira nada assim em Grantham, nem ninguém com pele preta. Achei a Pansy maravilhosa.

Era uma rapariga alegre e luminosa. Ríamo-nos e conversávamos e, passado um bocado, dois amigos dela, dois rapazinhos, vieram juntar-se a nós. Eram rapazes normais de pele branca, não preta como a da Pansy, mas também eram divertidos. Em breve estávamos todos a jogar um jogo barulhento de «Eu Vejo».

Nunca me ocorreu perguntar por que não estavam na escola como as outras crianças. Quando se é muito pequeno, aceita-se tudo sem questionar.

Estava completamente absorvida no jogo. Era a minha vez. «Eu – vejo – com – o – meu – olhinho…» Olhei rapidamente à volta à procura de algo mesmo difícil, mas só vi a velha senhora Rush a passar no fim do caminho. Acenou.

«Olá, Doris», chamou. «Já te sentes melhor?»

Assenti e, sorrindo, ela seguiu caminho. Vi-a afastar-se, o saco das compras a balouçar. Não sei porquê, não havia razão para ela comentar os meus amigos, mas naquele instante soube com absoluta certeza que ela não os via.

Mais tarde, nessa tarde, a mãe veio buscar-me. Ficou contente por encontrar uma criança de faces coradas e sorridente, em vez da rapariga aborrecida e irrequieta que normalmente esperava impaciente para ir para casa.

«Gostaste do sol, Doll?», perguntou ela enquanto tirava o travão do meu carrinho. «Sim, mãe», respondi. Ela virou-me e arrancámos a bom ritmo pelo caminho. De repente, senti fome e ansiedade pelo chá. Sentia-me muito melhor. Não me importava de vir ao jardim se houvesse alguém com quem brincar. Talvez a Pansy estivesse lá amanhã. Virei-me no assento para acenar em despedida, mas quando olhei para trás o caminho estava vazio. Os meus amigos tinham desaparecido.

Foi aí que soube que não podia contar à mãe. Não podia contar a ninguém. Pensariam que eu era louca.

Hoje percebo que os meus amigos eram crianças espirituais, mas na altura nem me interroguei sobre eles. Eram tão reais e sólidos para mim como os membros da minha família. De onde vinham, por que vinham, eram perguntas que nunca me passaram pela cabeça. Simplesmente ficava contente por vê-los quando apareciam.

Passado um tempo, percebi que só me visitavam quando eu estava sozinha. No início encontrava-os no «jardim» e, mais tarde, quando já andava de novo, via-os no meu quarto. As horas passavam muito depressa quando estávamos juntos. Conversávamos e ríamo-nos de coisas de crianças. Adoravam ver os meus livros e, por vezes, se eu estava bloqueada com os trabalhos de casa, a Pansy ajudava-me. Eu era péssima a Matemática, ao passo que a Pansy era muito rápida com números.

Tenho a certeza de que a mãe desconfiava. Uma vez, depois de um jogo particularmente barulhento, desci para o chá e encontrei a mãe a olhar-

me com cautela. «Com quem estavas a falar lá em cima?», perguntou. «Ouvi-te a tagarelar.»

Baixei os olhos para o prato. «Estava a brincar com as minhas bonecas, mãe», murmurei. Ela fitou-me com descrença. Depois, com os lábios cerrados numa linha fina, cortou mais fatias do pão. Sabia que eu escondia alguma coisa, mas nunca conseguia chegar ao fundo da questão. Nem precisava de dizer as palavras, os pensamentos dela eram tão claros como se os tivesse pronunciado em voz alta. «Vais acabar num manicómio um destes dias.»

À medida que crescia, às vezes interrogava-me eu própria. Os meus amigos secretos estavam sempre tão convenientemente presentes quando eu precisava deles. Se tivesse uma discussão na escola, vinha para casa a remoer em silêncio e depois subia a correr para o quarto pensando: «Não me importo se a Marjorie Allen já não me quer ver – a Pansy quer.»

Quando abria a porta do quarto – lá estava a Pansy sentada na ponta da cama com o seu lindo vestido azul.

Por vezes, especialmente se a mãe andasse a chatear-me, sentia-me insegura. «Sou eu?», pensava. «Estou só a inventá-los na minha cabeça?» Sabia que tinha boa imaginação, a professora dizia-o quando corrigia as minhas redações. No entanto, os meus amigos eram tão reais. Brincar com eles era completamente diferente de inventar uma história para as aulas de Inglês.

Noutras alturas, tinha a certeza. Um dia, por exemplo, depois de vir da escola a passear com alguns colegas, encontrei o Christopher no meu quarto. «Corre de volta para o jardim», disse ele com urgência, «enterraram uns gatinhos afogados, mas um deles não morreu.»

Corri para os meus amigos da escola e contei-lhes. Eles riram-se às gargalhadas. Não se surpreenderam por saber que uma ninhada de gatinhos tinha sido afogada. Naqueles tempos de depressão, as pessoas não podiam pagar contas de veterinário. Afogavam os gatinhos e enterravam-nos nas hortas. Não, o que não entendiam era como eu sabia e por que achava que um gatinho sobrevivera.

«Não vos posso dizer como sei, só sei, pronto», insisti. Troçaram e zombaram, mas no fim fui tão intensa que voltaram comigo ao jardim só para me provarem que estava errada.

Paramos no meio do caminho e escutámos. Tudo estava quieto. De repente, ouvimos um miau fraco. Houve uma pausa, depois o grito veio de

novo. Um pouco mais adiante vi um pedaço de terra recentemente revolvida; o som parecia vir dali. Corri para lá, caí de joelhos e comecei a escavar freneticamente a terra. Os gatinhos estavam enterrados mesmo à superfície. Um deles, um bocadinho malhado minúsculo, estava preso numa bolsa de ar entre os corpos dos irmãos – e estava vivo.

Tirei-lhe a terra, enfiou-o com cuidado dentro do casaco e levei-o para casa orgulhosa. Os meus amigos ficaram impressionados e eu muito contente comigo mesma.

«Não temos já bocas que cheguem para alimentar?», perguntou o pai quando lho mostrei, mas deixou-me ficar com o gatinho. Chamei-lhe Polly.

CAPÍTULO 2

Quando fiz onze anos, mudámo-nos de casa. Deixámos a nossa casinha minúscula de dois quartos em cima e dois em baixo por uma casa em Turner Crescent com casa de banho e jardim à frente e atrás. Nunca conhecera tanto luxo. Teria tomado banho todos os dias se a mãe me deixasse.

Nos dias antes da mudança, a mãe andava a esvaziar armários e a meter coisas em caixas, enquanto eu vagueava de divisão em divisão a atrapalhar. Depois, numa manhã, desci e vi o carro de mão lá fora.

Não me conseguia estar quieta de excitação. Não tínhamos muita mobília e em breve a casa que conhecera desde bebé desaparecera. No lugar dela ficaram quatro paredes nuas, já não era um lar.

Saltei para a rua outra vez. As outras crianças da rua estavam agrupadas a ver o pai e alguns homens a carregar. As mulheres estavam às portas a vigiar e a mãe andava atarefada com ar importante. A nossa família era o centro das atenções.

Por fim, acabámos. A mãe bateu com a porta, o carro de mão rangeu e os nossos pertences foram rolando pela rua abaixo, seguidos de perto pelas crianças.

Grantham era um lugar pequeno naqueles tempos e Turner Crescent não ficava longe. Não demorou muito até a nossa procissão chegar à casa nova. O pai abriu a porta orgulhoso e eu entrei a correr, ignorando os ralhetes da mãe.

Era uma casa maravilhosa. Tinha um jardinzinho à frente, um grande atrás e dava para Halls Hill – o ponto turístico local. O melhor de tudo era ter uma casa de banho com uma banheira a sério – de ferro fundido sólido e branca reluzente.

Pela primeira vez, tinha um quarto só para mim. A Edna não viera connosco. Fora para uma família rica ali perto como uma espécie de criada interna. Tinha saudades da companhia dela, mas de certeza que gostei de ter o meu próprio quarto.

Fomos muito felizes em Turner Crescent. O pai estava no seu elemento. Adorava jardins e agora tinha a oportunidade de ter o seu. Era o seu orgulho e alegria e eu estava sempre a ser avisada para não pisar os canteiros.

Andava por lá todos os dias. Cultivava a maior parte das nossas hortaliças e algumas flores para a mãe. Acho que não estava tão feliz há anos. Nas noites de domingo de verão, depois do trabalho feito, gostava de se sentar lá fora com a faca do bolso, dois bocados grandes de pão e um resto de carne enlatada do almoço. Eu sentava-me aos pés dele e ele cortava um pedaço de pão e punha-lhe um bocadinho de carne para mim. Ficávamos ali horas, às vezes a falar, às vezes em silêncio, só a olhar para o jardim e para o campo além.

Foi em Turner Crescent que um dos meus desejos mais queridos se realizou. A caminho da escola, passava por uma loja chamada «Sharpies». Na montra da «Sharpies» estava o vestido mais bonito do mundo. Era de veludo azul-escuro, o azul profundo e puro do céu num dia de verão, e a gola e os punhos eram guarnecidos com trança dourada.

Todos os dias parava e fitava-o com saudade. Depois corria para casa e dizia: «Sabem o que quero mais no mundo? Se pudesse ter aquele vestido de veludo azul, nunca mais pedia nada na vida.»

Os meus pais não pareciam particularmente impressionados com esta ideia que, a longo prazo, lhes pouparia dinheiro no Natal e nos aniversários. «Vestidos de veludo azul custam muito dinheiro», dizia o pai. «Temos de ver, Doll, não é?»

Depois, na sexta-feira antes do fim de semana de Pentecostes, cheguei da escola e a primeira coisa que vi foi um saco grande com «Sharpies» em cima. Estava deitado no sofá por baixo da janela. Não ousei aproximar-me, nem sequer ousar esperar com medo de ficar desiludida.

«Não queres saber o que está dentro desse saco?», perguntou o pai ao entrar na sala. Fiquei só a olhar para ele, muda, demasiado ansiosa para responder. Ele riu-se. «Vai lá, podes abrir.»

Mergulhei para o sofá, rasguei o saco e lá estava, em toda a sua glória, o meu vestido de veludo azul. Comecei a desabotoar o casaco, mas a mãe travou-me. «Não», disse com firmeza, «só o vestes no domingo.» Olhou de advertência para o pai. «Não sejas parvo, Sam. Ela tem de aprender.»

Então o vestido foi pendurado num cabide e ficou no meu quarto. Tive de me contentar com olhá-lo todos os dias. Mal podia esperar pelo domingo, mas quando acordei com borboletas no estômago – estava a chover.

«Não», disse a mãe, «não o vestes com chuva e ponto final.» Discuti. Chorei. Supliquei; mas de nada valeu. Não me deixaram vestir o vestido. Ainda assim, tive de ir à escola dominical.

Quando voltei da escola dominical da tarde, porém, a chuva parara. Fiquei outra vez toda agitada. «Por favor, por favor», importunei, até que no fim os meus pais cederam. O pai engraxou os meus sapatos pretos de tornozelo. A mãe arranjou um par de meias limpas e mandou-me para a casa de banho esfregar o pescoço até brilhar.

Quando saí, vestiram-me o vestido. Assentava na perfeição e olhei para mim mesma maravilhada. Girei sobre mim. O efeito era deslumbrante. De azul vibrante, era uma rainha das fadas. «Ainda parece que vai chover, Sam», avisou a mãe. «Não faz mal», disse o pai, «leva um casaco.»

Virou cuidadosamente o meu casaco do avesso para as pessoas não verem como estava coçado, pôs-mo no braço e lá fui eu.

Fui direita ao Wyndham Park, a cerca de dez minutos a pé de casa. À tarde de domingo, o parque estava cheio de passeantes e eu queria ser vista. Foi a experiência mais maravilhosa da minha vida. Andei à volta e à volta daquele parque, por todos os caminhos, todos os passeios sombrios – e ninguém no mundo era mais fino do que eu. Erguia a cabeça, nariz no ar e desfilava feliz. Na minha opinião, toda a gente olhava para mim e pensava: «Que vestido maravilhoso!»

Eventualmente, não pude deixar de reparar que as nuvens estavam baixas e escuras, por isso, a contragosto, fui para casa. Tirei o vestido novo com tanto cuidado como se fosse de papel de seda e pendurei-o de novo.

«Então, Doll?», disse o pai quando desci, «valeu a pena?» «Oh sim, pai», garanti-lhe, «foi maravilhoso. Senti-me uma rainha!» «Então és uma rapariga com muita sorte», foi o único comentário dele.

Não muito depois, reparei que a mãe estava a engordar muito. A barriga inchava como um balão e cansava-se e ficava sem fôlego depressa. Naqueles tempos, ninguém falava de gravidez às crianças, por isso nunca me disseram a causa. Nem sequer estava particularmente curiosa. Aconteceu gradualmente ao longo de vários meses; para mim, a mãe estava só a ficar um bocadinho gorda, mais nada.

Depois, um dia cheguei da escola e ela não estava lá. O pai explicou que fora para o hospital. Levou-me a vê-la. Não deixavam crianças entrar, por isso ele ergueu-me lá fora para acenar pela janela da enfermaria. Via a mãe no fundo de uma fila de senhoras na cama e acenei loucamente. Ela sorriu e ergueu a mão.

«Pronto», disse o pai ao pousar-me no chão, «e pode haver uma surpresa para ti mais tarde.»

Fiquei contente. Gostava de surpresas.

Mas os dias passaram e não houve surpresa. A mãe veio para casa, magra outra vez e pálida, e andava muito sentada com ar infeliz. Depois, de repente, voltou para o hospital.

Descobri depois que a mãe, então com quase cinquenta anos, tivera um menino natimorto. O parto difícil causara uma rutura e precisava de mais tratamento.

Naturalmente, na altura eu não sabia o que se passava; mas estava a habituar-me a que a mãe estivesse no hospital. Acho que não estava preocupada. O pai disse-me que ela estava a melhorar e eu acreditei nele.

Devia estar fora há umas duas semanas quando o pai me chamou à sala. Parecia sério e perguntei-me se teria feito alguma asneira. «A tua mãe vem para casa em breve», disse. Suspirei de alívio. Afinal não estava em sarilhos.

«Ela esteve muito maldisposta e tem de tomar leite e ovos extras para se fortalecer», continuou ele. Fez-se uma longa pausa. «Receio que tenhamos todos de fazer sacrifícios para comprar coisas assim, Doris… e vou ter de vender o teu vestido azul.»

As meninas bem-comportadas dos livros teriam dito: «Sim, claro, pai. Tudo para a mamã melhorar.» Mas eu não era uma menina bem-

comportada de um livro. Era uma criança normal, com o egoísmo normal de uma criança que não entende nada – e fiz uma birra.

Atirei-me para o chão. Chutei, bati com os punhos e gritei com toda a força até a cara ficar escarlate. Estranhamente, o meu pai não me deu uma palmada como faria normalmente com um comportamento daqueles. Ajoelhou-se ao meu lado e, por cima dos meus gritos, disse: «Ouve-me, Doll. O que foi que me disseste naquela noite quando voltaste do Wyndham Park, quando te perguntei se tinha valido a pena?»

«Não sei! Não sei!», berrei teimosamente.

«Pois eu lembro-me», disse ele. «Disseste-me: "Pai, senti-me uma rainha". Agora ouve bem, rapariga. Há milhões de pessoas neste mundo que vão do berço à sepultura sem nunca conhecerem um dia ou uma hora em que se sintam assim. Ninguém te pode tirar isso. Lembra-te. Ninguém.»

Não liguei nenhuma. Queria o meu vestido e isso era tudo o que importava; mas o vestido foi vendido. A mãe veio para casa e, aos poucos, ganhou forças. O assunto do vestido nunca mais foi mencionado. Só anos mais tarde percebi que o pai tinha toda a razão. Até hoje, a visão de veludo azul traz-me de volta, em catadupa, a memória daquele sentimento maravilhoso.

Os meses deslizaram para anos. A vida continuou como dantes. Com a ajuda da Pansy, ganhei uma bolsa para a escola secundária – o maior desejo do pai para mim. Éramos uma família feliz. Não éramos ricos, mas tínhamos o suficiente. Nunca duvidei de que a nossa vida agradável continuaria por muitos anos. Se o pai estava a ficar magro e abatido, não reparei. Estava embrenhada na minha vida, escola nova, amigos novos, tudo era excitante. Como a maior parte das crianças, dava os meus pais como garantidos.

Depois, numa sexta-feira à tarde, cheguei da escola e fui trepar para o colo do pai como sempre, quando a mãe me travou. «Não incomodes o teu pai. Não se sente bem.»

Olhei para o rosto dele e vi linhas profundas de cansaço na testa.

«Está tudo bem, Doll, está tudo bem», disse ele com voz cansada. «Quero falar contigo.»

Obedientemente, sentei-me ao lado dele.

«Lembras-te de tudo o que te ensinei?», perguntou. «Lembras-te dos passeios que demos pelo campo? Como te mostrei quais eram as ervas boas

para ti, quais as raízes que se podiam comer. Ninguém precisa de passar fome, Doris, Deus tratou disso. Acima de tudo, lembras-te daquela lição amarga que te dei quando roubaste o balão?

«Por mais difícil que seja – e haverá alturas na vida em que vais pensar "porquê?" – mantém sempre a cabeça erguida. Se só tiveres três pence a tilintar no bolso e tiveres boas maneiras, podes ir a qualquer lado. Mas nunca, nunca te deixes tentar a pegar no que não é teu.»

Mexi-me, desconfortável. Isso foi quando eu tinha só oito anos, pensei, e levei palmadas e fui para a cama sem jantar. Por que trazer isso à baila agora? E mudei de assunto o mais depressa que pude.

Mas à meia-noite seguinte, ele contorcia-se de dores, o suor a escorrer-lhe pela cara. A mãe correu do quarto, olhos fundos e assustada. «Tens de ir buscar o médico, Doris», disse com a voz a tremer. «O mais rápido que puderes.»

Um terror negro invadiu-me. Nunca vira o pai tão doente. Todo o meu mundo seguro desmoronava-se à minha volta. Enfiei um casaco por cima da camisa de dormir, calcei as botas de borracha nos pés descalços e disparei para a noite.

O Dr. Allan morava numa rua larga ladeada de árvores e, a essa hora, todas as luzes estavam apagadas. Estava escuro como breu e sinistro – mas, pela primeira vez, não tive medo. Estava demasiado assustada pelo pai para me preocupar.

Quase chorava quando cheguei à casa do médico. Bati com força na porta e, para meu alívio, o Dr. Allan deu-me uma olhadela e saiu imediatamente.

O pai foi levado de urgência para o hospital naquela noite.

Os dias seguintes foram confusos. Mandavam-me para a escola como sempre. Havia poucas notícias. Não deixavam crianças visitar doentes no hospital; mas a mãe ia todos os dias. Quando lhe perguntava como estava o pai, limitava-se a dizer: «Está maldisposto, Doris, não me chateies agora.» No entanto, os vizinhos apareciam constantemente e choravam.

Na hora do recreio de quinta-feira, corria para o pátio com as outras crianças quando, de repente, uma vontade avassaladora de ver o meu pai me parou em seco. Quase ouvia a voz dele a chamar-me. Sabia as regras, sabia que não podia sair da escola, sabia que não podia entrar no hospital. Mas não conseguia controlar-me. Tinha de ir ter com o pai, ele queria-me.

Sem dizer palavra a ninguém, virei-me, fui direita ao bengaleiro, tirei o casaco do cabide e saí. Corri pelas ruas vazias, temendo encontrar um polícia que perguntasse por que não estava na escola, mas cheguei ao hospital sem incidentes. Na receção, disse o nome do meu pai e indicaram-me a enfermaria. Ninguém tentou parar-me até chegar à porta e encontrar a enfermeira-chefe a barrar-me o caminho. «És a filha do senhor Sutton?», perguntou. Era alta e intimidante no seu avental e touca engomados.

Estava tão aterrorizada que me mandasse embora que não consegui falar. Assenti em silêncio. «Bem, o teu pai está muito doente, menina», disse ela. «Foi operado.» Fez uma pausa, os olhos a dizerem mais, e mediu-me de alto a baixo. «Acho que lhe faria bem ver-te.»

Estava deitado, apoiado na cama, o rosto de um amarelo-esbranquiçado doentio. Os olhos iluminaram-se quando me viu, mas eu fiquei perplexa. Parecia doente, mas via qualquer coisa mais. Parecia que já não pertencia ao nosso mundo.

«Olá, Doris», disse sorrindo. «Sabias que eu queria ver-te, não sabias?»

«Sim, pai.» Puxei a cadeira para perto da cama e segurei-lhe a mão.

«Fico contente por teres vindo, Doll. Não me sinto muito bem.»

«Não faz mal, pai», disse eu para o acalmar. «Vais ficar bom depressa agora que fizeste esta operação. Vais para casa num instante.»

«Não, rapariga», falou baixinho, os olhos diretos como sempre. «Já não vou voltar para casa. Quero que me prometas uma coisa. Sei que só tens treze anos, mas a tua mãe deixa-se enganar facilmente. Promete-me que vais sempre tomar conta da tua mãe.»

Fitei a minha mão, que apertava a dele com força sobre o lençol branco engomado. A sensação de aperto que tinha no peito, desde que o levaram para o hospital, piorou.

«Não vais morrer, pois não, pai?»

Foi factual como sempre. «Sim, receio que sim, rapariga, mas não digas morrer. É uma palavra que não quero que uses. Diz apenas que fui um bocadinho à frente e que estarei sempre aí se precisares de mim. Lembra-te disso. Tens um sulco difícil para lavrar, rapariga; mas basta estenderes a mão e eu estarei lá para a agarrar.»

Fitei-o. Não fazia sentido nenhum. Como podia ele segurar-me a mão se estivesse morto? Estava a dizer disparates. Quase me senti aliviada. O rosto parecia um pouco febril, devia estar delirante. Isso explicaria toda esta conversa mórbida.

A dor no peito diminuiu e prometi que tomaria conta da mãe até ele voltar para casa, depois comecei a distraí-lo com histórias engraçadas do que tinha feito na escola. Não passou muito tempo até a enfermeira-chefe vir dizer que era hora de ir. Beijei-lhe a face e saí.

Na manhã seguinte, era a diretora, Miss Brown, que dava as aulas. A sala estava absolutamente silenciosa, ela era tão severa que não ousávamos sequer sussurrar. No silêncio, ninguém podia confundir o som de passos a clicar pelo corredor. Pararam abruptamente e olhei para cima: uma mulher estava à porta de vidro meio aberto. Soube imediatamente que viera buscar-me e a faixa apertou-se mais no peito.

Miss Brown saiu. Falou com a mulher alguns instantes. Depois voltou, o rosto sério. «Doris, vem cá, querida.»

O meu corpo ficou muito rígido e pesado enquanto caminhava para a frente da sala. Miss Brown passou-me o braço pelos ombros. «Tens de ir para casa, minha querida. A tua mãe precisa de ti.»

Não conseguia falar, explodiria se tentasse. Limitei-me a assentir, peguei nos livros e saí em silêncio da sala.

Tropecei cegamente até casa. Quando cheguei ao portão, as lágrimas corriam-me pelas faces. Não me importava quem visse. Não me importava o que acontecesse. Só conseguia chorar e chorar; parecia não haver fim para as lágrimas. Ninguém dissera as palavras, mas eu sabia. O meu pai estava morto.

A nossa vida desfez-se depois disso. A mãe ficou terrivelmente abalada, mas pior ainda, não sabia o que fazer. O pai sempre tomara conta dela. Sem ele, andava à deriva e sem rumo. Primeiro, a tia Sally, irmã do pai, veio tomar conta de tudo.

Fez todos os preparativos para o funeral. Disse que não fazia sentido trazer o pai para casa primeiro. Podíamos encontrar o carro fúnebre quando viesse do hospital a caminho do cemitério. Achei uma ideia terrível. Significaria que o caixão do pai passaria pelas ruas sem uma flor em cima. Não suportava isso.

Chateei e importunei a mãe até ela concordar que as coroas fossem entregues no dia antes do funeral. Depois, às sete e meia da manhã seguinte, subi a colina até ao hospital com duas caixas de cartão quadradas – do tipo que usavam para coroas. Empilhadas uma em cima da outra, eram tão grandes que eu não via por cima delas, mas não me importava. Não ia deixar o caixão do meu pai passar por Grantham sem flores.

A tia Sally foi para casa depois do funeral e as coisas pioraram. As pessoas apareciam constantemente a perguntar se podiam ficar com coisas. As ferramentas do pai, o equipamento de jardinagem… pouco a pouco, os nossos bens saíam de casa. Lembrei-me do que o pai dissera sobre a mãe se deixar enganar, por isso falei; mas ela não me ouvia. Parecia não se importar.

Depois descobrimos que ela não podia continuar a pagar a casa. Tivemos de nos mudar para dois quartos miseráveis. O golpe seguinte foi que não podia pagar para eu continuar na escola secundária – o uniforme e os livros eram mais do que o seu orçamento minúsculo aguentava. Voltei para a escola municipal, que tive de abandonar aos catorze anos sem qualificações. O meu sonho de ser enfermeira parecia ter morrido com o pai.

A vida tornou-se insuportável. Tinha saudades terríveis do pai e a mãe tornara-se inacessível.

Estava afundada em depressão. Não falava comigo a não ser para ralhar e mal reparava no que se passava à volta. Suponho que estava muito cansada. Aceitava toda a roupa que conseguia lavar e, sempre que a via, estava com os braços metidos até aos cotovelos em espuma de sabão.

Não gostava muito da escola nova e, para piorar as coisas, havia um homem horrível que rondava perto do nosso prédio e tentava agarrar-me quando eu passava. Não sabia o que queria, mas a ideia dele fazia-me pele de galinha. Corria sempre que ele se aproximava; mas vivia assombrada pelo medo de que surgisse silenciosamente atrás de mim ou estivesse à espreita nas sombras da escada.

Era um período cinzento e sombrio. Os dias felizes em que o pai era vivo pareciam um sonho. Acho que a mãe sentia o mesmo. Torcia as mãos, impotente; incapaz de tomar decisões sozinha. Andávamos uma à outra, naqueles dois quartos minúsculos, mas quando soube que uma casa ficara vaga por um preço razoável, não sabia o que fazer. Enrolava e enrolava e não chegávamos a lado nenhum.

Por fim, embora só tivesse treze anos, decidi que tinha de fazer alguma coisa. Sentei-me na ponta da cama a pensar por onde começar. «O que terias feito tu, pai?», pensei em desespero. E, de repente, como se ele me respondesse, a ideia surgiu num relâmpago. «Vai falar com o senhorio, já.»

Acontece que o senhorio, o Sr. Golding, era também agente imobiliário e leiloeiro e conhecera o meu pai, viciado em leilões, há anos.

O empregado atrás do balcão ergueu as sobrancelhas quando entrei. «Vim por causa de uma casa», disse eu, nervosa. «O quê, para ti, criança?», perguntou.

Assenti. «Quer dizer ao senhor Golding que o meu nome é Sutton e que vim por causa de uma casa para a minha mãe e para mim», disse.

Com ar duvidoso, o empregado foi à procura do patrão e, momentos depois, o próprio senhor Golding saiu. «Disseste que o teu nome era Sutton?», perguntou, com uma expressão perplexa. Assenti. «Queres dizer que és a filhinha do Sam Sutton?»

«Sim, sou», respondi.

Fitou-me durante um ou dois segundos, depois levou-me para o escritório. «Ora bem», disse, sentando-me na cadeira em frente à secretária grande dele. «Qual é o problema, rapariga?»

Foi paciente e compreensivo, e foi o primeiro adulto há muito tempo que realmente me ouviu. Assim que comecei, não conseguia parar de falar. A história saiu um bocado confusa, mas tudo jorrou. Até me vi a contar-lhe sobre o homem horrível que tentava agarrar-me. Quando acabei, fez-se um longo silêncio. O escritório estava muito quieto sem a minha tagarelice. Perguntei-me se teria dito demais e se devia ir-me embora. De repente, o senhor Golding contornou a secretária, tirou uma chave e um livro de rendas. Pôs-mos na mão. «Aqui tens», disse, «é tua. Muda-te quando quiseres.»

Corri de volta ao apartamento em triunfo, a transbordar de orgulho pela minha grande coragem. No dia seguinte, a mãe e eu instalámo-nos de novo numa casa.

Depois de passada a excitação da mudança, dei por mim num estado de espírito invulgarmente pensativo. O pai parecia perto de mim. Às vezes, a presença dele era tão forte que eu olhava para cima à espera de o ver de pé atrás de mim, mas, claro, o quarto estava vazio. Lembrava-me

constantemente daquele lampejo de inspiração sobre a casa e da última conversa que tive com o meu pai. Ele insinuara que continuaria perto de mim mesmo depois de morrer, que me ajudaria quando estivesse em apuros. Poderia ele ter realmente sabido que ia morrer? Estaria a tentar explicar-me alguma coisa que eu ainda não entendia? Não conseguia tirar aquilo da cabeça.

Por fim, falei com a Maggie Smith. A Maggie era uma jovem conhecida da mãe. Era uma rapariga bondosa e alegre, mas a mãe não aprovava totalmente dela porque se interessava por «esses espiritualistas». Sabia que a mãe ficaria zangada, mas a Maggie era a única pessoa que me podia dar alguma informação sobre o assunto.

Ela sugeriu que eu fosse a uma sessão espírita e ofereceu-se para ir comigo. Fiquei muito assustada. Não queria que a Maggie pensasse que eu era uma mariquinhas, mas assim que marcámos, quis desistir. À medida que os dias passavam, tinha pesadelos em que era perseguida por fantasmas enormes, lençóis brancos a esvoaçar; e os meus momentos acordada estavam cheios de preocupações vagas sobre vender a alma ao diabo.

A Maggie, porém, aguardava a aventura com ansiedade. Quando a encontrei à porta de casa na noite marcada, até parecia excitada. Eu estava tão nervosa que não conseguia comer o chá e a mãe perguntara sombriamente se eu estaria «a apanhar alguma coisa».

A Maggie levou-me por umas escadas rangentes até uma salinha no sótão por cima de um pub. A sala estava vazia exceto por uma mesa e algumas cadeiras de madeira, e as únicas outras pessoas lá eram velhinhas. Pareciam inofensivas, pensei com suspeita, e aliviou-me não ver velas nem teias de aranha.

Perguntei-me, aterrorizada, quando chegaria a médium. Sabia como eram as médiuns. Tinham vestidos compridos e mãos gordas com anéis em todos os dedos. Por isso, surpreendi-me quando uma velhinha de cabelo grisalho, igual às outras, deu um passo em frente e pediu a todos que se sentassem.

Rezou uma oração curta, depois ergueu a cabeça e fitou o teto em profunda concentração. Comecei a tremer. O que ia acontecer? Haveria trovões, vozes desencarnadas ou mãos fantasmagóricas a surgir do ar? Fez-se um longo silêncio. Depois, o olhar dela desceu do teto e pousou em mim. «Tu, querida.»

«Eu!», guinchei alarmada.

«Sim. Tenho aqui um homem que diz que o nome dele é Sam.»

Saltei da cadeira. «É o meu pai!», gritei.

Dominada pelo choque e a tremer em todos os membros, registei vagamente que ela me estava a dizer o nome da minha mãe, da minha irmã e da rua onde morávamos.

«Não é o Sam Sutton, pois não?», perguntou ela passado um bocado. A pessoa invisível com quem parecia falar disse obviamente «sim», porque ela disse: «Sam, não posso acreditar», e as lágrimas começaram a correr-lhe pela cara.

Lutei para compreender o que se passava. Estaria o meu pai na sala? Se sim, por que não o via? Por que não ouvia a voz dele?

«Minha querida, eu conhecia o teu pai», disse a médium, «embora não o visse há anos. Ele costumava alojar-se connosco antes de casar.»

Não aguentava toda esta conversa sobre o meu pai. Só de pensar demasiado nele ainda me vinham lágrimas aos olhos. A garganta apertava-se-me e, quando a médium passou a uma mensagem para outra pessoa, puxei o braço da Maggie. «Vamos embora», sussurrei.

Dava para ver que ela queria ficar. Os olhos estavam arregalados de espanto enquanto ouvia as mensagens e esperava que a médium chegasse à sua vez. Mas, bondosa como sempre, levou-me lá para fora quando viu que eu estava perturbada.

«Então – o que achaste?», perguntou assim que voltámos ao passeio.

Abanei a cabeça. «Não sei», disse, «não sei o que pensar.»

Ainda assim, fiquei suficientemente impressionada para correr a contar à mãe assim que cheguei a casa. Pensei que ela talvez quisesse ir. Talvez pudéssemos ir juntas qualquer dia.

Devia ter percebido. Ela enfureceu-se. «Já te disse sobre esses espiritualistas», gritou zangada, a cara vermelha, «não quero que te mistures com eles. O teu pai está morto e acabou-se, e quanto mais cedo aceitares que ele se foi, melhor.»

Nunca a vira tão zangada. Mandou-me para a cama cedo – coisa que não acontecia há anos – e não me deixou ir outra vez.

Mas o incidente vinha-me muitas vezes à cabeça apesar dos avisos da mãe para nem pensar nisso. Não sabia no que acreditar, mas não conseguia deixar de me perguntar como é que aquela senhora sabia que o nome do meu pai era Sam.

CAPÍTULO 3

Apesar dos meus medos iniciais, adaptei-me bastante bem à escola municipal. Sempre gostara das aulas e as semanas passavam depressa. Durante o último período, incentivaram a turma a pensar em possibilidades de carreira. A maior parte das raparigas tinha alguma ideia. Iam para o serviço doméstico ou para uma loja, mas a minha mente ficava em branco. Não podia ser enfermeira e nada mais me atraía.

Tive sorte. Uma professora jovem interessara-se por mim e, vendo-me mais desanimada à medida que o fim do período se aproximava, ficou depois das aulas numa tarde para saber o que se passava. «Não podes ser enfermeira até aos dezoito anos, sabes», disse quando ouviu a minha história, «e depois pode ser que não gostes. Porque não tentas um emprego como ajudante de enfermaria? Assim vês como é a vida no hospital e, se ainda quiseres ser enfermeira, podes estudar à noite.»

Achei uma ideia maravilhosa. Melhor ainda, a irmã dela era enfermeira-chefe de bloco operatório no Lincoln County Hospital e podia arranjar-me uma vaga. O único problema era a mãe. Não sabia como ela se sentiria com a ideia de eu morar longe de casa. Lincoln ficava demasiado longe para eu ir e vir todos os dias.

Não precisava de me preocupar. A mãe ficou tão contente por eu estar finalmente a ser prática e, provavelmente, tão aliviada por haver outro rendimento a caminho, que não levantou objeções. Assim, aos catorze anos, fui despachada para Lincoln para o meu primeiro emprego.

Em breve estava a esfregar pavimentos, a esvaziar urinóis, a ir e vir com recados. Nunca trabalhara tanto na vida, mas adorava. Sentia que ajudava, mesmo que de forma pequena, a curar os doentes e, pela primeira vez, era simplesmente «Doris». Não aquela criança esquisita. A Doris normal, igual a toda a gente.

Coisas estranhas já não me aconteciam. Estava ocupada do momento em que me levantava até ao momento em que desabava exausta na cama e adormecia imediatamente. Era óbvio que não podia estudar naquele

ambiente, estava demasiado cansada para fazer outra coisa senão dormir. Por outro lado, estava bastante contente como estava.

Estivera lá cerca de um ano quando a mãe teve um acesso de me querer de volta a casa. Sentia a minha falta, dizia, eu estava demasiado longe e precisava da minha ajuda. Senti-me dividida. Não queria deixar o hospital, mas se a mãe precisava mesmo de mim, tinha de ir. A contragosto, disse adeus às minhas amigas em Lincoln e fui para casa.

Havia muito pouco trabalho em Grantham. O hospital local não tinha vagas. Não havia nada para eu fazer. Acabei a fazer recados e a ajudar nas lides domésticas pela cidade. Era um trabalho monótono e pensei que não tinha futuro, mas enganei-me. Aos poucos, progredi.

Estava muitas vezes em casas muito mais grandiosas do que a minha, a ver um estilo de vida bastante diferente do da mãe. Em momentos assim, o meu pai parecia muito perto. Conseguia imaginá-lo mesmo atrás do meu ombro e quase ouvia a voz dele dizer: «Observa, Doris. Aprende alguma coisa com isto», e eu aprendia. Em breve sabia como pôr a mesa, como receber visitas, como comportar-me, como estar arranjada e elegante. Deu-me mais confiança em mim mesma e, eventualmente, comecei a arranjar trabalho como ama de crianças.

Estava muito feliz. Quando sonhara ser enfermeira, planeara especializar-me em pediatria. Ser ama era o mais parecido. Tratava das crianças aos meus cuidados como se fossem minhas.

Tinha vinte anos quando a guerra eclodiu. A minha vida abrira-se e eu desfrutava de um período agitado e animado. Havia namorados, bailes e longas conversas com as raparigas sobre amor e as últimas modas. A declaração de guerra pôs os jovens em alvoroço com o que iam fazer.

A força aérea era o mais recente dos serviços. Parecia ousada, glamorosa, romântica e alistámo-nos em massa. Com várias amigas, fui inscrever-me como WRAF, ansiosa por vestir aquele uniforme azul suave e fazer a minha parte. Não fazia ideia do que o trabalho implicava; por isso, surpreendi-me quando me perguntaram o que queria fazer. Não percebera que teria escolha. Hesitei e, naquele instante, o meu pai pareceu estar ao meu ombro outra vez. «Aprende alguma coisa…» Sim, era o que ele diria se estivesse vivo.

«Gostaria de aprender a… a conduzir», soltei. Engraçado, porque nunca me passara pela cabeça antes.

Mandaram-me para Port Talbot, no País de Gales, onde rapidamente me tornei uma condutora experiente. Em breve, conduzia oficiais por todo o lado, além de fazer a manutenção do carro e mudar pneus sempre que necessário. Nunca estivera tão longe de Grantham, nem tivera um emprego tão responsável. Tudo era tão novo e excitante que não conseguia temer a guerra. Estava a divertir-me.

Mudava dia a dia. Tornei-me independente, confiante – mais dura do que nunca. A rapariga tímida e nervosa que se forçara a entrar no escritório do senhor Golding desaparecera… e, no entanto, justamente quando pensei que se fora para sempre, lembretes dos velhos tempos vieram embater na minha nova vida.

Estávamos sempre sem dinheiro na WRAF, sempre à procura de entretenimento barato. Uma noite, uma das raparigas disse de repente: «Vamos ao espetáculo de fantasmas» – o nosso nome para a igreja espiritualista local. A mera menção trouxe de volta todos os velhos medos e os avisos terríveis da mãe.

Não estava entusiasmada, mas as outras estavam. Custava só seis pence para entrar e achavam que seria divertido. Não tinha alternativa. Se não quisesse ficar de fora, tinha de ir com elas.

Em breve tornou-se entretenimento regular. Sentávamo-nos no fundo da igreja a rir às gargalhadas e a sussurrar, e convenci-me de que tudo aquilo era disparate. Vezes sem conta, as diferentes médiuns vinham ter comigo e diziam: «Um dia serás tu a fazer isto», uma previsão que provocava gargalhadas ainda maiores. As raparigas davam-me cotoveladas, reviravam os olhos e tínhamos de morder os lábios para não rir em voz alta.

No caminho de volta, troçavam e brincavam, e para espremer até à última gota de diversão da noite, eu corria para o quartel, enrolava uma toalha à volta da cabeça como um turbante e andava entre elas a proclamar: «Vejo o futuro…» com uma voz profunda e assustadora. Depois inventava previsões para elas – dizendo a primeira coisa que me vinha à cabeça sobre os namorados e as famílias.

Geralmente diziam: «Mas isso está certo, Doris!» e eu achava que estavam a entrar na brincadeira. «Oh, se acreditam em mim, podem tricotar nevoeiro», retrucava eu.

Mas nem sempre era motivo de riso. Podia ser muito perturbador. Uma vez, de serviço noturno, tive de ir buscar uns oficiais muito graduados à estação e levá-los de carro até um aeródromo. Ia realizar-se um ataque especial e a imprensa fora convidada a ver a descolagem.

O amanhecer rompia. Tudo estava muito calmo enquanto a primeira luz tocava o céu, e os bombardeiros jaziam como sombras negras no chão. Parámos à beira do campo, o nevoeiro a subir da relva, e esperámos.

De repente, o sol inundou o horizonte, um clamor de canto de pássaros encheu o ar e camiões de aviadores começaram a despejar nas pistas. No meio das figuras apressadas, o meu olhar caiu num jovem artilheiro de cauda. Desceu de um camião e começou a caminhar sem pressa para o avião, e enquanto caminhava assobiava «O Senhor É o Meu Pastor».

As notas altas e doces ecoavam claras e penetrantes pelo campo e algo cru raspou dolorosamente dentro de mim. Sem razão nenhuma, comecei a chorar.

O rapaz entrou no avião e, ao taxiar para a descolagem e passar ao nosso nível, ergueu o polegar. Solenemente devolvemos o sinal, mas eu mal via com as lágrimas.

Tinha talvez dezoito anos e eu sabia, com absoluta certeza, que não voltaria.

Uma hora depois, estava fora de serviço, mas não fui para a cama. Não conseguia acalmar-me. Fui para a sala de briefings e andei por ali a estorvar até que, por fim, um dos chefes disse: «Que raio tens tu? O que queres?»

Senti-me com cinco centímetros, mas tive de perguntar. «Só estava a pensar se o C de Charlie já voltou», disse.

«Não», disparou ele, «foi abatido», e afastou-se.

Fugi para a casa de banho, tranquei-me e desfiz-me em lágrimas. Nem sequer falara com aquele rapaz. Não o conhecia, mas não conseguia parar de chorar. Não era só o luto pela perda trágica de uma vida jovem que me fazia soluçar, era o horror de saber…

Nem este incidente foi suficiente para me fazer levar o poder psíquico a sério. Depois de passado o choque, afastei-o da mente como uma coincidência esquisita e em breve voltei aos meus jogos de «vejo o futuro».

Pouco depois, apanhei uma infeção intestinal feia. Tive dores tão fortes no estômago que me mandaram para o hospital militar para exames e observação. Temiam que fosse apendicite.

As dores vinham e iam, mas não me deixavam levantar da cama. Fiquei muito aborrecida. Uma tarde, pouco antes do chá, reparei que toda a

gente estava agrupada à volta de uma rapariga mais ao fundo da enfermaria. Incapaz de me levantar para ver o que se passava, gritei: «Que estão todos a fazer?»

«Chiu», disse alguém, «estamos a contactar os espíritos.» Afastaram-se e vi que a rapariga tinha uma caixa na cama com letras do alfabeto recortadas dispostas em círculo na tampa, e um copo virado ao contrário. Estavam bastante absorvidas, mas eu queria alguém com quem falar.

«Bem, eu leio a sina», gritei impulsivamente. Isso atraiu a atenção delas. Algumas voltaram, alguém arranjou um baralho de cartas e olharam para mim expectantes. Não fazia ideia do que fazer. Nunca fora a uma cartomante, por isso não tinha a menor noção de como tornar aquilo convincente.

Baralhei as cartas e cortei o baralho muitas vezes, a conversar o tempo todo, dizendo a primeira coisa que me vinha à cabeça. Pareciam gostar. «Isso é bom», diziam, «como fazes?» e eu respondia displicentemente: «Oh, é simples.»

O nosso círculo foi finalmente interrompido pela chegada do carrinho do chá. Peguei na minha chávena e instalei-me calmamente com um livro, mas minutos depois a enfermeira-chefe aproximou-se.

«Soube que lês a sina», disse.

Ri-me. «Oh não, irmã, foi só uma brincadeira.»

«Mas todas dizem que és muito boa», insistiu. «Fazes a minha?»

«A sério, irmã, não consigo», disse.

«Tenta só», suplicou.

Então passei pelas cartas outra vez, baralhando e cortando, e não significavam nada para mim. Eram só cartas de jogar. Conversei um bocado, a fazer o melhor espetáculo que podia. Por fim, quando acabei, a enfermeira observou-me com curiosidade.

«Extraordinário», disse. «A minha irmã casou-se na semana passada e acabaste de me dizer o nome de casada dela e a morada da casa nova. Como fazes?»

Fiquei atordoada. Era óbvio que dizia a verdade. Pela primeira vez, o pensamento assustador de que eu realmente tinha algum tipo de poder atingiu-me. Devia ter feito alguma coisa para contar aquelas coisas à irmã –

mas o quê? Talvez algumas pessoas ficassem contentes. Eu achei a ideia horrível.

Os avisos sombrios da mãe e as insinuações de loucura que assombraram a minha infância estavam firmemente enraizados na minha mente. Assuntos «não naturais» deviam ser evitados a todo o custo. «É o que dá meter-se em coisas que não se entendem», disse a mim mesma com severidade, «nada mais de ler a sina», e não o faria outra vez, por mais que as raparigas suplicassem.

Algumas semanas depois, quase como castigo por me ter metido nisso, a mãe ficou doente. Senti-me culpada por estar tão longe, incapaz de ajudar. O facto de a Edna estar perto nem me ocorreu. Saíra de casa há tanto tempo que eu sempre pensava na mãe como a minha responsabilidade. Ansiosamente, pedi e obtive uma transferência compassiva para Grantham.

O regresso a casa foi melhor do que esperava. A mãe, provavelmente encorajada por ter a família à volta, recuperou de forma notável e descobri que estava alojada com o senhor e a senhora Stanley Webb. Fiquei encantada. Conhecia bem o Wyn e o Stan. Trabalhara para eles como ama da filha pequena, Sandra, antes de me alistar na WRAF.

Voltava para amigos. Deram-me as boas-vindas e a pequena Sandra, agora com quatro anos, atirou os braços ao meu pescoço. Abracei-a feliz. Não se esquecera de mim.

Depois de me atualizar sobre os últimos acontecimentos em Grantham, porém, percebi que a vida em casa não era tão cor-de-rosa como imaginara. A Edna morava perto e, na minha ausência, transformara-se numa loira elegante e esguia. Tentei não ter ciúmes, mas era difícil. Eu era alta e tendia a ser robusta e, embora o meu cabelo fosse bonito e espesso, era um castanho-claro muito vulgar ao lado dos caracóis de estrela de cinema da Edna.

Para piorar as coisas, estava agora noiva de um oficial piloto da força aérea. Ele comprara-lhe um anel impressionante que ela exibia orgulhosa no terceiro dedo. Levava-a a jantar com o Wyn e o Stan num hotel chique chamado Angel e, pior de tudo, quando ele estava de serviço, eu tinha de lhe chamar «senhor».

A mãe, claro, estava encantada por a Edna ter pescado um oficial piloto e cantava constantemente os louvores dela. «Sabe tirar o máximo partido de si, aquela rapariga», explicava com satisfação e depois olhava-me criticamente.

Dizia a mim mesma que não me importava enquanto tomava conta da criança enquanto eles jantavam no Angel. Estou feliz por eles, pensava; enquanto visitava a mãe ou passeava a Sandra no parque enquanto a Edna voava para o campo. Ainda assim, estava verde de inveja.

Não é desculpa, claro, mas quando o Frank Clark, um americano simpático e bem-humorado, me convidou para sair, agarrei a oportunidade. Ele também era capitão!

«Para onde queres ir, querida?», perguntou inocentemente e a minha resposta estava pronta antes de ele acabar a pergunta.

«Para o Angel.»

Não me senti culpada com a despesa porque os americanos pareciam tão ricos. O Frank, por exemplo, fazia-me os olhos saltar ao queixar-se de que as nossas notas brancas de cinco libras eram «pedacinhos de papel parvos» e tentava livrar-se delas o mais depressa possível.

Gostava genuinamente do Frank. Era educado, despreocupado, maravilhoso com a mãe e nunca discutíamos. Quando me pediu em casamento, fiquei extasiada. Era tão romântico. Não sabia muito sobre amor, mas gostava de estar com o Frank, dávamo-nos bem – certamente era isso que queriam dizer com amor?

Comprou-me o anel de noivado mais bonito com cinco diamantes. Nunca vira nada tão esplêndido. Não conseguia parar de abrir os dedos para admirar a mão. Agora, quando a Edna exibia o anel dela, eu podia exibir o meu de volta.

A mãe estava fora de si de felicidade por ambas as filhas terem capturado «oficiais». O Wyn e o Stan aprovaram de coração, e a seu tempo a Edna casou-se e eu comecei a planear o meu próprio casamento.

Acho que teria tido um casamento feliz com o Frank. Não seria uma paixão ardente, mas provavelmente seria contente. Se as coisas tivessem sido diferentes, suponho que seria uma avó americana agora.

Mas uma noite cheguei a casa e percebi que ficara sem cigarros. As lojas estavam fechadas e o dia seguinte era domingo. Sabia que não aguentaria o fim de semana sem fumar.

Pedi ao Wyn se vinha comigo ao pub comprar alguns. Naqueles tempos, raparigas bem-comportadas não entravam sozinhas em pubs – mas o Wyn não se sentia com disposição. Não andava bem de saúde há algum tempo.

«Porque não tentas a Tia Lawson na praça do mercado», sugeriu. «Provavelmente está aberta.»

A «Tia Lawson», como era conhecida por toda a gente em Grantham, geria o único bar de leite da cidade e muitas vezes ficava aberta até tarde. Virei-me e corri para a praça do mercado, sem sequer parar para mudar de farda de combate. Cheguei lá exatamente quando a Tia estava a bater com a porta.

«Olá, Doris, chegaste mesmo a tempo. Ia sair. O que queres?» Segui-a de volta para a loja e paguei os cigarros. Conversámos enquanto ela tornava a trancar. Ia ao Black Bull – um pub onde ainda vendiam bebidas espirituosas – ver se conseguia um bocadinho de uísque para o marido, que tinha o peito fraco.

Não tinha nada planeado para essa noite. O Frank tinha um turno longo, por isso fui com ela para fazer companhia. Em breve encontrámos uma amiga da Tia e as três passeámos pela estrada a trocar mexericos. Mais adiante, chegámos a um pub que eu nunca reparara antes e a Tia e a amiga decidiram entrar.

«Vem, Doris», disse a Tia. «Entra e toma uma bebida.»

«Oh não, não podia», disse eu, «ainda estou de farda de combate.» Não era exatamente lisonjeira para figuras mais robustas e era considerada roupa imprópria para ocasiões sociais.

«Oh, toma só uma», disse a Tia de forma persuasiva. «Aqui ninguém te vê.»

Assim, duvidosa, entrei, e imediatamente desejei não o ter feito. O lugar estava cheio de militares. Fiquei mortificada por ser apanhada de farda de combate num sítio concorrido como aquele. Envergonhada, fixei os olhos nas costas da Tia enquanto a seguia pelo meio da multidão, sem olhar nem para a esquerda nem para a direita; com a vaga ideia de que, se não olhasse para ninguém, ninguém olharia para mim.

De repente, o meu pé bateu em algo duro e fui projetada violentamente para a frente. «Clumsy airforce!», disse uma voz perto. De cara vermelha, virei-me. Um paraquedista giro com cabelo castanho encaracolado estava sentado atrás de mim, as pernas estendidas. Tropeçara nos pés dele. «Estarias em maus lençóis sem nós, sargento», retruquei secamente e, satisfeita com a resposta rápida, apressei-me a alcançar a Tia.

Estávamos a sorver as bebidas, a ouvir o relato da Tia sobre a doença do senhor Lawson, quando o paraquedista apareceu à nossa mesa.

«Posso oferecer-vos uma bebida?», perguntou, sentando-se ao meu lado.

«Não, obrigada», disse eu educadamente, «já tenho uma.»

Não se deixou abalar. «Qual é o teu nome?»

«Doris», disse.

«É bonito. Eu sou o John.»

«Ela está noiva, sabes», interveio a Tia.

O John sorriu-lhe. «Só perguntei o nome dela, não para casar comigo.»

A Tia fungou.

O John pareceu não reparar na atmosfera gélida. Conversou comigo com à-vontade, como se me conhecesse há anos, e em breve dei por mim a responder. Ele sabia que eu estava noiva, tranquilizei-me, por isso não enganava ninguém.

Eventualmente, acabei a bebida e olhei para o relógio. Estivera fora há séculos, o Wyn devia estar a perguntar-se o que raio me acontecera…

«Tenho de ir agora, Tia», disse. Virei-me para o John: «Adeus.» Ele levantou-se quando eu o fiz. «Posso acompanhar-te a casa?»

Fitei-o, sem saber se admirar ou irritar-me com a ousadia. Devia dizer que não, isso era óbvio, mas havia qualquer coisa nele… Não queria.

«Olha, estou noiva de um capitão. Um dos meus comandantes – percebes isso?» Ele assentiu. «Bem, podes vir comigo desde que te lembres disso.»

Ele sorriu e acompanhou-me até à porta. Ao sairmos para a noite, senti os olhos desaprovadores da Tia e da amiga dela nas minhas costas.

Era estranho: meia hora depois de conhecer o John, ia contra os meus amigos, arriscava críticas, talvez até o noivado, só para estar com ele. Não havia nada racional nisso, só uma sensação peculiar de que era o certo. Sabia que devia livrar-me dele. Sabia que não era justo dar-lhe esperanças, mas de alguma forma não conseguia dizer as palavras.

Ficámos a conversar à porta dos Webbs, relutantes em separar-nos, até que no fim temi que o Wyn saísse à minha procura. Devia estar fora há horas.

«Tenho de ir», disse desesperada.

«Bem, posso ver-te outra vez?»

Uma sensação sombria e miserável invadiu-me. «Não tem sentido, pois não?», disse. «Estou noiva», e pela primeira vez a frase não me fez brilhar.

«Não faz mal nenhum vermo-nos só mais uma vez», suplicou o John.

«É inútil.»

«Olha, amanhã estou de serviço, mas se esperar aqui na segunda à noite, vens?»

«Não tem sentido!», insisti e, desvencilhando-me dele, corri pelo caminho. Ao chegar à porta da frente, ouvi-o chamar: «Vejo-te na segunda, então», e, ao bater com a porta atrás de mim, vislumbrei um aceno exasperante.

Isto é ridículo, disse a mim mesma no silêncio do hall. Os pensamentos corriam à volta da cabeça e eu estava totalmente confusa.

«És tu, ama?», a voz do Wyn flutuou da sala de jantar.

Abri a boca para responder e percebi que tremia.

O domingo e a segunda arrastaram-se. Os meus pensamentos voltavam constantemente ao John. Revivia a noite de sábado vezes sem conta na mente. E se ele viesse mesmo na segunda, o que faria? Mas ele não viria, não devia vir, eu não queria que viesse. E, no entanto, parte de mim sabia que ficaria muito desiludida se não viesse.

Torcia o anel de noivado no dedo vezes sem conta e não havia prazer em ver os diamantes captar a luz.

Na segunda à noite, quando cheguei a casa, chovia a cântaros. Nenhum sinal do John. Não vem, disse a mim mesma. Ainda bem. Fui para a cozinha, onde várias trabalhadoras de guerra, também alojadas com os Webbs, tomavam chá. Brinquei com uma fatia de pão, mas não tinha fome a sério. A tagarelice delas começou a irritar-me.

«Acho que vou dar banho à Sandra e deitá-la», disse, abandonando o pão e engolindo o resto do chá. Ninguém ergueu os olhos. Estavam habituadas a que eu voltasse ao meu antigo trabalho quando estava fora de serviço.

Nesse momento, entrou o Stan. Sentou-se à mesa connosco e empilhou o prato de pão. «Quem é o sargento do 8.º Exército que está lá fora à espera debaixo de chuva?»

Ninguém respondeu, mas eu quase me engasguei com o chá.

«Está à tua espera, Dorothy?», perguntou a uma das trabalhadoras de guerra bonitas.

Ela abanou a cabeça. «Não, não conheço nenhum sargento do 8.º Exército.»

Fitei o prato, sentindo as faces a corar cada vez mais. O Stan não pôde deixar de reparar.

«Não está à tua espera, pois não, ama?», perguntou espantado.

«Disse-lhe para não vir», murmurei. O Stan conhecia e gostava do Frank Clark.

«Bem, vai lá fora e diz àquele pobre rapaz. Tenho vergonha de ti.»

Escarlate e desonrada, enfiei o casaco e corri lá para fora. Ele estava à porta, o sobretudo do exército a pingar, o cabelo encaracolado colado à cabeça. Ilogicamente, fiquei zangada com ele; por vir, por vir tarde, por deixar o Stan vê-lo, por meter-me em sarilhos.

«Disse-te para não vires», sibilei.

Ele pegou-me no braço como se namorássemos há meses. Até as pestanas estavam molhadas. «Não podemos falar aqui, ficas encharcada», disse, «vem ao NAAFI tomar um chá.» Antes de eu perceber o que acontecia, levava-me pelas ruas reluzentes.

Sentámo-nos naquele NAAFI sujo a beber chávena atrás de chávena do horrível chá do NAAFI toda a noite. Não conseguíamos parar de falar e, em algum momento, o John pediu-me em casamento e eu disse que sim. Não deixara de gostar do Frank. Só sabia agora que o Frank e eu estávamos errados e o John e eu certos.

«E o Frank?», disse por fim.

«Não te preocupes com ele agora», disse o John, «depois resolvemos. É melhor casarmos o mais depressa possível porque estou em standby – posso ser largado a qualquer momento.»

Talvez pensasse que eu casaria com o Frank enquanto ele estivesse fora se esperássemos, mas fosse qual fosse a razão, para mim estava bem.

Na terça à noite, em vez de ir para os Webbs, fui a casa da mãe. Ela estava com os braços metidos na espuma até aos cotovelos, como sempre, e não parecia ouvir enquanto eu tentava contar-lhe do John. Os bocadinhos que ouviu tratou como brincadeira. A culpa era em parte minha. Eu estava sempre a fazer palhaçadas e muitas vezes, mesmo quando falava a sério, as pessoas achavam que brincava.

Por fim, desisti e fui ver o senhor e a senhora Aires ao lado, que eram amigos da mãe. «Não consigo fazer a mãe entender», disse-lhes, «mas conheci este sargento e quero casar com ele. Queremos casar o mais depressa possível.»

Ficaram um bocado atordoados. «Mas pensava que estavas…»

«Estava», disse, «mas agora conheci o John e acabou-se.»

Fez-se silêncio. «Bem, tens idade para isso», disse o senhor Aires. Eu tinha 24 anos. «Se tens a certeza… Olha, porque não o trazes para nos conhecer e entretanto, falamos com a tua mãe.»

Na quarta à noite, levei o John a casa dos Aires. Foram maravilhosos. O velho senhor Aires tomou o lugar do meu pai e disparou uma série de perguntas ao John. Percebia o que estava a fazer? Mal nos conhecíamos, etc., etc. O John tranquilizou-o em tudo. Sim, pensara bem, sim, sabia o que fazia, sim, tomaria bem conta de mim.

Por fim, o senhor Aires ficou satisfeito. «Bem, então vão em frente.»

Ele e a mulher conseguiram explicar as coisas à mãe, mas ela não aceitou bem. Gostava do Frank e estava desgostosa por eu planear trocar um capitão por um sargento. Passou a mensagem de que não queria conhecer o meu novo noivo.

No dia seguinte, como o John estava estacionado num campo fora de Grantham, fui ao registo civil marcar o casamento. O John escrevera o número dele, data de nascimento, nome completo – todos os detalhes que eu precisava e ainda não sabia – e dera-me o dinheiro para uma licença especial.

«O teu noivo está nas forças armadas?», perguntou o funcionário. Disse que sim. «É provável que seja enviado para o estrangeiro a qualquer momento?» Assenti. «Bem, nesse caso, podemos acelerar. Podem casar no sábado.»

Agora, com o casamento marcado, tinha de dar a notícia à Edna e ao Wyn e ao Stan. Não tive mais sorte do que com a mãe. Simplesmente não acreditaram. «Mas é verdade», insisti. «Vou casar no sábado.»

«Sim, claro, querida», disse a Edna ironicamente. «Conheceste-o no sábado passado e casas este sábado. Vais ter gémeos no sábado a seguir?»

Era inútil. Via que ia ser o casamento mais estranho de Grantham; sem convidados porque ninguém acreditava que ia acontecer. Não me importo, disse a mim mesma, o John e eu amamo-nos, é só isso que importa.

Felizmente, havia um punhado de pessoas que nos levaram a sério. O senhor e a senhora Aires, que aceitaram ser testemunhas, e a querida Tia Lawson, que disse que podíamos usar o quarto de cima dela para a noite de núpcias. Depois disso, era de volta aos Webbs para mim e de volta ao campo para o John, até arranjarmos onde morar.

Foi um dia de casamento muito esquisito. Não queria casar de uniforme; mas felizmente tinha um fato de três peças muito bonito (agora chamamos-lhes fatos) que parecia elegante. Só precisava de um chapéu. Assim, cedo na manhã de sábado, fui a Grantham com o ordenado na carteira comprar um chapéu.

Esquecera-me completamente de que, com a guerra, a roupa subira tremendamente de preço. Encontrei o chapéu perfeito. Um lindo cor de vinho, a cair sobre um olho e com uma pena. Muito Bette Davis. Pavoneei-me diante do espelho, encantada com o reflexo.

«Quer carregar na conta, menina Sutton, ou paga a pronto?», perguntou a empregada.

«Pago a pronto», disse eu grandiosamente – e, para meu horror, tudo o que restava do ordenado depois eram 2,5 pence!

O outro problema era um sobretudo. Era janeiro e muito frio. Precisava desesperadamente de um sobretudo para pôr por cima do fato, mas não tinha nada adequado. Por outro lado, sabia que a Edna tinha um casaco lindo.

Assim que cheguei, pedi-lhe se mo emprestava. Ela suspirou profundamente. «Oh, vá lá, Doris, está na hora de acabar com esta brincadeira.»

«Não é brincadeira», disse com firmeza, «vou casar às três.»

«Está bem. Faz como quiseres. Empresto o casaco, é todo teu. Espero que gostes do casamento.»

Tomei um banho lento e demorado, desci as escadas de roupão para almoçar sanduíches de rosbife e depois subi novamente para me vestir. O chapéu, o casaco e o fato assentavam muito bem uns nos outros e, ao passar por Edna e Wyn, pude ver dúvida nos seus olhos pela primeira vez.

O registo civil ficava apenas a cinco minutos a pé e eu cheguei cedo. Não havia sinal de John. Meu Deus, pensei, ele não vai aparecer. Havia tanta gente por ali que não queria ser vista a demorar-me sozinha à porta do registo civil, por isso fiquei à entrada de uma loja mesmo ao lado. Os minutos passavam e eu sentia-me enjoada. Talvez tivesse imaginado tudo. Talvez ele não me amasse, talvez estivesse a pregar-me uma partida...

De repente, entre a multidão, vi um boné vermelho novinho em folha a balouçar. Lancei-me para a rua na sua direção e ali estava John, bonito no seu uniforme de gala completo. Atirei-me a ele e, abraçados e a sorrir, entrámos no registo civil. A meio do corredor, parámos ambos no mesmo instante, dissemos «Tens a certeza?» ao mesmo tempo e, claro, desatámos a rir.

Não me lembro de muito da cerimónia, exceto de que tremia tanto que John teve de segurar a minha mão com as duas dele para conseguir pôr-me o anel de utilidade no dedo. Quando saímos, lá estavam a minha irmã e Wyn com Sandra no carrinho de bebé. Ouvi Edna dizer: «Meu Deus, Wyn, ela conseguiu!»

Wyn disse: «Sim, mas não é giro?»

Num sonho, apresentei John e depois fomos a pé para casa com o senhor e a senhora Aires, que tinham preparado um chá de casamento para nós. A mãe, claro, não apareceu em lado nenhum. Fui ao lado e encontrei-a ao lava-loiça com o seu velho «epen» – nunca dizia avental, dizia sempre «epen», uma palavra antiga de Lincolnshire.

«Não vens tomar chá comigo no dia do meu casamento?», perguntei em voz baixa.

Até as costas dela pareciam desaprovar. «Não quero conhece-lo», disse ela, e apertou os lábios com força.

Eu sabia o que esperar. Depois de tantos anos, conhecia a mãe como ninguém, mas, mesmo preparada para isso, doeu. Regressei em silêncio aos Aires. «Ela vem?», perguntou a senhora Aires. Abanei a cabeça. Não confiava em mim para falar.

A senhora Aires pousou o bule de chá e saiu da sala. O resto de nós fez conversa animada, até que, algum tempo depois, a senhora Aires voltou, arrastando uma mãe contrariada atrás dela. Ainda com o velho epen.

Bem, a mãe tomou chá de casamento connosco, mas ignorou completamente o pobre John. Ficámos aliviados quando chegou a hora de irmos embora.

Ainda havia uma coisa desagradável para fazer e era contar ao Frank. Não quisera dizer-lhe antes do casamento, porque não suportava que ele tentasse dissuadir-me. Sabia que o tinha tratado mal, mas não podia evitar. Não podia casar com ele. Depois de conhecer John, era impossível.

Liguei-lhe da casa da tia Lawson e expliquei o que tinha acontecido, mas ele quis vir falar connosco.

Foi muito embaraçoso.

Acho que o ego do Frank sofreu o maior golpe. Não disse muito. Sentámo-nos à volta da mesa e John fez a maior parte da conversa. Por fim, empurrou aquele anel lindo, agora de volta à caixa, pelo outro lado da mesa para o Frank. «Lamento muito, amigo – mas as coisas são assim.»

O Frank, bom até ao fim, olhou para o anel e depois empurrou-o de volta. «Não me serve de nada. Deixa-a ficar com ele.»

Saiu pouco depois e ficámos sozinhos, propriamente sozinhos pela primeira vez desde que nos conhecemos.

CAPÍTULO 4

Meio-dia de um domingo quente de setembro. As abelhas zumbiam pelas rosas tardias no jardim e o ar estava carregado de sol. Tudo estava muito quieto, muito parado – e então ouvi-o.

Ao longe, um zumbido baixo. Ficou mais alto e mais alto, mais perto e mais perto, até que a manhã se encheu com o rugido de centenas de motores e, de repente, o céu escureceu com aviões.

Fiquei à janela, com o meu bebé nos braços, a olhar para cima. Algures naquela massa fervilhante de aeronaves estava o meu marido. Então era isto. Depois de todos os alarmes falsos, o lançamento estava em curso e John tinha partido.

Não fazia ideia para onde ia. Só mais tarde soube que era um lugar chamado Arnhem.

Fiquei grávida quase imediatamente depois do nosso casamento, o que nos encantou a ambos. Adorávamos crianças. Não nos importávamos de ter meia dúzia. Isso tornou o problema da habitação mais urgente, porém, por isso, sabendo que a mãe tinha quartos vagos na casa dela, tentei convencê-la.

De início, não quis ouvir falar do assunto. Não me perdoava por ter deixado um capitão, mas aos poucos amoleceu. Acho que a notícia de que ia tornar-se avó teve muito a ver com isso e, claro, quanto mais via John, mais o aceitava. Ainda achava que éramos loucos, mas, depois de o conhecer, não conseguia antipatizar com ele. Ninguém conseguia.

Várias semanas depois do casamento, mudámo-nos para os dois quartos do topo da casa da mãe e mobilámo-los nós próprios.

Éramos tremendamente felizes. John tinha passe para dormir fora, o que significava que podia vir para casa à noite, desde que estivesse de volta ao quartel para a alvorada às 6h00. Tinha de andar oito ou dez quilómetros para lá chegar e eu levantava-me para cozinhar bacon com ovos se tivéssemos, ou papas de aveia se não tivéssemos, às 4h30 da manhã para que chegasse a horas.

Ao longo da primavera e do verão, corriam rumores de um lançamento pelo quartel. Sem pormenores, exceto que ia ser grande. Tivemos vários alarmes falsos. Duas vezes os homens foram confinados ao quartel e duas vezes não aconteceu nada. Estive em pulgas durante toda a gravidez.

Uma vez, depois de nos despedirmos e John ter partido, uma amiga minha veio a correr a casa. «Rápido», gritou ela, «estão todos no Cinema Granada!» Eu disse: «Quem?»

«Os paraquedistas!»

Eu estava enorme com o bebé a essa altura; mas corri pela estrada atrás dela. Chegámos ao cinema mesmo quando os paraquedistas saíam em fila. Tinham sido trazidos à cidade para ver um filme. Não podíamos falar, mas sorrimos uns aos outros e acenámos, e depois os homens foram levados em camiões.

Cada vez que nos encontrávamos de novo era uma alegria, mas apenas prolongava a tortura, a incerteza. Tive mais sorte do que muitas jovens esposas, porém, pois John esteve comigo durante toda a gravidez. Esteve até comigo na ambulância quando as dores de parto começaram, embora o tivessem chamado à meia-noite.

Foi um parto difícil, mas esqueci toda a dor quando, na manhã de segunda-feira feriado, o meu filho foi posto nos meus braços. Era lindo. Um pouco vermelho no início, talvez, mas com tufos de cabelo loiro suave e olhos violeta enormes. Não azuis, violeta.

Aconcheguei-o feliz e de repente senti-me terrivelmente cansada. As minhas pálpebras estavam tão pesadas que não as conseguia manter abertas, e a última coisa em que pensei antes de adormecer foi «que pena John não estar aqui para ver o filho».

Então, naquela tarde, aconteceu uma coisa incrível.

Refrescada depois de uma sesta e de uma chávena de chá, voltei para a enfermaria com as outras mães. Uma delas estava à janela a espreitar os visitantes quando me chamou: «Doris, o teu marido vem a subir a entrada, mas tem o braço numa tipoia e gesso por todo o nariz!»

Insegura se devia ficar encantada ou horrorizada com aquela informação, arrastei-me da cama e cambaleei até à janela. Lá estava John, tal como ela o descrevera. Aparentemente, ia num camião quando este virou, torcendo gravemente o pulso e arranhando o nariz. Mandaram-no para casa recuperar.

E assim tive John comigo durante as primeiras seis semanas de vida do nosso bebé. Chamámos-lhe John Michael, como o pai, e não havia pai mais orgulhoso do que John. Sempre que o tempo estava bom, levávamos o bebé no carrinho com John a empurrar. Eu nem conseguia aproximar-me!

Muitas vezes topávamos com amigos de John e eles troçavam um pouco dele. «Mão esquerda ao volante, mão esquerda mais abaixo, Jack», brincavam, «marcha-atrás, curva em três tempos.» E John limitava-se a sorrir orgulhoso para eles e a continuar.

Então, na sexta-feira, 15 de setembro, chegou a casa à hora do almoço. Tinham-lhe dado a tarde livre. «Agora não te preocupes, amor, não me vês durante cinco dias mais ou menos. Há um lançamento no ar, mas eu não vou nele. Vou de barco, por isso, depois de eles partirem, talvez consiga voltar.»

Passámos a tarde juntos e, antes de sair, tomou banho. Só reparei depois que deixou as placas de identificação para trás. Mais uma vez nos despedimos e mais uma vez o vi afastar-se pela rua, e pensei: «Será esta a última vez?»

O sábado passou calmamente. Fui para a cama como de costume e caí num sono inquieto. Devia ser cerca das 2h00 quando um estalo seco me acordou. Sentei-me na cama e o barulho repetiu-se. Parecia uma pedra a bater na vidraça. Atravessei o quarto a pé descalço para abrir a janela e lá estava John na rua. «John!», exclamei, perguntando-me se ainda estava a sonhar. «Chiu!», avisou ele.

Corri escadas abaixo para o deixar entrar e subimos na ponta dos pés para o quarto. «O lançamento está em curso», sussurrou ele, «e infelizmente vou nele.» Aparentemente, tantos homens não tinham regressado do meio dia de folga que precisavam de todos os que conseguissem encontrar, e John acabou por ir com um pelotão diferente numa companhia diferente. Assim que descobriram o que estava a acontecer, John e vários dos homens casados com raparigas de Grantham escapuliram-se para casa para uma última despedida.

Tivemos três horas preciosas juntos. John voltou para a cama comigo, pusemos John Michael entre nós e os nossos últimos minutos como família completa voaram. Não queria que a manhã chegasse nunca, mas demasiado cedo a primeira luz rastejou pelo céu. Relutantemente, John levantou-se e calçou as botas. Agarrei-me a ele. Não suportava deixá-lo ir, mas não podia pedir-lhe que ficasse nem deixá-lo ver as minhas lágrimas. Não seria justo. Ele não tinha escolha.

Beijámo-nos, ele aconchegou John Michael e depois saiu na ponta dos pés. No patamar, parou: «Se vires os aviões passarem às 12h00 amanhã, amor, saberás que parti», e depois desceu as escadas a rastejar.

Corri para a janela e vi-o afastar-se, fixando a sua imagem na minha mente. Aquela figura esguia, aquele cabelo encaracolado, aquele marido tão amado que talvez nunca mais visse. Fiquei ali, com os pés a ficar azuis no linóleo frio, até ele desaparecer na luz difusa do fim da rua.

E os aviões passaram no dia seguinte e soube que o meu marido tinha partido.

Veio então aquele tempo horrível de espera que todas as esposas e mães com homens em serviço ativo passavam, quando não sabíamos se os nossos homens estavam mortos ou vivos. O que tornava tudo pior era que Arnhem era uma operação tão grande, um desastre tão grande. Era constantemente noticiado na rádio. Eu e as outras esposas com homens lá reuníamo-nos à volta da rádio, ouvindo compulsivamente cada emissão, e era uma agonia. Ouvíamos falar de caos completo, de como os alemães estavam à espera, de como disparavam contra os nossos homens enquanto desciam de paraquedas, de como as comunicações entre as forças aliadas tinham colapsado e ninguém sabia o que estava a acontecer.

Era uma tortura, mas tínhamos de ouvir tudo. Formámos uma espécie de clube de esposas e reuníamo-nos nas casas umas das outras para ouvir a rádio, especular sobre as hipóteses dos nossos maridos e choramingar um pouco. Um dia, estava tão miserável que disse: «Sabem, se tivesse de escolher entre o meu marido e o meu bebé, escolheria o meu marido. Pode-se sempre ter outro bebé, mas não se pode ter outro marido.» Na altura, não percebi o quão terrível era dizer aquilo.

Não sei como teria passado aqueles dias horríveis sem John Michael. Ele era um pedacinho de John e era um bebé maravilhoso. Sei que todas as mães acham que o seu bebé é o mais maravilhoso do mundo, mas o meu John Michael era especial. Não dava um pingo de trabalho. Nunca chorava, mesmo havendo muitas noites em que eu ficava acordada a preocupar-me até às 4h00 da manhã, depois caía num sono exausto e dormia profundamente durante a mamada da manhã dele.

Nunca fazia birras. Limitava-se a ficar deitado no berço a gorgolejar para si próprio e a brincar com os dedinhos dos pés até a mãe entrar no quarto a bater com força, dizendo: «Ainda estás a dormir? E a mamada desse bebé?»

Então, um dia, chegou uma carta a dizer que John estava desaparecido. Deixariam ter mais informações quando a situação ficasse mais clara. Fiquei frenética. Achei que morria de suspense. O desgaste constante nos meus nervos, as oscilações violentas entre esperança e desespero estavam a enlouquecer-me.

Qualquer coisa seria melhor do que esta preocupação sem fim.

Claro que todos os vizinhos sabiam da história e de cada desenvolvimento, e uma manhã uma delas parou-me na rua e sugeriu que fosse à igreja espiritualista. Aparentemente, faziam uma coisa chamada «psicometria». Nunca tinha ouvido falar disso; mas garantiram-me que conseguiam dizer se uma pessoa desaparecida estava morta ou viva segurando num objeto que lhe pertencesse.

Parecia exatamente o que eu queria. Estava convencida de que saber a verdade, por mais horrível que fosse, seria melhor do que esta incerteza. Decidi ir. Obviamente, não podia contar à mãe, por isso disse apenas que ia visitar uma amiga e perguntei se se importava de ficar com o bebé. Depois, metendo as placas de identificação de John no bolso, apressei-me para as salas do Partido Trabalhista, onde a igreja espiritualista realizava as suas reuniões.

Havia uma senhora à porta com uma bandeja e pediram-me que colocasse o meu objeto e um xelim nela. Entreguei as placas e a moeda e entrei e sentei-me.

No início, foi muito agradável. Houve um serviço religioso com cânticos e orações e fiquei bastante chorosa com a atmosfera. Depois, a médium subiu ao palco com a bandeja de objetos e eu fiquei rígida na cadeira. Não tirei os olhos dela enquanto pegava num objeto atrás do outro. Alguns colocava-os contra a testa e depois começava a falar sobre eles e a descrever os donos. Por toda a assistência, as pessoas diziam: «Sim, é isso mesmo», e o meu coração batia cada vez mais forte de antecipação e medo.

Por fim, chegou às placas de identificação. Prendi a respiração enquanto as pegava e as pousava na palma da mão. Ficou quieta durante um ou dois momentos, depois disse: «Lamento ter de dizer que o dono destes discos está definitivamente no mundo dos espíritos.»

Ofeguei. A sala rodopiou à minha volta, tudo começou a girar e eu caía vertiginosamente na escuridão...

Quando recobrei os sentidos, estava deitada no chão. Havia uma multidão de pessoas à minha volta e o presidente da reunião estava ajoelhado ao meu lado, a abanar-me a cara com um jornal.

«Nada foi provado, nada foi provado», repetia ele sem parar, enquanto eu lutava para me sentar.

«Estás bem, querida?» Mãos ajudaram-me a levantar, braços ampararam-me até ao ar livre e elas andaram à minha volta preocupadas. A minha mente ainda girava com o pensamento «John está morto. Está morto. Não o verei mais», e eu queria afastar toda aquela gente. Queria ficar sozinha.

Eventualmente, consegui convencê-los de que estava melhor e deixaram-me ir. Não me lembro de caminhar até casa. Estava atordoada. Não reparei em nada à minha volta, bem podia estar a andar por um nevoeiro cinzento espesso. Se o meu bebé não estivesse à minha espera, acho que não teria voltado. Não sei o que teria feito. Não me podia afogar porque era uma nadadora forte, talvez tivesse vagueado pelos campos e continuado a andar até cair.

Não sei quanto tempo demorei a chegar, mas quando cheguei a casa entrei na cozinha, onde a mãe estava sentada com o carrinho de John Michael ao lado dela, passei diretamente sem dizer uma palavra e subi para o meu quarto. Sentei-me na cama absolutamente entorpecida. Parecia tão irreal...

Ouviu-se um berro lá de baixo: «Doris! E este teu bebé?» Muito devagar, porque os meus pés pareciam de chumbo, desci novamente. «Que raio se passa contigo?», perguntou a mãe, olhando para a minha cara branca e, esquecendo-me completamente de que pretendia guardar segredo, contei-lhe o que tinha acontecido.

Suspirou com impaciência. «Oh, disparates. Já te disse antes. Meter-te com isso vai enlouquecer-te. Ainda não sabes o que aconteceu a John. Agora, vais tratar deste bebé.»

Suponho que devo ter dado banho ao meu bebé e alimentado e feito todas as coisas habituais; mas honestamente não me lembro de nada disso. A próxima coisa de que tenho consciência foi deitá-lo no berço no meu quarto. Fiquei a olhar para ele e, pela primeira vez, chorei. Lágrimas caíram no rosto dele e, enquanto as enxugava, solucei: «Oh, John Michael, o que vamos fazer sem o teu pai? Conseguirei educar-te como ele teria desejado?»

Estava a soluçar e a falar com ele e a enxugar as lágrimas com o lenço, quando de repente, do nada, ouvi uma voz. A voz mais linda que parecia encher o quarto: «Minha filha», disse. Olhei à volta alarmada, mas não havia ninguém, «Minha filha, vim dizer-te que o teu marido não está connosco deste lado da vida e no aniversário de Cristo terás prova disso.»

Fez-se silêncio. Assustada, peguei em John Michael e aconcheguei-o bem perto. A mãe tem razão, pensei, estou a ficar maluca. É tudo o que o meu bebé precisa. Sem pai e com uma mãe louca.

Então a porta do quarto abriu-se de repente com tanta força que pensei que fosse a mãe a irromper e ali estava o meu pai. A minha boca abriu-se de espanto. Parecia tão real e sólido como quando estava vivo. Os anos voltaram atrás e eu tinha treze anos outra vez.

«Pai?», sussurrei.

«Nunca te menti, pois não, Boneca?», perguntou ele.

«Acho que não», disse eu.

«Não te estou a mentir agora. John não está connosco e no dia de Natal terás prova disso.» Depois, enquanto eu olhava, desapareceu.

Com John Michael ainda nos braços, sentei-me pesadamente na cama. Estava atordoada, mas não assustada. Como poderia ter medo do meu pai? Balancei-me para a frente e para trás, pensando nisso. Certamente não o tinha imaginado. Tinha de ser verdade. Quando vira o meu pai pela última vez, eu nem era adulta, quanto mais casada e no entanto, ele sabia o nome de John. Tinha de estar certo. John estava vivo!

Senti-me absolutamente convencida. Um pouco mais tarde, quando o bebé estava a dormir, desci com um sorriso sonhador na cara.

«Oh, animaste um pouco», disse a mãe.

«Sim, agora está tudo bem», disse eu feliz, «John está vivo.»

Deu-me um dos seus olhares, mas absteve-se de dizer o que quer que fosse.

No dia seguinte, liguei para o escritório da Companhia de John e disse-lhes que sabia que o meu marido estava vivo. «Esperamos que tenhas razão», disseram eles, mas três dias depois recebi uma carta do Ministério da Guerra a dizer que o meu marido tinha morrido dos ferimentos e que, assim que os números das sepulturas fossem organizados, me informariam onde estava enterrado.

Liguei novamente para o escritório da Companhia e disse: «Enganaram-se. Não é o meu marido», e eles foram muito simpáticos.

Disseram: «Esperamos que não seja, querida»; não acrescentando propriamente «humorizem a rapariga», mas obviamente a pensar nisso.

A mesma nota estava nas vozes de outras pessoas quando lhes disse que John estava vivo e suponho que comecei a ter algumas dúvidas minúsculas. Então, só para confirmar, fui ver uma senhora idosa que tinha fama de ser uma leitora maravilhosa de folhas de chá.

Fez um bule de chá e bebemo-lo muito solenemente, depois disse-me para rodar os borros três vezes e virar a chávena de cabeça para baixo no pires. Fiz o que me mandou e ela espreitou atentamente as folhas de chá. Contou-me um monte de coisas que não eram particularmente interessantes e depois disse: «Vejo aqui a letra "J" e um homem sentado na ponta de uma cama. É uma cama esquisita, é feita de madeira e há outra de madeira por cima. Ele está cego e está a segurar a cabeça, mas vai ficar bem. Quem quer que seja este "J", está vivo e vai voltar.»

Fiquei radiante. O meu pai tinha razão. Vagamente ouvi-a dizer «e são 3 pence». Teria dado cem libras se as tivesse.

Regressei a casa absolutamente inabalável na minha convicção de que John estava vivo. A mãe estava a ficar seriamente preocupada a essa altura. A mãe de John, a minha sogra de Londres, também tinha recebido as más notícias do Ministério da Guerra e veio a Grantham partilhar a sua dor connosco. Ficou muito perturbada ao descobrir que a viúva e mãe do seu neto não estava de luto.

Ela e a mãe juntaram-se na cozinha com um bule de chá para discutir o assunto. «Não sei o que fazer com ela», disse a mãe. «Recebeu uma carta a dizer que ele morreu, morreu dos ferimentos e tem outra carta – não tens, Doris? – a dizer que na segunda semana de janeiro vai passar a receber pensão de viúva... Agora, o que mais poderias querer?»

«Não me importa o que digam», disse eu teimosamente, «John está vivo e vai voltar para casa.»

A sogra fez «tsc tsc». «Acho que ela devia ir para o hospital, sabem. Não me admiro, deixou-a um pouco esquisita. Eu fico com o bebé.»

Então chamaram o médico. Felizmente, era uma médica que me conhecia muito bem a mim e a John Michael.

Recusou-se a pronunciar-se sobre se eu era ou não esquisita e garantiu-lhes que eu era uma mãe capaz.

«Aconteça o que acontecer à Doris», disse ela, «ela nunca faria mal àquele bebé. Preocupa-se demais com ele para isso.»

Por isso, não fui para o hospital e a sogra não pôde ficar com John Michael. Todos os dias ia aos correios ver se havia uma carta para mim. Tornei-me uma chata completa. «Tem a certeza de que não perdeu nenhuma carta?», perguntava eu sempre, «Sei que devia ter recebido uma carta do meu marido.» Mas não havia nada.

As semanas passaram e, à medida que o Natal se aproximava, eu tinha a certeza de que ouviria alguma coisa. A mãe abanava a cabeça em desespero comigo, mas eu mantive-me convencida.

Noite após noite, ia a casa da minha amiga Dorothy ouvir a rádio. Ela tinha um aparelho sofisticado, potente o suficiente para captar o programa de Lord Haw-Haw da Alemanha. Era principalmente propaganda anti-britânica, mas no fim da emissão liam nomes e mensagens de homens que tinham sido capturados e eram agora prisioneiros de guerra. Esperava sempre ouvir notícias de John, mas o nome dele não era mencionado.

Por fim, chegou o dia de Natal e acordei cedo, cheia de excitação. Aniversário de Cristo – tinham prometido, tinha de haver notícias hoje. Era uma manhã de Natal mesmo natalícia. Tinha nevado durante a noite e gelado no chão. A banda do Exército de Salvação tocava cânticos de Natal no fim da rua e eu sentei-me na cama a ouvir a música e a dar a mamada da manhã a John Michael.

De repente, por cima das melodias familiares, ouviu-se o som de passos a ranger na neve. Não precisei de ir à janela. Era a carteira, eu sabia. Com cuidado, deitei John Michael no berço, agarrei no roupão do gancho e desci a correr as escadas, atando-o enquanto corria.

Ela vinha a apressar-se pela estrada e, quando me viu ao limiar da porta, acenou triunfalmente. Ela vinha a apressar-se pela estrada e, quando me viu ao limiar da porta, acenou triunfantemente uma carta no ar. «Sabias que havia qualquer coisa para ti, não sabias, Doris?», riu-se ela, «aqui tens. Feliz Natal!»

Ali mesmo ao limiar da porta, com os dedos a tremer, rasguei o envelope e tirei a carta oficial. «Cara senhora Stokes...» Percorri impacientemente as linhas formais até chegar às palavras preciosas. John estava vivo! A sofrer de ferimentos na cabeça que tinham causado cegueira temporária; estava agora a recuperar num hospital de prisioneiros de guerra na Holanda.

Estava vivo! Ia voltar para casa!

Embriagada de alegria, corri de volta pelo corredor a gritar no topo da voz. «Mãe! Mãe! John está vivo! Está vivo e vai voltar para casa. Eu sabia – está vivo!»

CAPÍTULO 5

Agora que sabia que John estava salvo e a recuperar, consegui relaxar e desfrutar do meu bebé como deve ser. Era o bebé mais lindo, era mesmo.

Com os caracóis loiros, os olhos violeta enormes e as pestanas pretas compridas, as pessoas paravam-me sempre na rua e diziam: «Que linda ela é», apesar de eu o ter vestido de azul.

«Não é uma rapariga – é um rapaz», dizia eu indignada, mas claro que ficava encantada por as pessoas o admirarem.

Costumava fazer as coisas mais extraordinárias. Aos quatro meses, insistia em tomar a mamada de uma chávena. Sempre a mesma chávena, uma chávena de chá branca grande com rosas vermelhas. Agarrava-a com as duas mãos e inclinava a cabeça completamente para trás, até a borda da chávena assentar na cara dele, deixando um grande anel de leite. Parecia tão engraçado que os vizinhos vinham ver e, às vezes, traziam os familiares.

«A minha irmã pode ver o teu bebé a tomar o leite de uma chávena?», perguntavam, «ela não acredita.»

John Michael não se importava nada com o público. Ria-se e gorgolejava e estendia os braços aos admiradores, um verdadeiro extrovertido. Tão novo como era, juro que tinha sentido de humor e sabia quando fazia as pessoas rir.

Uma noite, tinha-o trazido para baixo para a mamada das dez horas. A mãe e a amiga dela, a velha senhora Scothen, estavam sentadas junto à lareira a tomar uma cerveja e, depois de alimentar John

Michael, sentei-o no carrinho com a chupeta e juntei-me a elas na lareira. Não era grande fã de chupetas, mas John Michael começara a chuchar as borlas verm watchas da capa do carrinho e eu tinha medo que a tinta saísse.

De repente, a senhora Scothen olhou para além de mim e desatou a rir. «Bem, se morrer esta noite, já vi tudo. Olhem para aquele teu rapaz!»

Virámo-nos e lá estava John Michael sentado no carrinho, com as mãos cruzadas sobre a barriga e a chupeta na cabeça, o bico para dentro para que o anel ficasse direito para cima. Desatámos todos a rir e John Michael riu connosco até as lágrimas lhe rolarem pelas bochechas.

Noutras ocasiões, era uma alma velha séria. Ficava deitado a olhar para ti com aqueles olhos enormes solenes, como se conseguisse ver o que estavas a pensar.

«Eee, já estiveste nesta terra antes, estiveste», dizia a senhora Scothen para ele. «Meu Deus, Doris, se tiveres mais meia dúzia de filhos quando John voltar, nunca terás outro como este.»

A menção a John trazia sempre uma pontada aguda. Tinha muita consciência de que John Michael crescia todos os dias e John não estava aqui. O nosso bebé mal tinha visto o pai. Reconheceria ele quando voltasse para casa?

Às vezes, tinha a certeza de que ainda havia memórias alojadas na mente dele daquelas primeiras seis semanas com o pai. Cantava-lhe muitas vezes, mas ele não prestava atenção a menos que cantasse «Lily of the Lamplight». Era a canção dos paraquedistas que John assobiava enquanto empurrava o carrinho todos aqueles meses atrás. Assim que ouvia aquela melodia, John Michael chutava as pernas e contorcia-se até eu o segurar direito no meu colo – depois dançava no meu joelho.

No Ano Novo, John Michael era um bebé forte e saudável, o meu orgulho e alegria. Vestia-o de azuis e amarelos e levava-o comigo para todo o lado. Nunca dava trabalho e todos adoravam vê-lo.

Numa tarde cedo, depois de visitar amigos, tirei-o do carrinho e levei-o para cima para o banho. A hora do banho era sempre divertida. Tinha um pato de borracha e um peixe para chapinhar na água e, depois, sentava-se no meu joelho embrulhado numa toalha branca fofa e jogávamos ao «cucú».

Esta noite, sentou-se na água, a chutar as pernas alegremente enquanto eu o ensaboava todo. A pele de bebé cor-de-rosa estava quente e radiante e o vapor tinha transformado o cabelo dele em caracóis húmidos. Parecia bom o suficiente para comer.

De repente, debruçada sobre a banheira, com sabão na mão, congelei. A nuca começou a arrepiar-se e, ao mesmo tempo, a voz estava novamente no quarto. Suave e linda, vinda do nada. «Ele cumpriu o seu tempo na terra», murmurou. «Tem de voltar ao espírito.»

O sabão caiu na água e eu olhei para John Michael horrorizada. Estavam a falar do meu bebé. Do meu bebé! Chocada, peguei nele ainda a pingar e segurei-o bem apertado. A voz tinha desaparecido. O quarto estava silencioso.

Era um engano. Devia ter imaginado. A minha mente estava a pregar-me partidas cruéis.

A tremer de medo, deitei-o na toalha e examinei o corpo dele com cuidado. Os olhos estavam claros e brilhantes, as bochechas rosadas. Estava alerta e alegre, a imagem de um bebé saudável. Podia usá-lo para publicitar comida para bebés.

Não podia haver nada errado com John Michael.

No entanto, nessa noite, levei-o para a cama comigo. Não conseguia deixá-lo fora da minha vista. Fora uma alucinação. Estava cansada, tinha imaginado tudo, disse a mim mesma. Mas, como uma nuvem escura, o pensamento voltava que já tinha ouvido aquela voz antes e tinha estado certa.

No dia seguinte, levei John Michael ao médico. «Olha, Doris», disse ela por fim, «sei que tiveste muito com que lidar, mas não há nada errado com John Michael. Podia-lhe cortar o prepúcio, marco uma consulta no hospital, mas não é nada. Leva só uns minutos. É um rapaz saudável.»

Consolada, levei-o para casa. Aquela voz fora definitivamente imaginação minha desta vez.

A consulta chegou rapidamente e, na noite antes de irmos ao hospital, deitei John Michael no berço mais cedo do que o costume. Sentia-me cansada nessa tarde, por isso deitei-me na cama para esperar que ele adormecesse. A minha mente começou a divagar. Pensei em John e nas cartas que lhe tinha escrito, nas fotografias que lhe tinha enviado. Pensei na consulta na manhã seguinte e nas coisas que tinha de fazer quando me levantasse. Tudo estava confuso e relaxado.

Depois, sem razão, a minha mente pareceu dar um salto para a frente e uma imagem surgiu na minha cabeça. Era eu, a empurrar o carrinho pela colina acima até ao hospital. Na minha mente, uma série de imagens desenrolou-se como um filme. Vi-me a entrar no hospital, vi a enfermeira-chefe aproximar-se de mim e admirar o meu bebé. Ouvi-a dizer: «Fique à vontade na sala de espera. Não leva um minuto. Trago-lhe o bebé daqui a um ou dois momentos.»

Vi-me a esperar e a esperar. Os minutos passavam e nada acontecia. Ficava cada vez mais ansiosa. Via a preocupação na minha cara. Depois vi a porta abrir-se e a enfermeira-chefe entrar – mas estava sozinha. Não trazia John Michael. «Agora, senhora Stokes», disse ela, e havia lágrimas nos olhos dela. «Tem de ser muito corajosa. Lamento imenso. Receio que o seu bebé tenha morrido.»

«Não!», gritei em voz alta. Em pânico, saltei da cama. As imagens pararam. Ainda estava aqui no quarto e John Michael estava no berço. Corri para ele. Dormia pacificamente, com um sorriso feliz nos lábios, mas agarrei nele e segurei-o tão apertado que sentia o coração dele a bater.

Aquela noite foi uma agonia. Virei-me e revirei-me em desespero. Só podia haver duas explicações para estes avisos estranhos. Ou estava a enlouquecer ou o meu bebé estava doente e ia perdê-lo. A loucura era infinitamente preferível, claro, mas se estivesse louca, perdia o meu bebé na mesma.

Logo de manhã, liguei para o hospital e cancelei a consulta. «Receio que o meu filho esteja um pouco constipado», menti. A enfermeira foi compreensiva.

«Não faz mal, senhora Stokes», disse ela. «Mantenha-o agasalhado e marcamos para a semana que vem.»

Marcámos para a segunda-feira seguinte e, entretanto, comecei uma ronda louca de visitas a especialistas em crianças. Levei John Michael a todos os especialistas de que ouvira falar. Levei-o até a Nottingham, mas ninguém encontrou nada errado com ele. Todos diziam o mesmo. «Este é um bebé ótimo. Nada com que se preocupar.»

Mas eu estava preocupada. Na segunda-feira seguinte, cancelei novamente a consulta de John Michael e, na outra segunda-feira, arranjei outra desculpa. Simplesmente não conseguia levar-me a levá-lo para aquela operação menor.

Todo aquele dia me senti culpada pelas mentiras que contava. Deitei-o e sentei-me junto ao berço, a perguntar-me quanto tempo conseguiria evitar o problema. Se cancelasse a consulta muitas vezes, o hospital ficaria desconfiado. Talvez até mandassem alguém verificar. O problema estava a ficar grande demais para eu lidar.

Inclinei-me contra o lado do berço, com a testa franzida, a perguntar-me o que fazer. E então senti alguém a observar-me. Olhei rapidamente para cima e ofeguei. O meu pai estava mesmo dentro da porta.

«Boneca», disse ele suavemente, «sabes que isto não está certo. John Michael devia estar connosco. Tem de voltar. Às três menos um quarto da próxima sexta-feira, venho buscá-lo e tens de o entregar a mim. Não te preocupes. Eu trato bem dele», e desapareceu. Num momento era tão sólido como os móveis, no seguinte olhava para o ar vazio.

Desatei a chorar. Não queria acreditar. Estou louca, estou louca, disse a mim mesma. Como pode um bebé perfeitamente saudável morrer? «É inútil, ele nem está doente. Estás a imaginar tudo», sussurrou uma voz na minha cabeça. «Mas isto já aconteceu antes e realizou-se», sibilou outra voz de volta. Discutiam sem parar, para a frente e para trás, até eu querer gritar. Sentia-me a ser rasgada ao meio pela esperança e pelo desespero. Sim, devia estar a enlouquecer.

Mas no dia seguinte, quando, de cara branca e olhos vermelhos, pus John Michael no banho, ele começou a gritar e a encolher as pernas de dor. Depois recusou a mamada e mandei chamar o médico.

«Isto acontece muitas vezes quando estão a deitar os dentes», disse ela depois de o examinar, «não te apoquentes tanto, Doris. A tensão afetou-te a cabeça. Ele está constipado e com uma temperatura ligeira, é só isso. Dá-lhe glucose e água fervida quando ele quiser.»

Mantive-o junto à lareira todo o dia e tentei dar-lhe um pouco de água com glucose, mas ele não tocou nela. À noitinha, decidi que não estava bem o suficiente para o banho. Não queria que apanhasse frio, por isso limpei-lhe apenas as mãos e a cara com uma esponja. Depois fui buscar uma fralda limpa, abri a suja e encontrei sangue.

As minhas mãos gelaram. Era isto. Amedrontada e furiosa, chamei pela mãe e empurrei-lhe a fralda. «Eu sabia! Bem sabia!», gritei. «Chama o médico.»

Mas o médico não veio. Mandou recado. «Diz à Doris para parar de entrar em pânico. É só a constipação a passar pelo menino.»

Fiquei acordada toda a noite com John Michael. Como a casa da mãe era fria, mantive a lareira da sala acesa, arrastei o sofá para perto e deitei o meu bebé nele. Depois sentei-me no chão ao lado dele, com a cara perto da dele. O mundo inteiro estava muito quieto e parado. As horas iluminadas pela lareira passavam, irreais como um sonho. De vez em quando, uma contração de dor atravessava o rosto de John Michael; mas, nos intervalos, sorria e jogava ao cucú. Nunca chorou uma vez.

Assim que amanheceu, mandei a mãe ligar novamente para o médico; mas, embora esperássemos bastante, ninguém veio. Fiquei furiosa. Estava presa num pesadelo e não conseguia acordar. Sabia que o meu bebé se me escapava, mas não conseguia fazer ninguém entender.

Não queria deixar John Michael um segundo, mas tinha de fazer qualquer coisa. Furiosa, saí a correr para o telefone. «Ou há um médico em minha casa em dez minutos ou levo o meu bebé para a esquadra», disse secamente. «O meu bebé está a morrer, estou a dizer-vos!»

O médico obviamente achou que eu estava a ser melodramática outra vez. Demasiado ocupada para vir ela própria, mandou um substituto, mas a essa altura o estado de John Michael tinha piorado tanto que qualquer um via que estava doente. A cara estava pálida e encovada, os olhos vidrados e baços. Não queria brincar, mas não se queixou quando o substituto o examinou.

«Receio que tenha de ir para o hospital imediatamente», disse-me o substituto por fim. Foi fazer os arranjos e alguém pediu um táxi para vir buscar John Michael e a mim.

A mãe estava num estado terrível. Embora resmungasse e se queixasse e fosse infinitamente prática em assuntos do dia a dia, era realmente muito sensível. Não conseguia lidar com uma crise, não conseguia enfrentar assuntos sérios. Agora torcia as mãos e soluçava. Não podia de modo algum ir ao hospital, disse ela. Não suportava.

Felizmente, a velha senhora Scothen tinha vindo ajudar e disse que ia comigo. Arrumou as poucas coisas que eu tinha separado para levar e andou atarefada a tentar fazer a mãe e eu bebermos uma chávena de chá. Depois, de repente, o táxi estava à porta.

Vesti o casaco, embrulhei outro cobertor grosso à volta de John Michael porque estava um frio cortante e abri a porta. A rajada gelada atingiu-me imediatamente. Depois da longa noite sem dormir e da tensão de arranjar um médico, a luz e o ar frio deixaram-me tonta e tropecei.

«Dá-me o John Michael, Doris», disse a senhora Scothen, reparando no deslize. «Eu levo-o.»

«Não, Scottie, não levas», disse eu com firmeza, «esta vai ser a última vez que o carrego.»

Operaram-no imediatamente. Foi uma operação exploratória, disseram. Naqueles tempos, ninguém te dizia muito sobre o que estava errado ou que tratamento era necessário.

Com a guerra, estavam tão escassos de pessoal que ouvi dizer que o cirurgião tinha 83 anos.

No dia seguinte, quinta-feira, quando fui ver John Michael, disseram que estava um pouco melhor. Uma das enfermeiras disse-me que ele não parava de estender as mãos, como se quisesse qualquer coisa. Tinha eu alguma ideia do que poderia ser? Imediatamente lembrei-me do coelhinho branco fofinho que ele segurava numa mão e do chocalho na outra quando estava no berço. Costumava divertir-se imenso a batê-los contra o lado do berço. Corri a casa buscá-los e, quando os pus nas mãos dele, pareceu reconhecer o que eram. Não houve batidas alegres, mas deu um sorrisinho e pareceu mais contente. Decidi que era um bom sinal.

Naquela tarde, pela primeira vez desde segunda-feira, senti fome e consegui comer uma sanduíche de carne enlatada com uma chávena de chá. Estava pronta a agarrar-me a qualquer palhinha e agora achava que via um vislumbre de esperança.

Logo de manhã na sexta-feira, disse à mãe que ia passar pela consulta do médico a caminho do hospital. «Quero saber o que se passa com John Michael», disse eu, «e o que fizeram naquela operação.»

Estava sentada na sala de espera, a fingir que lia uma revista velha e maltratada, quando a rapariga da limpeza pôs a cabeça à porta. «Há aqui uma senhora Stokes?» Disse que era eu. «Bem, veio um polícia falar consigo», informou-me ela, de olhos esbugalhados.

O meu coração caiu-me aos pés. Corri para fora e esbarrei numa figura de uniforme escuro no corredor. Parecia um pouco nervoso. «Fui a sua casa e a sua mãe disse que estava aqui», disse ele, «tem de voltar para o hospital imediatamente. O seu bebé piorou.»

Não conseguia enfrentar sozinha. Aquele longo, cinzento e ansioso caminho parecia impossível a menos que alguém viesse ao meu lado. Sabia que não adiantava pedir à mãe, ela teria um ataque de histeria, por isso corri a casa da tia Sally. Ela largou tudo para vir.

A enfermaria estava quieta e solene quando entrei e as enfermeiras não me olharam nos olhos. Corri para o pequeno berço de madeira no canto que era de John Michael e, assim que vi o meu bebé, soube. A carinha estava cinzenta e encovada, o corpo rechonchudo e saudável consumido. A

mudança em quatro dias era incrível. Mal reconhecia o meu filho radiante e rosado de uma semana atrás.

A última esperança estilhaçou-se. Tinha agora a certeza do que soubera o tempo todo mas recusara aceitar. Ia perder o meu bebé.

Não saí mais do lado dele. Hora após hora, sentei-me junto ao berço, com a mão entre as grades, a segurar o bracinho magrinho que outrora tinha covinhas, desejando que a minha força passasse para o corpinho frágil dele – e sentindo-o a escapar-se.

Horas depois, vi a cara dele ficar ainda mais pálida. Rapidamente levantei-me e debrucei-me sobre o berço. Sentia-o a ir-se embora. Tinha de o aconchegar uma última vez. Suavemente, suavemente peguei nele – e não pesava nada, o meu bebé lindo que conseguia tomar a mamada de uma chávena de chá.

Segurei-o o mais apertado que ousava, mal tirando os olhos da cara dele, memorizando tudo. O cheiro suave de bebé, o cabelo de seda pálido, aquelas pestanas compridas, compridas. Tinha de guardar tudo na mente. O tempo parou. Olhei durante horas, ou talvez só segundos, e quando ergui a cabeça, o meu pai estava do outro lado do berço.

Não disse uma palavra. Olhou fixamente para mim e depois estendeu silenciosamente as mãos. Agarrei John Michael com mais força, mas o meu pai continuou de mãos estendidas. Houve uma longa pausa. Simplesmente não tinha escolha. Devagar, relutantemente, passei o meu bebé para o outro lado e, no exato instante em que o pai pegou no meu filho nos braços, olhei para baixo e vi que o meu pequeno John Michael estava morto.

Quando ergui os olhos novamente, o meu pai tinha desaparecido. O feitiço quebrou-se. Lágrimas corriam-me pela cara e terror, pânico, dor inundavam-me.

«Enfermeira! Enfermeira!», gritei, mas mesmo enquanto elas vinham a correr já era tarde demais. E no meio da confusão, enquanto tentavam tirar-me o corpinho sem vida dos braços, reparei que estava virada para o relógio da enfermaria – e passava das três menos um quarto.

CAPÍTULO 6

O meu filho teve um funeral bastante esplêndido. O capelão do regimento de paraquedistas veio ajudar no serviço e uma escolta de seis paraquedistas ladeou o caminho até à porta da igreja.

Era um dia cru, de um frio cortante. A neve cobria o chão, nuvens cinzento-ferro pendiam baixas sobre o telhado da igreja e flocos de neve picantes rodopiavam à nossa volta enquanto a nossa procissão rangia pelo cemitério desolado. No centro ia uma caixinha branca, de partir o coração de tão pequena. Mal tirei os olhos dela. O meu bebé, o meu bebé lindo tinha-se ido. Obstrução intestinal, tinham dito – e no lugar dele, uma caixinha branca.

«Pensamos naqueles que estão ausentes», disse o capelão no serviço, «particularmente no pai desta criancinha, que está longe a lutar pelo seu Rei e pela pátria...» Mas eu estava cheia de ódio. Que me importava o Rei e a pátria?

E depois estávamos novamente no cemitério, com flocos de neve a voar como balas e um buraco enorme e negro no chão, orlado de gelo, e aquela caixinha branca a ser descida devagar. Tive de me forçar a ficar ali. Queria correr para a frente para parar, gritar a estas pessoas estúpidas: «Não ponham o meu bebé lá abaixo! Ele vai ter tanto medo, tanto frio!» Porque, mesmo tendo visto o meu pai levá-lo, ainda não entendia.

Depois, quando acabou, o jovem vigário aproximou-se e pôs-me o braço à volta dos ombros. «Seja feita a vontade de Deus», disse ele, e eu podia tê-lo esbofeteado. Queria agredir, cuspir-lhe na cara. «Deus!», pensei, «não me fales de Deus. Não quero saber de um Deus assim. Há cinco meses passei por uma agonia para trazer aquele rapaz ao mundo e aqui estou em agonia, a vê-lo sair. Para quê?» Mas a fúria e a dor engasgaram-se juntas e não consegui dizer uma palavra.

Sei o que querem dizer com a expressão «inferno vivo», porque durante aqueles meses depois da morte de John Michael vivi-o. Veio a primavera, mas não reparei. Não via como poderia alguma vez voltar a ser primavera para mim. Eram dias longos e desolados sem cor, só lágrimas sem fim.

Não suportava ficar no meu quarto na casa da mãe, por isso mudei-me de volta para casa dos Webbs. Arranjei um emprego numa fábrica de munições e lancei-me no trabalho, lancei-me em tudo o que me impedisse de pensar. Depois saía com as raparigas e embebedava-me um bocado.

Não fazia diferença. Eventualmente chegava a hora de ir para casa, para o meu quarto solitário, e passar pelo berço vazio e pelo carrinho de que me recusava a desfazer. Costumava ficar acordada, e a necessidade de ter o meu bebé nos braços era como uma dor física. Pensava nele naquele buraco escuro no chão e tinha a certeza de que devia estar com frio. Noite após noite, tinha de lutar contra um impulso terrível de ir desenterrá-lo para ver se estava bem. Sabia que era errado, era um pensamento perverso, mas mesmo assim tinha de me forçar a ficar na cama.

Então, uma noite, depois de chorar durante horas, achei que ouvi uma voz suave a murmurar na minha cabeça. Parei de fungar para escutar e percebi que estava a ouvir um poema. Nunca o esqueci. «Num castelo de bebé mesmo para lá do meu olhar, o meu bebé brinca com brinquedos de anjo que o dinheiro não pode comprar. Quem sou eu para o desejar de volta, para este mundo de luta? Não – brinca, meu bebé, tens vida eterna. À noite, quando tudo está silencioso e o sono foge aos meus olhos, ouvirei os seus passinhos minúsculos a correr para o meu lado. As suas mãozinhas acariciam-me tão ternamente e docemente, respirarei uma oração e fecharei os olhos e abraçá-lo-ei no meu sono. Agora tenho um tesouro que avalio acima de todos os outros, conheci a verdadeira glória, ainda sou a mãe dele.»

Não me lembrava de alguma vez ter ouvido aquele poema antes, mas agora confortava-me. Conseguia imaginá-lo num lugar lindo a brincar feliz e, pela primeira vez em semanas, virei-me e dormi pacificamente. Depois disso, sempre que sentia as lágrimas virem aos olhos, sussurrava aquele poema para mim mesma e sentia-me melhor.

De alguma forma, consegui compor uma carta a John, dando a terrível notícia. Quase tinha medo de a enviar. E se ele achasse que era culpa minha, e se me culpasse? Mas descobri mais tarde que ele nunca recebeu aquela carta. Voou para Inglaterra pensando que tudo estava bem.

Então, no glorioso maio, veio o Dia da Vitória na Europa e acordei com uma amiga a bater na porta da frente dos Webbs. «John está em casa, John está em casa!», gritou ela assim que abri. Fiquei imediatamente alerta. «Onde? Onde?», gritei.

«Em Inglaterra, mas ainda não sabemos exatamente onde», disse ela. Claro que a arrastei para dentro e, excitada, contou-me o que tinha acontecido. John, acabado de chegar a Inglaterra, tinha ligado para uma vizinha da mãe que tinha telefone próprio, para nos avisar que estava de volta e que viria para casa o mais rápido possível. A minha amiga olhou para o chão. Havia mais qualquer coisa. John não tinha recebido nenhuma

das minhas cartas. Não tinha ouvido falar de John Michael, por isso a vizinha contou-lhe. Deve ter sido um choque terrível.

O dia arrastou-se. Não conseguia comer, não conseguia concentrar-me em nada. Estava tão excitada e nervosa que não conseguia ficar quieta. Stan achava que demoraria pelo menos um ou dois dias até John chegar a Grantham. Se demorasse mais do que isso, pensei, ficaria reduzida a um esqueleto de nervos.

Quase se conseguia sentir a excitação no ar naquele dia. As pessoas corriam pelas ruas, a rir e a gritar, a construir fogueiras, a pendurar festões e bandeiras nos postes de iluminação. Quando caiu a noite, as fogueiras acenderam-se e as pessoas dançaram na estrada.

Não me apetecia dançar, mas, deitada na cama a ouvir o canto lá fora, estava quase feliz. Adormeci. A próxima coisa de que soube foi o som da campainha e a voz da mãe a berrar: «Doris, John está em casa! Está aqui!» Aparentemente, assim que soubera de John Michael, John fora diretamente ao comandante, que o pusera no primeiro comboio para casa – mas, sem saber que eu estava de volta com os Webbs, fora a casa da mãe.

A mãe acordou a casa. Portas bateram, toda a gente saiu da cama a tropeçar. Houve exclamações excitadas e depois ouvi aquela voz querida e familiar no corredor. John!

Devagar, atei o roupão à volta de mim e peguei na escova do cabelo. O coração batia-me a mil. Ansiava vê-lo, mas não conseguia sair daquela porta. Não, pensei, ele ficou cego, tem uma ferida na cabeça, passou por tanto. Como lhe posso contar o que aconteceu? Vai culpar-me?

«Doris! Doris! Onde estás, rapariga?» A mãe parecia agitada. «Não percebes? John está aqui!»

Mas não ousava descer.

Houve silêncio por um ou dois momentos. Depois as escadas rangeram e passos ecoaram no patamar. A porta do quarto abriu-se devagar – e ali estava ele.

«John!»

Era exatamente o mesmo. O cabelo encaracolado, a figura esguia, o uniforme elegante. Ficámos ambos petrificados, a olhar um para o outro, e depois vi os olhos dele baixarem para o berço vazio.

«O bebé... o bebé não está aqui», sussurrei.

«Eu sei», disse John e depois atravessou o quarto e estávamos nos braços um do outro a chorar juntos.

«Haverá outros bebés», disse ele por fim, afagando-me o cabelo.

Abanei a cabeça. «Mas não serão John Michael.»

«Não», disse ele, «nunca substituirão John Michael.»

Enquanto isso, lá em baixo, toda a gente enlouquecia de excitação. Decidiram que John devia estar faminto. Por isso, à 1h00 da manhã, correram a buscar bacon e ovos – tudo estritamente racionado – e cozinharam uma enorme e magnífica frigideira de comida.

«Desçam, vocês dois», chamou Wyn do fundo das escadas, «há tempo para isso mais tarde!»

E assim entrámos numa festa familiar. Ninguém estava cansado. Riam e tagarelavam enquanto John comia o pequeno-almoço, disparando dezenas de perguntas sem esperar respostas. Depois John lembrou-se dos chocolates e cigarros que a Cruz Vermelha lhe dera, por isso sentámo-nos a fumar e a comer chocolate – outro grande luxo – enquanto o cão dos Webbs perseguia o rabo e ladrava de alegria.

Os Webbs deixaram-nos gentilmente ficar com eles até arranjarmos a nossa primeira casa – do bom e velho Sam Golding – e tentámos juntar as nossas vidas novamente. Era maravilhoso ter John de volta, mas, porque ele parecia bem – dois braços, duas pernas e tão bonito como sempre –, não percebi quão gravemente ferido estava. À medida que os meses passavam, reparei que a coordenação dele parecia ligeiramente errada, muitas vezes esbarrava nas coisas e era invulgarmente desajeitado. Gostara de uma bebida ocasionalmente no passado, mas agora meio copo de sidra deixava-o tonto.

Depois Sam comentou comigo: «Ele não se lembra de nada durante dois minutos seguidos, Nanny», e era verdade. Por fim, percebi que John ainda era um homem doente.

A memória e a concentração eram pouco fiáveis. Pobre John, esforçava-se tanto em vários empregos, mas nunca os conseguia manter por muito tempo. Era um trabalhador leal e constante, dava sempre o seu melhor, mas no fim aquela memória caprichosa traía-o. Nunca conseguia entender bem o que correra mal. Muitas vezes ficava humilhado e zangado consigo mesmo porque a mente não funcionava como antes.

Para piorar as coisas, parecia que não conseguia engravidar. Mês após mês passava e nada acontecia, e quanto mais tempo decorria, mais desesperada ficava. Depois a mulher do outro lado da rua adotou uma menina de um lar de crianças local. Claro que isso me pôs a mil. «Oh, vamos adotar uma criança, John», supliquei, «se John Michael tivesse vivido e não tivéssemos mais, ainda o teríamos para ficar.»

«Se te faz feliz, amor», disse John.

Fizemos perguntas à nossa vizinha e depois fomos ver a responsável pelas crianças. Expliquei que não queria um rapaz porque não conseguia pôr outra criança no lugar de John Michael, mas adoraríamos dar um lar a qualquer menina.

Ficou combinado que visitaríamos o lar todos os sábados para conhecer uma menina chamada Monica. Tinha três anos e, se nos déssemos todos bem, disseram-nos que podíamos adotá-la.

Era uma coisinha adorável. Tinha cabelo loiro comprido, olhos castanhos e uma natureza doce. Sabia que seria fácil amá-la e tinha a certeza de que podíamos fazê-la feliz. Fiquei contente por ser tão simples.

Mas aconteceu uma coisa engraçada. Sempre que visitávamos Monica, havia um rapazinho patético por perto. Seguia-nos para todo o lado. Tinha cerca de 2 anos e fora levado para o lar num estado chocante. Mal conseguia estar de pé por causa de raquitismo e subnutrição. Havia feridas nas perninhas magras e o nariz escorria sempre. Sempre que me virava, lá estava ele a olhar silenciosamente para nós com olhos azuis enormes. Antes que desse por isso, estava a limpar-lhe o nariz e John a pô-lo no joelho.

De alguma forma, até hoje não tenho a certeza exata de como aconteceu, fomos adotar Monica e acabámos com o pequeno Terrence John.

A mãe era contra tudo, naturalmente. Não podíamos pagar, disse ela. Se acontecesse e tivéssemos um nosso, era diferente, mas assumir a criança de outra pessoa era ridículo. Bem, não pensássemos que o levávamos a casa dela. Não queria aquela criança debaixo do telhado dela.

Depois trouxemos Terry para casa e, de repente, havia rebuçados, de repente a mãe passava pela nossa porta com mais frequência do que nunca e, obviamente, tinha de entrar para dizer olá. Em pouco tempo, estragava Terry descaradamente. Ele depressa aprendeu que, se não conseguisse o que queria de nós, bastava pedir à avó.

Terry respondeu bem à vida familiar e à boa comida. Os ossos cresceram direitos e fortes, o corpinho magro engrossou e as feridas nas pernas desapareceram completamente. Amava-o profundamente e no entanto – era meu, mas não era meu. Ainda chorava John Michael.

Acho que John sentia o mesmo, mas com ele havia mais qualquer coisa. As coisas que vira na guerra, a tensão de se adaptar aos ferimentos, de aceitar limitações onde antes não havia nenhuma – tudo se combinava para o deixar deprimido e inquieto. Procurava qualquer coisa, mas não sabia o quê.

Por isso, um dia, quando me encontrou a chorar sobre roupa de bebé de John Michael, sugeriu que fôssemos à Igreja Espiritualista. Devia estar a pensar nisso há semanas. «Mesmo que não faça mais nada, amor, pode dar-nos paz de espírito», disse ele.

Em segredo, duvidava. Achava que tinha visto espiritualismo que chegue e não ficara impressionada. Por outro lado, John precisava de algum tipo de ajuda que eu não conseguia dar. Além disso, na minha dor, os meus pensamentos iam sempre para aquelas aparições estranhas do meu pai. Tinha a certeza absoluta de que o vira realmente e, como prova adicional, sabia que o que ele dissera se realizara – mas ele estava morto.

Não conseguia entender, mas quanto mais pensava nisso, mais a esperança crescia – se o meu pai estava algures perto, então John Michael também devia estar.

E assim, mais uma vez, dei por mim a voltar a uma Igreja Espiritualista. Estranho como na altura não reparei no padrão, não vi como todos os caminhos me levavam ao espiritualismo, não importa o rumo que tomasse.

Começámos a assistir a serviços nas tardes de domingo, quando Terry ia passear com a avó. Fiquei surpreendida ao descobrir que, embora não obtivéssemos provas de uma vida após a morte, o serviço em si era muito reconfortante. A filosofia parecia ser mais sobre aprender a viver a vida do que sobre a morte, e certamente precisávamos de algum conselho naquela fase.

As nossas vidas eram muito difíceis em quase todas as áreas na altura, financeiras, emocionais, físicas, mas os serviços davam-nos nova força para enfrentar os problemas.

Ocasionalmente, viajávamos mais longe. A nossa busca dera-nos um novo interesse – quase um passatempo e, embora fosse frustrante quando as mensagens não eram para nós, nunca era aborrecido.

Notícias de eventos invulgares espalhavam-se rapidamente na rede psíquica e, de vez em quando, se conseguíssemos arranjar dinheiro para lá ir, John e eu íamos a uma sessão ou demonstração de que tínhamos ouvido falar. Ficámos desapontados muitas vezes. Cheguei à conclusão de que, mesmo que não fossem fraudes completas, havia bastantes pessoas iludidas. Na verdade, poderia ter descartado todos como falsos se não tivesse tido uma experiência incrível que me forçou a repensar.

Ouvimos que Helen Duncan, uma médium de materialização – uma médium que fazia os espíritos materializarem-se – estava a realizar uma sessão em Manchester. Éramos céticos, mas sempre com esperança de sermos provados errados, e por isso, embora John não pudesse vir naquele dia frio de dezembro, eu fui.

Helen Duncan já passou para o outro lado há muito, mas nunca esquecerei aquela sessão. Começou de forma bastante normal. A sala foi escurecida com apenas uma luz vermelha a queimar, mas o brilho fraco era suficiente para todos verem a médium com clareza.

Fez-se silêncio, Helen Duncan concentrou-se profundamente e depois pareceu entrar em transe. Isto era bastante rotineiro e, a essa altura, já o vira acontecer várias vezes, mas havia qualquer coisa elétrica no ar. Qualquer coisa estranha e tensa que nunca tinha notado antes.

Enquanto observávamos, uma névoa prateada fina começou a rastejar das narinas da médium e do meio dela, mas ela permaneceu imóvel na cadeira como se estivesse a dormir.

«Ectoplasma», sussurrou alguém atrás de mim. Gradualmente, o fluxo aumentou, até névoa jorrar da médium e uma nuvem esfarrapada pairar no ar à frente dela. Depois, como nevoeiro agitado por uma brisa suave, começou a mudar de forma, a fluir e a rodopiar, a crescer em alguns sítios, a derreter noutros.

Diante dos nossos olhos, o contorno de uma mulher estava a ser esculpido na névoa. Cabelo e traços começaram a afiar-se e a refinar-se. Um nariz pequeno formou-se na cara, depois uma testa alta, lábios e queixo, até que finalmente o rodopio parou e ela ficou diante de nós, uma semelhança perfeita de uma rapariga jovem em branco prateado – e era linda.

A minha boca abriu-se de espanto e não conseguia tirar os olhos daquela visão. Estava a vê-la, mas não conseguia acreditar. Vagamente, reparei que a mulher ao meu lado tinha ofegado e levado as mãos à boca, mas antes que pudesse registar o significado disso, a rapariga começou a mexer-se.

O público observava, fascinado, enquanto ela flutuava pelo quarto e parava mesmo à frente da minha vizinha.

«Vim falar contigo, mãe», disse a médium numa voz leve e bonita, completamente diferente da que usara antes. A rapariga falou com a mãe durante vários minutos, explicando que ainda visitava a família e sabia o que se passava, e listou alguns pormenores pessoais como prova.

Depois, inesperadamente, virou-se para mim. «Queres tocar na minha mão?», perguntou ela.

Muda, rocei os dedos finos e pálidos que me estendia e, depois, espantada, peguei na mão toda. Estava quente! Não sei o que esperava. Qualquer coisa húmida, fria e insubstancial, suponho – mas isto era incrível. Tinha tocado numa mão quente e viva.

Suspeitosa, olhei de relance para a médium, mas ela continuava desfalecida na cadeira. Era impossível. Tinha de ser falso e, no entanto, como poderia ela ter feito aquilo? Confusa, afundei-me na cadeira e encarei a rapariga, completamente sem palavras.

Ela sorriu como se conseguisse ler os meus pensamentos, depois ergueu o braço e, do ar, surgiu uma rosa nos dedos dela. Com suavidade, pousou-a no colo da minha vizinha.

«Feliz Natal, mãe», disse ela e depois moveu-se lentamente para trás e começou a encolher, ficando cada vez mais pequena, mais fraca e mais fraca até desaparecer pelo chão.

Ninguém se mexeu. Ficámos todos sentados, imóveis, como se hipnotizados. O único som era a mulher ao meu lado a soluçar baixinho.

Na mão dela, uma rosa vermelha profunda, ainda orvalhada – em dezembro.

Meu Deus, pensei, que maravilha poder fazer aquilo.

Só mais tarde descobri que Helen Duncan era uma das maiores médiuns de materialização que alguma vez viveram e que eu fora muito privilegiada por ter visto uma das sessões dela.

O episódio da rosa era uma coisa muito rara e especial. Tinha-a visto com os meus próprios olhos. Ou fora enganada, ou qualquer coisa, absolutamente qualquer coisa, era possível.

Fomos aos nossos serviços semanais com esperança renovada depois disso.

Então, num domingo, por algum motivo, tivemos de ir ao serviço da noite em vez do da tarde, por isso levámos Terry connosco. Tinha cerca de quatro anos nessa altura e portava-se bastante bem.

Sentámo-nos no fundo, instalámos Terry com lápis de cor, um livro de colorir e banda desenhada, e ele brincou em silêncio.

Havia um médium visitante nessa noite, um homem chamado Walter Brooks, de Yorkshire. As mensagens dele eram bastante rotineiras e ouvimo-las educadamente até que, de repente, apontou diretamente para nós.

«Quero ir ter com a senhora e o senhor do fundo.»

John e eu olhámos um para o outro surpreendidos. «Há aqui um homem que diz que o nome dele é Sam.»

Levantei-me da cadeira como se tivesse sido picada. «É o meu pai!»

«Bem, ele diz que tem John consigo e John quer mandar o seu amor ao irmão Gerry – não, espera, espera um minuto. Não Gerry, Terry.»

Ofeguei e John apertou-me a mão. Por fim, depois de tanto tempo, havia prova. Walter Brooks nunca nos tinha visto antes. Não havia forma de ele saber o nome do meu pai morto, o nome do meu filho morto ou o nome do meu filho adotivo. «John quer mandar o seu amor ao irmão Terry.» Quando o pequeno John Michael morreu, não havia pensamento de outra criança, por isso como poderia ele saber que agora havia um irmão a menos que ainda estivesse perto de nós?

Era um pensamento maravilhoso. Acho que ninguém que não tenha sofrido uma tragédia consegue entender a alegria de saber que o teu ente querido não está completamente perdido. Quando sabes que, de alguma forma, algures, eles continuam a viver, a vida ganha novo significado, deixa de ser fútil.

De repente, olhei para Terry, a colorir feliz a casinha do livro de desenhos de vermelho escarlate, e ele era meu. Pela primeira vez, era meu filho, porque John Michael o chamara «irmão».

Espiritualmente, estávamos muito mais felizes, mas ainda havia problemas. A saúde de John estava a deteriorar-se. Desde que voltara de Arnhem, não suportava estar fechado. Odiava falar das experiências de guerra, mas explicou-me que, depois de ferido, fora recolhido por soldados aliados e abrigados numa cave por uma holandesa bondosa e muito corajosa.

John estava cego e indefeso, por isso tinha de ficar na cave enquanto combates ferozes se desenrolavam lá fora. Dia após dia, sentava-se no escuro, dependendo dos outros para lhe dizerem o que se passava. Sempre que a porta se abria, não tinha forma de saber se entraria um amigo ou um inimigo.

Depois veio a notícia de que a holandesa tivera a cabeça decepada por um atirador furtivo e tudo o que ele podia fazer era sentar-se e esperar no escuro como um animal encurralado.

Eventualmente, houve uma trégua de vinte e quatro horas para os feridos serem entregues aos alemães para tratamento médico. John estava entre eles, mas nunca conseguiu esquecer aqueles longos e tensos dias na cave.

Depois de tentar vários empregos em Grantham, conseguiu trabalho numa empresa de engenharia. Era bem pago, mas ficava cada dia mais infeliz. A fábrica escura e ruidosa deixava-o claustrofóbico e estava desesperado por sair.

Em vez de se habituar às condições, com o tempo a tolerância dele diminuía.

Ficava pálido e nervoso e eu sabia que não aguentaria muito mais, mas o que poderia fazer ao ar livre? Já não era suficientemente forte para trabalhos de construção. Depois tive uma inspiração. «Porque não experimentas jardinagem, John», disse eu. «Não paga tanto, mas daríamos um jeito e tenho a certeza de que serias mais feliz ao ar livre.»

John concordou. Pouco depois, conseguiu emprego como jardineiro com o Major e Lady Turner em Little Ponton, uma aldeia a poucos quilómetros de Grantham. Com o emprego vinha uma casa geminada.

Era um lugar bonito e fiquei entusiasmada quando ele me levou a vê-la. Pequena e construída em pedra, tinha jardins enormes à frente e atrás. Que lindo, pensei, John pode cultivar fruta e legumes e podemos sentar-nos no jardim nas noites quentes de verão a desfrutar da paz e do ar fresco. Muito melhor para Terry também, crescer no campo.

Mas quando entrei no corredor de lajes de pedra, tive a sensação mais estranha, como se alguém estivesse nas escadas a observar-me. Virei-me, mas não havia ninguém. Encolhi os ombros e disse a mim mesma que a imaginação estava a trabalhar horas extras outra vez. Não havia razão para mencionar a John. Ele estava feliz com o emprego e a casa e era vital que saísse da fábrica. Não queria estragar-lhe isso.

Mudámo-nos e depressa desfrutámos de um modo de vida diferente. O campo era um mistério para nós, gente da cidade, e era divertido aprender. Tínhamos uma dependência no jardim das traseiras, onde havia um caldeirão para ferver a roupa e também descobri, para ferver um porco. Não que tivesse intenção de fazer isso.

A vizinha era uma mulher maternal chamada senhora Briggs que nos ajudou imenso, embora muitas vezes risse da minha sensibilidade. «Ora, Doris, não há nada como porco mesmo fresco», dizia ela e ria-se dos meus arrepios.

Dentro de casa, nunca conseguia livrar-me completamente da sensação arrepiante de que havia mais alguém. Percebi que aquela primeira experiência no corredor não fora imaginação, afinal, mas agora não me preocupava. Tinha ouvido o suficiente na Igreja Espiritualista para saber que não precisava de ter medo de visitantes invisíveis.

No entanto, depois de algum tempo, tornou-se irritante. Uma noite, John e eu estávamos a ouvir a rádio na sala quando a porta se abriu e um Terry sonolento entrou, a esfregar os olhos.

«Papá, mamã, vêm dizer a esta senhora velha para sair do meu quarto.»

«Que senhora velha, amor?», perguntei eu.

«A senhora velha que está a olhar zangada para mim», disse ele.

John e eu trocámos olhares. «Deves estar a sonhar, Terry», disse John. «Vamos, vamos todos ver juntos.»

Pegando em Terry pela mão, levámo-lo de volta para cima. O quarto estava completamente vazio, mas assim que pisei o limiar, a sensação familiar de formigueiro de ser observada desceu-me pela espinha. Ignorei-a.

«Bem, ela já se foi embora, Terry», disse eu animada, «acho que estavas a sonhar. Vamos, salta para a cama e conto-te uma história.»

Lá em baixo, John ainda achava que fora um sonho, mas eu não tinha tanta certeza.

«Sabes, acho que vou perguntar à senhora Briggs se mais alguém teve problemas nesta casa», disse eu, e por isso, no dia seguinte, contei-lhe toda a história.

«Sabes, querida, não me admiraria nada se fosse ela a voltar», disse ela imediatamente, e passou a contar-me sobre a anterior inquilina da nossa casa. Nunca descobri o nome dela, por isso chamei-lhe Velha Polly, mas aparentemente era uma velha extremamente materialista que se gabava sempre do que tinha.

«Devia haver algum dinheiro, sabes, depois de ela morrer», disse a senhora Briggs, «mas a família nunca o encontrou.»

«Bem, se há, deve estar no quarto de Terry», disse eu.

Acho que tinha razão. Alguns dias depois, estava a trabalhar na cozinha quando ouvi um estrondo terrível lá em cima. Terry estava a brincar no jardim, John estava no trabalho e perguntei-me o que raio poderia ser.

Intrigada, fui investigar e, por algum motivo, dirigi-me diretamente ao quarto de Terry. Naqueles tempos, tínhamos lavatórios de mármore com jarros e bacias vitorianas nos quartos, e fiquei surpreendida ao ver que a saboneteira de Terry, que eu tinha colocado arrumada ao lado da bacia nessa manhã, estava no chão junto à lareira. De alguma forma, escorregara do lavatório e «caíra» mesmo do outro lado do quarto.

Confusa, inclinei-me para a apanhar e, ao fazê-lo, vi que conseguia ver diretamente pela chaminé acima. Em vez de uma conduta preta e vazia, via um saco e alguns embrulhos de papel.

«O dinheiro da Velha Polly», pensei imediatamente e, ao mesmo tempo, senti olhos a furar-me as costas. Sabia que o quarto estaria vazio se me virasse.

«Está tudo bem, Polly», disse eu, endireitando-me com a saboneteira na mão, «não queremos o teu dinheiro»; e, recolocando a saboneteira firmemente no mármore, desci novamente.

Nunca investigámos o conteúdo da chaminé. O que quer que lá estivesse não nos pertencia, além de que irritaríamos ainda mais Polly se o fizéssemos.

Depois disso, Terry dormia com o que chamávamos a sua «luz de Natal» acesa. Era uma lâmpada pintada de vermelho, que dava ao quarto um brilho rosado bonito. Ficava giro, mas não ajudava. Não sabíamos na altura que luzes vermelhas atraem fenómenos físicos e a combinação da luz e dos meus poderes psíquicos latentes devia ser irresistível para a infeliz Polly – uma mulher tão materialista em vida, que obviamente tinha a atitude de que, se não podia levar consigo, então não ia mesmo.

Perdemos a conta das vezes que a porta da sala se abria tarde da noite e a figura de Terry de pijama aparecia. «Ela está lá outra vez», dizia ele indignado, «e não para de dizer: "Está na chaminé. Está na chaminé." Não consigo dormir.»

Mas quando John e eu íamos ao quarto dele, não havia sinal da Velha Polly. Nunca a vi, embora ela me atormentasse de outras formas.

Num domingo de manhã, John estava a ajudar-me a virar os colchões de penas e, enquanto tirávamos a roupa suja das camas, eu ia empilhando-a no patamar, pronta para levar para baixo para lavar. Por fim, pus o meu único par de meias de nylon no topo – eram muito raras, era preciso poupar muitos cupões para as conseguir – e voltei para pôr o último lençol limpo na cama. Quando regressei ao patamar, segundos depois, as minhas meias tinham desaparecido.

«John, moveste agora as minhas meias?», chamei.

«Não. Não as vi.»

Terry estava no jardim a andar de triciclo. Ninguém mais poderia tê-las tocado.

Procurei aquelas meias por toda a casa e nunca mais as vi. Para piorar, não tinha cupões suficientes para outro par, por isso tive de me contentar com um par feio de lisle. Fiquei furiosa. Estava convencida de que a Velha Polly estava por trás do desaparecimento.

Reinou a paz durante algum tempo depois disso e deixámo-nos embalar a pensar que a Velha Polly nos tinha deixado para sempre. As semanas passaram, o Natal aproximava-se e uma noite pus-me a trabalhar no nosso pudim de Natal.

John estava a ouvir uma comédia na rádio, por isso espalhei jornais pela mesa da sala de jantar e trouxe os ingredientes e as taças para mexer para desfrutar com ele. Estava a bater ovos quando a senhora Briggs

chegou. Tinha ido à cidade e trouxera-me uma garrafinha de brandy e uma garrafa de stout para o pudim.

«Aqui tens, rapariga, consegui-as», disse ela, alinhando as garrafas na mesa ao meu lado. «Vai ficar lindo e rico. Espero que me guardes um bocadinho quando estiver pronto!»

Conversámos um momento ou dois, depois ela disse: «Tiveram mais problemas ultimamente?» Adorava ouvir as nossas histórias de fantasmas.

«Não», disse eu, «a Velha Polly tem estado quieta há algum tempo, graças a Deus.»

Mas as palavras mal me saíram da boca quando a taça de ovos me foi arrancada das mãos e atirada pelo quarto. Instintivamente, mergulhei atrás dela, fiz um placagem voador e apanhei-a antes de bater no chão.

«Podes parar com isso, Polly!», gritei furiosa e bati com a taça na mesa. Já me tinha custado um par de meias; não ia derramar os meus ovos também.

Olhei para cima e vi uma senhora Briggs pálida a aproximar-se da porta. «Oh, rapariga, não gosto disto», murmurou ela, «não volto a entrar aqui.» Antes que eu a pudesse parar, apressou-se a sair.

Nunca mais quis entrar em casa. Continuávamos amigas. Conversávamos ao limiar da porta ou no jardim e ela ainda gostava de ouvir as façanhas da Velha Polly, mas nunca a conseguia persuadir a entrar. Não queria presenciá-las.

A Velha Polly não nos ia atormentar por muito mais tempo.

Tínhamos esquecido como o trabalho de jardinagem podia ser pesado. As escavações de outono e primavera eram demais para John e, eventualmente, teve de admitir que não conseguia lidar com isso. A casa, claro, vinha com o emprego e, por isso, com tristeza, tivemos de fazer as malas e voltar para Grantham. Apesar da Velha Polly, tínhamos gostado de viver em Little Ponton.

No entanto, era espantoso como rapidamente retomámos os fios da nossa vida antiga. Dentro de duas ou três semanas após o regresso à cidade, era como se nunca tivéssemos saído.

Aos poucos, comprometemo-nos com a igreja. John entrou para o comité da igreja e, se algum médium visitante precisasse de dormir em Grantham, muitas vezes ficava connosco. Construímos um círculo de novos

amigos e caímos no hábito de assistir aos serviços de domingo à noite, depois tomar uma chávena de chá em casa de um dos nossos amigos.

Uma noite, bastantes de nós estávamos reunidos na cozinha de um amigo a beber chá e a discutir o paranormal. Alguém tirou uma tábua ouija e, em segundos, toda a gente se juntou à volta da mesa a virar o copo. A essa altura, tinha perdido o medo de coisas sobrenaturais e estava tão ansiosa por participar como os outros. Mas aconteceu uma coisa estranha. Sempre que tocava no copo, ele não se mexia. Não acontecia nada.

Para minha desilusão, depressa se fartaram de mim a estragar para os outros e não me deixavam aproximar do copo. Retirei-me para o canto e tive de me contentar com observar. Até isso era difícil. Havia tantas cabeças debruçadas sobre a mesa que não conseguia ver a tábua. Só ouvia as perguntas que faziam.

«Como se chama o meu avô?», disse alguém.

«George», murmurei do meu canto.

O orador virou-se para me olhar: «Como soubeste, Doris?»

«Saber o quê?»

«Que o nome do meu avô era George.»

«Não sabia», disse eu.

«Bem, acabaste de dar a resposta certa.»

Encolhi os ombros. «Disse a primeira coisa que me veio à cabeça. Adivinhei.»

Viraram-se de novo para a tábua, mas adivinhei a resposta à pergunta seguinte e também estava certa. Não estava a tentar interrompê-los de propósito, era só que, por algum motivo, sempre que faziam uma pergunta, a resposta saltava para a minha mente e não conseguia evitar repeti-la em voz alta.

Eventualmente, ficaram tão intrigados que deixaram a tábua e juntaram-se à minha volta, disparando perguntas. Ri e protestei, mas até eu fiquei surpreendida e contente com a forma como as minhas respostas estavam certas. Não parava de pensar que ia errar daqui a um minuto, mas não errei.

Ficaram encantados com o meu talento recém-descoberto e, quando chegou a hora de ir embora, fizeram-me prometer que tentaria novamente na semana seguinte.

Tudo escalou. A notícia espalhou-se e, no domingo seguinte, havia mais gente apertada na cozinha para ver do que se tratava. Rapidamente tornei-me o entretenimento semanal. Estranhamente, fora tímida em rapariga, mas agora, embora ficasse um pouco nervosa antes de chegar, descobri que gostava da agitação e da atenção.

Depressa percebi que as minhas respostas vinham de uma voz na minha cabeça e, se ficasse quieta e prestasse atenção, a voz às vezes dizia coisas sem uma pergunta ser feita. Quando isso acontecia, repetia as palavras em voz alta e geralmente eram relevantes para uma das pessoas ali reunidas. Na verdade, estava a fazer o que vira os médiuns na plataforma da nossa igreja fazerem.

«Vais fazer isto um dia...» Através dos anos, vinham as palavras ditas por aqueles médiuns galeses quando estava nas WRAFs. Engraçado, nunca mais tinha pensado nelas. Tomara como uma piada, mas agora...

«Sabes, devias juntar-te a um círculo de desenvolvimento», disse alguém, «acho que tens um dom, querida.»

Círculos de desenvolvimento eram muitas vezes criados por médiuns estabelecidos, para treinar jovens que achavam que tinham talento nessa direção. Há uns anos, nem sonharia em aproximar-me de um, mas agora os avisos da mãe estavam longe. Se os espíritos eram apenas pessoas como o meu pai e John Michael, como poderia ter medo deles?

John estava entusiasmado com a ideia. Encontrara uma filosofia com que podia viver e, se eu a pudesse usar para ajudar outras pessoas, achava maravilhoso. Por isso, contactei um círculo local e fui lá. Foi uma grande desilusão.

Fui levada para uma casa particular e, para meu horror, encontrei um quarto de velhotas excêntricas a arrulhar admiradas sobre uma médium mandona. Havia uma mesa circular grande no centro do quarto e, depois de me darem as boas-vindas ao grupo, a médium instruiu-nos a sentar e a abrir silenciosamente as mentes ao mundo espiritual.

O quarto ficou muito quieto. Espreitei à volta do círculo e reparei que todos tinham fechado os olhos e usavam expressões concentradas. Rapidamente, fechei os meus também e, à medida que os segundos passavam, comecei a relaxar.

De repente, uma cadeira arrastou-se para trás. Os meus olhos abriram-se imediatamente e vi uma mulher grande de cabelo grisalho em frente levantar-se. «Eu Grande Chefe Touro Sentado», espantei-me ao ouvi-la anunciar, numa voz ligeiramente mais grave do que usara antes. «Que sapatos bonitos tens, senhora.»

Deslizei mais para baixo na cadeira de embaraço. Era tão obviamente falso, uma tolice tão óbvia, perguntei-me por que estava a fazer figura de parva. Certamente a médium ficaria zangada? Mas não. Para meu espanto, a médium ouviu gravemente, com a cabeça de lado, e depois agradeceu solenemente ao Grande Chefe Touro Sentado por ter vindo!

Não conseguia entender. Sabia que era falso, o que tentavam eles alcançar? A mulher grande sentou-se novamente, a sorrir presunçosamente, e o quarto ficou silencioso. Movi-me na cadeira de madeira dura e tentei concentrar-me na parte da minha mente de onde vinha a voz. Depressa estava a derivar.

«Tu – mulher jovem!»

Saltei, a minha mente a cair de volta no quarto. A médium olhava-me acusadora. «Sim, tu! Descruza as pernas. Tens de manter os dois pés no chão para aterrar o poder e tens de segurar as palmas viradas para cima, assim, para receber o poder.»

Do que raio estava ela a falar? Fazia-me sentir como uma lâmpada humana. Confusa, descruzei as pernas e arranjei desajeitadamente as mãos na posição que ela demonstrara. Era impossível. Pelo resto da noite, vigiou-me de perto para garantir que não mudava de postura e tive de me concentrar tanto em não cruzar as pernas que não conseguia ouvir a voz.

A caminhar para casa pelas ruas escuras depois, senti-me completamente desanimada. Nunca ouvira tanta parvoíce na vida. Se é isso que tens de fazer, pensei, nunca serei médium em cem anos.

Não voltei.

Obviamente, não ia tornar-me médium através de treino «formal», mas os nossos amigos que vinham às reuniões na cozinha não se importavam. Aquelas reuniões tornaram-se tão populares que transbordaram para o corredor e escadas acima. As pessoas estavam apertadas em cada centímetro de espaço, mas na semana seguinte ainda mais apareciam. No fim, não conseguíamos lidar com os números e convencemos a igreja a emprestar-nos o salão para as nossas reuniões.

Na primeira noite, lembro-me de olhar do palco para todos os rostos expectantes virados para mim e um arrepio estranho desceu-me pela espinha. Isto era exatamente o que aqueles médiuns tinham profetizado que eu faria e, sem nunca pretender realizar, os eventos tinham sido quase arranjados para que eu cumprisse aquela predição.

Tinha uma sensação desconfortável de que a minha vida me tinha sido tirada das mãos.

O trabalho avolumou-se. Depressa outras igrejas me convidavam para falar nas reuniões delas e viajei bastante regularmente, sempre acompanhada por John e Terry.

Quanto mais prática tinha, mais experiente ficava a distinguir as vozes. No início, parecia-me uma voz a falar dentro da minha cabeça, mas depois de algum tempo percebi que era fora de mim e depois que não era uma voz, mas vozes diferentes. Depressa conseguia dizer se eram masculinas ou femininas, velhas ou jovens.

Repetia o que as vozes me diziam. Parecia a coisa natural a fazer e agradava ao meu público; mas aos poucos comecei a sentir que não sabia o suficiente sobre o que estava a fazer. Não estava interessada em voltar a um círculo de desenvolvimento, um mau bastara para sempre. Em vez disso, comecei a ler tantos livros sobre filosofia espiritualista quantos conseguia, particularmente os ensinamentos de Silver Birch.

Havia pouco tempo para ler durante o dia. Os rendimentos de John eram tão incertos que eu tinha de trabalhar para ajudar a sustentar a família. Fazia tudo; esfregar pavimentos, arrumar quartos, conduzir, tudo o que me permitisse levar Terry. Mais tarde, quando chegava a casa, havia a casa para limpar, a roupa para lavar e passar e as refeições para cozinhar. O dia era tão agitado que caí no hábito de me sentar sozinha dez minutos depois de John e Terry irem para a cama, para descontrair em silêncio. Às vezes, só me sentava, a desfrutar da paz, outras vezes lia a minha filosofia.

Uma noite, deixei-me cair como de costume na nossa cadeira mais nova e confortável, de encosto alto e com abas, em pele preta. Estava cansada demais até para ir buscar o livro à mesa. Encostei-me e fechei os olhos, a desfrutar do silêncio. Depois ouvi uma voz. «Eu ensinar-te-ei», disse ele, «senta-te aqui, todas as noites quando a casa estiver quieta e eu ensinar-te-ei.»

Não sabia na altura, mas tinha encontrado o meu guia. Só anos mais tarde soube o nome dele – Ramonov é o mais próximo que consigo da pronúncia. Não sabia nada sobre ele, mas estava sempre lá para me ajudar.

Todas as noites sentava-me na cadeira de pele que ficou conhecida como a cadeira de Ramonov e Ramonov falava comigo. Geralmente contava-me uma pequena história, quase uma parábola, e eu pensava no significado enquanto esfregava pavimentos sujos no dia seguinte. Ramonov raramente interrompia quando eu falava nas reuniões, mas se eu me metia em sarilhos ou várias vozes tentavam comunicar ao mesmo tempo e eu ficava confusa, ele interrompia e ajudava.

Finalmente, quando tinha vinte e nove anos, decidi tirar as minhas credenciais. São uma espécie de exame definido pela União Espiritualista e, se passas, tornas-te uma médium reconhecida, com direito a trabalhar em qualquer igreja espiritualista.

Tive de ir a Nottingham – suficientemente longe da minha cidade natal para garantir que não conhecia ninguém –, depois tive de falar para uma reunião de completos estranhos, salpicada aqui e ali com examinadores anónimos da União Espiritualista. Estava tão nervosa que mal tinha consciência do que acontecia. A reunião foi um borrão, não faço ideia do que disse, só tinha consciência do coração a bater e das mãos pegajosas, mas depois houve aplausos e alguém se aproximou e me felicitou. Tinha passado.

Incrivelmente, aqui estava eu, Doris Stokes – a médium.

CAPÍTULO 7

Achava-me maravilhosa. Agora uma médium jovem e totalmente qualificada, habituei-me tanto a que as pessoas me dissessem que era fantástica que acreditava nelas. Demora muito tempo a aprender humildade. Ainda não entendia que não era eu a fazer aquelas coisas maravilhosas para o meu público grato, era qualquer coisa fora de mim. Por isso, deleitava-me com os elogios e tornei-me bastante convencida.

Financeiramente, John e eu estávamos melhor do que antes. Não graças à minha mediunidade, as igrejas onde falava só podiam pagar as minhas despesas de viagem – mas graças ao Ministério das Pensões. Tinha ficado tão preocupada com o estado de John que escrevi ao ministério a dizer que tinha a certeza de que John estava muito pior do que tinham pensado inicialmente. Arranjaram um exame médico completo e descobriu-se que John devia ter uma placa de metal no crânio; mas infelizmente a depressão nos ossos tinha afundado demasiado e seria impossível operar. Não podiam fazer nada por ele, mas pelo menos a pensão foi aumentada e ele foi oficialmente um ex-militar gravemente ferido.

Pudemos comprar um carro velho e barulhento com o dinheiro extra, o que foi uma grande ajuda. Viajava bastante aos fins de semana, sempre acompanhada por John e Terry, e fora tão aborrecido andar de autocarro e comboio.

Num sábado à noite, fomos convidados para uma reunião em Boston, Lincolnshire, a mais de oitenta quilómetros de casa. O presidente da igreja e a mulher, Fred e Madge Davis, eram um casal simpático e pediram-nos que ficássemos a dormir com eles para nos poupar a condução de volta quando estivéssemos cansados.

Viviam numa casa muito grande. No rés do chão, três salas de receção tinham sido unidas para criar um salão da igreja, e as salas de estar dos Davis ficavam por cima. Obviamente, tinham-se esforçado muito. A igreja estava lindamente decorada com flores e estava cheia. Quando tomei o meu lugar no palco, vi John espremer-se no último lugar vazio no fundo. Estávamos prontos para começar. Fred Davis apresentou-me e lançámo-nos no serviço sem problemas. O canto era lindo e o perfume das flores subia até ao púlpito. Sentia-me muito feliz, não trocaria isto por nada no mundo.

Terminado o serviço, levantei-me para começar a demonstração e, ao caminhar para a frente do palco, reparei num homem idoso a vaguear pelo corredor. Encarei-o fixamente, mas ele limitou-se a olhar diretamente para mim. «Que cara de pau entrar a esta hora», pensei no meu jeito jovem e arrogante, «imagina interromper a grande Doris Stokes.»

«Importa-se de se sentar, por favor, para eu poder continuar», pedi-lhe irritada, mas ele não se mexeu. Ficou quieto, a olhar estupidamente. Comecei a impacientar-me. «Olhe, tem de se sentar naquele banco, não há mais cadeiras, mas sente-se, por favor, para eu poder prosseguir.»

E o homem ainda não se mexeu. Comecei a zangar-me. O presidente tinha-se levantado da cadeira e espreitava por cima do púlpito, e o público dava-me olhares perplexos. O homem estava claramente a perturbar a reunião. Era surdo ou quê? Abri a boca para fazer um comentário cortante, quando de repente ouvi Ramonov ao meu lado. «Tem muito cuidado», disse ele, «ele acabou de fazer a transição.»

Era tão inexperiente e sem tato que me debrucei diretamente sobre o púlpito e disse: «Sabe que está morto?» Pequenos ofegos soaram por todo o salão e percebi pela primeira vez que ninguém mais o via.

«Não seja tão parva», disse ele.

«Mas está», insisti eu. «Como se chama?»

Disse que o nome era Joe e que vivia num pub chamado Carpenters Arms. Virei-me para Fred Davis: «Conhece um Joe que vive no Carpenters Arms?»

Ele ofegou. «Sim.»

Joe, entretanto, olhava à volta do salão, com uma expressão perplexa na cara. «Parecem exatamente as minhas flores. Não consigo entender. Não posso estar naquela igreja de espiritismo. Nunca entro lá.»

Repeti este comentário a Fred. «Mas Doris, ele esteve aqui às 11h00 desta manhã. Traz-nos sempre flores da horta dele, mas nunca entra na igreja. Não acredita nisso.»

«Bem, agora vai ter de acreditar», disse eu, «ele está aqui.»

A conversa continuou e Joe contou-me como passava o tempo. Trabalhava na horta de manhã, voltava ao pub para almoçar, arrumava a cozinha e lavava copos para a filha. «Depois vou deitar-me um bocadinho», continuou. «Levanto-me por volta das 6h00, leio o jornal da tarde, tomo o meu chá e depois vou para o bar lavar copos outra vez.» Parou e olhou para o público: «Queria que parassem de dizer que estou morto. Perguntem à Eva ali, ela conhece-me.»

Virei-me para a mulher que ele indicara. «É a Eva, amor?» Ela assentiu. «Bem», disse eu a Joe, «e a Eva?»

«Encontrei-a esta manhã a sair do mercado e sentámo-nos num banco juntos. Ela disse-me que os tornozelos estavam inchados.»

Repeti isto à nervosa Eva. «Sim», sussurrou ela, «é verdade.»

Enquanto conversávamos com Joe, dois responsáveis da igreja escapuliram-se para o Carpenters Arms para descobrir o que se passava. Perguntaram ao dono, genro de Joe, se podiam falar com Joe.

«Sim», disse ele, «estará na cozinha a tomar o chá.» Levou-os à cozinha, que estava vazia. «Que estranho. O meu sogro ainda não desceu para o chá. Acho que vou chamá-lo.» Subiu as escadas, mas segundos depois desceu a correr, com a cara branca como leite.

«Acho que o meu sogro está morto!»

«Tenho a certeza que está», disse um dos responsáveis, «está na igreja a falar com a nossa oradora!»

A essa altura, todas as esperanças de completar a reunião tinham sido abandonadas. Ramonov sintonizou-se novamente e disse-me que tinha de levar Joe de volta ao pub onde seria recolhido. Expliquei isto a Fred e fechámos o serviço, depois ele, John, Kelly, um dos responsáveis, Joe e eu saímos para a rua principal.

Joe estava bastante feliz por me levar ao Carpenters Arms, onde tinha a certeza de que podia provar que estava tão vivo como eu. Saímos da rua principal e serpenteámos por becos escuros e empedrados até chegarmos a um pub numa esquina. Havia uma porta lateral, provavelmente para o pátio, e ao olhar para ela, vi a forma de um homem aparecer. O corpo estava na sombra, mas havia um brilho luminoso fraco à volta dele.

Ao aproximarmo-nos, virou-se para nós. «Vamos, Joe, anda lá.»

Joe parou em seco. «És tu, Tom?», disse ele suavemente. «Não, não pode ser, morreste há quase dez anos.»

«É o que ando a tentar dizer-te, Joe», disse eu. «Foi o que te aconteceu.»

Olhou para uma janela iluminada onde as cortinas estavam corridas, que devia ser o quarto dele. «Queres dizer-me, rapariga, que o meu corpo está deitado lá em cima e eu posso simplesmente ir embora com o Tom?»

«Exatamente», disse eu.

Um sorriso lento espalhou-se pela cara dele. «Bem, então está tudo bem», e caminhou para a figura sombria que era Tom. Ao chegar ao nível dele, o brilho espalhou-se, brilhou à volta dele e ambos desapareceram.

Virei-me para os outros que tinham estado a observar-me em silêncio, provavelmente a perguntar-se o que raio se passava. «Agora está tudo bem», disse-lhes eu. «Ele passou em segurança.»

Fora uma das experiências mais estranhas que tive.

Estranhamente, pouco depois disso, dei por outra reunião a ser tomada por um homem idoso. Era novamente um sábado à noite, mas desta vez em Rotherham. A reunião fora bastante rotineira e as demonstrações bastante simples, até que de repente todas as vozes foram abafadas por um sotaque grosso de Yorkshire.

«Chamo-me Jim», disse ele, «e quero falar com Eve, a minha sobrinha.» Localizei Eve no público. Afinal, Jim tinha sido morto na terça-feira anterior. Ainda nem tinham feito o funeral, mas Jim estava ansioso

com os seus bens e passou algum tempo a instruir Eve sobre o que fazer com eles.

Quando acabou, perguntei-lhe o que lhe tinha acontecido. «Bem, estive a trabalhar na minha horta até cerca das 9h30, rapariga, depois fui ao Swan beber uma. Estava na passadeira quando o idiota me atropelou.»

Despediu-se com uma última instrução para a sobrinha. «As minhas batatas precisam de ser arrancadas, mas não deixes o Denis fazer isso. Ele não sabe uma ponta de um garfo da outra.»

Aconteceu que estava a ficar uns dias em Rotherham porque tinha concordado em fazer algumas sessões individuais para a igreja, por isso, na segunda-feira à tarde seguinte, cedo, estava a trabalhar na sacristia. Estava a fazer uma sessão para duas senhoras, quando de repente a voz inconfundível de Jim interrompeu novamente.

«Vim dizer-te que acabou tudo, rapariga», disse ele! «Acabaram de meter a caixa.» Olhei para o relógio. Eram 14h30. Expliquei às minhas clientes o que tinha acontecido e pedimos aos responsáveis da igreja que confirmassem com a sobrinha de Jim se a mensagem era correta.

Voltaram com a notícia de que o funeral tinha começado às 14h15 daquela tarde e que teria sido perto das 14h30 quando o caixão foi cremado.

Casos espontâneos como os de Jim e Joe eram emocionantes. Tinha perdido todo o vestígio de medo e, a essa altura, parecia-me bastante natural falar com espíritos – particularmente porque não havia nada de «assombrado» nas conversas. Eram como conversas telefónicas terrenas. Com o medo, também perdera a sensação de ser um pouco estranha, um pouco diferente das outras pessoas. Percebia agora que era uma esposa e mãe comum como milhões de outras mulheres, mas tal como algumas delas eram também cozinheiras brilhantes, artistas dotadas ou atletas maravilhosas, eu também tinha um talento. Nascera com ouvidos que podiam ouvir sons que outras pessoas não ouviam e olhos que às vezes viam coisas que outras pessoas não viam.

Gostava de ser médium, mas nem sempre era fácil.

Depois de cada demonstração de «clarividência» – como se chamava ouvir vozes –, doía-me à volta da cintura e sentia-me bastante cansada. Ramonov disse-me numa das minhas «lições» que era porque os espíritos tiravam a energia para comunicar do meu plexo solar. Parecia-me bastante desagradável.

Outro problema era que, ocasionalmente, a meio de uma reunião, quando as vozes vinham alto e claro, paravam de repente. O público olhava para mim expectante, à espera que eu falasse, e nada acontecia. Não ouvia nada. Era muito desconcertante.

O problema era que não podia escolher com quem falava. Tinha de esperar até alguém no mundo espiritual querer comunicar com alguém no público e, se ninguém quisesse passar, nada acontecia. Não tinha controlo sobre isso.

Ainda assistia às reuniões de outros médiuns, claro, para aprender o máximo possível sobre o meu trabalho e reparei que alguns deles nunca sofriam deste problema. As mensagens fluíam impressionantemente sem interrupção. «Alguma vez serei tão boa como isso?», perguntei-me.

Fiquei muito excitada depois de uma destas reuniões por ser apresentada a um médium de topo que tinha estado a demonstrar. Pareciam deuses para nós, os jovens, na altura, e se falassem realmente contigo, era como ser escolhido pelo Rei ou pela Rainha.

«Quando estou a trabalhar, perco o contacto às vezes, mas tu nunca perdes o contacto, pois não», disse eu admirada.

Ele sorriu. «Sim, perco», disse ele, «mas ensino-te um truque do ofício.» Baixou a voz: «Quando vais a uma igreja, chega um pouco cedo. Levam-te para uma sala de comité ou antecâmara e haverá pessoas a entrar e a sair a falar umas com as outras. Mantém os ouvidos abertos e ouvirás bocadinhos. Geralmente vou à casa de banho mesmo antes da reunião começar e rabisco tudo num pedacinho de papel e meto no livro de hinos. Depois, se perco o contacto, tenho qualquer coisa para me ajudar.»

Fiquei tremendamente impressionada. Que ideia maravilhosa. Que diferença faria. Sim, era batota, suponho, mas não batota má. Ramonov sempre me dissera para dizer a verdade. Bem, a informação em si seria verdadeira, não seria? E fechei a consciência a todos os outros argumentos sobre o assunto.

A minha próxima grande reunião chegou e eu estava ansiosa por me sair bem diante de toda aquela gente, por isso, como me tinham aconselhado, cheguei cedo. Efetivamente, ouvi bocadinhos de várias conversas e corri para a casa de banho para os anotar num pedaço de papel. Depois, meti o papel entre as páginas do meu livro de hinos. Estava pronta.

No palco, tudo correu bem. As mensagens chegavam rápidas e em catadupa e o público vibrava de apreço. Comecei a sentir-me exultante.

Esforcei-me mais, agucei o ouvido para captar o sussurro mais fraco que pudesse significar o fim de anos de busca para alguém ali sentado. Continuou, cada vez melhor, e depois, de repente, sem razão alguma, nada. A meio de uma mensagem para uma senhora simpática de meia-idade, a linha morreu.

Hesitei. Como podia acontecer agora, logo agora? Graças a Deus tinha aprendido aquele truque do ofício. Calmamente, abri o livro de hinos e o sangue fugiu-me da cara. O papel tinha desaparecido.

Com o pânico a subir, lutei para acabar a mensagem com bocadinhos que me lembrava das notas, mas claro que os baralhei todos e foi uma confusão completa.

«Obrigada, querida», disse a mulher numa voz ligeiramente perplexa, enquanto eu coxeava até ao fim – mas mal me importei porque, no momento seguinte, as vozes voltaram a explodir.

Completei mais duas mensagens com sucesso, depois fiquei surpreendida ao ouvir Ramonov interromper e as outras vozes calarem-se. O que se passava? «Agora», disse Ramonov, «vamos voltar à senhora...» e chamou-a pelo nome que eu não tinha, «e vais pedir-lhe desculpa e dizer-lhe que a última parte da mensagem dela não veio do mundo espiritual.»

Senti-me com quinze centímetros de altura. Hesitei, mas houve silêncio completo e o público olhava para mim, à espera que eu falasse. Sabia que Ramonov não me deixaria continuar até eu pedir desculpa.

«Senhora...», disse eu com dificuldade.

«Sim, querida?»

Lamento imenso. Tenho de lhe dizer que a última parte da sua mensagem não veio do espírito. Fui eu. A minha cara estava escarlate e mal conseguia olhar para ela de vergonha.

Ela sorriu. «Achei estranho. Tinhas estado tão bem até aí.» Foi muito simpática.

A tensão aliviou, senti Ramonov afastar-se e as vozes voltaram. Consegui terminar a reunião sem mais problemas.

Admito que fiquei abalada, mas ainda não tinha aprendido a lição. Na próxima grande reunião onde queria impressionar, fiz o mesmo e aconteceu a mesma coisa. As minhas notas desapareceram misteriosamente e

Ramonov não me deixou continuar. Forçou-me a confessar. Fiquei tão envergonhada, senti-me tão pequena que nunca mais ousei fazer aquilo.

Até hoje, se perco o contacto, digo simplesmente: «Não ouço nada. Querem cantar um hino ou qualquer coisa?» até qualquer coisa surgir. Depois digo: «Pronto! Lá vamos nós!»

É preciso grande confiança, grande coragem para fazer isso. Quando estás de pé diante de centenas de pessoas que talvez tenham vindo de longe, com alguma despesa, à espera de te ver fazer milagres, é terrivelmente difícil dizer: «Desculpem, não consigo agora», e sentar-te novamente.

As pessoas foram linchadas por menos. A única coisa que tens para mostrar pelo teu trabalho como médium é a tua reputação e, se falhares em produzir os bens numa única noite, várias centenas de pessoas vão embora e dizem aos amigos que és uma fraude, que não prestas. Há tanto em jogo que não é surpreendente que até os médiuns mais genuínos sejam ocasionalmente tentados a «preencher».

Incapaz de o fazer agora e demasiado jovem para ter construído a confiança necessária para lidar facilmente com o lapso ocasional, ficava muito desanimada nas raras ocasiões em que acontecia. Uma noite, fui para casa em desespero depois de um «fracasso» parcial. Atirei-me miseravelmente na cadeira preta de Ramonov e sintonizei-me com ele.

«Acham que algum dia serei boa nisto, Ramonov?», perguntei, e em resposta ele contou-me uma das suas histórias.

«Imagina uma montanha e no topo desta montanha há um santuário», disse ele. «Agora digo-te, minha filha, todos nós passámos por este caminho antes de ti. Nenhum de nós pode dizer que alguma vez chegará ao santuário no plano terreno, mas enquanto continuares a apontar para ele, é só isso que importa.

«Partirás pelo caminho acima e tudo parecerá fácil e pensarás: qual é o alarido? Eu consigo. Depois chegarás a um lugar cheio de muitas pessoas de muitas cores e muitas crenças, e pararás e perguntarás: o que estão eles aqui a fazer? Dir-te-ão que esta é a casa do meio do caminho. Agora, ninguém te culpará se decidires ficar lá, mas, pelo mesmo token, o teu desenvolvimento ficará lá.

«Agora, a segunda metade da subida, para cada passo que dês – recuarás seis. Cairás e magoarás os joelhos, mas digo novamente, todos nós trilhámos o mesmo caminho antes de ti. Não podemos prometer-te rosas

todo o caminho. Nem sequer podemos prometer remover as pedras do caminho. O que posso prometer é que estarei sempre lá para te dar a mão quando tiveres de subir uma pedra, e diz sempre a ti mesma: “Um dia chegarei ao santuário.”»

Parou para deixar assentar, depois continuou: «Agora imagina uma roseira. E digo-te, minha filha, vai colher para mim a rosa mais perfeita que encontrares. Onde irias colhê-la?»

E eu disse: «No topo, suponho.»

«Exatamente», disse ele, «por isso terás de te esticar e, no processo, serás picada e rasgada. Verdade, minha filha, podias colher-me uma rosa do fundo da árvore sem esforço, mas eu não a quereria. Seria imperfeita.

«Depois imagina a macieira carregada de fruta e digo-te: vai colher para mim a fruta mais perfeita que encontrares. Onde irias novamente?»

E eu disse: «Bem, acho que teria de subir à árvore.»

«Exatamente», disse ele, «esforço o tempo todo. Podias pegar num cesto e enchê-lo sem esforço com as maçãs no chão, mas isso não queremos.»

O significado era bastante claro. Tinha de apontar para o topo. Podia não chegar lá, mas certamente não chegaria se não tentasse!

CAPÍTULO 8

Na maior parte do tempo, adorava ser médium. Tinha muita consciência disso e «sintonizava-me» para exibir as minhas habilidades ao menor pretexto.

Era tremendamente excitante. Sabia tão pouco sobre o assunto e os meus próprios poderes que cada dia era uma aventura. Estava sempre a querer experimentar algo novo, para ver o que conseguia fazer. Entre os nossos amigos na igreja, John e eu depressa percebemos que havia várias pessoas que sentiam o mesmo e por isso formámos o nosso próprio «círculo caseiro» para explorar o desconhecido.

Todas as semanas, quatro deles, a senhora Atherton, a senhora Wright, um homem que chamávamos sempre o Major e um jovem aviador, vinham a nossa casa para uma noite de experiências psíquicas.

Depressa descobrimos que eu conseguia entrar em transes profundos e, quando isso acontecia, Ramonov falava com eles através de mim. Eu não tinha consciência do que ele dizia, por isso, ocasionalmente, gravavam a sessão e reproduziam-ma depois. Era maioritariamente filosofia, falada num inglês lindo que estava completamente além de mim normalmente, salpicado de palavras longas que tinha de procurar no dicionário.

Estes episódios eram muito populares com os membros do círculo, mas eu não gostava deles. Assustavam-me. Ao entrar no transe, a cabeça rodopiava e o quarto girava como se estivesse a tomar gás – depois tudo ficava preto. A próxima coisa de que tinha consciência era a voz de John a dizer: «Aqui tens o teu chá, amor», porque Ramonov dizia-lhes quando eu estava a voltar e avisava John para ter uma chávena de chá muito doce pronta para mim, para repor a energia que ele usara. Era a única vez que conseguia beber chá com açúcar e, mesmo assim, demorava ages a sentir-me normal novamente. Sabia que estava na minha sala de estar e que as outras pessoas estavam lá a tomar chá e bolachas, mas não parecia real. Era uma espécie de mundo de sonho.

Geralmente sentávamo-nos com as cortinas corridas e apenas uma luz vermelha acesa durante estas reuniões, porque tínhamos ouvido que era assim nas sessões. O que não percebíamos era que, por algum motivo, luzes vermelhas atraem fenómenos físicos.

Primeiro reparámos nisso quando, no fim de uma sessão, a senhora Wright e eu olhámos para baixo e encontrámos os nossos colares deitados ordenadamente nos nossos colos, e a senhora Atherton descobriu que a rede de cabelo invisível que usava sempre tinha sido removida e dobrada cuidadosamente na nuca dela.

Nenhuma de nós sentira nada.

Ramonov disse-me que John Michael nos tinha visitado e que esta era a forma dele de fazer sentir a presença. Depois disso, aconteceu com bastante frequência e, embora a senhora Atherton se fartasse um pouco de repor a rede, não nos importávamos realmente. Achava que era uma travessura infantil enternecedora.

Ainda assim, mantivemos a luz vermelha acesa. Depois, uma noite, o Major sugeriu que tentássemos levitação de mesa. «Acho que temos poder suficiente contigo aqui, Doris», disse ele. Ele e John procuraram pelo quarto até encontrarem uma mesa adequada, uma mesa redonda de madeira pequena que não fosse demasiado pesada.

Os seis puxámos as cadeiras à volta dela e sentámo-nos com as mãos espalmadas no topo. Ficámos em silêncio, todos a concentrar-nos em levantar a mesa. Nada aconteceu. O relógio na lareira tic-taqueava e, à medida que os minutos passavam, comecei a ficar nervosa. Isto era parvo, estar ali sentada sem fazer nada. Eu era médium e, quando trabalhava, gostava de resultados.

Mesmo quando abri a boca para sugerir que tentássemos outra coisa, senti uma pressão súbita para cima debaixo das mãos. A mesa levantou-se ligeiramente e moveu-se para um lado.

«Alguém a está a levantar!», gritou a senhora Atherton.

O Major achou que ela o estava a acusar. «Posso garantir-lhe, minha senhora, que não sou eu», disse ele ofendido.

«E eu não», disse eu, «tinha medo de o fazer.»

A pressão diminuiu e a mesa assentou novamente. A senhora Atherton parecia aliviada. Não estava a gostar nada desta experiência. As nossas mãos ainda estavam espalmadas na mesa, no entanto, e sem aviso ela saltou para cima novamente, subindo uns bons 45 centímetros do chão.

«Alguém está a mexer nesta mesa», insistiu a senhora Atherton nervosamente. «Olhe, senhora Atherton», disse eu enquanto a mesa voltava ao chão, «posso responder por mim. E tu, John, estás a mexê-la?» «Não», disse ele.

Devagar, fui perguntando a cada um por sua vez se ele ou ela era responsável. Todos negaram veementemente, mas a senhora Atherton recusava-se a acreditar neles. Acho que, como eu, estava a sentir-se bastante assustada e não queria acreditar neles.

«Oh, alguém a está a levantar», disse ela enfaticamente.

As palavras mal lhe saíram da boca quando a mesa subiu bruscamente, quase zangada, e inclinou-se de lado até o topo assentar na barriga da senhora Atherton. Não tínhamos alcatifa na sala de estar, só linóleo polido e tapetes soltos. Infelizmente, a cadeira da senhora Atherton estava em cima de um dos tapetes.

Enquanto lutávamos para manter os dedos no lugar, a mesa avançou novamente, apontando diretamente ao meio da senhora Atherton e ela, a cadeira e o tapete foram propelidos suavemente para trás pelo linóleo. Observámos, de olhos esbugalhados, enquanto ela era empurrada a gritar e

a espernear pelo quarto, a porta voou aberta, ela desapareceu no corredor e a porta fechou-se atrás dela. Houve silêncio.

Saltei e acendi a luz principal com dedos trémulos. «Não sei o suficiente sobre isto», disse aos outros a tremer e corri para o corredor.

A senhora Atherton, de cara cinzenta, lutava descontroladamente para vestir o casaco.

«Senhora Atherton, está bem?»

Ela ofegou com a minha voz, virou um par de olhos aflitos para mim como se fosse tudo culpa minha e correu para a rua, com os botões do casaco abotoados ao contrário.

Nunca mais voltou e não a posso culpar.

Fechei a porta da frente e caminhei devagar pelo corredor. Ali no canto, um grupo de aparência inocente, estava a mesa, a cadeira e o tapete. Completamente imóveis. Dei-lhes uma larga margem ao voltar para a sala de estar, e John e o Major tiveram de os trazer de volta mais tarde. Foi a última vez que tentei levitação.

A senhora Atherton não foi a única amiga que perdemos devido a acontecimentos estranhos na nossa casa. Outra foi um homem chamado Tom Wingfield, que também estava a aprender a ser médium. Uma noite, ele apareceu em casa muito excitado porque tinha aprendido algo novo. «O meu guia ensinou-me a reter o poder. Não importa quão bom seja o médium, eu consigo impedi-los de passar», gabou-se ele.

Fiquei imediatamente determinada a que ele não o fizesse comigo. Era um desafio que eu não podia recusar. Sintonizei-me com Ramonov. «Não vamos permitir isso, pois não?», perguntei em silêncio, e Ramonov concordou.

«Muito bem, Tom», disse eu, «vamos experimentar.»

Tom inspirou profundamente com orgulho e estendeu os braços. «Pronto», disse ele triunfante, «agora tenta passar!»

Fechei os olhos e concentrei-me intensamente na parte «psíquica» da minha mente. Não ouvi nada. Decerto Tom não conseguia bloquear mesmo? Então, sem aviso, uma forte brisa vinda do nada rodopiou pela casa. Abri os olhos e vi as cortinas coladas ao teto, a lâmpada a girar no seu fio e os ornamentos de porcelana na prateleira da lareira a chocalhar para cima e para baixo.

«Deve haver uma janela aberta algures», disse Tom, agarrando-se à gravata que esvoaçava. Imediatamente, a brisa cessou.

«Fecha a janela que quiseres», disse eu.

Então ele e John percorreram minuciosamente toda a casa, fechando todas as janelas e portas. Finalmente, satisfeitos por terem excluído todas as correntes de ar, voltaram para a sala de estar. A janela já estava fechada, mas, por precaução, fecharam também a porta. Estávamos praticamente herméticos.

«Pronto, Tom», disse eu. «Tudo está fechado. É uma prova justa, concordas?»

«Concordo», disse ele. Inspirou profundamente outra vez e estendeu os braços. «Vai lá, então.»

Sintonizei-me. Imediatamente, as cortinas inflaram mais violentamente do que nunca, a lâmpada girou, os ornamentos balançaram como se fossem cair da prateleira, e até os tapetes no chão começaram a levantar-se. Tom boquiaberto fitou a sala varrida pelo vento e, depois, freneticamente, fingiu olhar para o relógio.

«Meu Deus, já é essa hora? A minha mulher mata-me. Desculpa, tenho de ir.» Tal como a senhora Atherton antes dele, correu para a rua, para nunca mais voltar.

As experiências nem sempre eram assustadoras. Às vezes eram estranhas e maravilhosas. Noutra ocasião, o nosso círculo caseiro chegara cedo e Terry ainda estava acordado. Vestido com pijama, estava sentado na sua pequena poltrona a tomar leite e bolachas. Normalmente, não teríamos começado até ele estar na cama, mas nessa noite o jovem aviador anunciou imediatamente que estava em contacto com o pai de John.

O velho senhor Stokes tinha morrido no ano anterior e John estava muito perturbado. Infelizmente, não podíamos pagar para todos irmos a Londres para o funeral, por isso John fora sozinho. Visitara o pai antes de fecharem o caixão e, colocando um objeto na mão do pai, dissera mentalmente: «Se algum dia voltares, pai, traz isto contigo como prova de que és tu.»

Nunca contara a ninguém o que era esse objeto. Nem a mim. Se algum médium conseguisse dizer-lhe corretamente o que era, seria prova indeed.

De qualquer modo, o aviador divagava sem dizer nada de valor, mas obviamente fez John enviar um pensamento ao pai. De repente, Terry disse: «Olha, papá, há qualquer coisa no chão!»

Todos olhámos, mas não víamos nada. O linóleo estava nu. Terry continuou a apontar para um espaço vazio e era tão insistente em que via algo que eu disse: «O que é, meu amor? Como é que parece?»

«É uma medalha redonda», disse ele. «É azul com ouro.»

E, sem aviso, John desatou a chorar. Aparentemente, era um crachá espiritualista cristão que ele colocara na mão do pai antes de fecharem o caixão. Redondo e azul-escuro, com uma cruz dourada na frente.

Os acontecimentos invulgares não se limitavam aos momentos que escolhíamos para contactar o mundo dos espíritos. Às vezes, eram eles que escolhiam contactar-nos, e nem sempre em momentos convenientes.

Cerca de quinze dias antes da Páscoa, num ano, falei num encontro em Newark e contactei um homem cuja mulher estava na plateia. Aparentemente, ele morrera recentemente e estava preocupado porque a mulher tinha dificuldades em receber o dinheiro do seguro. A mulher confirmou isso, e o marido prosseguiu a dizer-lhe através de mim o nome do escritório, o nome da rua onde ficava e o nome do homem que ela devia procurar para resolver o problema.

Esta mensagem não era particularmente invulgar e, ao longo dos anos, eu tivera tantas comunicações assim que não pensei mais nisso.

Na noite antes da Sexta-Feira Santa, John e eu fomos para a cama como de costume. John estava cansado e tentava dormir, enquanto eu lia alguns capítulos do meu livro à luz de uma pequena lâmpada de cabeceira. De repente, ouviu-se uma terrível pancada na cabeceira da cama. Sabia que não era John, mas fenómenos assim já não me preocupavam. «Boa noite, amigos, Deus vos abençoe», disse distraidamente e virei a página.

Segundos depois, a pancada soou de novo, tão violentamente que acordou John.

«O que é isso, o que é isso?», murmurou ele.

«São só as pessoas do espírito», disse eu.

«Ah», virou-se ele. «Boa noite, amigos, Deus vos abençoe.» Acomodou-se para dormir de novo.

No momento seguinte, ouviu-se outra grande martelada, depois as teclas do piano que tínhamos mudado para o nosso quarto porque não havia outro espaço para ele começaram a tilintar loucamente sozinhas – apesar de a tampa estar fechada.

John sentou-se zangado. «Queres pôr esse maldito livro de lado e ver o que eles querem? Estou a tentar dormir!»

De má vontade, baixei o livro; também estava cansada e não queria trabalhar. «Alguém me quer?», perguntei, esperando que não.

Imediatamente, ouvi a voz de um homem que me era vagamente familiar. «Lamento incomodar-vos», disse ele, «vim agradecer-vos o que fizestes pela minha mulher em Newark e dizer-vos que há um pacote no correio para vós. Recebê-lo-ão amanhã de manhã.» Desapareceu.

«Alguém nos está a gozar», disse a John. «Disseram que havia um pacote no correio para nós amanhã de manhã – mas amanhã é Sexta-Feira Santa. Não teremos entrega então, decerto.» Mas pelo menos as pancadas pararam e pudemos dormir.

Às oito e meia da manhã seguinte, bateram à porta e Terry, que agora conseguia alcançar a tranca e adorava abrir portas, correu a atender. Momentos depois, voltou a correr com um pacote embrulhado em papel castanho.

«Há um pacote para ti, mamã. Vai, abre-o, abre-o! Posso ajudar?»

John e eu trocámos olhares por cima da cabeça dele enquanto o ajudávamos a desatar o cordel. Afinal, houvera uma entrega! Dobrei o papel castanho para revelar uma bela toalha de mesa bordada e uma carta. Li-a rapidamente. Era da mulher de Newark. Agradecia-me a mensagem que lhe dera, que fora muito útil. Fora ver o homem que o marido mencionara, no endereço que ele dera, e o problema fora resolvido. Ia receber o dinheiro do seguro, afinal, e esperava que eu aceitasse a toalha como sinal de gratidão. Fiquei comovida e guardo essa toalha como um tesouro até hoje.

Ao longo dos anos, à medida que aprendíamos mais sobre o espiritismo e conhecíamos mais pessoas envolvidas, interessámo-nos por outra secção do trabalho – a cura. Além de médiuns, havia muitos curandeiros dotados, e um dos maiores que se tornou nosso amigo foi Harry Edwards. Tornou-se muito conhecido em vida, escreveram-se livros sobre ele e teve muitas curas espetaculares.

Disseram várias vezes a John, através de médiuns, que ele tinha o dom da cura, mas isso parecia tão ridículo em comparação com os talentos maravilhosos e óbvios de Harry Edwards que ele não fez nada a respeito. O que ele não percebia era que, mesmo que o seu dom não fosse grande, era valioso à sua pequena maneira. Eu própria notara que, quando tinha dor de cabeça, bastava John colocar as mãos à volta da minha testa durante alguns momentos para a dor se acalmar – mas ainda assim ele recusava-se a levá-lo a sério.

Eventualmente, a questão foi tirada das mãos dele noutra ocasião em que estávamos na cama, John a dormir e eu a ler. Eu estava tão ocupada durante o dia que a minha mente raramente estava suficientemente relaxada então para os espíritos me contactarem espontaneamente. Também estava a passar por uma fase em que tinha dificuldade em dormir e lia durante horas antes de adormecer. Suponho que era por isso que eles escolhiam o fim da noite para se ligarem.

De qualquer modo, John ressonava feliz e eu estava mergulhada no meu livro quando gradualmente me apercebi da sensação desconfortável de que alguém me observava. Olhei inquieta para John, perguntando-me se ele estaria doente, pois desde que fora ferido tivera um par de «ataques» esquisitos, mas não. Dormia pacificamente. Encolhi os ombros e voltei ao meu livro, mas a sensação persistiu. Alguém me fitava.

Então, pelo canto do olho, vi movimento. Olhei e ofeguei. Ali, na porta aberta, estava a visão mais espantosa. Um índio vermelho. Fiz um duplo take e apressei-me a olhar para baixo para o meu livro. «Agora, Doris, foste longe demais desta vez», pensei. «É ridículo.» Mas quando cautelosamente ergui a cabeça de novo, ele ainda lá estava. Não vos sei dizer o que tinha na parte inferior do corpo, mas o peito estava nu, tinha cabelo preto comprido, uma faixa à volta da cabeça e uma pena branca erguida na parte de trás.

Cutuquei John violentamente. «John! Acorda!»

«Uuuuug...?», gemeu ele.

Cutuquei-o de novo. Estava um pouco assustada. Não estava nada entusiasmada com a ideia de ter um índio vermelho no quarto. «John. Por favor, acorda – há um índio na porta!»

«Ah, deixa-o em paz, sim.» Enfiou-se mais fundo debaixo das mantas. Embora acreditasse nas minhas vozes, John era um pouco cético quanto às coisas que eu via tarde da noite. Pensava que eu inventava algumas porque não conseguia dormir.

Sacudi-o com força. «Mas John, há mesmo um índio na porta!»

De má vontade, sentou-se com uma expressão resignada de «lá vamos nós outra vez» no rosto. «Bem, pergunta-lhe o que quer.»

Obedientemente, perguntei.

«O meu nome é Red Dawn», disse o índio, «sou o guia de cura do teu marido, e vim dizer-lhe que está na hora de ele começar o seu trabalho para o espírito. Se quiser prova, fui morto na batalha de Blackwater Creek em 1876 e ele pode verificar isso.»

Transmiti a mensagem a John, que fitava duvidoso a porta, que para ele estava silenciosa e vazia.

«O teu marido não acredita que estou aqui, pois não?», disse Red Dawn.

«Não, receio que não.»

«Bem, pergunta-lhe se quer prova.»

Perguntei e John disse: «Ah, estou todo a favor disso.»

Então Red Dawn pediu-lhe através de mim que fechasse a janela e corresse os cortinados; não disse cortinas como teríamos dito. John fez isso. Depois Red Dawn pediu-lhe que fechasse a porta. John caminhou sarcasticamente na direção dela. «O teu amigo entra ou sai?»

«Querias entrar, por favor?», perguntei a Red Dawn e John disse: «Depois de ti, Claude», e fechou a porta. «Pronto, e agora?»

Disseram-lhe para voltar para a cama. «Vou provar a John que estou aqui», disse Red Dawn. «Vou enviar algumas brisas psíquicas.» Caminhou até ao fundo da cama e instantaneamente uma ventania rasgou o quarto. Os cortinados chicotearam pelo teto, o edredão voou pelo ar e nós agarrámo-nos à parte de cima enquanto a de baixo chicoteava à volta dos nossos pés, e o nosso cabelo esvoaçava atrás de nós. Todo o quarto se encheu do rugido da grande ventania. Era aterrorizador.

«Ele acredita que estou aqui agora?», perguntou Red Dawn.

«Bem, algo está», disse John. «Espero que saibas o que estás a fazer, rapariga.»

E então o vento parou como se alguém tivesse desligado um interruptor, e Red Dawn desapareceu. Os nossos ouvidos estalavam no silêncio.

«Acho que devias começar a curar», disse a John.

«Ah não», disse ele, deitando-se, «vamos primeiro descobrir sobre esse negócio de Blackwater Creek.»

Na manhã seguinte, escreveu à Embaixada Americana para verificar. Algum tempo depois, responderam que tinham passado a nossa carta para a Legação Americana, da qual nunca tínhamos ouvido falar, e algum tempo depois disso recebemos uma nota deles. Sim, disseram, houvera uma batalha de Blackwater Creek em 1876, e agora havia uma cidade chamada Blackwater Town no local.

John foi à Igreja Espiritualista para praticar a cura.

CAPÍTULO 9

As pessoas frequentemente confundem médiuns com adivinhos e ficam desapontadas quando não predizemos o futuro para elas, mas essa não é a nossa função. Alguns médiuns são também clarividentes, mas o trabalho de um médium é transmitir informações de parentes e amigos falecidos, para provar que eles vivem noutra dimensão.

Ocasionalmente, se esses parentes virem problemas à frente ou algo para que se preparem, avisarão ou aconselharão, o que pode soar como uma predição, mas nunca dizem a um consulente o que fazer, porque estamos aqui para aprender por nós mesmos através dos nossos próprios erros.

Eu própria tive um desses avisos «predições», e foi uma sorte ter tido. John e eu nunca desistíramos da esperança de outro bebé e, apesar de dois abortos, ainda estávamos a tentar. No entanto, nada acontecia, e de vez em quando as minhas próprias palavras, ditas tão levianamente quando John estava desaparecido na guerra, voltavam para me assombrar. «Podes sempre ter outro bebé.» Que estúpida, que arrogante da minha parte assumir que era assim tão fácil.

Em janeiro, quando eu tinha 33 anos e ainda esperava, estávamos a falar com Walter Brooks, esse mesmo médium de Yorkshire que nos dera a nossa primeira mensagem. Agora que eu também era médium, movíamo-nos nos mesmos círculos e tínhamo-nos tornado amigos.

«Acabaste de sair do hospital?», perguntou-me Walter de repente no meio da conversa.

«Não, não me desejes isso, Walter», ri eu.

«Só um minuto, isto é sério.» Walter parou, com os olhos distantes, depois a atenção voltou e John e eu ficámos distintamente inquietos. «Bem, receio que vais entrar no hospital – em julho, acho, algo relacionado com o teu lado direito. Dirão que vais morrer, mas o teu pai quer que anotes isto. É o nome da pessoa que deves pedir. Senhora Marrow. Não esqueças, é muito importante. Anota, John.»

Atordoado, John tirou a caneta e rabiscou o nome no verso de um envelope e guardou-o na carteira. «Senhora Marrow? Parece uma piada.»

«Sim, Walter, obrigado», disse eu debilmente, «sinto-me muito melhor agora.»

«Desculpa, Doris, mas o teu pai queria que te dissesse. É importante.»

Até aquele momento, sentira-me perfeitamente bem, mas de repente os meus membros ficaram frios e o corpo trémulo. No entanto, era só nervos.

No dia seguinte, estava bem, e ao longo da primavera e do início do verão a minha saúde foi boa. Gradualmente, o aviso esmoreceu e só quando o mês de julho saltava dos calendários é que sentia um rápido sobressalto de apreensão.

A ideia parecia absurda. À medida que a primavera se transformava em verão, fiquei mais em forma do que nunca. Como poderia alguém pensar que eu ia morrer? No entanto, não conseguia descartá-lo por completo. Vejam o que aconteceu a John Michael.

Quando julho chegou, estava nervosa. Não estava exatamente assustada; o meu pai dera a entender que eu ficaria bem com a senhora Marrow e, de qualquer modo, não tinha medo de morrer. Não, se acontecesse, seria extremamente desagradável e eu não estava ansiosa por isso.

O sol brilhava, fiquei bronzeada e com um aspeto radiante. John estava convencido de que o aviso fora errado. Afinal, os médiuns também cometem erros às vezes, tal como toda a gente.

Mas depois, perto do fim do mês, acordei a meio da noite a gritar de agonia. Dores branco-quentes rasgavam o meu estômago. John correu a

chamar o médico e fui levada de urgência para o hospital. A dor era tão intensa que preenchia o mundo inteiro e eu mal me apercebia de mais nada. De vez em quando, a audição aclarava e eu captava fragmentos de conversa, mas não significava nada; nem sequer percebia de quem falavam.

«Gravidez na trompa de Falópio.» «Sem esperança.» «Nada podemos fazer», e de muito longe: «Lamento, senhor Stokes, a sua mulher está a morrer.»

Abri ligeiramente os olhos e a cama estava rodeada por uma bela luz turquesa. Luz azul, lembrei-me vagamente, o poder de cura. Olhei de novo e o meu pai e John Michael estavam de pé ao fundo da minha cama. Sorriam para mim e eu tentei sorrir de volta. Se vou morrer, pensei, tudo o que tenho de fazer é ir ter com eles.

Então a luz azul começou a girar e outras cores rodopiaram dentro dela e senti-me atraída, pés primeiro, para uma espiral de arco-íris brilhante. Corria para baixo, o meu pai e John Michael um pouco à minha frente, e além deles, no fim daquele túnel de cores loucamente reluzentes, havia uma luz brilhante, tão brilhante que não conseguia olhar para ela. Instintivamente, sabia que, se chegasse àquela luz, teria passado para o outro lado.

No entanto, a única emoção que sentia era alívio. Não tenho de lutar mais, pensei, está fora das minhas mãos.

De repente, houve um tremendo solavanco e caí de volta na cama. O túnel, o meu pai e John Michael desapareceram e ouviu-se a voz de John a dizer: «Não me importa se ela está em Timbuctu – tragam-na.» Outra voz disse: «Bem, se acha que ela aguenta a viagem até Nottingham.» Não me apercebi de mais nada.

Depois, descobri que John perguntara quem era a senhora Marrow, meio à espera de ser gozado, e disseram-lhe que era uma ginecologista. Insistiu imediatamente que ela me tratasse, só para ser informado de que ela trabalhava no hospital de Nottingham. A essa altura, ele estava tão convencido de que Walter Brooks tinha razão que estava disposto a arriscar a longa viagem de ambulância até Nottingham, e mandou-me transferir.

Funcionou. Sobrevivi à viagem, para surpresa do médico, e sob os cuidados da senhora Marrow recuperei.

Tenho a certeza absoluta de que, se Walter Brooks não nos tivesse dado aquela mensagem, eu teria morrido. Na verdade, quase morri de qualquer modo; mas, por mais estranho que pareça, não me arrependo.

Tinha ouvido falar, lido e contado às pessoas o que acontece quando morremos, e agora tivera experiência pessoal pelo menos das fases iniciais. Sabia que não havia nada a temer.

Demorei vários meses a recuperar completamente e, durante o estado de abatimento que frequentemente segue a doença, cansei-me de Grantham. John e eu estávamos a ficar sem trabalhos ocasionais na zona e sentíamos necessidade de uma mudança completa de cenário. Ainda estávamos a pensar para onde ir quando, uma manhã, abri o jornal e o meu olhar caiu imediatamente num anúncio para uma aldeia para deficientes em Lancaster. Chamada Westfield, fora especialmente concebida para pessoas deficientes e feridas de guerra. Mostrei a John, que concordou que parecia muito agradável, e assim escrevemos para o endereço indicado.

Veio de volta um convite para uma entrevista e, algum tempo depois, foi-nos atribuída uma casa.

Era um lugar encantador. Ao pé do Castelo de Lancaster, agora infelizmente em parte uma prisão, mas ainda pitoresco, era um aglomerado aberto e arejado de casas separadas por relvados e árvores. Fomos muito felizes lá. Ambos encontrámos trabalho, Terry adaptou-se à escola e os pedidos para as minhas aparições em reuniões espiritualistas aumentaram, se é que isso era possível.

Foi em Lancaster que experimentei o segundo tipo de predição – a predição de encorajamento –, embora não fosse para mim.

Um dia, uma jovem angustiada veio ver-me. Chamava-se Pat e o marido amado acabara de morrer, deixando-a com uma filha bebé de apenas alguns meses para criar sozinha. Tanto quanto lhe dizia respeito, não tinha futuro. A vida dela acabara e, se não fosse pela filha, teria gostado de morrer também.

Consolei-a o melhor que pude e dei-lhe uma sessão. Foi bastante rotineira. Contactei o marido dela, que enviou muitas mensagens de amor à sua Pat e à bebé Tracy e deu nomes de parentes e amigos e datas de aniversários para provar a sua identidade. Depois, perto do fim, disse inesperadamente a Pat para se animar, que a vida em breve seria melhor e que ela se casaria de novo daqui a cerca de dois anos.

«Nunca», insistiu Pat com firmeza, «nunca me casarei com mais ninguém.» Mas, mesmo assim, foi para casa mais feliz do que chegara.

Não morava longe de nós e em breve se tornou uma visitante regular. Ainda passava por fases de desespero e frequentemente sentia necessidade

de alguém com quem falar; e, da minha parte, tinha sempre prazer em vê-la a ela e à pequena Tracy.

Por volta da mesma altura, foi escrito um pequeno artigo sobre mim no Psychic News – o jornal espiritualista – e, como frequentemente acontece, comecei a receber cartas de leitores. Entre elas, uma de Monty Spurrier, um jovem soldado estacionado na Alemanha. Dizia que se interessava por espiritismo, mas era órfão e não tinha ninguém com quem discutir o assunto.

Respondo sempre às cartas, mesmo que demore um pouco a fazê-lo, e escrevi a Monty a convidá-lo a visitar-nos da próxima vez que estivesse de licença na Grã-Bretanha.

A minha correspondência começou a acumular-se e habituei-me a empilhar as cartas para responder na mesa de centro ao lado da minha poltrona. Pode não parecer arrumado, mas lembrava-me sempre que me sentava.

A mesa estava bastante cheia numa tarde quando Pat e Tracy chegaram. A essa altura, Tracy crescera e tornara-se uma criança viva com uma mente curiosa. Correu para o quarto nas suas pernas trôpegas, ansiosa por dizer olá, tropeçou na mesa no seu entusiasmo e toda a pilha deslizou para o chão num floreado de papéis.

«Oh, Tracy. Olha o que fizeste!», exclamou Pat. «Vai, ajuda-me a apanhar ou a tia Dodey não te deixa vir outra vez.»

Apesar dos meus protestos, Pat juntou as folhas à pressa e Tracy apanhou um punhado de papel de correio aéreo azul e colocou-o contritamente no meu joelho. Era a segunda carta de Monty.

«Pat», disse eu de repente, «esta é do homem com quem te vais casar.» De onde vieram as palavras, não sei; dissera-as sem pensar.

«O que disseste, Doris?»

Repeti e depois continuei a contar-lhe sobre Monty.

«Oh, vai-te embora», riu Pat, «aposto que ele tem um metro e meio.» Era uma rapariga muito alta e preferia homens mais altos do que ela.

Não se disse mais nada, mas secretamente decidi que, se Monty viesse visitar-nos, me certificaria de que era apresentado a Pat.

Bem, claro que ele veio, e revelou-se um rapagão de um metro e oitenta com uma personalidade tranquila e sensível. Ele e Pat simpatizaram imediatamente e, não muitos meses depois de eu os apresentar, anunciaram o noivado na nossa casa.

Hoje estão felicemente casados com um filho pequeno deles, mas a parte engraçada é que, da primeira vez que Tracy conheceu Monty, chamou-lhe «papá».

O nosso velho carro finalmente chegara ao fim da linha, por isso voltei a viajar de autocarro e comboio, geralmente sozinha agora, porque não podíamos pagar as tarifas para todos nós. No entanto, frequentemente era paga por estas aparições agora – a principesca soma de 2/6 – 12,5p!

Uma noite, fora a uma reunião que envolvia duas viagens de autocarro. Cheguei a casa muito tarde, encharcada até aos ossos por esperar uma hora à chuva torrencial por um autocarro. Estava tão fria, molhada e miserável que fiquei fisicamente enjoada quando entrei.

«Oh, Ramonov», disse eu mais tarde, quando tirei as roupas encharcadas e me sentei num robe de lã grosso para a nossa lição diária. «Vale a pena? 2s 6d?»

E ele disse: «Do que estás a falar, criança? Aqui não contamos dinheiro. Não há bolsos nas mortalhas. Não o podes levar contigo. O único dinheiro de que Deus se importa é o que dás de ti mesma, por isso fizeste muito bem esta noite. Deste uma reunião maravilhosa, convenceste as pessoas de que há vida após a morte. Por isso, tiveste de dar parte de ti, mas prometo-te que a energia será reposta. Amanhã de manhã, será coisa do passado. O que envias é o dinheiro de que Deus se interessa. Não te preocupes com dinheiro. O mundo dos espíritos nunca te verá sem ele.»

E claro que ele tinha razão.

À medida que os anos passavam, a notícia espalhava-se de forma misteriosa, e recebi cada vez mais pedidos para sessões privadas individuais. Nunca anunciara, mas, de alguma forma, as pessoas continuavam a encontrar o caminho até à minha porta e chegavam cartas de todo o país e até do estrangeiro. Fazia tantas quantas podia, mas com reuniões públicas aos fins de semana, um emprego durante a semana e uma casa para gerir, simplesmente não havia horas suficientes no dia.

Finalmente, John fartou-se tanto de me ver a correr exausta de um compromisso para o outro depois do trabalho que sugeriu que eu largasse o

emprego. «Muitos médiuns trabalham a tempo inteiro e conseguem viver», disse ele. «Porque não experimentas durante um tempo?»

Fiquei tentada. Seria ótimo trabalhar em casa e fazer as tarefas domésticas entre sessões, mas o emprego de John era tão instável. Podíamos arriscar? Pensei e pensei, depois lembrei-me da promessa de Ramonov de que o mundo dos espíritos nunca nos veria sem dinheiro. Certo, pensei, vou apostar.

Cobrei 1 libra por sessão e em breve tinha bastantes clientes. Pessoas locais, visitantes de Londres, até um jornalista do Cairo que fazia questão de vir todos os anos. Algumas pessoas queriam visitas regulares, mas desencorajei-o. A menos que precisassem de ajuda com um problema particular, dizia-lhes que uma vez a, a cada seis meses, era mais do que suficiente; caso contrário, ficava a saber demais sobre elas e a informação que transmitia não seria prova clara.

Sei que algumas pessoas criticam os médiuns por cobrarem o que quer que seja, mas, quando se pensa nisso, até os clérigos são pagos. Se se trabalha a tempo inteiro em sessões, não há alternativa a cobrar uma taxa; a menos que se tenha um rendimento privado guardado. Tem-se de viver.

Em breve percebi que, quando as pessoas vinham para a sua primeira sessão privada, não sabiam o que esperar. Vinham por um de dois motivos principais – simples curiosidade ou uma dor cega e avassaladora que as impelia a procurar algum meio de aliviar o sofrimento. Os aflitos eram os mais comuns.

A senhora Curwood, de Blackpool, era um caso típico. Sem eu saber, estava na plateia numa reunião pública que realizei. Nunca tivera nada a ver com espiritismo antes; mas, desde a morte do marido treze meses antes, estava disposta a tentar qualquer coisa.

Contou-me muito mais tarde: «Só queria morrer. A minha vida estava tão vazia.»

Não a reparei na multidão nesse dia e aparentemente nenhuma das minhas mensagens era para ela, mas mesmo assim sentiu que eu poderia ajudá-la e marcou uma sessão privada.

Chegou com a filha adulta para apoio moral, uma mulher de meia-idade pálida e triste com esperança reprimida nos olhos.

Os nervos familiares tilintaram no meu estômago. Esta estranha, tão necessitada, depositava toda a fé em mim. A responsabilidade, como sempre, era aterrorizadora.

Instalei-a numa poltrona confortável, esperando que a minha tensão não se notasse.

«Agora, tenho de lhe dizer que podemos não obter nada», avisei. Gostava de preparar os consulentes para uma possível deceção porque, com o mundo dos espíritos, simplesmente não se pode garantir que se consiga passar. «Não posso prometer que funcione», continuei, «mas, se não funcionar, não lhe custa nada e tentaremos noutro dia.»

Esvaziei a mente e instantaneamente ouvi a voz de um homem. Era fraca, por isso julguei que ele não estava do outro lado há muito tempo. Disse-me que o nome era Bert.

«Conhece um Bert?», perguntei à senhora Curwood.

Ela ofegou. «É o meu marido!»

«Bem, ele diz que quer enviar o seu amor a Edie e a Mary, que tem sido uma grande força para si.»

A senhora Curwood assentiu. Aparentemente, o nome dela era Edith e Bert chamava-lhe sempre Edie, e Mary era uma viúva com quem se tornara amiga após a morte de Bert. Mary ajudara-a tremendamente a lidar com a perda.

Bert continuou a descrever o funeral dele, que disse ter assistido, incluindo o número de pessoas presentes, treze. Enviou o seu amor a Keith, o primeiro neto, mencionou a data do aniversário de casamento deles e também o facto de Edith ter tido um filho natimorto.

Edith confirmou que tudo isso era correto.

A voz de Bert esmoreceu um pouco após o esforço desses detalhes. Já notara antes que, quanto mais tempo alguém estava do outro lado e quanto mais comunicava com um médium, não necessariamente eu, mais fortes e altas se tornavam as vozes.

Houve uma pausa, depois Bert voltou.

«Ele está a falar de encontrar Catherine», expliquei à senhora Curwood. «Diz que ela passou enquanto dormia quatro meses depois dele...»

«Sim, é a sogra dele.»

«Oh, e agora mencionou David, o seu filho solteiro ainda em casa. Diz que ele tem sido uma grande bênção para si.»

«É verdade», disse a senhora Curwood. «Sem David, acho que não estaria aqui.»

Depois mencionou encontrar Grenville de novo.

«Grenville, Grenville, acho que não conheço ninguém com esse nome», disse a senhora Curwood lentamente, com a testa franzida enquanto tentava lembrar-se.

«Ela não conhece Grenville, querido», disse a Bert. «Tens a certeza de que é o nome certo?»

Indistintamente, murmurou que sim, mas a essa altura a voz dele estava tão fraca que eu mal a ouvia.

«Ele está a ficar tão cansado que posso estar a ouvir mal», expliquei. «É melhor pararmos aqui.»

Era uma pena a última mensagem ter sido insatisfatória, mas a senhora Curwood estava encantada. Com o rosto radiante, apertou-me a mão: «Foi maravilhoso, maravilhoso.»

Suspirei de alívio. Graças a Deus, conseguira ajudar.

Não fora a última vez que ouvira falar de Edith Curwood. Alguns dias depois, contactou-me triunfante: «Lembrei-me de Grenville! Era um amigo do meu marido no País de Gales, muitos anos antes de nos casarmos. Grenville morreu na adolescência!»

Detalhes intrigantes frequentemente encaixavam após uma sessão. Aconteceu algo semelhante com a senhora Sedgwick, também de Blackpool. Consegui dar-lhe muitos nomes familiares corretos, incluindo o do neto Mark. Depois, houve menção de uma neta chamada Kathleen, mas a senhora Sedgwick não tinha neta.

Três semanas depois, o filho telefonou-lhe da Austrália: «Mãe, tens finalmente a tua neta! Gostas do nome Kathleen?»

Às vezes, os espíritos davam nomes carinhosos ou apelidos, em vez do nome de batismo, para que só fossem reconhecíveis por familiares próximos.

Durante uma sessão para a senhora Berry, de Oldham, a mãe dela veio ter comigo, apresentando-se como Gerty Seward.

«O nome verdadeiro da mãe era Martha Ann», disse a senhora Berry, «mas a família chamava-lhe sempre Gerty e Seward era o apelido de solteira; não usava isso há anos.»

Para qualquer outra pessoa, parece um pormenor pequeno e trivial; mas, para o consulente, era prova genuína. Não havia forma de eu ter verificado ou investigado tantos detalhes pessoais.

As pessoas perguntavam-me frequentemente por que razão as mensagens não eram de maior importância. Após várias conversas com Ramonov, cheguei à conclusão de que o mundo dos espíritos queria apenas provar a sua existência e tranquilizar os enlutados, não alterar o nosso destino. Além disso, os próprios consulentes ficavam perfeitamente satisfeitos com detalhes «triviais». Eu via com os meus olhos a diferença que isso fazia para eles e ficava contente por poder aliviar a dor deles. Afinal, compreendia exatamente o que estavam a passar – eu própria lá estivera.

Ainda realizava serviços públicos aos fins de semana e, durante muito tempo, a nossa vida foi tranquila e estável. Era isto que devia fazer, pensei, trabalhar como médium a tempo inteiro. O padrão estava definido para o resto da minha vida, ou assim pensava.

Na verdade, havia uma mudança extraordinária mesmo ao virar da esquina.

Tinha quarenta e dois anos e estava a falar num serviço como qualquer outro quando aconteceu. Tudo correu bem. Transmiti algumas mensagens muito boas e fiquei satisfeita. Depois, fui buscar o casaco e, ao sair, passei por trás de duas senhoras idosas que conversavam com uma chávena de chá.

«Não é boa?», disse uma.

«Oh, não é genuína», garantiu a outra, «deve ter procurado nomes na lista telefónica ou algo assim. Era boa demais para ser genuína.»

Senti-me enjoada. Sem palavras de choque, tropecei por elas até à rua. Nunca ouvira pessoas dizerem coisas assim sobre mim antes – mas o facto de não as ter ouvido não significava que não fossem ditas pelas minhas costas. Fiquei destroçada.

Talvez tudo tivesse sido uma ilusão, talvez toda a gente pensasse que eu era uma fraude. Pensei nas reuniões a que assistira, nas vezes em que me obrigara a sair à chuva e ao frio, nas vezes em que literalmente atravessara neve até aos joelhos para chegar a algum salão remoto. Teriam duvidado de mim o tempo todo? Estariam mesmo a rir-se pelas minhas costas?

Até hoje, não sei por que razão aquele comentário casual me afetou tão profundamente. Não conseguia ignorá-lo. Estava mais do que magoada. Em poucos segundos, a minha confiança fora despedaçada.

Entrei diretamente na próxima cabina telefónica que encontrei e liguei para o Royal Albert Hospital, onde John trabalhava como porteiro. «Há vagas?», perguntei à enfermeira-chefe.

«Há sempre vagas», disse ela. Era um hospital psiquiátrico, nunca muito popular entre o pessoal. Comecei como enfermeira estagiária na semana seguinte.

Cancelei as minhas reuniões públicas e sessões privadas e jurei que abandonaria o mediunato para sempre. Olhando para trás, foi uma reação extraordinariamente extrema. John não conseguia compreender uma mudança de coração tão violenta, mas eu também não esperava que compreendesse. Nem eu própria a compreendia.

Não estava infeliz. Aos quarenta e dois anos, estava a realizar a ambição de uma vida inteira e fiquei muito orgulhosa quando passei nos exames e me tornei enfermeira estatal inscrita aos quarenta e seis. Quem diz que se é velho demais para mudar aos quarenta? Nunca é tarde demais para fazer o que se quer, se se quiser o suficiente.

Deveria ter percebido, no entanto, que era impossível para mim abandonar o mediunato. Não escolhera ser médium, eu era médium. Não podia deixar de ser eu própria.

Mantive a decisão quanto a reuniões públicas e sessões privadas, mas em breve estava a trabalhar de novo – para as enfermeiras.

Pouco a pouco, elas descobriram quem eu era e em breve me persuadiram a fazer uma «tentativa rápida» como favor especial. A notícia espalhou-se pelo hospital e em breve eu safava-me com tudo. As nossas mini demonstrações realizavam-se na casa de banho do pessoal porque era silenciosa e confortável, e lá dentro ainda estávamos tecnicamente «em serviço». As outras enfermeiras perguntavam à irmã: «Se fizermos o trabalho de Stokes, ela pode vir para a casa de banho depois do chá?» e

invariavelmente a resposta era sim, porque a irmã também gostava das demonstrações.

Havia apenas uma pessoa que não queria nada com estas sessões – e essa era a enfermeira Burney. Era uma viúva idosa que ficara após a idade de reforma das enfermeiras, cinquenta e cinco anos. Uma mulher doce, bondosa e profundamente religiosa, não acreditava no que eu fazia, mas nunca o ridicularizava. Simplesmente afastava-se em silêncio quando as outras enfermeiras me pediam para trabalhar para elas. Respeitava-a por isso.

Uma noite, após o trabalho, estava acordada até tarde a terminar as tarefas na cozinha, muito depois de John e Terry estarem na cama. Eventualmente, arrumei tudo, apaguei a luz, entrei na sala de estar e parei de repente.

Um homem estranho estava de pé junto à lareira, de costas para mim.

Meu Deus, pensei, alguém fugiu da prisão. Recuei silenciosamente, esperando retirar-me antes que ele me visse. Era tarde demais. Ele virou-se.

«O meu nome é Alec Burney», disse ele.

Ainda pensava em prisioneiros, mas algo no nome me despertou uma memória. Burney, Burney – como a enfermeira Burney?

«Marido de Burney?», disse eu.

«Sim», disse ele. Continuou a dizer-me que estava preocupado com a mulher porque ela tinha um problema particular com dinheiro e queria aconselhá-la sobre como resolvê-lo.

«Podes dizer-lhe o que eu disse?», perguntou por fim.

Como raio posso mencionar isto a Burney, pensei, mas ele parecia tão preocupado que prometi que o faria. Ele assentiu e desapareceu.

Fitei o espaço vazio junto à lareira, perguntando-me no que me metera. Burney provavelmente pensava em mim da mesma forma que pensava em bruxas, talvez iludida e ligeiramente má. Provavelmente nem ouviria. Suspirei e comecei a subir as escadas para a cama. Bem, pensei, a oportunidade apresentar-se-á de alguma forma.

Dois dias depois, estávamos ambas de serviço juntas e aconteceu eu entrar na casa de banho quando a enfermeira Burney estava a dobrar uma touca nova.

«Olá, Burney», disse eu.

«Olá, Stokes», respondeu ela, sorrindo para mim no espelho, mas sem se virar. Era um processo complicado acertar aquelas toucas.

Lavei lentamente as mãos e observei-a a moldar os picos engomados brancos. Satisfeita, colocou-a cuidadosamente na cabeça e pegou nos ganchos para a fixar no lugar.

Tenho de lhe dizer de alguma forma, pensei, mas não sabia o que dizer. Sequei as mãos em câmara lenta e, não tendo mais nenhuma razão para demorar, comecei a caminhar para a porta. A meio caminho, parei.

«Não adianta, tenho de dizer.» Virei-me e disse muito rapidamente antes que mudasse de ideias: «Burney, o teu marido veio ver-me ontem à noite. O nome dele é Alec e está preocupado contigo porque estás a ter este problema. Diz para não te preocupares porque vai correr tudo bem.»

Burney largara a touca com apenas um lado preso, e esta estava direita na cabeça dela. Parecia hilariante, mas ela não reparou. Fitava-me de boca aberta.

Com medo de a ter perturbado, saí apressadamente da sala, mas segundos depois ela estava à porta a chamar-me de volta.

«O que disseste, enfermeira?»

Repeti. «Desculpa, Burney», acrescentei, «mas prometi ao teu marido que te diria e já o fiz. Agora depende inteiramente de ti.»

«Mas nem aos meus filhos contei que estou a ter este problema», disse ela ofegante, «sou a única que sabe.»

«Sim. E o teu marido», disse eu.

Ela estava obviamente chocada, mas quando teve um pouco de tempo para pensar nisso, pediu-me para ir a casa dela fazer uma sessão. Embora tivesse oficialmente desistido delas, fiquei contente por o fazer, e Alec Burney pôde aconselhá-la.

Ela nunca participou nessas sessões na casa de banho, mas acho que as via de forma diferente depois disso.

Noutra ocasião, ia a caminhar pelo corredor com uma enfermeira recém-casada, a caminho da cantina para uma chávena de chá, quando ouvi a voz de uma mulher dizer: «Ela vai ter gémeos, sabias?»

«Sabes que vais ter gémeos?», perguntei à rapariga. Decerto não parecia grávida.

«De maneira nenhuma!», disse ela indignada. «Quem te contou essa história?» Encolhi os ombros e não disse mais nada, mas algumas semanas depois descobriu que estava grávida e, de facto, eram gémeos.

Depois disso, tornou-se uma piada recorrente. «Não andes pelo corredor com essa Stokes», dizia ela às outras enfermeiras, «ela deixa-te grávida antes de te virares!»

Tentavam dar aos doentes as melhores instalações possíveis no Royal Albert. Havia quartos luminosos e bonitos, mudanças frequentes de roupa limpa e muito ar fresco e sol quando o tempo estava bom. Tinham um novo campo desportivo e teriam gostado de um pavilhão desportivo novinho em folha para acompanhar, mas infelizmente não podiam pagá-lo. Eram precisas 3000 libras e o hospital não tinha o dinheiro.

Então alguém sugeriu que tentássemos angariá-lo nós mesmos, começando com uma feira no jardim. A ideia foi recebida com entusiasmo. Toda a gente estava ansiosa por gerir uma barraca e oferecer os seus talentos particulares. Enfermeiras que sabiam cozinhar, enfermeiras que sabiam fazer brinquedos de peluche, enfermeiras que podiam recolher tralha; todas estavam ansiosas por ajudar. As sugestões tornaram-se cada vez mais inspiradas. «Oh, e podemos ter uma adivinha», exclamou a enfermeira-chefe, «Stokes pode fazer isso, não podes, Stokes?»

Disse que pensaria nisso. Não tinha a certeza se devia ou não, por isso perguntei a Ramonov. Ainda tinha as minhas lições com Ramonov, que nunca tentava persuadir-me a voltar às reuniões públicas. Ensinara-me que o que eu fazia com a minha vida era da minha responsabilidade, e nunca dava conselhos a menos que eu pedisse.

Quanto ao tema de adivinhar o futuro, achava que seria correto aceitar desta vez, pois era por uma boa causa, e disse para não me preocupar com as «predições», apenas trabalhar como normalmente fazia como médium. Até me disse que, se precisasse de uma bola de cristal como adereço, uma senhora Lee, que era presidente da Igreja Espiritualista em Grantham, tinha uma.

Telefonei à senhora Lee e ela tinha de facto uma bola de cristal que estava disposta a emprestar-me. Tínhamos outro carro agora, por isso pudemos conduzir até Grantham para a ir buscar.

No dia da feira, vestida com um traje longo e fluido completo com brincos grandes em forma de argola, instalei-me na minha tenda, com a bola de cristal e um baralho de cartas espalhados na mesa à minha frente. Lá fora, um grande letreiro pintado de cores vivas proclamava que Madame Durenda via o futuro.

A «adivinhação» foi um grande sucesso. Representei com a bola de cristal e as cartas, mas na verdade não as usei. Não sabia como. Em vez disso, fiz as minhas sessões habituais. Ninguém pareceu importar-se.

A tarde voou e fiquei tão absorvida no meu trabalho que fiquei surpresa quando a enfermeira-chefe apareceu na abertura da tenda.

«Enfermeira, quanto tempo mais vais demorar?», perguntou ela, «toda a gente saiu do campo e ainda há uma fila de pessoas sentadas à porta da tua tenda!»

Teve de mandar a maioria embora, mas pelo menos angariámos muito dinheiro para o pavilhão.

No dia seguinte, Terry, que agora era um jovem adulto e sabia conduzir, ia levar a bola de cristal de volta a Grantham por mim. Trouxe-a para a sala de estar pronta para ele a recolher e, por impulso, decidi dar uma olhadela rápida, para ver se conseguia ver algo. Tirei-a da caixa, coloquei-a no seu quadrado especial de veludo preto e fitai o cristal claro. Para minha surpresa, apareceu uma pequena imagem a cores. Via o nosso carro, um Ford amarelo vivo, parado vazio e deserto numa estrada rural, ao lado de um grupo de árvores. Nada mais, mas aquela imagem deixou-me inquieta. Por que razão estava o carro deserto?

«Terry, preferia que fosses de comboio», disse eu, colocando a bola de cristal de volta na caixa. «Não me sinto à vontade com a ideia de usares o carro hoje.»

«Oh, não te preocupes, mãe», disse ele, «sou um bom condutor e, além disso, não me apetece andar à espera de comboios. Não me digas que estás a levar essa coisa da bola de cristal a sério!»

Não havia forma de o parar.

Várias horas depois, ao conduzir por uma estrada rural, o carro começou a fazer um barulho terrível de ferragens. Os cojinetes grandes tinham-se avariado. Terry teve de o abandonar onde parou, junto a um grupo de árvores exatamente como o local que eu vira na bola de cristal, e

apanhar o comboio para casa. Para aumentar o insulto, teve de fazer outra viagem de comboio para ir buscar o carro quando foi reparado.

Sei que os hospitais psiquiátricos não são muito populares e é difícil recrutar novo pessoal, mas o pessoal que se junta geralmente fica e torna-se extremamente dedicado. O trabalho é cada vez mais recompensador. Sei que, durante a minha primeira semana, fiquei horrorizada e angustiada com os casos tristes que vi, especialmente as crianças com danos cerebrais. Pensei que nunca aguentaria, tinha a certeza de que teria de pedir transferência para um hospital normal; no entanto, à medida que as semanas passavam, descobri que passara a amar aquelas pobres pessoas quebradas.

Do nada veio compaixão e prazer inesperado. Entrava numa enfermaria após um curto período fora de serviço e os rostos deles iluminavam-se quando me viam. Podiam não acertar no meu nome, havia todo o tipo de tentativas comoventes – «Tokes», «Stoker» –, mas sabiam quem eu era.

Provavelmente teria ficado no Royal Albert até à minha reforma oficial aos cinquenta e cinco anos se não fosse por uma lesão com consequências inesperadas.

Tínhamos uma rapariga difícil chamada Irene, que, como tantos doentes mentais, conseguia invocar uma força quase sobre-humana quando estava de mau humor. Uma noite, enquanto tentávamos levá-la para a cama, ela tornou-se violenta. Atacou a irmã e a mim, e tentou morder o braço da irmã. Rapidamente, inclinei-me sobre a cama para lhe agarrar as mãos e ela chutou com violência, acertando-me um golpe forte na garganta. Pareceu que a minha cabeça fora arrancada do corpo.

Cambaleei para trás, agarrando o pescoço e ofegando por ar.

Sangue escorria da minha boca e nariz, eu sufocava, tossia e afogava-me nele. Irene fitou-me maravilhada e depois começou a chorar.

Levaram-me a correr para o médico. Estava num estado horrível. O pontapé rompera a minha glândula tiroide de tal forma que teve de ser removida e fui posta em comprimidos de «tiroxina» para o resto da vida.

No entanto, até esta lesão terrível foi uma bênção disfarçada. A operação revelou um crescimento na minha garganta que precisava de ser removido imediatamente. Se Irene não me tivesse chutado, poderia não ter sido descoberto até ser tarde demais.

Fiquei afastada do trabalho durante bastante tempo após a operação, mas nunca me ocorreu abandonar o emprego. John era agora enfermeiro auxiliar no hospital e gostávamos de estar no mesmo campo. Estava ansiosa por voltar.

Quando regressei, não conseguia falar corretamente, tinha dificuldade em engolir e cansava-me facilmente, por isso começaram-me em tarefas leves – as enfermarias tranquilas e a casa das senhoras idosas. Progredia bem. Passeava feliz por cada dia, contente por estar de volta com os meus velhos amigos.

Então, tarde numa manhã, descobriram que faltava uma enfermeira na Enfermaria Copeland, onde estavam os doentes difíceis, incluindo Irene. Aconteceu que eu era a única SEN disponível e, após muito vai e vem com o Oficial de Enfermagem, decidiram mandar-me.

Infelizmente, a irmã da Enfermaria Copeland estava ao almoço e não voltaria até às 14h00, por isso, com intenção de ser amáveis, disseram-me para não me apresentar em Copeland até ela chegar. Suponho que pensassem que me sentiria mais segura com a irmã lá, mas esta decisão significava que eu tinha uma hora para sentar e ruminar.

Quanto mais pensava nisso, mais nervosa ficava. O que faria se Irene estivesse de mau humor? Poderia atacar-me de novo. Lembrar-se-ia da última vez? Não a via desde então...

Às 14h00, estava num estado nervoso. Toquei à campainha fora de Copeland – era uma enfermaria de segurança e sempre trancada – e apresentei-me tremula à irmã. A enfermeira Metcalfe já estava de serviço, disse-me ela, uma boa enfermeira experiente; por isso, não havia nada com que me preocupar. Mas claro que estava preocupada.

Entrei na sala de dia, onde a enfermeira Metcalfe estava sentada ao lado da porta, e tomei o meu lugar. Tínhamos de nos sentar de cada lado da porta, onde podíamos ver todos os doentes ao mesmo tempo.

«Como está Irene?», perguntei.

«Bem», disse a enfermeira Metcalfe, «é Jennie Lee que temos de vigiar esta tarde.»

Jennie Lee era enorme – dezasseis stone de mulher sólida com a mente de uma criança, e claramente estava de mau humor. Andava carrancuda pela sala, empurrando outros doentes do caminho, chutando cadeiras e batendo com os punhos nas mesas. Enquanto observávamos,

atirou uma grande poltrona para o lado e avançou para as cortinas, agarrando uma em cada mão.

«Jennie Lee!», gritou Metcalfe. «Se puxares essas cortinas, arranco-te as tripas para ligas!»

Ao isso, Jennie largou as cortinas, virou-se e fitou-nos ameaçadoramente. Os olhos estreitaram-se, a cabeça afundou-se mais nos ombros enormes, soltou um urro de raiva e veio a carregar pela sala, espalhando doentes no caminho.

«Rápido, Stokes! Sai do caminho!», gritou Metcalfe, saltando do lugar. Mas eu não conseguia mexer-me. Fitai o volume enorme a avançar para mim e fiquei paralisada. É isto, pensei. Não consigo mexer-me. Acabou-se como enfermeira.

«Stokes!», gritou Metcalfe desesperadamente, mas no segundo seguinte Jennie chegou junto a mim. Derrapou até meio em frente da minha cadeira, depois de repente a expressão mudou. «Ah – a enfermeira Stokes voltou», disse feliz e, atirando-se para o meu colo, envolveu os braços amorosamente à volta do meu pescoço.

Debaixo das dezasseis stone de mulher, senti o estômago dar uma volta.

Não se disse mais nada e na manhã seguinte eu estava de volta às enfermarias tranquilas, mas o incidente preocupou-me. Reagira muito mal numa crise, o meu sangue-frio esvaíra-se e fora pura sorte não ter sido ferida uma segunda vez. Todo o meu futuro como enfermeira devia estar em jogo.

O dia passou tranquilamente. Após o trabalho, fui diretamente para casa e preparei um banho. Pensativa, desabotoei o uniforme e, ao fazê-lo, senti algo no bolso. Meti a mão e, para meu horror, tirei os medicamentos que devia ter dado aos doentes antes de sair.

Fiquei frenética. Fora um erro grave e, se a irmã da noite descobrisse, ficaria furiosa. Como pudera esquecer? John estava em casa, graças a Deus, e levou-me de carro de volta ao hospital. A irmã ainda não passara pelos doentes, felizmente, por isso distribuí os medicamentos e saí apressadamente antes que ela me visse.

Não houve danos, mas fiquei acordada a preocupar-me toda a noite. Sabia que era mais do que um erro comum. Como pudera esquecer os medicamentos logo após me serem entregues? Revivi a cena na mente

vezes sem conta. A irmã tirara os medicamentos do armário como de costume e entregara-mos para dar aos doentes. Pusera-os no bolso, entrara na enfermaria e depois – o quê? Fora chamada? Algo distraíra a minha atenção? Não me lembrava. Era muito estranho e perturbador. E se acontecesse de novo?

No dia seguinte, o meu turno só começava depois do almoço. John estivera de serviço de manhã e passou por casa ao meio-dia para um café rápido e levar-me de carro. Chovia a cântaros e íamos buscar outra enfermeira chamada Stevie, que morava na esquina. Corri para o carro, observei a água a saltar do para-brisas enquanto seguíamos e avistei Stevie à nossa espera debaixo do toldo de uma loja. John travou ao lado dela e, como era um carro de duas portas, preparei-me para sair e deixá-la entrar. Inclinei-me para a frente, com os dedos na maçaneta, e de repente o meu corpo bloqueou. Tal como dois dias antes ficara paralisada diante de Jennie Lee, bloqueei de novo. Estava completamente paralisada.

John falava comigo e Stevie batia na janela, mas, para meu horror, não conseguia mexer um músculo. Nem sequer conseguia dizer-lhes o que se passava. Havia um gemido horrível a vir de algum lado, que continuava e continuava, cada vez mais alto, e pensei: quem raio é isso? Então percebi que era eu.

A essa altura, John e Stevie viram que eu estava realmente doente. Stevie saltou para o carro pelo lado de John e levaram-me a correr para casa à espera do médico. Mais tarde, nessa tarde, fui levada para o hospital.

Disseram que era paralisia por tensão e que pouco podiam fazer. Não havia nada organicamente errado, era tudo na minha mente. Só podiam acalmar-me com medicamentos potentes, na esperança de que, quando a tensão aliviasse, os meus músculos se desbloqueassem.

Não fiquei particularmente satisfeita com o diagnóstico. Era fácil dizer que era um problema mental, mas para mim parecia definitivamente físico. Não pareciam perceber que eu tentava com todas as forças levantar as pernas, caminhar, mas nada acontecia. Era difícil acreditar que a minha mente causava o problema quando eu me esforçava ao máximo para mexer.

Fiquei oito semanas no hospital, durante as quais melhorei. Fizeram-me falar de novo, ou melhor, gaguejar, mexer os braços e até caminhar um pouco, mas assim que cheguei a casa a paralisia voltou. Parecia que a condição era causada pelas responsabilidades da minha vida real. O meu sangue-frio esvaíra-se e, fora do mundo protegido do hospital, não conseguia lidar. O médico abanou a cabeça e disse que teria de aprender a viver com isso.

Prescreveram-me seis ou sete comprimidos três vezes por dia e suponho que devia estar num torpor induzido por medicamentos a maior parte do tempo. Costumava sentar-me na cozinha, que ficava na frente da casa, com um avental com um bolso grande para todos os meus comprimidos, à espera que os vizinhos passassem para fazer coisas por mim.

Estava muito amargurada. Zanguei-me com o mundo dos espíritos e fechei os ouvidos quando tentavam falar comigo. Sentia que me tinham usado mal ao permitir que a minha vida fosse arruinada assim. Ramonov tentou contactar, mas bloqueei-o. Não queria nada com nenhum deles.

O tempo passou e o ódio acumulou-se. Sentia-me condenada a acabar os dias numa cadeira de cozinha. Nem sequer conseguia ter uma conversa com alguém, mas a minha mente estava ativa, prisioneira num corpo inútil. As únicas partes que conseguia mexer eram os braços. Qualquer tentativa de falar saía em gaguez ininteligível. Fervia de frustração.

Dia após dia, fervia por dentro, e uma manhã fiquei tão dominada pela autocomiseração que esqueci de erguer o bloqueio psíquico na mente. Porquê, porquê, porquê me aconteceu isto, pensava pela milésima vez. A mim, que viajei por todo o país em tempo agreste, passei metade da vida à espera em plataformas de comboio. Porque razão o mundo dos espíritos permitiu que isto me acontecesse, depois de tudo o que fiz por outras pessoas?

De repente, ouvi a voz de Ramonov interromper bruscamente: «Porque não te haveria de acontecer a ti? Achas que és uma das pessoas favoritas de Deus porque fazes o que fazes? Esqueceste a palavra mais importante que te ensinámos. Confiança.»

«E de que me serve isso», retruquei amargamente, «o médico diz que tenho de aprender a viver com isto.»

«Ah, sim», disse Ramonov, «e o que vais fazer a respeito?»

«O que posso fazer? O médico diz que tenho de aceitar.»

«Lembra-te disto», disse Ramonov severamente, «o fracasso não é cair, é não se levantar quando se cai. Confia em nós, confia em Deus, faz o que te dizemos e, dentro de um ano, ter-te-emos de volta numa plataforma pública.»

A ideia era ridícula. Nem conseguia falar, quanto mais dirigir-me a uma reunião pública, mas estava tão miserável e aborrecida que qualquer coisa era melhor do que esta meia-vida.

«Está bem», disse eu de má vontade, «o que devo fazer?»

«Bem, para começar, podes ir deitar fora esses medicamentos.»

A minha mão voou de forma protetora para o bolso do avental. Os meus medicamentos! Precisava deles, não conseguia gerir sem eles. Além disso, como podia deitá-los fora – não conseguia andar? Mas a voz de Ramonov estava no meu ouvido o tempo todo a repetir «Confia em nós, podes fazê-lo, podes fazê-lo», vezes sem conta.

«Está bem», pensei por fim, sempre disposta a aceitar um desafio. «Vou fazê-lo.»

Desajeitadamente, balancei-me para trás e para a frente até cair da cadeira. Depois rastejei e tropecei pela cozinha, abri a porta a puxar, arrastei-me dolorosamente centímetro a centímetro pelas escadas acima de gatas, e por fim desabei exausta no chão da casa de banho.

«Podes fazê-lo, podes fazê-lo», insistia Ramonov no meu ouvido enquanto eu descansava deitada. «Confia em nós, podes fazê-lo.»

Lentamente, agarrei a borda do lavatório, ergui-me e esvaziei o bolso do avental na sanita. Com grande esforço, puxei a corrente e vi os meus medicamentos vitais a serem levados pela água.

Depois deslizei de volta ao topo das escadas e parei. Os degraus estendiam-se abaixo de mim – impossivelmente íngremes e perigosos. Nunca conseguirei descer, pensei, terei de ficar aqui até John chegar a casa. Mas Ramonov não me deixava em paz. «Vamos, podes fazê-lo. Podes», até que, por fim, deslizei e caí meio a meio do topo ao fundo. Por fim, arrastei-me de volta à segurança da cozinha e, de alguma forma, icei-me para a cadeira. Estava exausta. Completamente esgotada e ofegante e, no entanto, pela primeira vez em semanas, bastante satisfeita comigo mesma.

John quase teve um ataque quando soube o que eu fizera. Queria chamar o médico para prescrever mais comprimidos, mas não o deixei. Ia fazer isto sozinha – com a ajuda de Ramonov, claro.

A partir desse dia, progredi. Foi uma luta terrível. Sem tranquilizantes, entrava em pânico e não conseguia respirar, e engasgava-me tanto com a comida que tinha medo de comer. Um barulho súbito alto fazia-me congelar, e uma vez queimei gravemente o braço porque o leiteiro bateu

inesperadamente, mesmo quando eu tirava um tabuleiro do forno. Sim, foi uma agonia, mas a cada dia que passava arranhava o caminho de volta à vida normal.

Empurrei-me a tentar coisas novas e, quanto mais tentava, mais fácil se tornava. Comecei a andar de novo. Primeiro com passos vacilantes pela casa, e depois, embora tremesse e abanasse incontrolavelmente, ao longo da nossa rua.

Esse foi o ponto de viragem. Uma vez quebrada a barreira para o mundo exterior, forcei-me a sair todos os dias, e foi assim que conheci Mark. Era um miúdo loiro de olhos azuis que era cuidado pela avó enquanto a mãe estava no trabalho. Muitas vezes, estava a brincar no jardim da frente quando eu passava aos tropeções e parava para falar com ele. Gaguejava na minha voz engraçada e aguda, mas claro que Mark não notava nada de estranho, era apenas um bebé. Não podia sentir-me constrangida com ele.

Então, um dia, ele prendeu o dedo numa pistola de brincar e a avó, lembrando-se de que eu fora enfermeira, correu com ele para mim. Para minha surpresa, libertei-o e tratei da ferida sem um tremor.

Depois disso, vinham ver-me frequentemente e, quando uma manhã a avó adoeceu, Mark foi trazido para mim. A partir daí, cuidei dele.

Tenho a certeza de que ele foi a razão da minha recuperação completa. Cantei-lhe canções, levei-o a sítios onde nunca sonharia ir sozinha e fui forçada a encontrar palavras em lojas e autocarros porque ele dependia de mim. Querido Mark, trouxe cor e humor de volta à minha vida. Aprendi de novo aquele dom especial que as crianças têm de virar as coisas do avesso e fazer-te vê-las de forma diferente.

Numa tarde de sábado chuvosa, Mark trouxe o primo Jeremy para brincar. Jeremy tinha 7 anos – três anos mais velho do que Mark e o oposto completo em cor – cabelo escuro com olhos castanhos grandes e pestanas pretas compridas. Rastejavam pelo chão a montar a quinta em miniatura, fazendo uma imagem tão bonita, cabeça castanha a tocar na loira enquanto se debruçavam sobre os brinquedos em total absorção, que me aproximei na ponta dos pés da poltrona para os observar.

«E esse é o fantasma», dizia Jeremy a Mark.

«Não há fantasmas», disse Mark, «pelo menos não fantasmas com lençóis brancos e coisas assim, pois não, Stokey?»

«Não, querido.» Tínhamos tido muitas discussões sobre este tema.

«Bem, se não usam lençóis brancos, não são fantasmas, então o que são?», perguntou Jeremy.

Isso era um pouco além de Mark. Mexia nos animais de plástico. «Não sei, mas há fantasmas e Stokey pode falar com eles», insistiu.

Jeremy bufou. «Vai lá!»

«Sim, pode, pode. Ela fala com eles.»

Jeremy riu-se com desdém. «Não podes, pois não, Stokey?»

«Sim», disse eu.

Os olhos dele abriram-se muito. «Como assim?»

«Bem, Jeremy», disse eu, «tudo o que vive não pode morrer; flores, animais, pessoas, não há morte. Tudo o que vive continua a viver noutro mundo.»

Houve um longo silêncio enquanto ele digeria isso, depois disse: «E podes falar com eles?»

«Sim», disse eu.

Ele voltou-se para a quinta e o jogo continuou.

Peguei no jornal e folheei-o. Não era frequente ter oportunidade de ler durante o dia. Mergulhei nas páginas luxuosamente, com apenas meio ouvido nos rapazes. De repente, senti um toque leve no joelho. Olhei para cima. Jeremy estava ali, os olhos castanhos enormes a estudar o meu rosto solenemente.

«E podes falar com eles?»

«Sim», disse eu.

Ele fitou-me com admiração. «Olha – nunca estás sozinha, pois não?»

Dentro de um ano, exatamente como Ramonov prometera, estava pronta para falar numa plataforma pública de novo. «Vamos, sabes que agora podes fazê-lo.» Ramonov insistia.

Não queria. Já era bastante mau falar com um revisor de autocarro, quanto mais com 100 pessoas, mas de alguma forma sentia que devia, só

uma vez, como sinal de gratidão a Ramonov por toda a ajuda que me dera. Estranhamente, depois de tudo por que passara, a ideia de que algumas pessoas pudessem pensar que eu era falsa parecia completamente irrelevante. Fora a razão por que desistira em primeiro lugar, e no entanto agora não parecia importar nada.

A notícia espalhou-se de que Doris Stokes estava de novo em circulação e marcou-se uma reunião. Era apenas um pequeno evento local; mas durante horas antes, eu era um destroço gaguejante e trémulo. Nunca o farei, pensei, devo estar louca por tentar, serei motivo de riso. No entanto, no momento em que subi àquele palco, os nervos desapareceram. Falei perfeitamente.

Depois, enquanto os aplausos ressoavam nos meus ouvidos e as pessoas se aglomeravam à minha volta para me dizerem o quanto as ajudara, fiquei rendida. Acabara como enfermeira, não havia dúvida quanto a isso, mas ainda podia fazer um trabalho valioso – como médium. Estas pessoas precisavam de mim e eu precisava de ser necessária.

CAPÍTULO 10

Foi maravilhoso voltar ao trabalho. Regressei às reuniões públicas e às sessões privadas como um peixe à água. Ainda tinha ataques de nervos e já não confiava em mim para conduzir, mas com a ajuda de Ramonov levava uma vida útil.

De novo, senti a tremenda necessidade do meu dom e envergonhei-me ao pensar quão perto estivera de o deitar fora, só porque alguém me perturbara.

Um dos meus primeiros novos casos foi um sargento da RAF chamado Hugh Drummond. Aparentemente, eu dera-lhe uma breve mensagem da falecida mulher numa reunião pública e, mais tarde, pediu-me para fazer uma sessão em casa dele. Morava em Lanes., mas estava tão convencido de que a sessão funcionaria melhor se eu estivesse rodeada das coisas da mulher falecida que aceitei.

Senti a dor dele no momento em que abriu a porta da frente. Um homem pequeno e magro, parecia perdido e sozinho, e tive muita pena dele.

«Morreu de cancro há seis meses», contou-me ele com a voz embargada, levando-me para a sala de estar que ainda mantinha imaculada como a mulher desejaria. «Caminhámos pela vida juntos como um só...»

Pediu-me para me sentar e, sem pensar, dirigi-me diretamente a uma poltrona perto da lareira. Pus a mala no chão ao meu lado e estava a endireitar-me quando uma voz de mulher disse ao meu ouvido: «Essa é a minha cadeira.»

«Oh», disse eu em voz alta, «estou sentada na cadeira da tua mulher.»

O senhor Drummond fitou-me. «Sim, como soubeste?»

«Ela acabou de me dizer.»

De boca aberta, afundou-se na cadeira em frente a mim e a sessão começou.

Ergui o braço esquerdo. «A tua mulher diz que só falta o cãozinho dela, que costumava aninhar-se na curva deste braço. Diz que o cão se chama Pindy.»

«Cindy», corrigiu o senhor Drummond, «mas tens razão. É uma cadelinha pug, está a ser cuidada por familiares agora porque eu estou fora todo o dia, mas sentava-se sempre ali com a minha mulher.»

A mulher continuou a dizer que estava preocupada porque o marido andava com os anéis dela no bolso e poderia perdê-los. Poderia pedir-lhe que os embrulhasse em papel de seda e os guardasse num lugar seguro.

Ao isto, o senhor Drummond tirou timidamente um envelope irregular do bolso. «Ninguém sabia que andava com estes. Costumava levá-los para as reuniões espiritualistas pensando que poderiam ajudar a obter uma mensagem.»

A mulher dirigiu-me depois para olhar num armário de vidro com ornamentos. Vi o que ela queria dizer, aproximei-me e ajoelhei-me na alcatifa à frente dele, espreitando pelas portas de vidro reluzente. As pequenas figuras estavam arrumadas em filas sem pó nas prateleiras de vidro e pareciam perfeitas.

«Não percebo isto», disse ao senhor Drummond. «A tua mulher está a dizer-me para olhar aqui para algo partido sobre o qual chorou, mas não vejo nada partido.»

Silenciosamente, juntou-se a mim, abriu o armário e tirou uma boneca em miniatura de Dresden. O dedo mindinho da mão direita estava em falta.

«Sim, chorou muito quando descobriu isto. Partiu-se no regresso de uma das nossas viagens ao estrangeiro.»

Voltámos aos nossos lugares e a senhora Drummond deu-me muitos nomes, alguns de amigos ainda vivos e outros de parentes há muito falecidos. O marido pareceu bastante satisfeito com isso; mas eu ainda não estava satisfeita porque não obtivera o nome próprio dela.

Então, mesmo no fim da sessão, veio. «Gay», disse eu em voz alta, «Gay de nome e gay por natureza.»

Hugh Drummond ficou encantado. «Sim. O nome verdadeiro dela era Gladys, mas nunca a chamei assim durante todos os nossos anos juntos. Para mim, era sempre Gay.»

Fiquei contente por a sessão ter corrido tão bem, mas além disso não pensei mais nisso. As semanas passaram, conheci dezenas e dezenas de novas pessoas e esqueci-me completamente de Hugh Drummond.

Deve ter sido quase um ano depois quando o meu consulente chegou pontualmente à hora marcada. Um homem magro com um ar de insónia e algo vagamente familiar, mas antes que pudesse perceber o que era, uma voz de mulher interrompeu zangada os meus pensamentos. Os meus olhos abriram-se muito ao ouvi-la. Usava palavras deveras muito fortes.

A surpresa deve ter-se mostrado no meu rosto, porque o homem perguntou se havia algo errado.

«Não, comigo não, querido», disse eu, «mas a tua mulher Gay acabou de falar comigo. Diz que tens estado a considerar tomar uma overdose, não tens?»

O homem desfez-se visivelmente, e de repente lembrei-me de que era o mesmo Hugh Drummond que visitara em casa dele todos aqueles meses antes. Sentei-o e dei-lhe uma chávena de chá.

Lentamente, admitiu que recentemente sofrera de depressão e pensara em tomar comprimidos. Sentia-se sozinho sem a mulher e queria juntar-se a ela.

«A tua mulher está muito ansiosa contigo», sublinhei. «Diz que não é esse o caminho. Não deves fazê-lo. Ela está à tua espera e, se avançou,

certificar-se-á de estar lá para te receber quando chegar a tua hora, mas tens de esperar até à tua hora, ou arrepender-te-ás.»

Hugh assentiu resignado e, ao olhá-lo, percebi que tinha de lhe dar alguma prova nova. Dissera-lhe que o nome da mulher era Gay, mas poderia ter-me lembrado da nossa última sessão.

«Tens um nome do meio?», perguntei a Gay.

Veio a resposta «May», que Hugh confirmou. Depois, continuou a dar várias datas de aniversários, incluindo uma muito importante no fim de julho.

«31 de julho teria sido o nosso aniversário de bodas de prata», disse Hugh, «a minha mulher dava grande importância a essa data.»

Gay descreveu então alguns dos seus bens pessoais e joias que Hugh dera à filha de 21 anos, Diane.

«Diz-lhe que encontrei William Greenwood», disse ela a seguir.

Hugh abanou a cabeça. «Não, não me lembro de um William Greenwood.»

Gay riu-se: «Diz-lhe que é o sargento Bill Greenwood.» Repeti devidamente e a boca de Hugh abriu-se.

«Não – isso é incrível. Era um colega instrutor de educação física meu na Alemanha. Não tenho notícias dele há anos. Decerto não está morto?»

Gay insistiu que sim e prosseguiu a nomear outros amigos da RAF de Penang, Singapura e Alemanha que encontrara do outro lado. Mencionou também o irmão de Hugh, Andrew, que morrera após uma curta doença alguns meses antes, juntamente com o nome da mulher dele, Renee, e os dos três filhos.

Finalmente, disse que tivera um aborto espontâneo muitos anos antes.

Hugh confirmou isso.

«Era um filho, agora chamado Peter», disse eu, «e ela diz que tens de parar de te preocupar com quem Peter poderia ser.»

Esta última parte pareceu um pouco obscura. «Isso significa algo para ti?»

«Oh, sim», disse Hugh. «Minutos antes de morrer, ela chamou "Peter". Foi bastante audível para a família e para mim, e perguntaram-me quem era Peter, mas não soube responder. Embora seja um nome comum, nenhum dos nossos amigos ou parentes se chama Peter. Muitas vezes me perguntei desde então quem poderia ser que ela se lembrou ao morrer. Agora sei.»

Hugh saiu, todos os pensamentos de overdoses esquecidos, mas ouvi falar dele de novo uma ou duas semanas depois. Queria informar-me de que Bill Greenwood morrera de ataque cardíaco cinco anos antes.

Não muito depois, outro homem contactou-me do nada. Disse que o nome era Dr. Per Beskow e que estava a frequentar um curso do departamento de estudos religiosos do St Martin's College, em Lancaster. Poderia vir falar comigo?

«Bem, sim, claro», disse-lhe eu, um pouco surpreendida.

Embora tivesse recebido comentários favoráveis de clérigos individuais, rabinos e até muçulmanos, a maioria das igrejas desaprova o espiritismo. No entanto, estava sempre disposta a defender a nossa causa para quem tivesse a mente aberta para ouvir.

O Dr. Per Beskow revelou-se um professor universitário sueco de religião. Era um homem magro e preciso, com cabelo recuado, óculos, e falava inglês fluente com um encantador sotaque sueco. Explicou que os membros do curso tinham sido divididos em grupos e atribuídos para estudar comunidades quacre, judaica, muçulmana, budista e espiritualista na zona. Ele, juntamente com quatro estudantes, fora designado para o espiritismo e um colega do colégio sugerira que falasse comigo.

John preparou-nos um bule de chá enquanto conversávamos. Em breve ficou claro que o Dr. Beskow era altamente cético; mas, sendo um homem consciencioso, abordaria a investigação de forma metódica e justa. Instintivamente, gostei dele e respeitei as suas opiniões.

«John e eu daremos toda a ajuda que pudermos», disse-lhe eu finalmente. «Diz-nos apenas o que gostarias que fizéssemos.»

E ele fê-lo. Nas semanas seguintes, trabalhámos de perto com ele e o grupo. Vieram a reuniões públicas e falaram com membros da plateia, assistiram a serviços na igreja, falaram com pessoas que tinham tido sessões e tiveram sessões eles próprios.

O Dr. Beskow ficou bastante surpreendido com a dele. Falei com o pai falecido dele e dois outros parentes recentemente falecidos. Deram-me detalhes minuciosos da infância dele na Suécia, incluindo o nome de uma rua de Estocolmo onde vivera no início dos anos 30, e depois disseram que lhe tinham oferecido dois empregos, o mais recente não sendo vantajoso para ele.

«Isso é extraordinário», disse o Dr. Beskow, «ofereceram-me um segundo emprego só ontem.» Além disso, mais tarde decidiu que não era adequado.

Um dos estudantes ficou particularmente impressionado com a sessão dele. Consegui dizer ao jovem Brian Gardner o nome do cão dele, Charlie, o nome da irmã, Nancy, o nome do amigo mais próximo, Sam, e o facto de o tio Herbert ter morrido em circunstâncias trágicas. A última parte sobre o tio Herbert ele não conseguia aceitar, mas quando verificou com a mãe mais tarde, descobriu que era bastante correto.

Foi um trabalho árduo, mas no fim fiquei satisfeita por termos dado ao Dr. Beskow e aos estudantes uma boa visão do espiritismo.

«Certamente entrámos em contacto com algo que não pode ser explicado por estudos científicos», admitiu ele cautelosamente e convidou John e eu para o resumo final do curso; onde cada grupo daria uma palestra sobre as investigações.

Intrigados por saber que conclusões tirara, fomos. Todas as palestras foram interessantes, mas esperámos ansiosamente pela do Dr. Beskow. Por fim, levantou-se. Baralhou os papéis e olhou para a plateia, possivelmente tentando localizar John e eu. Inspirou profundamente.

«Os espiritualistas não acreditam», anunciou firmemente. Gemi e deixei a cabeça cair nas mãos. Depois de todas estas semanas, todo o trabalho que puséramos, todas as explicações... Olhei para John para ver a reação dele, mas as palavras seguintes pregaram-me à cadeira.

«Eles sabem.»

E olhei para a plataforma para ver que ele sorria amplamente na nossa direção. Afinal, tínhamos chegado até ele.

Não eram só os não espiritualistas que encontravam o caminho até à minha porta. Crentes de longa data vinham também. Frequentemente, casais fazem um pacto de que quem partir primeiro voltará para comunicar com o outro; e assim a metade sobrevivente procura um médium.

Connie e Reg Maddox, ambos membros de uma igreja espiritualista em Birmingham, tinham feito exatamente esse pacto. Apenas meses antes de morrer, Reg dissera à mulher: «Provarei a minha sobrevivência no meu próprio tempo com um médium à minha escolha.»

Não conhecera nenhum deles antes. Mas um ano após a morte de Reg, a senhora Edwards, uma amiga dos Maddox da mesma igreja, veio ter comigo para uma sessão. A pobre mulher teve apenas cerca de 10 minutos para si, depois aconteceu algo invulgar. A voz esmoreceu e tive uma imagem mental súbita de um grupo de pessoas. A impressão aguçou-se e contei-as. Havia onze figuras agrupadas num semicírculo, uma de pé um pouco à frente das outras – um homem idoso com cabelo branco e óculos.

— O meu nome é Reg Maddox — disse ele, e depois, um a um, os outros apresentaram-se; enquanto a Sra. Edwards anotava apressadamente os nomes para não os esquecer. Primeiro veio Charlie Makin, um antigo vice-presidente da igreja dos Maddox, depois Percy Langley, um médium, Amy Stait, a organista que insistiu: «Chame-me Tia Amy», o que Connie confirmou ser uma das suas frases feitas — Elsie Lees, Johnson, Porter, Harrison, Copeland, Sra. Jenkins e John Butler — todos antigos membros da igreja. Uma vez estabelecida a sua presença, o grupo desvaneceu-se para o segundo plano e Reg assumiu o controlo. Primeiro enviou o seu amor a Connie, depois disse: «Gostaria de ser lembrado à Sra. Fall, que fala na igreja, e ao meu velho amigo Bill Strickland.»

«Diga ao Bill que pensamos que sabemos tudo, mas só tocámos a ponta do icebergue.»

Depois desejou feliz aniversário à esposa com antecedência, deu o nome da filha, Frances, e o da cunhada, Pat. Também mencionou ter visto as almofadas roxas com o padrão dourado.

Arqueei as sobrancelhas com isto: «Comprou recentemente algumas almofadas roxas?», perguntei à Sra. Edwards.

«Não», disse ela, «mas sei o que ele quer dizer. O meu irmão trouxe-me algumas almofadas roxas e douradas da China há 35 anos. Não combinavam realmente com nada, por isso guardei-as numa arca, mas há umas semanas deparei-me com elas novamente e tirei-as.»

Isto convenceu-a e, quando contou a Connie sobre a sessão, ela ficou convencida de que o marido tinha cumprido a sua parte do pacto.

Noutra ocasião, o nosso querido amigo Harry Edwards disse-me que a Federação Nacional de Curadores estava a realizar um Bazar de Natal, e perguntou se eu iria lá fazer sessões para angariar dinheiro.

Sempre contente por uma oportunidade de ajudar os curadores, disse: «Certamente, Harry», mas, no final, consegui ajudar outro espiritualista também.

Ruth Anderson, a esposa do Presidente da Federação, estava a passar por um período de dúvida e, como nunca nos tínhamos encontrado, decidiu que uma sessão anónima comigo seria um bom teste.

Para mim, claro, ela era apenas um rosto na longa fila de consulentes que vi no bazar. Graças a Deus que não fazia ideia de quão crucial uma sessão bem-sucedida era para ela; ou poderia ter ficado tão nervosa que teria bloqueado as vibrações!

Correu bem desde o início. «Tenho aqui um Les», disse eu, «e ele está a chamar-te Ruthie.»

A mulher riu-se. «É o meu irmão e o meu nome é Ruth. O Les só me chamava Ruthie quando estava a provocar-me.»

«E há outro homem aqui, Victor. Ele está a enfatizar que é Victor, não Vic, e não sei porquê, mas sinto que devo chamá-lo senhor.»

Acontece que Victor era outro dos irmãos de Ruth, que sempre insistia em ser chamado pelo nome completo, e tinha sido oficial da RAF. Não admira que eu quisesse chamá-lo senhor!

Ele continuou a falar de muitos mais amigos e familiares, depois listou o conteúdo de um testamento não lido — tudo verificado mais tarde — e o facto triste de que o último irmão de Ruth estava doente e não tinha muito tempo de vida.

«Temos-lhe feito curas», disse Ruth, «estamos a tentar curá-lo.»

«Bem, lamento», disse-lhe eu, «não vai ser. Receio que estejam a prepará-lo.»

Infelizmente, isto também estava correto, mas quando me encontrei com Ruth mais tarde e fui devidamente apresentada, ela só me deu agradecimentos.

«Nunca ouvi tal evidência, Doris», disse ela. «Deu-me tudo de bandeja. Nomes, do que as pessoas morreram, onde aconteceu, tudo. Nunca mais duvidarei.»

Fiquei mais contente do que nunca por ter podido trabalhar no Bazar de Natal.

CAPÍTULO 11

O caso estava espalhado pela primeira página do Lancashire Evening Post e senti-me muito triste ao sentar-me para o ler. Uma jovem rapariga, de apenas 17 anos, tinha sido encontrada assassinada. Fora vista viva pela última vez à espera numa paragem de autocarro a caminho da igreja, e a polícia apelava a qualquer pessoa que tivesse passado pela paragem ou notado a rapariga naquele domingo para se apresentar.

Pobre miúda, pensei, olhando para o rosto inocente na fotografia.

Que coisa terrível acontecer. Continuei a ler, abanando a cabeça sobre a história dreadful, quando de repente uma voz sussurrou: «Shepherd, Shepherd, Shepherd», e uma imagem de um campo com um edifício nele passou pela minha mente.

Não conseguia fazer sentido nenhum daquilo. Sabia instintivamente que a imagem estava ligada às palavras e as palavras ao caso de assassinato, mas o que significava? O edifício no campo incomodava-me. Era um cenário estranho para um edifício que não parecia uma construção agrícola ou uma casa. Não sabia o que fazer com aquilo.

Nessa noite, mencionei-o ao Terry. Ele era agora condutor de ambulância e amigo da polícia. Pensei que ele poderia ter ouvido algo sobre o caso que explicasse esta mensagem peculiar; mas ele não era mais sábio do que eu. Tudo o que pôde fazer foi prometer mencioná-lo a um dos seus amigos polícias, na hipótese de ajudar.

Na altura, a polícia estava a investigar as pistas mais improváveis, e no devido tempo verificaram a minha. Provavelmente para grande surpresa deles, encontraram uma pequena fábrica que fazia maquinaria agrícola, situada num campo não longe do local onde o corpo foi encontrado. A fábrica chamava-se Shepherds.

Ficaram impressionados o suficiente para enviar o Detetive Sargento Woods para uma sessão. No início, não correu bem. Tive dificuldade em contactar a rapariga e, quando o fiz, ela não parecia capaz de nos ajudar

muito. «Brian, Brian, Brian», repetia ela, e «autocarro, autocarro, autocarro».

«Bem, o meu nome é Brian», disse o Det. Sargento Woods, «e ela estava à espera na paragem de autocarro.»

Parecia uma explicação razoável, mas, como percebemos mais tarde, desviou-nos do rasto. Depois ela disse que o homem às vezes usava um uniforme bege e às vezes um azul-marinho. Bem, havia um acampamento militar não muito longe, onde os soldados usavam uniformes caqui e uniformes de gala azuis. O assassino poderia muito bem ser um soldado. A polícia foi investigar.

Alguns dias depois, eu estava a caminho de uma reunião, quando por alguma razão me encontrei no comboio errado. Acabei em Kirkham, onde a rapariga tinha sido assassinada. Irritada comigo mesma por ser tão estúpida, entrei carrancuda na sala de espera para aguardar o próximo comboio de volta — e deparei-me cara a cara com um enorme cartaz de cabeça e ombros da rapariga morta. Foi como esbarrar nela a andar pela rua. Chocada, olhei para os olhos jovens e despreocupados e, enquanto ali estava, ela veio até mim novamente. «Os meus sapatos estão junto à linha férrea», ouvi-a dizer distintamente.

Não houve tempo para fazer nada sobre isso nessa noite, mas no dia seguinte liguei para a polícia. Eles tinham acabado de encontrar os sapatos — junto à linha férrea, como a rapariga me tinha dito. O Det. Sargento Woods voltou para outra sessão.

Desta vez foi muito mais bem-sucedida. A rapariga começou a guiar-me pelo que lhe tinha acontecido e eu quase o sentia em mim mesma. Ela tinha estado à espera na paragem de autocarro, disse, e um homem tinha-lhe oferecido boleia para a igreja na sua furgoneta. A polícia estava à procura de um Mini branco, mas ela insistiu que estava errado, era um veículo maior, uma furgoneta verde ou azul, e ela tinha sido enrolada num cobertor na parte de trás, antes de ser abandonada no campo.

Passo a passo, ela passou pelo que o homem lhe tinha feito, e eu senti-me mal. Eu era a única, além da polícia, que sabia toda a extensão dos seus terríveis ferimentos. Nunca foram tornados públicos.

Durante a sessão, olhei para as minhas mãos e fiquei surpreendida ao ver que pareciam azul-escuras para mim, e embora não estivesse a segurar nada, sentia a sensação de moedas pressionadas nas minhas palmas.

«Que engraçado», disse eu ao Brian Woods, «as minhas mãos estão azuis e estou a segurar dinheiro. Não consigo entender.»

«Eu consigo», disse ele. «Ela estava a usar luvas azul-marinho e ficou deitada à chuva. A tinta escorreu e manchou a pele dela. Ela também estava a segurar o dinheiro da passagem de autocarro. Pergunte-lhe se este homem é casado.»

Veio a resposta de que era, com dois filhos.

Algum tempo depois, apanharam o homem. Casado com dois filhos, ele estava no processo de repintar a sua furgoneta verde quando o prenderam. O nome dele era Brian Ball e era condutor de autocarro — usando um uniforme bege no verão e um azul-escuro no inverno.

Essa experiência ensinou-me quão difícil é resolver crimes de forma eficaz através da mediunidade. Como Ramonov tinha dito: «É esforço o tempo todo.» Raramente se resolve o problema por nós. Em vez disso, recebe-se fragmentos de pistas e cabe a nós o que fazer com elas. No caso do assassino Brian Ball, recebemos o nome próprio dele e fortes pistas para a sua ocupação com a palavra «autocarro» repetida muitas vezes e o facto de que usava uniforme no seu emprego e até a cor do uniforme; mas a nossa interpretação inicial errada desses factos enviou-nos a procurar na direção errada. Demasiadas vezes, não se entende o significado das pistas que o mundo espiritual nos dá até depois de o caso ser resolvido. Isto parece indicar que o mundo espiritual está mais preocupado em provar-nos a sua existência do que em interferir nas nossas vidas aqui em baixo.

No entanto, tive alguns sucessos espetaculares, o melhor sendo outro caso de assassinato.

Começou cedo de manhã, quando o Terry, já de serviço, entrou no hospital infantil local e encontrou polícia reunida à volta. Perguntou o que se passava e disseram-lhe que três crianças tinham sido encontradas assassinadas na ala infantil do Hospital Victoria de Blackpool, a poucas milhas de distância. A polícia estava a tentar impedir que o maníaco atacasse novamente.

Certo de que a polícia me chamaria para ver se eu podia ajudar novamente, o Terry correu para casa para me tirar da cama. Com efeito, às nove menos um quarto, um detetive batia à porta.

O Brian Woods tinha gripe e este jovem tinha sido enviado no seu lugar. Ele era obviamente altamente cético e as suas perguntas eram irónicas, mas eu disse que faria o meu melhor.

As crianças eram demasiado novas para se comunicarem elas próprias, por isso desta vez o Ramonov ajudou. Comecei a receber uma série de palavras e imagens. Primeiro ouvi os nomes das crianças e o nome de uma enfermeira do pessoal que também tinha sido esfaqueada — eu nem sabia que mais alguém estava envolvido.

Depois vi uma imagem mental de areia — areia por todo o lado e ouvi um nome que soava como Akmed e mais areia.

A areia era muito intrigante. Depois lembrei-me de que os assassinatos tinham ocorrido em Blackpool e pensei que talvez a faca tivesse sido atirada para a praia.

«Não é uma faca», disse o Ramonov de repente, «é um instrumento cirúrgico de algum tipo.»

Instantaneamente, encaixou. «Não procurem fora, é alguém no hospital», disse eu ao detetive. Imediatamente, como que para confirmar que eu tinha razão, uma imagem de um carro estacionado no recinto do hospital passou pela minha mente.

«Ele está lá agora», disse eu, «o carro dele está no hospital.» Descrevi em detalhe o carro e a sua localização, enquanto o detetive rabiscava rapidamente no seu bloco de notas.

Depois, na minha mente, eu estava a entrar no hospital, através de portas de vaivém pelos corredores, mas como nem eu nem o detetive tínhamos estado no Victoria de Blackpool antes, não sabíamos para onde eu estava a ser levada.

Chamei o Terry. «Conheces um pouco o Victoria, não é, Terry? Para onde vou?» Fechei os olhos e o percurso desenrolou-se novamente.

«Há uma escada à minha direita e vejo um aviso escrito. Estou a virar à direita e a passar por algumas portas de vaivém...»

«Parece que estás a ir para a sala de operações», disse o Terry.

Num instante, soube. «É onde ele está», gritei excitada, «ele está lá agora. Apanhá-lo-ão na sala de operações!»

O detetive, completamente envolvido na atmosfera, tinha esquecido que não acreditava em tal disparate. «Certo!», disse ele, levantando-se de um salto. «Vamos verificar.»

Às 10h30 da mesma manhã, o superintendente da CID ligou. «Apanhámo-lo, Sra. Stokes. Era cirurgião — estava calmamente a realizar uma operação aos olhos quando chegámos.»

Acontece que o nome dele era Ahmed, não Akmed, e era árabe — um jordano — tanto para a areia!

Algum tempo depois disto, recebi uma chamada telefónica de uma atriz chamada Pat. Ela estava muito angustiada porque o seu anel de noivado e um anel pertencente à sua falecida mãe tinham desaparecido. Tinha chamado a polícia, mas incerta se era um crime ou apenas descuido, decidiu pedir a ajuda de um médium também. Explicou que, depois de um espetáculo, tirou os anéis e deixou-os no aparador enquanto cozinhava o jantar. Pareciam ter desaparecido do aparador.

Sintonizei imediatamente e uma imagem do aparador dela surgiu na minha mente. Ao lado do aparador, via um grande saco cheio do que parecia ser tricô cor-de-rosa. Depois ouvi um nome de rapariga. Teresa.

«Teresa», disse eu em voz alta. «É uma rapariga chamada Teresa.»

«Oh, céus», disse Pat. «É uma parente. Tem estado a ficar comigo.»

«Bem, receio que seja onde os seus anéis foram. Saíram com a Teresa no saco de tricô cor-de-rosa. Ela levou-os para Newark, acho, ou Nottingham, o nome não é muito claro.»

Era onde a rapariga vivia, por isso Pat disse à polícia que pensava que era uma parente e que tentaria resolver sozinha. Ela e o marido visitaram Teresa, mas a rapariga jurou que nunca tinha tocado nos anéis. Foi tão convincente que Pat voltou perplexa.

«Lamento, Pat, é ela», insisti mais tarde quando a atriz telefonou. «Tenho falado com a sua mãe. Ela diz que os anéis saíram definitivamente no saco de tricô e agora foram entregues à amiga da Teresa. Vejo-a na minha mente. É muito jovem, com jeans e cabelo escuro comprido.»

Pat, incapaz de confrontar mais Teresa, entregou o caso à polícia. Um detetive foi lá falar com a rapariga, mas desta vez disse-lhe que um médium tinha sido chamado e passou a descrever em detalhe tudo o que eu tinha dito. Foi demais para Teresa. Ela desmoronou-se completamente. «Está bem, está bem. Sim, fui eu que os levei», soluçou ela, «mas se prometerem não contar à mamã e ao papá, posso devolvê-los.»

Marcou-se um encontro e, fiel à sua palavra, Teresa apareceu com os anéis e a amiga a quem os tinha dado. A amiga tinha jeans e cabelo escuro

comprido e era muito jovem, tal como eu tinha descrito — mas «ela» era um rapaz!

Não sei se estava a ganhar reputação por encontrar objetos perdidos; mas pouco depois recebi uma chamada de outra mulher angustiada. O marido dela tinha morrido recentemente e, ao organizar as coisas dele, percebeu que a sua valiosa cigarreira de ouro estava desaparecida. Poderia eu visitar a casa dela para ajudar a encontrá-la?

Concordei. Nunca tinha posto os olhos na mulher ou na casa dela antes; mas minutos após chegar senti um impulso irresistível de subir. «Espero que não se importe», disse eu, «mas acho que o seu marido quer que procuremos lá em cima.»

Como se estivesse a ser puxada por um fio invisível, subi apressadamente as escadas, atravessei o patamar e encontrei-me num quarto estranho. A mulher alcançou-me exatamente quando fui arrastada novamente. Fui levada diretamente ao roupeiro, a minha mão abriu a porta sem hesitação e um fato de cerimónia, enfiado mesmo no fundo, praticamente saltou para os meus braços. No bolso estava a cigarreira.

Fui até chamada para encontrar uma esposa desaparecida. Estava a fazer uma sessão privada em Manchester quando o meu consulente perguntou se eu poderia ajudar um vizinho dele. Era um homem muito rico, com uma casa linda e tudo o que o dinheiro pode comprar; mas agora estava praticamente suicida porque a esposa o tinha abandonado. Um dia chegou a casa e ela tinha-se ido embora. Não fazia ideia onde ela estava.

Disse que não podia prometer que conseguiria algo, mas se este homem quisesse falar comigo, faria o meu melhor. O meu consulente ligou-lhe, mas ele era demasiado tímido para vir. Em vez disso, perguntou se poderia passar algo da esposa pela caixa do correio para eu trabalhar com isso.

Minutos depois, uma camisa de noite cara escorregou sedosamente para o tapete. Segurei-a nas mãos e concentrei-me e logo ouvi o nome verdadeiro da esposa, bem como o nome carinhoso pelo qual o marido e os amigos a conheciam. Ela tinha ido embora com um homem e obtive o nome dele e a cor e o número do carro dele.

O meu consulente original telefonou com esta informação e o marido ficou impressionado o suficiente para pedir uma sessão individual só comigo. Depois disso, tornámo-nos amigos e eu disse que ele poderia ligar-me se alguma vez se sentisse suicida. No entanto, não tinha percebido quão deprimido ele estava. Não me arrependi da promessa, mas não estava

preparada para chamadas contínuas, muitas vezes tarde da noite. Às vezes, à 1h30 da manhã, ele implorava-me para o ver. «Se não puder vir falar contigo, vou-me embebedar», ameaçava ele. Por isso, eu saía cansada da cama, vestia-me e ficava a falar com ele e a fazer chá toda a noite.

Uma noite, ele estava ao telefone quando ouvi o Ramonov a falar. «Vou desligar agora», interrompi abruptamente. «A tua esposa está à espera para te ligar.»

«Isso é que era bom», disse ele amargamente.

«Estou a dizer-te que está», insisti e desliguei o telefone.

Vinte minutos depois, o meu telefone estava a tocar novamente. Atendi e imediatamente uma voz jubilosa cantou no meu ouvido. «Tinhas razão. Era ela! Ligou-me!»

E ouvi-me responder: «Sim, e ela voltará a 16 de setembro e não antes; por isso, é melhor contentares-te até lá.»

Até o marido dela achou difícil de acreditar. Parecia muito improvável que a esposa alguma vez voltasse, mas o mundo espiritual geralmente tinha razão. Ao longo das semanas, trocaram-se várias chamadas telefónicas. Eventualmente, a esposa concordou em encontrar-se com o marido para discutir os problemas deles, e a data em que se decidiram aconteceu ser 16 de setembro.

«É melhor chamares a senhora da limpeza para arrumar tudo», disse eu ao marido quando ele ligou para me dizer que ia encontrar-se com a esposa em Blackpool. «Ela virá para casa contigo esta noite.»

«Oh, vá lá, Doris», disse ele, «não posso acreditar nisso.»

Mas claro que veio.

CAPÍTULO 12

Ao longo dos anos, outro desenvolvimento interessante do meu trabalho começou a ganhar forma — o trabalho de rastrear fantasmas «problemáticos»! As pessoas ou riem-se de casas «assombradas» se não vivem nelas, ou têm pavor delas se vivem, mas na minha experiência as «assombrações» geralmente não são sinistras.

Um dos meus primeiros casos ocorreu em Lancaster. Recebi uma chamada frenética muito cedo de manhã de uma rapariga em pânico, que disse que tinha sido expulsa do seu apartamento por um fantasma e se eu poderia ir imediatamente. Parecia tão assustada que o John e eu tirámos o carro de imediato.

Quando chegámos, encontrámos dois ou três polícias de pé, envergonhados, no passeio com uma rapariga de rosto pálido, encolhida num casaco e num cobertor. Nenhum deles estava preparado para esperar no apartamento, mas levaram-nos escadas acima para nos mostrar onde era. Aglomerados no patamar em frente da porta principal, podíamos ouvir pancadas abafadas lá dentro, embora não houvesse mais ninguém em casa.

«Não entro lá», disse um dos polícias e os outros recuaram em silêncio. Também não entravam.

Encolhi os ombros e abri a porta. Era o caos lá dentro. Bibelôs, almofadas, candeeiros, fruta da fruteira, tudo o que era portátil voava pelo quarto como se atirado deliberadamente por mãos furiosas e invisíveis. Atravessei o limiar e instantaneamente um livro levantou-se da prateleira, esmagou-se pelo quarto e acertou-me com força na boca.

Fiquei demasiado zangada para ter medo. «Parem imediatamente com isso!», gritei e, para minha surpresa, tudo simplesmente caiu no chão e um silêncio vigilante instalou-se no apartamento.

«Está bem», chamei a rapariga. «Podes entrar agora.»

Ela entrou timidamente pela porta e olhou para os destroços com olhos enormes. «Conta-me o que acontece», perguntei. «Começa sempre aqui?»

Ela disse que não. Aparentemente, o marido, um padeiro, saía para o trabalho muito cedo de manhã e começava depois de ele ir. Os cobertores eram arrancados dela na cama e, quando saía do quarto para se deitar no sofá da sala em vez disso, o problema seguia-a. Hoje tinha sido o pior e ela estava demasiado assustada para ficar lá mais tempo.

«Bem, acho que é melhor começarmos no quarto», disse eu.

Que estado lamentável. Os lençóis da cama jaziam num monte no chão. Havia recipientes de água benta por todo o lado, crucifixos pregados nas paredes, alho espalhado, tudo o que a rapariga conseguia pensar para se proteger deste «mal».

Sentei-me e ela perchou-se cautelosamente na beira da cama enquanto eu tentava sintonizar. Instantaneamente, uma mulher zangada irrompeu na minha consciência. Estava muito ansiosa por comunicar e toda a história trágica jorrou.

Disse que era a avó da rapariga. Vários anos antes, a rapariga tinha tido um bebé ilegítimo. Tinha ficado com a criança e vivido com a avó no apartamento de cima de uma casa geminada de três andares. Ainda era muito jovem e gostava de se divertir à noite, por isso a avó tomava conta do bebé. Mas muito tarde uma noite, quando ela ainda estava fora, o bebé começou a chorar e a avó sonolenta levantou-se para o confortar. Na escuridão, chutou um fogão a parafina e a velha e o bebé morreram ambos no incêndio resultante.

A avó parou e eu expliquei rapidamente o que ela me tinha contado. A rapariga ficou ainda mais pálida. «Não sei do que está a falar», disse ela, «nunca tive nenhum bebé.»

A avó explodiu novamente. Era disto que ela estava zangada. Desde a tragédia, a rapariga tinha bloqueado o acontecimento da mente. Não contou a ninguém sobre o bebé, nem mesmo ao homem com quem mais tarde casou e agora ela própria quase acreditava que nunca tinha tido um filho.

«É por isso que a tua avó está a fazer isto. Está a tentar chamar a tua atenção», disse-lhe eu. «Está determinada a que não negues o teu filho.»

«Mas eu nunca tive um filho», insistiu ela.

Por isso, descobri o nome da avó e o nome do bebé, que acho que era Denise. «Olha, amor», disse eu por fim, «não tens de contar ao teu marido, é inteiramente contigo, mas pelo amor de Deus não negues o teu filho no teu próprio coração. Se falares com ela, e com a tua avó, em voz alta ou na tua cabeça, então estas coisas pararão.»

Ela permaneceu incrédula e eu não podia fazer mais. Pouco depois, soube que ela se tinha mudado. Acho que ou se recusou a seguir o meu conselho e os fenómenos a expulsaram, ou tinha medo de que um dia eu encontrasse o marido e lhe contasse — o que claro nunca faria.

O caso seguinte a que fui chamada foi uma mulher com um filho pequeno, que disse que o apartamento dela estava assombrado. Tinha um emprego a tempo parcial enquanto o rapaz estava na escola, e pediu-nos para nos encontrarmos no apartamento assim que terminasse o trabalho. Chegámos todos ao mesmo tempo e entrámos juntos.

O lugar parecia calmo e sem incidentes. A sala de estar estava arrumada e limpa, como ela a tinha deixado de manhã.

«Oh, bom», disse ela, olhando em volta, «está tudo bem. Sentem-se, por favor. Vou só lavar as mãos e depois conto-vos tudo.»

Ela saiu da divisão e o John e eu sentámo-nos no sofá para esperar. Era uma casa moderna e luminosa, numa zona residencial agradável — nada o cenário assustador que se vê em assombrações de filmes. Crianças brincavam na rua lá fora e o sol entrava pela janela.

«Que lugar agradável», estava eu a dizer ao John quando de repente houve um grito agudo.

Saltei, voei para a porta por onde a mulher tinha ido, corri pelo corredor, o John mesmo atrás de mim, e encontrámo-la a soluçar à porta da casa de banho. «Olhem!», exclamou ela. «Olhem só lá para dentro!»

O radiador tinha sido arrancado da parede e jazia de lado no tapete, panos de rosto, toalhas e o tapete de banho estavam espalhados por todo o lado, sabão manchava os espelhos. Parecia obra de vândalos.

A mulher estava muito perturbada e eu fiz-lhe uma chávena de chá, enquanto o John verificava o edifício em busca de sinais de entrada forçada — caso alguém tivesse arrombado. Não encontrou nada. As portas exteriores continuavam trancadas e intactas. As janelas não só estavam inteiras, como também tinham grossas folhas de polietileno pregadas por cima, uma forma caseira de vidros duplos e isolante de correntes de ar. Isto também estava intocado.

Obviamente, não se tratava de um intruso terreno.

Voltámos à sala de estar para uma sessão e, ao fim de um ou dois minutos, eu estava a falar com um homem que disse que costumava viver no apartamento. Ressentia profundamente o facto de estas pessoas se terem mudado para a «sua» casa. Falava constantemente das «suas» carpetes e das «suas» cortinas.

«Bem, sim, comprei-as quando me mudei», disse-me a mulher. «Paguei por elas.»

Depois, ele chamava constantemente pela filha Edith. Estava muito preocupado com ela e não descansava até algo ser resolvido — algo relacionado com umas férias. Não conseguia perceber exatamente o quê.

«Conhece a filha dele, Edith?», perguntei à mulher.

Ela disse que sim. «Bem, acho que é melhor falarmos com ela. Parece ser a razão disto tudo.»

Alguns dias depois, Edith ligou-me. Acontece que ela e a família estavam prestes a ir de férias quando o pai ficou muito doente. Ela não queria ir, mas o pai insistiu absolutamente que fosse, e enquanto ela estava fora, ele morreu. Sentia-se tão culpada por isso que não tinha conseguido ir de férias desde então.

Esta era a razão da assombração. O pai dela estava desesperadamente a tentar transmitir-lhe que estava bem e que não importava ela não estar com ele quando morreu. Queria que ela continuasse a ir de férias e a disfrutar da vida. Assim que expliquei isto a Edith, a assombração parou.

Tive um caso semelhante em Londres. Fui chamada a uma casa muito grande onde um casal jovem vivia com o filho bebé. Queixavam-se de que objetos eram constantemente mudados de lugar. Não os viam mexer, mas, por exemplo, pousavam uma faca na cozinha e encontravam-na minutos depois na casa de banho. A esposa também sentia uma forte presença na casa. Muitas vezes dava meia-volta, convencida de que alguém estava atrás dela, mas não havia ninguém. Isto acontecia há vários meses e, a essa altura, ela era um farrapo nervoso.

Estava a pensar nestes estranhos acontecimentos enquanto me preparava para visitar o casal e, ao passar o pente pelo cabelo, ouvi uma voz dizer: «Está no quarto do George». Parecia provável que esta estranha afirmação estivesse ligada à assombração, por isso guardei-a na mente.

Quando chegámos, a esposa fez-nos uma chávena de chá enquanto esperávamos que o marido chegasse do trabalho, e sentámo-nos a ver o bebé brincar no parque dele junto à lareira.

«Têm aqui um George?», perguntei.

«Não», disse a esposa surpreendida, «mas tínhamos. Em tempos, alugávamos quartos a estudantes e havia um rapaz chamado George. Porquê?»

Expliquei que me tinham dito «Está no quarto do George».

«Oh, esse é o quarto do bebé agora», disse a esposa e continuou a comentar que tinha um terrível problema com o filho à noite. Ele era tão irrequieto que ela tinha de se levantar constantemente para ele e trazê-lo para o quarto dela. Não se acalmava no quarto dele.

Nesse momento, o marido chegou e estávamos prontos para começar. Primeiro, queria encontrar a presença. O Ramonov tinha-me ensinado como fazer. Caminha-se pelas divisões, para a frente e para trás e, se houver algo, chega-se a um lugar que parece água fria de banho. Ao parar nesse local, uma sensação gelada sobe dos pés por todo o corpo. Nunca digo nada aos outros. Peço apenas que caminhem atrás de mim, pondo os pés exatamente onde eu ponho os meus, e eles sentem também.

Verificámos toda a casa, terminando no quarto do bebé. Não senti nada até me aproximar do berço e de repente entrar numa zona de ar gelado e congelante. A esposa tinha razão. Havia uma presença ali.

Chamei os outros e fiz com que ficassem no mesmo local. «Oh — está frio — há corrente de ar aqui?», perguntou a esposa ao marido.

«Não», disse eu, «encontrámos o vosso “fantasma”. É melhor fazermos a sessão agora.»

Voltámos em grupo para a sala de estar. Sintonizei e depressa estava a falar com o pai do marido. Aparentemente, ele estava muito ansioso pelo nascimento do filho do filho, tal como toda a família, mas tinha passado para o outro lado pouco antes do bebé nascer. Desde então, em toda a família, ninguém mencionava o menino sem acrescentar: «Oh, se ao menos o avô tivesse vivido para o ver.» Agora, ele estava a esforçar-se muito para lhes dar a saber que tinha visto o neto e estava encantado com ele.

«Oh», disse a esposa quando expliquei, «bem, não me importo com isso. Pode vir as vezes que quiser.»

Por vezes, as assombrações ocorrem quando o falecido se opõe tão fortemente ao comportamento dos parentes que não resiste a voltar para se queixar. Lembro-me de visitar uma viúva angustiada que era atormentada por pancadas e estrondos na casa e objetos a mexerem-se. O marido obviamente tinha sido uma pessoa dominadora e ainda era. Durante a sessão, admitiu ser responsável pelos distúrbios e disse à esposa: «Tira a minha maldita fotografia da gaveta do aparador, mulher. Eu pertenço aqui.»

E quando a fotografia foi restaurada ao que ele considerava o seu lugar legítimo — reinou a paz!

Acho que a casa «assombrada» mais desagradável que visitei foi na Baker Street, em Londres. Fomos chamados ao apartamento de cima por duas raparigas, uma italiana e uma espanhola. Disseram que eram mantidas acordadas à noite por ruídos inexplicáveis, os cobertores eram-lhes arrancados na cama e a filha pequena de uma delas tinha pavor de estar na casa.

Compreendia porquê. No minuto em que entrámos pela porta, um arrepio percorreu-me. O ar parecia pesado e opressivo, e ao subirmos as escadas reparei que estavam pintadas de preto. Não havia cadeiras na sala de estar, apenas um lençol espalhado no chão, e máscaras horrendas de *papier mâché* esgaravatavam das paredes.

Sentia-me cada vez mais inquieta. Entrei na casa de banho, uma divisão longa e estreita, pintada de castanho-escuro, e de repente as paredes pareceram fechar-se, o teto esmagar para baixo e tive uma sensação avassaladora de estar encerrada num caixão. Sentia uma faixa a apertar-me o pescoço e este caixão terrível, escuro, escuro, a aproximar-se cada vez mais.

Ofegante, corri para a porta e atirei-me para o corredor.

Fiquei muito abalada. Fiquei ali ofegante e a tentar recompor-me durante vários minutos, até conseguir juntar-me novamente às raparigas. Havia algo estranho nesta casa e eu não gostava nada dela.

Grande parte da sessão foi em italiano e espanhol. Quando trabalho para pessoas estrangeiras, recebo nomes de família, lugares e frases estranhas na língua nativa delas; mas o corpo principal da mensagem é em inglês porque é difícil repetir grandes pedaços de uma língua que não se compreende, e é certo que se cometerá um erro.

A mensagem principal para as raparigas parecia ser que os parentes queriam que elas saíssem da casa, mas, entre comunicações, outras impressões continuavam a intrometer-se. Alguém se tinha enforcado na casa de banho, disse-me uma voz. Eu continuava a ouvir o nome Alistair e preto, preto, preto, repetido vezes sem conta.

«Há uma impressão nesta casa que é má», disse eu, tentando organizar a confusão. «Tudo é preto e continuo a receber o nome Alistair.»

Houve muita conversa excitada entre as raparigas com isto e, eventualmente, contaram-me que a mulher lá em baixo, que era dona do lugar, era irmã de Alistair Crowley — o homem que se autodenominava o Rei das Bruxas.

Se bruxaria tinha sido praticada no apartamento e isso explicava a escada preta, não sei — mas o John e eu ficámos certamente contentes por sair dali.

Por vezes, as pessoas nem se apercebem de que partilham a casa com inquilinos invisíveis. Uma noite, fui convidada para uma bela casa de campo antiga, chamada Beaumont Manor Cote, que pertencia a Lesley e Ada Pearce. Estavam interessadas no meu trabalho e perguntaram se eu poderia dar uma demonstração para um grupo de amigos influentes.

Não me importei nada e, na data combinada, subi uma longa, longa entrada até uma mansão imponente.

Era um dos lugares mais lindos que alguma vez tinha visto. Lá dentro, uma ampla escadaria de carvalho subia graciosamente até ao primeiro andar, havia alcatifa vermelha rica, profunda como veludo, e uma mistura de antiguidades e móveis de reprodução.

Impressionada, segui a Sra. Pearce até à sala de desenho, que era grande e elegante e dominada por um piano de cauda reluzente. Várias pessoas levantaram-se e fui apresentada a uma escritora, um comerciante de diamantes, um psicólogo e mais um ou dois. Puxaram uma cadeira para mim e sentámo-nos todos.

Houve uma pausa constrangedora. Eu estava à espera que me pedissem para começar o trabalho e, embora não me apercebesse na altura, eles estavam à espera que eu começasse.

«Gostaria de ver o resto da casa, Sra. Stokes?», perguntou de repente Ada Pearce, percebendo que devia haver alguma dificuldade.

E porque estava nervosa e ansiosa por ir à casa de banho, disse que sim.

Ela levou-me de volta pelo átrio e subiu a bela escadaria. Na curva, encontrei uma senhora idosa a descer.

«Boa noite», disse eu educadamente.

Ela parou e sorriu-me radiantemente. «Boa noite. Gosta desta casa?»

«Sim, é muito bonita o que vi até agora», respondi e virei-me para Ada para acrescentar algo sobre o piano maravilhoso na sala de desenho, quando, para minha surpresa, vi que ela tinha passado por trás de mim no degrau largo e estava a descer a correr novamente.

Estranho, pensei. Tinha a impressão de que ela me ia mostrar a casa, mas como precisava de ir à casa de banho, continuei a subir sozinha e encontrei-a com bastante facilidade.

Ao descer novamente momentos depois, encontrei a senhora idosa à minha espera.

«Pensei que gostaria de ver o meu quarto de criança», disse ela.

«Oh, sim, adoraria.» Gostava de qualquer desculpa para conhecer crianças. Obviamente, Ada estava ansiosa por atender os convidados e tinha pedido à mãe ou avó ou quem quer que esta senhora fosse para me mostrar a casa em vez dela.

Caminhámos por vários corredores com alcatifa grossa e finalmente a minha guia abriu uma porta com painéis e recuou para me deixar entrar. Parei surpreendida. Não havia berços nem caminhas. Tudo o que a divisão continha eram estantes do chão ao teto e uma grande secretária de época. Era um escritório.

«Este é o meu quarto de criança», disse a senhora idosa orgulhosamente.

Olhei para ela fixamente. Até então, só tinha olhado bem para o rosto dela, mas agora examinei-a atentamente. A saia dela chegava até ao chão e a blusa com renda e gola pequena não era apenas antiquada como tinha pensado inicialmente — era de outro século. Era uma pessoa espiritual.

«Fica na casa?», perguntei suavemente.

«Oh, não», disse ela, «mas volto muitas vezes porque tive alguns dos meus dias mais felizes aqui. O meu nome é Anne Worthington.»

Apresentei-me e depois, percebendo que ela não era a minha guia designada e que os Pearce não faziam ideia onde eu estava, expliquei que era melhor voltar para a sala de desenho.

Houve um silêncio sepulcral quando entrei. Ada parecia pálida e tensa e os outros olhavam para mim curiosamente. Olhei ansiosamente de rosto em rosto, perguntando-me se os tinha ofendido por estar afastada tanto tempo.

«A Ada ficou um pouco assustada, Doris», disse por fim Les, «viste alguém.»

«Sim, vi», admiti, «ela costumava viver aqui, disse-me. Deve ter sido ama ou algo assim, porque mostrou-me o que outrora foi o quarto de criança dela. O nome dela era Anne Worthington.»

«Anne Worthington?»

«Sim, tenho a certeza de que foi o que ela disse.»

Abruptamente, Les foi até ao átrio, abriu um grande baú antigo e voltou com um pedaço de tecido desbotado. Entregou-mo.

Era um bordado e bordado em pontos minúsculos na frente estavam as palavras «ANNE WORTHINGTON 1776».

Não precisaram de muita convicção de que eu era genuína depois disso, e a minha sessão correu bem.

Les e Ada convidaram-me várias vezes. Numa visita, Les disse: «Gostaria que olhasse para esta cadeira antiga, Doris, e visse se consegue obter algo dela.»

Trouxe uma cadeira de madeira simples com apenas uma barra de encosto e colocou-a à minha frente. A madeira era escura e batida. Era obviamente antiga, mas, além disso, parecia-me uma cadeira bastante comum.

«Não faço realmente esta coisa de psicometria, Les», disse eu duvidosa, «mas tento se quiser.»

Pus as mãos levemente na cadeira e instantaneamente o quarto girou para o lado e eu rodopiei num transe peculiar a meio. Parte de mim ainda estava na sala com Les e Ada e a outra parte estava num barco a remos na água.

Os outros homens no barco usavam camisolas às riscas e chapéus pretos brilhantes com fitas nas costas. À nossa volta, a água era agitada por explosões, fumo picava-me os olhos e o ar cheirava a pólvora.

«Acho que esta cadeira foi feita por alguém de um navio», disse eu por cima do barulho e dei-lhes alguns nomes que não significavam nada. Depois, uma voz alta disse-me ao ouvido.

«Sou carpinteiro e fiz essa cadeira para a cabina do Capitão.» Depois repetia: «Não devia ter acontecido. Fui forçado a ir. Tinha 19 anos.»

E de repente tudo girou novamente e eu só tinha um olho. «Estou cega de um olho», disse eu a Les e Ada, e aparentemente enfiou um braço no meu casaco. «O meu pai era vigário, sabe.»

Depois, o barulho da batalha esmoreceu, o barco e o mar desvaneceram-se e eu estava de volta à sala de desenho de Les e Ada, os meus dedos ainda pousados na cadeira de madeira áspera.

Les ficou muito excitado. Aparentemente, a cadeira dele era uma de apenas três conhecidas como existentes. Foi feita em Hull por volta de 1800 por um aprendiz de marceneiro. Foi recrutado à força para a marinha antes de terminar a última e nunca voltou.

Também se revelou que Nelson, que no final só tinha um olho e um braço bom, era filho de um vigário. Se o jovem tinha servido sob Nelson, nunca soubemos; mas, no geral, não fiquei demasiado desapontada com a minha rara tentativa de psicometria.

CAPÍTULO 13

Durante os nossos últimos dias em Lancaster, John e eu, e até Terry, fomos atormentados por problemas de saúde. John foi afetado primeiro. Ainda trabalhava como enfermeiro no Royal Albert Hospital. Gostava muito, mas era um trabalho duro, muitas vezes pesado, e desde as lesões nunca tinha sido forte. Ao longo das semanas, reparei que estava a perder peso e parecia exausto.

«Estou só um pouco cansado», disse ele quando mencionei, e suponho que no início atribuí ao excesso de trabalho e ao facto de não estar a ficar mais novo. Pedi-lhe que abrandasse um pouco e tentei encher-lhe o prato de comida e sugerir noites cedo, mas não fez diferença. O apetite desapareceu e ele parecia pior do que nunca.

«Estou bem, não te preocupes», disse ele quando lhe pedi para ir ao médico. «Tive um dia duro.» Mas parecia frágil e doente, e segundo essa explicação, todos os dias eram duros.

Fiquei calada mais um pouco, mas numa noite ele chegou a casa e fiquei chocada com a aparência dele. O rosto era como vidro. A pele esticada sobre as maçãs do rosto, quase transparente. Uma imagem do meu pai no hospital pouco antes de morrer surgiu sem aviso na minha mente, e fui atingida pela semelhança entre aqueles dois rostos.

«John», disse eu. «Tens de ir ao médico. Se não fores, chamo-o aqui.» A essa altura, ele sentia-se tão mal que foi sem protestar.

O nosso médico estava de férias e o substituto diagnosticou exaustão. Disse a John para descansar em casa uma semana e voltar.

O relaxamento não ajudou. John piorou em vez de melhorar. A pele ganhou uma cor amarela doentia e a força evaporou-se. Mal conseguia reunir energia para sair da cama.

No fim da semana, voltou ao substituto e, quando chegou a casa, foi direto ao roupeiro e tirou o uniforme.

«O que raio estás a fazer, John?», perguntei. Ele estava tão fraco que quase parecia atordoado.

«O médico diz que tenho de voltar ao trabalho.»

Não conseguia acreditar. «Por cima do meu cadáver», disse eu. «Estás doente, qualquer idiota vê isso.»

Fui furiosa ao telefone e liguei ao substituto. «Acabou de ver o meu marido e mandou-o de volta ao trabalho», disse eu.

«Sim», admitiu ele.

«Mas ele está tão fraco que mal consegue pôr uma perna à frente da outra.»

«Bem», disse ele, «sou o médico.»

Fiquei furiosa. «Responda só a uma pergunta, então, doutor. Acha realmente que ele está em condições de estar numa ala com doentes mentais, onde em algum momento do dia vai estar completamente sozinho?»

Ele hesitou e finalmente pediu a John para voltar à consulta no dia seguinte — terça-feira.

Desta vez, fui com ele. Da noite para o dia, a condição dele deteriorara-se tão rápido que o rosto estava quase castanho, eu sabia que algo estava seriamente errado. O substituto também.

«Meu Deus! Receio que tenha de ir para o hospital, Sr. Stokes», disse ele quando John entrou. Deu-lhe um exame completo. Depois, arranjou para John ser internado para testes na quinta-feira e pediu-me para passar na consulta no dia seguinte para recolher uma carta para o hospital.

Ainda estava demasiado instável para conduzir muito depois da minha própria doença: por isso, Arthur, o presidente da nossa igreja, deu-me boleia até à consulta no dia seguinte. Naturalmente, estava preocupada com John, mas ninguém nos dera um diagnóstico da doença dele, por isso fiquei surpreendida quando esbarrei no nosso médico antigo de volta das férias e ele pôs o braço à volta do meu ombro.

«Lamento tanto», disse ele, dando-me um pequeno aperto, antes de continuar pelo corredor.

O que queria ele dizer? Intrigada e inquieta, continuei até ao gabinete do substituto. «Sente-se, Sra. Stokes», disse ele. Parecia desconfortável. Mexeu em papéis na secretária, brincou com uma caneta e não me olhou nos olhos. «Receio ter más notícias para si», disse por fim. «O seu marido está a morrer. Encontrei um grande caroço no estômago dele. É quase certamente cancro e num estádio avançado. Diria que tem 10 dias no máximo. Estará melhor no hospital.»

Acho que disse mais, mas não me lembro. Acho que não disse uma palavra. Senti-me completamente entorpecida. Certamente isto não estava a acontecer. Devia estar a sonhar tudo. Acordaria num minuto. Saí da consulta agarrando a carta com força na mão.

«O que disse ele, Doris?», perguntou Arthur quando entrei em silêncio no carro. «Disse que o John vai morrer», respondi devagar, «tem cancro do estômago e só tem cerca de quinze dias.»

Arthur ficou chocado. «Doris, não consigo acreditar. Certamente não é definitivo?»

«Parece bastante definitivo», disse eu.

Fomos para casa em silêncio. «Se houver algo que possa fazer, qualquer lugar para onde queira boleia, diga-me», disse Arthur ao deixar-me. «Venho imediatamente.»

Ele estava a ser muito gentil, mas eu não conseguia assimilar. Entrei vagando e encontrei John a dormir no sofá. Continuei a olhar para o rosto magro e consumido dele e a pensar que não pode ser possível. Era tão irreal.

Para piorar as coisas, Terry já estava no mesmo hospital para uma pequena operação ao pé. Como poderia dar-lhe a notícia?

Andei às cegas pela casa, voltando sempre incrédula ao corpo imóvel de John no sofá. Depois parei, quando a primeira ideia prática me atingiu como um choque.

«O que estou a fazer, tenho de ligar ao Harry Edwards.» Depois de todos os anos de amizade com o famoso curador, porque não tinha pensado nele logo?

Verificando que John ainda dormia profundamente, marquei o número de Harry em Surrey. «Oh, Harry», disse eu baixinho quando ele atendeu, «estou em apuros.»

«O que se passa, querida?»

Baixei ainda mais a voz: «Tenho de levar o John ao hospital amanhã», disse eu, «dizem que só tem 10 dias de vida. Tem cancro do estômago e não há nada a fazer.»

«Agora não entre em pânico, Doris», disse Harry calmamente. «Vamos tentar, sim? Tranca a porta, tira o telefone do gancho e senta-te a segurar-lhe a mão. Tens de direcionar todo o teu poder para ele e eu vou ao meu santuário ao mesmo tempo e concentro-me daqui.»

Estávamos a 300 milhas de distância, mas eu sabia que, se alguém podia ajudar, era Harry. Fiz exatamente como ele disse. Tranquei a porta, tirei o auscultador do gancho e sentei-me ao lado de John, a mão magra dele na minha. Ele nem se mexeu. «Se tenho algo que possa ser usado, que venha agora e seja usado.»

Oreio em silêncio.

Pelo canto do olho, reparei numa luz azul fraca a entrar na sala. Concentrei-me mais, desejando cada grama de energia psíquica que possuía para John. A luz entrava agora na sala, azul profunda, cada vez mais espessa até tudo estar escondido numa névoa bonita. Não via os móveis nem nada à volta, só o contorno vago de John nadava na névoa azul à minha frente.

Não me mexi, mal respirei, todo o meu corpo contraiu-se numa bola apertada de concentração e tornou-se um com a névoa azul.

Estava quase em transe. O tempo parou, mas gradualmente tornei-me consciente de que a luz diminuía. A cor esmoreceu e pouco a pouco as cadeiras, a mesa, o papel de parede voltaram ao foco. Agarrei a mão de John até a luz desaparecer completamente. Depois liguei a Harry e, ao

pegar no auscultador, reparei que tinha passado mais de uma hora desde a minha última chamada.

«Sim, acabei de sair do santuário», disse Harry. «Temos de esperar agora e rezar a Deus para que tenhamos feito algum bem.»

Parecia impossível esperar e não fazer nada, mas eu sabia que Harry tinha razão. Andei inquieta até à cozinha e pus a chaleira ao lume, mais por ter algo para fazer do que por ter sede e, ao fechar a torneira, ouvi John mexer-se.

«Estou a fazer-te uma chávena de chá, amor», chamei.

«Tenho de ir à casa de banho primeiro», disse ele debilmente.

«Não subas aquelas escadas», supliquei, «vais esgotar-te, trago um balde.» Ele estava tão fraco que eu não suportava que desperdiçasse a pouca energia que tinha, mas claro que protestou contra o balde.

«Pelo amor de Deus, John», disse eu, «fui enfermeira sete anos e meio, achas que uma coisinha dessas me vai incomodar? Não sejas parvo.» Ele acabou por concordar.

Embora não admitisse, acho que não conseguia enfrentar as escadas.

Levei o balde para a sala de estar e depois fiquei espantada. Suor escorria de John e o balde estava três quartos cheio. Ajudei-o de volta ao sofá e ele caiu num sono exausto.

No dia seguinte, levei-o ao hospital e fui ver o enfermeiro de serviço. «Bem, receio que pareça bastante definitivo», disse ele simpaticamente, «mas não se preocupe. Vamos garantir que não sofra.»

De volta a casa, liguei a uma muito boa amiga, Rosemary, em Liverpool, e perguntei se poderia vir ficar comigo uns dias. Ainda estava trémula depois da minha própria doença e não suportava estar sozinha em casa com os meus dois homens no hospital. Ela foi maravilhosa. Arrumou as coisas e veio no comboio seguinte.

Na sexta-feira, fui ver John e depois arrastei-me para o outro lado do hospital para ver Terry. Ele ia ser operado nesse dia e eu decidi não lhe contar até acabar. Para cá e para lá, de um para o outro o dia todo.

No sábado, estava pronta para repetir o processo; mas quando cheguei a Terry, o pé dele estava engessado e ele estava a chorar.

«A dor é muito forte, Terry?», perguntei, angustiada.

Ele abanou a cabeça. «Não. A irmã acabou de me contar sobre o pai. Disse-lhes que podem pôr-me numa maca e levar-me a vê-lo.»

Claro que era altamente irregular, mas ele fez tanto alarido que, nessa noite, empurraram-no de um lado do hospital para o outro para ver o pai. Estabeleceu o padrão. Em breve, conseguiu usar uma cadeira de rodas e, todos os dias, vinha sozinho. Acomodávamos John na sala de dia e ficávamos com ele até cerca das 10 da noite. Fiquei contente por, se esta era a última doença dele, pelo menos ter a família à volta. Certamente ajudou. Pode ter sido imaginação minha, mas tinha a certeza de que a cor dele melhorou e o ânimo animou.

Na sexta-feira seguinte, quando John estava no hospital há pouco mais de uma semana, o telefone tocou bastante cedo de manhã. Eu estava na cozinha a fazer torradas para o pequeno-almoço, por isso Rosemary atendeu.

Pareceram passar minutos antes de a ouvir falar, depois disse: «Oh, irmã, irmã!» e parecia que estava a chorar. A faca da manteiga quase escorregou da minha mão. «Meu Deus», pensei, «o John foi-se e eu não estava lá?» Corri para o telefone e Rosemary disse: «Um momento, irmã, aqui está a esposa dele.»

Entorpecida, peguei no auscultador. O coração batia tão forte que abanava todo o meu corpo e a boca estava tão seca que mal conseguia falar. «Sim?», crocitei com dificuldade.

«Sra. Stokes», disse a voz metálica na linha, «pode vir buscar o seu marido.»

Não conseguia compreender o que queria dizer. «Desculpe?»

«Fizemos todos os testes e aquele caroço feio desapareceu, por isso pode vir buscá-lo.»

«Agora?», ofeguei.

«Neste minuto, se quiser», riu-se ela.

Deixei cair o auscultador e Rosemary e eu abraçámo-nos e chorámos de alegria — depois corremos pela casa, a apanhar casacos e chaves do carro, e disparámos para o hospital a conduzir demasiado rápido.

Encontrámos John no gabinete do consultor, onde estava a olhar para as radiografias. «Acha que a minha esposa poderia ver, ela é ex-enfermeira?», perguntou ao consultor. Assim, as chapas foram erguidas para mim. Era extraordinário. Via-se o laço no intestino onde o caroço tinha estado — mas agora estava vazio. O caroço tinha desaparecido. Era um milagre. Graças a Deus por Harry Edwards.

John veio para casa e ganhou peso e, em semanas, era impossível dizer que tinha estado doente. Terry também saiu em breve do hospital e voltou a andar no pé mau.

Pensaria que tínhamos tido saúde suficiente na família para durar vários anos — mas não dizem que estas coisas vêm em três? Mal John e Terry ficaram aptos e bem novamente, descobri um caroço na mama.

É a coisa que toda a mulher teme, independentemente da idade, e embora como enfermeira soubesse, provavelmente melhor do que a maioria, que devia ver um médico imediatamente, não o fiz. Esperei.

As autoridades médicas muitas vezes pensam que as mulheres atrasam a procura de aconselhamento profissional nestas circunstâncias por ignorância, mas pela minha própria experiência acho que é mais do que isso. A descoberta é tão horrível e parece tão ridículo que possa estar gravemente doente quando se sente perfeitamente saudável, que se continua a esperar que seja imaginação, que da próxima vez que verificar, o caroço terá desaparecido. Passaram três semanas antes de admitir que estava deliberadamente a adiar e me forçar a ver o médico.

Fui enviada diretamente para o hospital para uma biópsia imediata. Isso foi na sexta-feira e os resultados dos testes vieram na terça-feira seguinte. «Lamento, Sra. Stokes», disse a enfermeira do pessoal que teve de dar a notícia, «o cirurgião acabou de ligar. Receio que seja positivo e radical.»

Foi como um golpe físico. Não conseguia falar. Acenando mudamente, levantei-me e apressei-me para a sala de dia onde apanhei os óculos e o jornal que estava a ler. «Está tudo bem, Doris?», perguntaram as minhas novas amigas.

«Sim», disse eu rapidamente, «vou só à casa de banho.»

Corri para me trancar. Sozinha por fim, sentei-me ali com os óculos todos tortos, lágrimas a rolar pelas faces e o jornal de pernas para o ar no colo.

Ao fim de um bocado, bateram à porta. A enfermeira do pessoal veio à minha procura novamente. «O que está a fazer?», chamou.

«O que acha que estou a fazer?», funguei.

«Não o que devia estar a fazer aí», disse ela. «Vamos, não é assim tão mau, sabe. Tenho mais notícias para si.»

Relutantemente, limpei os olhos e destranquei a porta, e ela disse-me que o cirurgião tinha ligado de volta. Percebendo o tormento que a espera seria, disse que podia fazer a operação na quinta-feira — mais cedo do que planeado originalmente — se eu estivesse disposta a transferir para o Hospital de Morecambe.

Naturalmente, concordei e, assim que me recompus, liguei a John para dar a notícia e depois a Harry Edwards.

Harry foi gentil como sempre. «Bem, não se preocupe, Doris, já passámos por pior do que isto, não foi? Pede ao John para me dizer a que horas entra na sala de operações, e eu vou ao meu santuário ao mesmo tempo e fico lá até a operação acabar.»

Tive dois dias deprimentes para esperar; mas mesmo aqui no hospital tive outra experiência psíquica que foi muito reconfortante.

Tinha lido muitas vezes em livros espiritualistas sobre o processo de passagem; mas nunca o tinha visto realmente até essa noite. Ia ser transferida para o Hospital de Morecambe no dia seguinte e deram-me um comprimido para dormir, mas não funcionou. A operação horrenda estava a atormentar-me a mente e não conseguia dormir.

Estava deitada, apoiada nas almofadas, a ver os médicos entrar e sair para a senhora idosa na cama em frente. Estava muito doente. Estava inconsciente e tinha uma máscara de oxigénio no rosto. Era óbvio que não duraria muito mais.

De repente, ouvi uma voz gentil a falar com ela. «Olá, rapariga, sou eu, Henry. Não demora muito agora, não tenhas medo.» Continuou a murmurar coisas reconfortantes.

Um dos médicos voltou e olhou para ela. «Oh, acho que posso ir para a cama», disse à enfermeira de noite, «ela aguenta a noite.»

«Não aguenta, sabe», não resisti a intervir.

O médico franziu o sobrolho para mim. «Oh, a Sra. Stokes é médium», explicou a enfermeira.

«É?», disse o médico, aproximando-se de mim, «e como sabe que ela não aguenta até de manhã?»

«O marido dela já está lá a falar com ela», disse eu, «diz que o nome dele é Henry.»

«Bem, ela não está a responder, pois não?»

«Responderá quando chegar mais perto da hora. Poderá ouvi-lo agora, mas não vê-lo.»

Intrigado, o médico puxou uma cadeira e sentou-se ao meu lado, os pés no fundo da minha cama. Trouxeram-lhe uma caneca de chá e conversámos um bocado. De repente, olhei e vi um fio de névoa, como fumo, a sair do topo da cabeça da senhora idosa. «Está a começar a acontecer», disse eu, reconhecendo os sinais dos livros que li. «A qualquer momento, ela verá o marido.»

E nesse exato momento, ela passou a mão pelo rosto, tirando a máscara e disse: «Oh, ’Enery. És tu, Henry?»

«Oh, diabos», disse o médico.

Enquanto via, vi o corpo espiritual, que é exatamente igual ao corpo físico, até aparecendo com as mesmas roupas, mas deitado de barriga para baixo, pairando acima da mulher. Ela estava a tagarelar com Henry.

«Está delirante», disse o médico, mas estava abalado.

O corpo espiritual subiu um pouco mais e eu via que estava ligado ao corpo físico por um cordão prateado, como um cordão umbilical. «Acho que serão mais uns vinte minutos», disse ao médico. Nesse momento, a mulher parou de falar e acomodou-se, muito quieta. O médico apressou-se e sentiu-lhe o pulso. «Bem, está fraco, mas ainda está viva.»

Deve ter ficado convencido a essa altura de que ela não duraria a noite, porque se sentou ao lado dela, segurando-lhe o pulso.

Os minutos passavam. Ao fim de um bocado, o corpo espiritual subiu até o cordão estar esticado ao máximo, depois lentamente o corpo espiritual inclinou-se e o cordão partiu-se.

«Agora foi-se», disse eu.

E o médico, com os dedos no pulso dela, disse: «Meu Deus, foi.»

Quando o cordão se partiu, o corpo espiritual endireitou-se e havia um olhar de grande felicidade no rosto dela. Uma mão desceu, era tudo o que via, só uma mão, mas sei que era do Henry e a senhora idosa pegou nela com alegria.

«Agora olhe para o rosto dela», disse ao médico e era incrível. Toda a dor e sofrimento tinham desaparecido daquele corpo físico cansado e havia um sorriso no rosto. O médico tirou o estetoscópio e ouviu-lhe o peito; mas claro que não servia de nada.

Quando olhei novamente, a senhora idosa e Henry tinham-se ido.

«Bem, estou pasmado», disse o médico, «tinhas razão. Tens de me contar como fazes isso algum dia», e apressou-se a fazer arranjos para o corpo.

No dia seguinte, fui transferida para o Hospital de Morecambe, onde fiz a operação. Fiquei muito doente depois, mas graças, estou convencida, a Harry Edwards bem como ao cirurgião, fiz uma recuperação notável. Nem precisei de tratamento de radiação.

O extraordinário foi que tive outra experiência de «passagem» no Hospital de Morecambe, no dia após a operação. Não me apercebi porque ainda não tinha saído da cama, mas estava numa ala em forma de «L». De onde estava, não via que a ala virava a esquina, quanto mais o que estava do outro lado.

De qualquer modo, era hora de visitas e todos os doentes, até os que podiam levantar-se, estavam confinados à cama até os visitantes irem embora. John trouxe-me flores e estávamos a admirá-las juntos, quando por cima das flores vi uma senhora idosa de camisa de noite caminhar mesmo pelo meio da ala. Nunca a tinha visto antes e parecia ter vindo da curva no topo da ala. «Vais levar uma bronca se a irmã te apanhar fora da cama», estava a pensar, quando de repente um sorriso radiante veio ao rosto dela como se tivesse visto alguém que conhecia, estendeu os braços e desapareceu.

«John», disse eu, «alguém acabou de falecer ali.»

«Onde, amor?», perguntou ele. Todas as camas que víamos estavam cheias de doentes muito vivos.

«Na curva, acho», disse eu. «Há mais camas ali?»

Ele não sabia e achei melhor não criar confusão durante a hora de visitas; mas quando os visitantes se foram, parei a enfermeira que trazia o carrinho do chá.

«Há camas ali, enfermeira?», perguntei.

«Sim, porquê?»

«Alguém faleceu ali», disse eu.

Ela olhou-me com suspeita. «Não saiu da cama, pois não?»

Olhei com ar contrito para todos os tubos e garrafas. «Era o que faltava.»

Ela deu-me um olhar estranho, deixou o carrinho e foi à curva. Segundos depois, voltou quase a correr, a olhar para mim como se o meu cabelo tivesse ficado verde, ao passar. Entrou no gabinete da irmã e, ao fim de um par de minutos, saíram as duas juntas.

Ambas me olharam com cautela ao passarem ruidosamente pela curva. Em breve veio o médico, na mesma direção, e a irmã voltou. Parou ao fundo da minha cama.

«Como soube?», perguntou.

«Bem, vi-a», expliquei com verdade e continuei a descrever a senhora idosa, incluindo o estilo e a cor da camisa de noite.

A irmã não gostou nada de mim depois disso. Aparentemente, não esperavam que a senhora idosa morresse. Estava de férias quando adoecera, por isso não tinha visitantes nessa tarde; e as outras pessoas nessa parte da ala assumiram que estava a dormir.

O engraçado foi que, embora a irmã não aprovasse, as outras enfermeiras ficaram encantadas com o meu dom inesperado. Quando deitavam os outros doentes à noite, levavam-me para a cozinha, faziam-me um grande bule de chá e pediam-me para fazer sessões para elas. Não estava muito forte, por isso, quando tinha o suficiente, tomava o comprimido para dormir e elas guiavam-me sonolenta de volta à cama. No fim, estas sessões noturnas eram tão populares que até tinha uma agenda de marcações!

Uma mastectomia é mais um golpe psicológico do que físico, como descobri quando fui para casa do hospital. Fisicamente, recuperava bem,

mas continuei deprimida. Sentia-me um monstro e, durante meses depois, despia-me no escuro.

Não pensei que me afetasse. Devia ter-me ajoelhado e agradecido a Deus por estar livre do cancro, por ser uma das afortunadas. Em vez disso, andei abatida e com pena de mim mesma.

Depois saí e fiz o meu primeiro serviço. Fiquei absolutamente exausta depois e, pela primeira vez, não parei para pensar ao despir-me. Esqueci-me de apagar a luz e, ao cair as roupas no chão, vi-me ao espelho. De repente, do nada, uma canção que cantava em criança veio à minha mente. Ao som de «After the Ball is Over», parodiávamos: «A velha Peg põe a perna falsa no canto, pendura o cabelo na parede e o que sobra vai para a caminha, depois do baile...» e ri e ri até lágrimas escorrerem pela cara e era metade engraçado e metade triste. Mas esse foi o ponto de viragem. Aprendi a aceitar, a falar sobre isso e até — o mais difícil de tudo — a rir-me disso.

CAPÍTULO 14

Em 19... mudámo-nos para Londres e o meu trabalho cresceu como nunca antes. A vida tornou-se extraordinária.

Como com a maioria dos eventos importantes ao longo dos anos, foi completamente não planeado. Tinham aconselhado John a deixar o trabalho. Tinha agora problemas cardíacos e o médico achava que devia reformar-se. Disse que, considerando as lesões de guerra de John, era notável ter conseguido trabalhar tanto tempo e que se saíra muito bem, mas agora era altura de descansar.

Terry, sendo condutor de ambulância, podia trabalhar em qualquer parte do país, por isso de repente percebemos que nada nos prendia a Lancaster.

Não que estivéssemos a pensar em mudar-nos — mas ao longo dos meses recebi cada vez mais pedidos para trabalhar na zona de Londres e achei as viagens muito cansativas.

No verão de 19... fui convidada para Stansted Hall, o nosso colégio espiritualista mesmo fora de Londres, para ser a médium residente durante duas semanas. Foi divertido mas trabalho duro, porque o cargo envolvia dar palestras, demonstrações e sessões privadas.

Como estávamos tão perto, fomos ficar depois com a irmã de John, Kathleen, em Londres, em vez de ir diretamente para casa. Imaginara que descansaria, mas não, incrivelmente depressa estava no meio de outra tarefa.

Kathleen estava interessada em ter uma sessão, mas não servia comigo, porque, conhecendo tanto dela e da família, qualquer informação pessoal que lhe desse não seria prova clara de contacto espiritual. Por isso, levei-a à sede da Spiritualist Association of Great Britain, no centro de Londres, para ver se conseguia uma sessão com outro bom médium.

Mal tinha passado a porta quando Tom, o secretário da associação, me agarrou. Poderia ajudá-lo? A médium residente deles adoecera — poderia eu fazer as sessões dela? O que podia dizer?

Antes de ter tempo para parar e pensar, estava a trabalhar na SAGB. Um dos meus casos mais interessantes lá envolveu uma bela senhora jamaicana. Entrou na sala uma manhã, uma mulher impressionante e elegante com um casaco azul-marinho, chapéu turbante branco e pele preta reluzente que me lembrou a minha amiga de há muito, Pansy. Era linda de se ver, mas havia algo muito triste nela.

Assim que comecei a sessão, percebi o que era. Era viúva. Contactei o marido dela e ele disse-me que fazia quase um ano que morrera de ataque cardíaco. Chamava-a pelo nome carinhoso «Birdie», listou os nomes dos filhos e disse-me onde viviam na Jamaica.

Estava a passar isto à esposa quando de repente parei a meio da frase. O marido dela materializara-se atrás da cadeira dela. Um gigante negro enorme, inclinou-se para a frente, tirou gentilmente o turbante da cabeça da esposa e deixou-o cair no chão. «Pede-lhe que prometa que não usa mais luto», disse ele e desapareceu.

A mão da mulher voara para a cabeça e ela virou-se alarmada, mas claro que não havia ninguém. Olhou horrorizada de mim para o chapéu no chão.

Não queria assustá-la mais, por isso disse gentilmente que o mundo espiritual tinha removido cuidadosamente o chapéu dela, porque não queriam que o usasse. Não tinha a certeza quanto ao luto, porque o turbante era branco, não preto. De qualquer modo, a mulher estava claramente abalada e terminámos a sessão pouco depois.

Pensei que era o fim, mas na segunda-feira seguinte ela veio ver-me novamente. Mal a reconheci. Uma beleza radiante com um vestido amarelo

e cabelo preto solto entrou na sala como um raio de sol. Agora que superara o choque da sessão, pôde explicar o significado do chapéu. Aparentemente, o branco é uma cor de luto na Jamaica e no dia em que o marido morreu, ela pusera aquele turbante de luto. Tinha mudado o resto da roupa desde então; mas nunca tirara o turbante. Até dormia com ele. Esta era a primeira vez em quase um ano que saía de cabeça descoberta.

Perto do fim da minha estadia na SAGB, Tom e eu conversávamos no corredor. «Voltarás a trabalhar para mim, não é, Doris?», perguntou ele.

«Oh, não sei, Tom», disse eu. «São as viagens. De Lancaster a Londres, com a saúde fraca que tive ultimamente, não me sinto capaz.»

«Bem, porque não arranja um apartamento em Londres?»

Ri-me. «Com que pago a renda? Botões de camisa?» John e eu estávamos mais pobres do que nunca desde a reforma dele, e Londres era o lugar mais caro para viver na Grã-Bretanha.

Um homem passava enquanto falávamos e, a estas palavras, parou e voltou. «Estavam a falar de um apartamento?»

«Sim», disse eu.

«Bem, sei de um que está vago.» Continuou a explicar que conhecia um complexo de apartamentos especiais baratos para ex-militares deficientes.

O mundo espiritual não poderia ter-me dado uma dica mais forte de que devia mudar-me para Londres se tivesse escrito as palavras na parede. Essa conversa aconteceu em setembro e, em janeiro, já vivíamos em Londres.

Em breve, trabalhava mais do que nunca. Tinha muita consciência de que, além da pequena pensão de John, dependíamos do que eu conseguisse ganhar. O nosso apartamento era barato, mas, como esperava, tudo o resto em Londres era mais caro e eu estava nervosa com depender só das minhas sessões. Indiscutivelmente, era bastante conhecida no Norte, mas teria clientes suficientes no Sul para me dar trabalho regular?

Não estava ansiosa por pôr à prova, por isso, quando Tom me pediu para trabalhar para ele na SAGB como médium residente, aceitei com prazer. Era trabalho duro. Muitas vezes fazia sessões individuais, sessões de grupo e uma demonstração tudo num dia, trabalhando das 12h00 às 20h00, quatro dias por semana. Mas pelo menos Tom pagava-me diariamente e era um rendimento estável e fiável.

As sessões de grupo, naturalmente, eram as menos populares com os visitantes. Muitas vezes, as pessoas chegavam para sessões individuais sem marcação e, se estivéssemos cheios, davam-lhes a escolha de marcar ou juntar-se a um grupo. Geralmente, optavam pelo grupo.

Apesar da relativa impopularidade, eram muitas vezes muito bem-sucedidas. Lembro-me em particular de uma senhora que ficou encantada com a dela. Embora eu não soubesse as circunstâncias de antemão, ela viajara para Londres para um funeral. Tendo tempo livre, passou pela SAGB para pedir uma sessão. Com tão pouca antecedência, disseram-lhe que era impossível, mas podia juntar-se a um grupo. Tinha tão pouco tempo que concordou e ficou mais do que satisfeita com o resultado, porque as mensagens eram quase todas para ela, os outros cinco membros presentes mal tiveram vez!

Ou gravou a sessão em cassete ou tomou notas em estenografia, não me lembro qual, mas depois enviou-me uma transcrição verbatim dos procedimentos. Eis o que escreveu:

SRA. STOKES: (explicando o que faz àqueles presentes que não estavam habituados a ela). Éramos 5 outros e eu. «Ouço um nome e, se conhecem essa pessoa, respondam que sim. Ouço a pessoa a falar comigo, se apontar para trás por cima do ombro significa que a pessoa está do outro lado e se espalhar a mão à frente significa que estão vivos agora.»

Pausa para concentração para todos nós.

SRA. S: Alguém conhece alguém que morreu recentemente?

UM MEMBRO: Quão recentemente?

SRA. S: Durante este ano.

EU: Sim, conheço.

SRA. S: O nome David significa algo para si?

EU: Oh, sim.

SRA. S: Este homem tem uma voz jovem. Vem e vai, o que significa que não está do outro lado há muito e não consegue manter. David está a dar-se bem, mas acha difícil.

Morreu subitamente?

EU: Morreu.

SRA: O meu peito dói e agora o coração; tinha uma condição cardíaca?

EU: Não sei.

SRA. S: Ele pergunta se o carro dele está em casa bem.

EU: Não sei.

SRA. S: Menciona um inquérito.

EU: Sim, isso mesmo.

SRA. S: David diz que se lembra de sair, voltar, ir à casa de banho e nada mais até se encontrar aqui. Veio consigo hoje. Está a tentar dizer o seu nome, começa com «M». (Tentou e tentou e murmurava Marjorie, Maisie etc., mas não conseguia.)

Conhece um parente deste lado chamado Peter?

EU: Sim.

SRA. S: Agora estás cansado, David, descansa uns momentos e eu pego nas vibrações de outra pessoa. Mencionou nomes, doenças e vários acontecimentos a todos os presentes. Parou e depois disse: «Ouço a palavra antiguidades.»

EU: David colecionava antiguidades e eu também.

SRA. S: (Erguendo quatro dedos) Isto significa algo para si?

EU: Sim, os quatro filhos de David.

SRA. S: David tem três raparigas e um rapaz. O nome Christopher significa algo?

EU: Oh, sim, o filho dele.

SRA. S: David diz que Christopher não deve ser culpado de forma alguma. Diz que lamenta o que fez, estava a dar-se tão bem pelos filhos e queria fazer mais. Tenho o nome Jane.

EU: Sim, a filha de David.

SRA. S : Alguém conhece o nome Caroline?

EU: Sim, a filha mais nova de David.

SRA. S: Há quanto tempo David está do outro lado?

EU: Domingo à noite.

(As pessoas no grupo ofegaram)

SRA. S: É maravilhoso, David, que consigas fazer isto. Alguém te está a ajudar? Ele diz que sim, Nana.

EU: É a minha mãe, que David sempre chamou Nana.

SRA. S: David diz que quer que se gaste o mínimo possível no funeral. O corpo dele não é nada, mas gostaria que se fizesse algo pelos filhos. David diz que falou com ele sobre Espiritualismo e ele troçou e disse «Não acreditas em toda essa treta, mãe» e você disse-lhe «Morrerei antes de ti e ficarás tão surpreendido quando vieres para o outro lado e eu estiver lá à tua espera». Ele diz «Agora serei eu a esperar por ti, mãe.»

Vejo dois anéis de casamento e também vejo um divórcio na família. Também ouço o nome Lor — Lormet ou algo assim.

EU: Laurette?

SRA. S: Sim, é isso. David também mencionou a palavra seguro. Oh, céus, estou a ficar demasiado cansada e tenho de parar em breve, mas que idade tens, David?

Ele diz jovem de meia-idade!

No fim, as cinco pessoas reuniram-se à minha volta e disseram que estavam tão contentes por eu ter tido um tempo tão maravilhoso. Pedi desculpa por tomar tanto tempo, mas todos sorriam e estavam felizes por mim. Nota. Fiquei desapontada por não ter uma sessão privada, mas agora acho que todos ajudaram muito, todos de um só espírito e todos tão dispostos a ajudar. Também não me senti tão nervosa.»

Fiz muitos novos amigos na SAGB, alguns eram colegas, outros clientes. Um exemplo típico foi o empresário Phil Edwardes. Apareceu uma tarde com vários amigos para ver uma demonstração. Disse-me depois que só tinham passado por brincadeira para ver o que se passava, mas ficaram fascinados.

Falei com a mãe de um dos amigos de Phil e, entre os detalhes que consegui dar-lhe, estava o facto de ela desaprovar as camisas que ele usava agora. Quando estava viva, disse-me que lavava e engomava a roupa dele e

garantia sempre que tinha um colarinho branco, mas agora ele usava camisas coloridas e até com padrões. Onde é que isso ia parar?

Todos riram com gosto disto. O homem disse que era típico da mãe dele e absolutamente certo quanto aos colarinhos brancos. Depois, Phil e os amigos marcaram sessões privadas.

Foi o início de uma amizade duradoura. Phil visitava-nos no nosso apartamento e convidava-nos para a casa linda dele em Sussex. Fiz várias sessões para ele e a família. Numa ocasião, de repente, dei por mim a falar com a mãe dele. Apresentei-me e pedi-lhe que me chamasse Doris, mas ela recusou. Referiu-se a mim sempre como «Sra. Stokes» e, quando lhe perguntei o nome, disse «Sra. Edwardes».

Phil ficou espantado. «Tens tanta razão, Doris, é a mãe em tudo. Era muito correta. Certamente não usaria o nome próprio de ninguém até ser formalmente apresentada!»

Os meus horizontes alargavam-se todos os dias, mas, para minha frustração, percebi que a minha saúde já não era suficientemente forte para tirar o máximo proveito. Os anos de viagens em todos os climas, a luta constante para chegar a fim de mês e várias doenças graves tinham deixado marcas.

Por mais que gostasse do meu trabalho, comecei a achar a viagem diária pelo aperto de Londres e as longas horas na SAGB um esforço. Reduzi o meu tempo lá de quatro dias para três e depois para dois, fazendo duas sessões por dia em casa nos meus dias «livres».

No entanto, ironicamente, depressa me vi a viajar mais do que nunca!

Começou quando uma Sra. Beryl Peta Pryor de Gibraltar veio a uma sessão enquanto estava de férias em Londres. Foi bem-sucedida, mas para mim, nada de especial. Recebi muitos nomes em espanhol, mas novamente estava habituada a trabalhar com visitantes estrangeiros, por isso não era invulgar para mim.

A Sra. Pryor ficou impressionada, no entanto, particularmente com uma mensagem para «Luisa de Filipe». Disse-lhe que Luisa estava muito preocupada com o cão dela, que tinha cancro terminal no útero. O cão teria de ser abatido, mas Filipe disse que Luisa não se preocupasse, ele tomaria conta dele.

Aparentemente, a Sra. Pryor conhecia Luisa há vários anos; mas nunca mencionara o nome do falecido marido. Ao voltar a Gibraltar,

descobriu que eu tinha razão, o nome dele era Filipe e Luisa ficou imensamente reconfortada ao pensar que ele tomaria conta do cão amado dela.

A notícia espalhou-se na comunidade no rochedo, em breve os amigos da Sra. Pryor também queriam sessões. Obviamente, seria muito caro para todos viajarem separadamente para a Grã-Bretanha; por isso, tiveram a ideia de patrocinar uma viagem para mim a Gibraltar. Assim, eu poderia fazer todas as sessões privadas que quisessem, e talvez algumas públicas também.

Foi um desafio tremendo. Não só seria difícil porque é uma comunidade de língua espanhola e as pessoas comuns, ao contrário da Sra. Pryor, poderiam não entender inglês e eu não sabia uma palavra de espanhol, mas também porque as pessoas são predominantemente católicas e a Igreja Católica desaprova fortemente o Espiritualismo.

Havia alguns espiritualistas no rochedo, mas mantinham-se mais ou menos na clandestinidade.

Aceitei e, felizmente, a viagem foi um sucesso. Na primeira noite, realizámos uma reunião pública e estava cheia. A notícia espalhara-se e até tínhamos a estação de TV local lá.

Estava um pouco preocupada porque alguém me dissera que os gibraltinos e os espanhóis falam incessantemente, até no cinema, e perguntei-me o que faria se se recusassem a ficar em silêncio. No final, não foi problema.

Quando comecei a trabalhar, o público ficou tão silencioso que parecia que não estavam lá.

As vozes vieram altas e claras e a multidão conseguiu entender as minhas dificuldades em pronunciar os nomes espanhóis. A comunicação mais vívida foi com um rapaz jovem que disse que se enforcara no rochedo. Ao começar a falar do suicídio dele e chamar o nome da mãe, a mulher, que estava na plateia, entrou em histeria.

O outro filho dela, o irmão do rapaz morto, veio a correr para o palco.

«Quer que pare?», perguntei-lhe, mas antes que pudesse responder, ela gritou: «Não! Não! Tenho de ouvir!» Por isso, continuei.

«Quem é Peter? Ele está a falar de Peter.» O rapaz que correra pelo corredor disse: «Sou eu.»

O rapaz morto disse que passara para o outro lado às 2h00. Ninguém sabia se estava certo ou não, por isso o apresentador da TV local voltou e verificou os registos e, com efeito, a hora da morte estava registada como 2h00.

Finalmente, o rapaz disse que, pouco antes de fecharem o caixão, a mãe entrara sozinha na sala, beijara-lhe a testa e sussurrara uma frase em espanhol e eu repeti-a o melhor que pude.

Com isto, a pobre mulher desfez-se em lágrimas. «Sim, sim, foi o que eu disse.» Soluçou enquanto o filho a levava a chorar para fora.

Senti-me um pouco mal com o episódio e repreendi-me por continuar quando ela estava tão obviamente perturbada, mas como descobri mais tarde, fiz bem. Depois, o filho dela veio ver-me. Explicou que, quando o irmão cometeu suicídio, a mãe entrara em luto negro profundo e não conseguia sair de casa. A nossa reunião foi o único evento a que assistira desde a morte dele, mas agora, após receber a mensagem dele, voltara à vida. Começou a sair e até, ocasionalmente, a usar cores.

A família não conseguia acreditar.

De volta a Inglaterra, os meus amigos na SAGB estavam ansiosos por ouvir sobre a minha viagem, e tivemos muitas longas discussões sobre o tema de Gibraltar. O trabalho continuou mais ou menos como antes, mas eu estava cada vez mais cansada. Sofria de constipação atrás de constipação e, no verão de 1977, consegui apanhar uma particularmente má.

Não conseguia livrar-me dela, mas ainda havia a SAGB, as minhas sessões e o círculo de ensino que já tinha criado para formar jovens; e assim arrastei-me de um para o outro com os olhos vermelhos e o nariz a pingar. Constipações de verão são sempre as piores, disse a mim mesma, mas numa manhã outra médium na SAGB olhou-me mais de perto do que o costume.

«Sabe, Doris, tem de ver um médico», disse ela, «está doente.»

«Oh, é só uma constipação», funguei. «Este tempo quente piora.» Mas no final senti-me tão mal que segui o conselho dela, e não foi um momento cedo demais.

«Bem, não me admira que se sinta tão mal», disse o médico depois de me examinar. «Tem pneumonia.»

Forçada a ficar na cama cheia de antibióticos até aos olhos, passei muitas horas a ofegar sem nada para fazer senão pensar. Já tinha reduzido a

minha presença na SAGB de quatro dias para dois, talvez tivesse chegado a altura de a eliminar completamente e concentrar-me em sessões privadas e demonstrações públicas. Só a falta de segurança financeira me impedira de dar este passo no passado; mas Ramonov não me dissera uma vez que o mundo espiritual nunca nos deixaria passar fome? Tudo o que tinha de fazer era confiar e daria certo.

Assim que fiquei suficientemente bem para explicar, disse a Tom a minha decisão. «Não estou a ficar mais nova, Tom, e com toda a saúde fraca que tive recentemente, não consigo gerir uma casa e fazer um trabalho regular também.» Ele foi muito gentil e disse que, se alguma vez mudasse de ideias, podia contactá-lo.

Ainda estava muito fraca. O verão de 77 foi quente e seco e o nosso pequeno apartamento rodeado de betão era como um forno. Levantava-me de manhã cheia de boas intenções, mas a menor tarefa, uma tigela de loiça para lavar ou um pó rápido, deixava-me mole e exausta.

Tive muita sorte com os meus amigos, no entanto, e as pessoas apareciam sempre para ver o que podiam fazer para ajudar. Entre elas estava uma jovem do meu círculo de ensino, uma rapariga neozelandesa de cabelo mel chamada Judy Smith.

«O que precisa, Doris, é de um bom descanso longe deste lugar», disse-me ela um dia. «Uma amiga minha tem uma casa de campo em Suffolk que muitas vezes me empresta — porque não vem para lá uns dias? É muito mais fresco no campo.»

Protestei no início. E o John? E o Terry? Mas todos me asseguraram que se viravam e a ideia de um jardim sombreado no sossego do campo atraía tanto que não demorou muito a persuadir-me a ir.

Era um lugar lindo. Uma casa de campo grande e isolada com um grande jardim isolado e um ar de serenidade que se infiltrava nos meus ossos desde o primeiro dia. Em horas, estava mais relaxada e sentia a força a voltar.

Mesmo aqui, no entanto, não conseguia estar completamente «de folga». Sessões e trabalho estavam longe da minha mente, mas uma noite aconteceu algo estranho. Ainda tomava comprimidos para dormir para me ajudar a descansar bem e, nessa noite em particular, tomei o comprimido e Judy ficou a conversar comigo enquanto fazia efeito.

Não fazia trabalho de transe há anos, mas de repente senti a cabeça a girar e os olhos não focavam a sala. Meu Deus, pensei, devo ter exagerado

hoje, isto não costuma acontecer. Depois todas as cores se misturaram e não me lembro de mais nada até Judy me acordar 45 minutos depois.

Aparentemente, caíra em transe e «tornara-me» o falecido pai de Judy. Comecei a esfregar o «calvo» no topo da minha cabeça como ele fazia e a falar no seu jeito lento e deliberado com um sotaque neozelandês grosso. Falei da velha ama dele, dos dois irmãos, das tias e de uma vizinha Violet que descreveu como uma «fanática da Bíblia». Falei da quinta dele na Nova Zelândia, dos cães Blue, Tip, Betty e Butch e recordei um touro que comprara por 200 guinéus que não tinha interesse em vacas mas que uma vez matara um cavalo. Finalmente, disse através de mim que estava preocupado com o filho que tinha um coração mau e para dizer à esposa para não andar tanto com a anca má.

Judy ficou entusiasmada. Tagarelava excitada, ansiosa por contar-me todos os detalhes enquanto eu lutava para trazer a mente de volta ao quarto. Não conseguia assimilar o que dizia. Atordoada, percebi que tinha algo a ver com o pai dela, Tom, estar aqui, mas não conseguia perceber o quê.

«Está bem, Judy», disse eu sonolenta, «vamos tentar uma experiência.»

Olhei à volta da sala e um grande suporte de candeeiro de latão chamou-me a atenção. «Se estás aí, Thomas», disse eu, «faz ping nesse candeeiro.»

Houve uma pausa. Judy e eu olhámos para o candeeiro, mal ousando respirar para não abafar a possível comunicação. Depois, de repente, veio um clang metálico alto, o som inconfundível de dedos a baterem em latão.

«Bem, Judy», bocejei enquanto o comprimido para dormir começava a fazer efeito, «tens razão!»

O descanso no campo foi exatamente o que precisava. Voltei para casa forte e relaxada, pronta para lidar com o trabalho que viesse, e depressa percebi que os meus medos sobre poucas sessões eram infundados. Os pedidos inundaram. A minha agenda encheu-se por meses adiantados e poderia facilmente ter quebrado a minha regra de só duas sessões por dia se quisesse.

As pessoas escreviam, telefonavam ou passavam para marcar, ou às vezes amigos marcavam por elas.

Uma manhã, Phil Edwardes dava-me boleia por Londres e, ao passarmos pela North Circular, perguntou se poderia dar uma sessão a uns

amigos dele, uma viúva e as duas filhas. Era hora de ponta e camiões pesados trovejavam ao lado, mas de alguma forma, através do barulho, ouvi uma voz de homem.

«É o Eric que perderam, não é?», disse eu a Phil. «É artista.» A essa altura, Phil já estava habituado a mim. Riu-se. «Sim, tens absolutamente razão, Doris.»

Mas Eric ainda estava a falar. «Um minuto. Ele está a falar de uma pintura inacabada da neta dele. Isso significa alguma coisa para ti?» Phil abanou a cabeça. «Bem, ele diz para dizeres à Coral que a termine. Ele vai ajudá-la.» «Bem, eu sei quem é a Coral. É a filha dele.»

Acontece que essa Coral em particular era Coral Atkins, uma conhecida atriz de televisão que protagonizava um programa popular chamado *Family at War*… Ela era extremamente cética e descobri mais tarde que a principal razão pela qual quis acompanhar a mãe para me ver era para garantir que ela não fosse enganada.

Phil trouxe-as ao meu apartamento. Reconheci Coral imediatamente: uma mulher minúscula, esguia como um pássaro, com cabelo longo cor de leão. Phil apresentou-nos e apertei a mão dela, da mãe e da irmã Sylvia, e depois instalei-as confortavelmente na nossa pequena sala de estar. Eram agradáveis e simpáticas, mas eu conseguia sentir uma atmosfera cínica. Não acreditavam nisso de todo. Phil limitou-se a sorrir de forma não comprometedora e retirou-se para um canto.

«O meu marido era ateu», explicou a Sra. Atkins. «Isso não faz diferença», disse eu enquanto sintonizava e, de facto, Eric, imperturbável pela atmosfera de dúvida, veio com força.

De imediato, o meu peito começou a doer e um formigueiro insuportável explodiu em tosse atrás de tosse. A família arquejou. «É a tosse do pai», disse Coral.

Aparentemente, Eric sofrera de enfisema (uma doença pulmonar dolorosa). «Só lhe restava um quarto de pulmão no final», acrescentou ela.

Eric começou a falar novamente da pintura e pediu a Coral que a terminasse por ele. Depois mencionou ter visto Alice e Bert, que a Sra. Atkins conseguiu identificar como os pais de Eric. Em seguida, Michael Hempkin, um amigo de Coral que morrera num acidente de avião quinze anos antes. Disse também que fora à Austrália ver dois parentes e os vitrais da catedral.

Coral e Sylvia pareceram perplexas com esta informação estranha, mas mais uma vez a Sra. Atkins conseguiu explicá-la. Um tio-avô, também artista anos antes, desenhara vitrais para uma catedral australiana.

A seguir, Eric disse que tinha uma mensagem para Phil. «Fizeste um bom trabalho na estátua — obrigado.» Ergui as sobrancelhas. «Tenho a certeza de que foi isso que ele disse, Phil, mas não parece correto.» «Parece, sim», disse Phil. «A Sra. Atkins deu-me a estátua de bronze de Diana que Eric tinha no jardim. Limpei-a, poli-a e coloquei-a dentro de casa, e está maravilhosa.»

Eric continuou. Mencionou muitos mais amigos e familiares, deu a Coral alguns conselhos privados sobre o futuro de um lar de crianças que ela gere e o nome de um advogado que ela devia contactar para outro assunto.

No final da sessão, as três Atkins já não estavam de luto; a atmosfera de dúvida evaporara-se. «Tudo parece tão óbvio agora», disse Coral. «Não se pode sentir triste. Juro que o pai estava connosco.»

CAPÍTULO 15

As pessoas perguntam-me muitas vezes como é o outro lado e, claro, não lhes consigo responder com base na minha experiência pessoal. Tudo o que posso fazer é transmitir os pormenores que ouvi os espíritos darem aos seus familiares.

O marido de Ella Gregsten foi particularmente útil. Tinham sido um casal dedicado que vivia em Londres e, pouco depois de o marido morrer, a Sra. Gregsten veio ter comigo.

O Sr. Gregsten estava ansioso por falar com a mulher e apareceu logo que sintonizei. Apresentou-se como Bernard e pediu-me que agradecesse a Ella pelas rosas vermelhas e a John pelo cartão.

«Isso é incrível», disse Ella. «Ontem era o aniversário de Bernard, por isso pus umas rosas ao lado da fotografia dele e o único cartão que chegou foi do amigo John, que não soubera da notícia.»

Bernard continuou a dizer que o robe dele ainda estava pendurado na parte de trás da porta do quarto, o que Ella confirmou, mas acima de tudo estava ansioso por contar-lhe o que lhe acontecera desde a «morte».

«A morte não é nada para temer», disse ele. «Acordei e dei por mim num hospital aqui. Muitos dos meus velhos amigos estavam lá. Alguns seguraram-me nas mãos e um disse-me com firmeza que eu passara para o outro lado.

«É um mundo lindo aqui, com árvores e flores e salas de música e aprendizagem. Não estou sozinho, mas tenho tantas saudades tuas, Ella. Não vou avançar. Vou ficar e ajudar-vos no que puder. Vou esperar até estares pronta para vir. Depois venho buscar-te e progredimos juntos.»

Uma e outra vez ouvi-os dizer que o mundo espiritual é um mundo real noutra dimensão — tão real para eles como o nosso o é para nós. Se todos os casais casados ficam juntos no outro lado, não sei. Especialmente porque hoje em dia tantas pessoas se casam mais do que uma vez. Acho que só os casais espiritualmente compatíveis — os verdadeiros companheiros de alma — ficam juntos.

Outra coisa que me perguntam muitas vezes, especialmente jornalistas, é para contactar uma pessoa específica: Elvis Presley, ou o Presidente Kennedy, ou outra personalidade famosa com quem gostariam de conversar. Tenho de explicar que é impossível. Para começar, não posso escolher com quem contacto e, em segundo lugar, os espíritos geralmente só contactam pessoas ligadas a eles na Terra.

Às vezes, claro, há surpresas. Uma vez tornei o dia de um jornalista ao receber inesperadamente uma mensagem para o assaltante de bancos fugitivo Ronald Biggs.

O jornalista que entrevistara Biggs na América do Sul algum tempo antes estava a ter uma sessão comigo com vista a escrever um artigo sobre isso. De repente, no meio de informações pessoais para ele, uma voz masculina interrompeu dizendo que tinha uma mensagem para Biggs.

«Chamo-me Arthur», disse ele. «Diz ao nosso Ronnie para voltar e acabar com isso, não vai demorar muito.

«O Ronnie tem o meu nome, sabias.»

Isto pareceu estranho, pois o homem dissera que se chamava Arthur, mas o jornalista registou tudo no gravador e prometeu verificar.

Arthur mencionou então Wyn e falou de Charmaine — a mulher de Biggs, que vivia na Austrália — a pedir o divórcio.

Depois, o jornalista telefonou a Biggs. Acontece que o nome do meio dele era Arthur, em homenagem ao tio Arthur; a cunhada chamava-se

Winnie, mas a parte do divórcio não batia certo. «Ela sabe de algo que eu não sei?», brincou ele.

Três dias depois, estava em todos os jornais. Charmaine obtivera o divórcio.

Fui até chamada para ajudar um detetive particular. John Sullivan, um investigador em Chesham, tivera um incêndio misterioso no escritório. Parecia ter começado entre pisos, mas ninguém conseguia decidir exatamente onde, e ele não estava satisfeito com os resultados.

John veio ter comigo para uma sessão. Naturalmente, não podia prometer nada sobre o incêndio, mas ele teve sorte nesse dia. O pai dele veio e disse-me o local exato onde o fogo começara e que fora causado por uma avaria elétrica. Isto foi depois confirmado.

Falei também com um amigo falecido de John. Disse que era um grande bebedor, que gostava de música clássica, que trabalhara pela última vez em Sheffield, onde morrera, e que fora contabilista. John disse que era absolutamente correto.

Um fenómeno de que se ouve falar muito quando as pessoas falam de experiências psíquicas é a «experiência fora do corpo». Eu lera sobre elas e ouvira falar delas, mas assumira que passaria a vida sem experimentar uma.

Então, uma noite, sentei-me na cadeira de Ramonov como de costume. Estava bastante exausta. Ia viajar no dia seguinte para realizar um serviço de fim de semana e andara a correr para limpar o apartamento, acabar a lavagem e o engomado e arrumar a mala antes de ir.

John já estava na cama e, sinceramente, eu sentia mais vontade de me juntar a ele; mas fizera regra passar dez ou vinte minutos tranquilos todas as noites com Ramonov e, por isso, sentei-me obedientemente. O meu melhor robe estava arrumado, por isso usava um velho de lã. Pus o meu gorro de chambre pronto para dormir e os meus dentes estavam na casa de banho. Sintonizei.

A seguir, dei por mim de pé no tapete da lareira a olhar para mim própria na cadeira. Que visão! Meu Deus, pensei, fala-se da avó de cada um! Lá estava eu sentada naquele robe desbotado, o gorro puxado para baixo sobre as orelhas e a cabeça caída sobre o peito. Depois pensei que devia ter passado para o outro lado! Alguém acorde o John e peça-lhe que venha pôr-me os dentes! Mas no segundo seguinte houve um esticão e voltei ao meu corpo, o coração a bater forte e o suor a escorrer-me pela pele.

«Nunca mais faças isso», disse eu zangada a Ramonov. «Esqueceste-te de como confiar, não foi?», foi o único comentário dele, mas nunca mais aconteceu.

Por essa altura, recebia cada vez mais visitantes estrangeiros no meu apartamento e um deles, em particular, tornou-se um amigo especial.

Começou com uma chamada telefónica numa tarde de uma mulher sueca que vivia em França. Em Londres por uma curta estadia, perguntou se podia vir a uma sessão.

Consultei a minha agenda e vi que estava completamente cheia por semanas. Ia dizer que não, que lamentava, quando senti um impulso tremendo para a encaixar de alguma forma. Ela não parecia chorosa ou desesperada, mas algo na voz sugeria que precisava muito de conforto. Talvez pudesse reorganizar as outras marcações ou trabalhar ao domingo. Fosse como fosse, tinha de a ver. Combinámos e escrevi o nome dela na agenda. Ulla Pahlson Moller.

Vivemos num condomínio muito complexo e o nosso apartamento é tão difícil de encontrar que eu costumo sair, pouco antes de um estranho chegar, para os ajudar a encontrar o lugar. Na tarde em que a Sra. Pahlson Moller vinha, saí para o patamar como de costume, a tempo de a ver subir as escadas. Que surpresa agradável. Trouxera o filho pequeno. Sorri-lhe. Era uma criança bonita, com a coloração típica sueca de pele clara e cabelo loiro platinado. Abri a boca para os cumprimentar, mas acho que não consegui dizer uma palavra. Enquanto olhava, o contorno da criança esbateu-se e ele desapareceu. Soube então por que era importante ver a Sra. Pahlson Moller.

«Oh, minha querida, perdeste um filho, não foi?», disse eu quando ela chegou junto de mim.

O sangue sumiu-se-lhe do rosto. «Sim, perdi», sussurrou ela, a expressão alarmada. Percebi que falara sem pensar e a assustara. «Entra e toma uma chávena de chá», disse eu, «e conto-te como soube.»

Sempre sinto uma afinidade especial com mulheres que perderam filhos, por causa de John Michael. Ninguém, por mais bondoso e compreensivo que seja, entende melhor do que outra mãe enlutada. É um tipo especial de raiva e desespero…

Por isso contei a Ulla sobre o meu filho e mostrei-lhe a única fotografia que alguma vez tirámos dele, que estava, como sempre, no aparador, e ao fim de alguns minutos vi novamente o filho dela.

Era um menino lindo de cerca de cinco anos, com cabelo brilhante e olhos azuis impressionantes. Disse que se chamava Peter e aproximou-se da mãe, pôs a mão no joelho dela e, virando a cabeça de lado para olhar para o rosto dela, disse «love you Esterling, love you».

«O que significa Esterling?», perguntei a Ulla. «É sueco para querido, porquê?»

Contei-lhe o que acontecera e ela começou a chorar — não de tristeza, mas de alegria; estava tão feliz por pensar que o filho estava tão perto.

«Era exatamente o que ele costumava dizer», explicou ela, secando os olhos com um lenço de papel. «Nunca conseguia ralhar com ele quando era travesso. Olhava para mim com aqueles olhos azuis grandes e dizia: "Love you darling, love you!" e eu não tinha coragem de ficar zangada.»

Peter, sempre perto do joelho da mãe, estava entusiasmado por falar comigo. Explicou que se afogara enquanto brincava perto da água com os amigos. Depois disse-me o nome do irmão e o lugar onde viviam em França e mandou o seu amor ao Papa. Não ao papá, como diríamos em Inglaterra.

Ulla foi-se embora muito feliz e, não muito depois, o marido veio a uma sessão. Ele também ficou tão contente que perguntou se eu poderia ir a França por uns dias ficar com a família e fazer sessões para os avós de Peter, que também estavam devastados com a morte dele.

Foi a primeira de várias visitas felizes. As comunicações de Peter dificilmente eram revolucionárias. Eram pormenores íntimos minúsculos que pareceriam triviais a um estranho, mas para a família eram prova de que o filho era um visitante constante, ainda que invisível.

Numa ocasião, o Sr. Pahlson Moller — Sante — teve de ir a Copenhaga numa viagem de negócios. Eu estava a fazer uma sessão para a avó dele quando, de repente, Ulla disse: «Pergunta ao Peter o que o Papa está a fazer agora.»

Perguntei e Peter disse: «Ele está numa espécie de comboio onde as pessoas se sentam uma atrás da outra e está a subir e a descer colinas íngremes.»

«Não, não, isso não pode estar certo», disse Ulla. «O Papa é banqueiro.» Mas nessa noite, quando Sante telefonou e ela lhe perguntou o que andara a fazer, ele disse: «Nunca vais acreditar, mas fui à feira. Estive na Big Dipper!»

Outra vez, eu estava a fazer uma sessão para Ulla e Sante juntos e Peter disse: «O Papa tem um buraco na stupa dele.»

Isto pareceu-me um pouco duvidoso e não tinha a certeza se devia dizê-lo em voz alta, quando Sante me perguntou por que razão eu sorria.

«Bem, parece-me muito estranho», disse eu, «mas tenho a certeza de que o Peter disse que tens um buraco na tua stupa!»

Sante desatou a rir, tirou o sapato e ergueu o pé, revelando um buraco no calcanhar da meia. «Stupa é sueco para meia», explicou ele. «Descobri este buraco esta manhã!»

Alguns meses depois, recebi uma chamada de um homem chamado Kevin Arnett. Queria vir a uma sessão e perguntou se me importava que fosse filmada. Estava a fazer um programa de TV para uma empresa australiana. Não me importei nada. Se funcionasse, funcionava, expliquei eu. Não faria diferença ter lá uma câmara ou não, mas não podia garantir o sucesso.

Era empolgante, claro, mas não completamente novo. Enquanto vivera no norte de Inglaterra, fora entrevistada num programa de TV local à tarde, fizera um programa em direto ao vivo para um programa de rádio e, claro, houvera aquela equipa de TV na minha reunião pública em Gibraltar. Estava habituada aos media.

A sessão de Kevin funcionou, felizmente. Falei com o pai dele, que passara para o outro lado apenas três meses antes, e também, para grande surpresa dele, com a avó do operador de câmara. Ela apareceu do nada, interrompendo o pai de Kevin, e o operador de câmara ficou tão espantado que quase parou de filmar!

Soube depois que o programa, transmitido no Canal 9, foi tão popular que quiseram ouvir mais de mim. Kevin sugeriu um programa em direto ao vivo comigo também ao telefone.

É mais difícil obter comunicações por telefone, especialmente se houver muitas pessoas à espera para falar na linha, porque as vibrações podem misturar-se e há sempre o perigo de dar a mensagem à pessoa errada. Ainda assim, já o fizera antes e estava disposta a tentar.

Os arranjos foram feitos e, às 21h00 de uma noite, o meu telefone tocou e a Austrália estava na linha. De repente, sotaques australianos estridente crepitavam no meu pequeno hall. As vozes espirituais fluíam e eu esforçava-me por enrolar a língua nos nomes e lugares estranhos. Foi

difícil, mas valeu a pena. Enquanto transmitia as mensagens, ouvia guinchos de deleite a vários milhares de quilómetros de distância.

Por fim, Kevin voltou à linha para encerrar o programa, mas o pai dele estava lá novamente. «Assinaste outro contrato com alguém», disse eu. «Vais fazer mais trabalho psíquico, não vais?»

Kevin riu-se. «Sim, tens razão, Doris. Assinei um contrato esta manhã com o Canal 9 para fazer mais programas psíquicos.»

O que eu não percebia na altura era que o trabalho dele me ia envolver a mim.

No início do ano seguinte, ele voltou para fazer outro filme, desta vez para o Canal 9, e a reação do público foi tão grande que recebi uma oferta incrível. Voaria para a Austrália para aparecer num programa de chat e variedades com celebridades — *The Don Lane Show*?

Eu num programa de variedades na Austrália? Que convite estranho. O que podia eu dizer? O desafio era irresistível.

CAPÍTULO 16

9h45, terça-feira, 13 de junho: John e eu estávamos nervosamente a apertar os cintos de segurança. Austrália! O outro lado do mundo. Que voo tão longo.

Espreitei pela vigia ao lado do meu cotovelo. A luz esvaía-se rapidamente agora, as cores drenavam da cena atarefada. Algures num daqueles longos edifícios cinzentos do terminal, Terry e os membros da minha turma de ensino estavam a ver. Conseguiriam ver o nosso avião, ou pensariam que já tínhamos descolado?

Acima das nossas cabeças, o sinal de proibição de fumar estava bem aceso, e eu mexia no cinzeiro do apoio de braços. «Estou a morrer por um cigarro, John», gemi eu.

Deus sabe quantos já fumara hoje. Não conseguira comer nada, de tão apreensiva que estava. Desde que soubéramos que íamos, as pessoas andavam a dizer-nos como os australianos eram difíceis de trabalhar e que nunca aguentaríamos a viagem de avião.

Bem, agora estava feito. Olhei para baixo, para o Paddington Bear que comprara para Kevin, apressadamente enfiado de botas Wellington

primeiro, debaixo do meu assento. Tudo estava arranjado. Já não podíamos voltar atrás.

Os motores arrancaram e o jato começou a avançar pela pista, ganhando velocidade. Pela janela, a relva passava cada vez mais depressa. O zumbido transformou-se num grito e depois estávamos a subir para o céu pálido, os campos sombrios a cair rapidamente sob nós.

«Bem, é isso então, amor», disse John, «estamos a caminho.»

Um frémito de excitação contorceu-se ao longo da minha espinha. Austrália! Esta era a nossa maior aventura até então e, nau na altura, só pensava na distância e no desafio. Não fazia ideia de quão grande aventura se revelaria.

Várias horas depois do voo, o primeiro rubor de excitação passara e uma desilusão distinta instalara-se. Simplesmente não tínhamos percebido o quão árdua era a viagem. O céu estendia-se infinitamente à nossa volta e já há muito que nos tínhamos aborrecido de olhar para ele. O tempo era sem sentido. Não conseguíamos comer, não conseguíamos dormir, doíam-nos os músculos de estar sentados tanto tempo e os pés inchavam. Devo ter enlouquecido, pensei eu. Completamente louca. Os nossos amigos tinham razão. Esta viagem seria um desastre.

Tínhamos partido na terça-feira à noite e só chegámos a Melbourne na quinta-feira de manhã; a essa altura, éramos como um par de zombies. Rígidos e com olhos vidrados, arrastámo-nos até ao edifício do terminal onde, através de portas de vidro, podíamos ver Kevin à espera.

Ele trouxera um Rolls-Royce para nos levar rapidamente para o hotel; mas estávamos demasiado cansados para apreciar o elogio. A única coisa que registámos vagamente foi o verde inesperado de Melbourne. Imaginara a Austrália como um lugar quente, tipo deserto; mas à nossa volta havia árvores verdejantes luxuriantes.

Chegámos ao hotel sentindo-nos como nada na Terra. O chão parecia subir e descer debaixo dos nossos pés como se ainda estivéssemos no avião e, no entanto, quando me afundei na cama do hotel, não conseguia dormir. És uma grande ajuda, disse eu a mim mesma com severidade, se não te recompões, mas parecia que não conseguia prestar atenção.

Nessa tarde, Kate, a rapariga do Canal 9 que ia cuidar de nós durante a estadia, disse-nos que *The Don Lane Show* estava no ar, e por isso vimo-lo na enorme televisão a cores do nosso quarto. Era hilariante. Don Lane, um

americano suave de cabelo escuro, brincava com Bert Newton, co-apresentador, que também tinha o seu próprio programa de rádio.

«Não fiques aí parado!», gritou Bert e Don saltou do caminho. «É o tio Charlie.» «Sai do caminho. É o tio Charlie.» «Não adianta vires hoje, tio Charlie, ela só chega na segunda-feira.»

Depois Kevin Arnett apareceu e falou da sessão comigo e do filme que fizera em Inglaterra.

«Eles vão ver o programa?», perguntou Don.

«Oh, sim», disse Kevin e então Don acenou-nos.

John e eu desatámos a rir. Quase sentíamos que nos podiam ver sentados ali. Já nos tinham feito sentir bem-vindos.

O que não percebíamos era que Don e Kevin vinham ver-nos depois do programa para nos levar a jantar. Às 23h30 da noite! Levaram-nos a um restaurante encantador e chegou uma refeição maravilhosa, mas para nossa vergonha John e eu mal lhe tocámos.

Don e Kevin não pareceram importar-se. Explicaram que eu apareceria no programa de Don na segunda e na quinta-feira, e o resto da nossa quinzena na Austrália seria ocupado com algumas entrevistas, um programa em direto de rádio no programa de Bert no dia seguinte, sessões privadas, um serviço religioso que eu queria realizar e passeios turísticos.

Parecia maravilhoso, mas naquele momento tudo o que eu queria era ir para a cama e fiquei bastante aliviada quando a refeição acabou.

Já ouvira falar de jet-lag, claro, mas não entendia realmente o que era. Não acreditaria que um voo longo e uma diferença de poucas horas pudessem fazer-te sentir doente e confuso durante dias. Parecia ridículo, mas aconteceu-me. Tarde nessa noite, desabei exausta na cama e dormi finalmente — só para acordar às 5h00 da manhã.

Estava sentada numa cadeira, com olhos pesados e cansada mas incapaz de dormir, quando, para meu horror, uma Kate brilhante e fresca bateu à porta. «Vamos, Doris», disse ela alegremente. «Temos de estar no estúdio para o programa em direto de Bert Newton às 9h00.»

9h00? Graças a Deus era rádio, não televisão, com o aspeto que eu devia ter. Sentia-me com uns 100 anos. De alguma forma, arrumei o cabelo e pus batom, depois Kate levou-me até ao carro à espera.

Bert era mais pequeno do que parecia na televisão, mas senti que já o conhecia. «Olá, Bert», disse eu. «Como está o tio Charlie?»

O sorriso dele esvaeceu-se e pareceu envergonhado. «Oh, espero que não te tenhas importado.»

«Não, claro que não», disse eu. «Podemos rir de nós próprios. John e eu gostámos mesmo.»

O programa em direto propriamente dito é nebuloso. Como o fiz, não sei. Estava tão desorientada que mal sabia o que dizia.

Depois disseram-me que fora um sucesso, mas não faço ideia do que aconteceu.

O mesmo estado sonhador durou todo o dia. Flutuei pelos eventos como se estivessem a acontecer a outra pessoa. De volta ao hotel, houve uma conferência de imprensa e sei que falei com os repórteres, mas não faço ideia do que disse. Só espero não ter metido os pés pelas mãos.

Depois, nessa noite, aconteceu uma coisa estranha. Algumas pessoas do Canal 9 vieram para tomar uns copos e com elas estava Lorraine Bayley, uma atriz no popular programa de TV *The Sullivans*, e o namorado jornalista dela.

Lorraine ia viajar por umas semanas e perder-me-ia, disseram; poderia eu fazer algo por ela antes de partir?

Eu estava bastante confusa a essa altura, mas disse que tentaria. Felizmente, pareceu funcionar. Contactei o pai de Lorraine, Alec, e as mensagens normais vinham, quando de repente o estado sonhador aprofundou-se e escorreguei para uma espécie de meio transe. Nomes e nomes de ruas começaram a jorrar, e eu dirigia-os ao jornalista em vez de a Lorraine.

Não significava nada para mim, mas significava para as outras pessoas, particularmente o jornalista. Mencionei Easey Street, um hospital psiquiátrico e muitos nomes. Depois voltei ao quarto, surpreendida por descobrir que as pessoas que estavam a conversar de pé agora estavam reunidas à minha volta. Havia um zumbido de excitação no ar e olhos curiosos fitavam-me.

«O que aconteceu?», perguntei eu, confusa.

Acontece que duas raparigas, Suzanne Armstrong e Susan Bartlett, tinham sido assassinadas no endereço que eu dera. Eu dissera os nomes das raparigas e os nomes dos membros das famílias delas.

Os meus anfitriões devem ter ficado um pouco espantados, mas o jornalista tratou o assunto a sério. Não estamos muito bem informados sobre assuntos australianos na Grã-Bretanha, por isso era improvável que eu tivesse ouvido falar dos assassínios antes da minha visita, e não tivera tempo de pesquisar o caso desde que chegara, mesmo que quisesse.

Descobri depois que o jornalista escreveu sobre isso e a irmã de Suzanne Armstrong veio ver-me ao meu hotel.

Era uma rapariga bonita de cabelo escuro e consegui falar com Suzanne por ela. Descobri que estava a cuidar do filho pequeno de Suzanne, Gregory, e Suzanne pediu-lhe que mostrasse regularmente a fotografia à criança e dissesse: «Esta é a tua mamã.»

Depois vi paredes salpicadas de sangue e uma banheira. Suzanne descreveu a casa e o beco sem saída onde os assassínios ocorreram, uma carrinha branca e os dois homens que estavam ligados a ela. Acho que a irmã passou a informação à polícia.

Mas isto foi um pouco mais tarde. Entretanto, tive um fim de semana relaxante para me preparar para o programa. Andámos por aí e levaram-nos a passear pelos jardins botânicos de Melbourne. John e eu nunca tínhamos visto nada como este lugar lindo, onde grandes cisnes negros com bicos vermelhos navegavam num lago espelhado.

Cisnes negros? Pensava que os cisnes só existiam brancos.

Completamente fascinados, comprámos um pão para os alimentar. Pareciam bastante famintos. Tiravam fatias inteiras diretamente das nossas mãos e, quando nos afastámos, uma procissão preta e vermelha seguiu-nos.

Então o nosso guia australiano alcançou-nos e empalideceu quando empurrei outra fatia para um bico escarlate.

«Meu Deus, não faças isso!», gritou ele, correndo para nós. «Vão-te arrancar a mão!»

Não sabíamos que eram perigosos.

Na segunda-feira, comecei a ficar nervosa. *The Don Lane Show* era um programa de variedades. O que raio as pessoas iam pensar de mim quando estavam habituadas a ver cantores ou comediantes? E se não

funcionasse? «Confia», murmurou a voz de Ramonov algures na minha cabeça, mas não conseguiu acalmar os nervos.

Quando cheguei ao estúdio, fumava um cigarro atrás do outro. Fui apresentada a Lesley, a produtora, e depois apressada para o departamento de maquilhagem. Escolhera um vestido bonito e comprido para usar no ecrã e já fizera a maquilhagem a condizer, mas não, isso não era suficiente. Batom, pó — tudo tinha de sair e começaram de novo.

Estava ali sentada a fumar freneticamente quando Don Lane passou. Ele próprio se preparava e ainda usava um robe; mas parecia tão calmo e despreocupado como se estivesse apenas a caminho de tomar banho em casa.

«Oh, deseja-me sorte, Don», implorei eu.

«Desejo se me deres um beijo e um abraço», disse ele maliciosamente e veio ter comigo e beijou-me.

Depois desapareceu e o tempo acelerou. Pareceu-me demasiado cedo quando me levaram para trás do cenário e me apresentaram a um homem chamado Graham, o diretor musical.

«A tua música é *We'll Meet Again*», disse-me ele e, embora me concentrasse muito, tinha uma sensação estranha de que não estava a assimilar bem. «Toco as barras de abertura e depois entras e vais direita ao Don. OK?»

«Vou direita ao Don», ecoei eu, embora já tivesse esquecido tudo o resto que ele dissera.

«Sim, percebeste.»

Depois ele também se foi e fiquei sozinha atrás do cenário, gelada, aterrorizada, o coração a bater contra as costelas. Tentei sintonizar. Uma a uma, forcei-me a esmagar cada pensamento errante para me concentrar. Respirei fundo e estava quase calma quando as primeiras barras clangorosas de *We'll Meet Again* me atiraram de volta ao presente.

Música a ribombar à minha volta, corri para a frente e de repente fui banhada em luzes quentes e brilhantes. Aplausos soaram de algum lado e Don, agora num fato elegante e arranjado, dizia: «Bem, aqui está ela… a senhora que estavam à espera…»

Sentei-me ao lado dele e, enquanto os meus olhos se ajustavam à luz brilhante, vi que a escuridão estava cheia de gente.

«Meu Deus», pensei eu, o pânico a subir novamente. Mas Don deve ter sentido, porque começou a conversar de forma tão amigável que relaxei apesar de mim.

Fez-me algumas perguntas para começar, depois o palco era meu. Isto era o que eu conhecia. As luzes da plateia acenderam para eu ver o público e de repente esqueci as câmaras, esqueci as luzes e mergulhei no meu trabalho normal.

Um emaranhado de vozes australianas veio fluindo e, enquanto olhava para a plateia, vi uma luz como uma lanterna a dançar acima de uma mulher perto do fundo. Ouvi uma voz masculina a tentar dizer-lhe algo.

«A senhora ali — sim, ali com o casaco branco. Tenho aqui um homem chamado Bert.»

Ela arquejou. «É o meu cunhado.»

«Diz que passou muito rapidamente.»

«É verdade.»

«Quem é Wyn?»

«Sou eu.» E assim continuou.

O avô de uma rapariga veio e deixou-me algo perplexa no início. Disse que se afogara, mas tinha uma espingarda.

«Não sei», disse eu à rapariga jovem. «Tenho a certeza de que é de manhã cedo e o teu avô diz que se afogou, mas vejo uma espingarda.»

«Sim, é verdade», disse ela, «ele estava a caçar patos.»

As mensagens continuaram fluentemente. O pobre Don não sabia bem o que pensar. Tentou mover-me pela plateia para que todos tivessem uma vez justa, mas não se pode fazer isso. Tenho de ir onde me mandam. Depois, como muitas vezes acontece, alguns destinatários das mensagens ficaram um pouco chorosos. Estou bastante habituada. É uma libertação saudável de tensão e muitas vezes escrevem-me depois a dizer que, longe de os entristecer, a mensagem os deixou terrivelmente felizes. Claro que Don não estava preparado e acho que ficou um pouco alarmado com pessoas a chorar no programa dele.

O público estava tão absorto que, descobri depois, a produtora fez sinais para eu continuar e cortaram alguns anúncios. Mesmo assim,

pareceu-me mal dez minutos antes de Don me dizer que era hora de acabar e agradecer o meu trabalho.

Eufórica, saí de cena com fortes aplausos e depois estraguei um pouco o efeito ao cair pelas escadas atrás do cenário. Por algum motivo, as luzes tinham sido apagadas atrás e, embora o público não me visse, devem ter ouvido o estrondo terrificante.

Torci o tornozelo, arranhei o joelho e rasguei um grande buraco nas minhas meias-calças. O que era aquilo de o orgulho vem antes da queda? Resmungando para mim mesma, levantei-me na escuridão e coxeei de volta ao quarto onde John e Kevin estavam à espera e a ver o programa.

«Oh, olha o que fiz! Confia em mim!», disse eu, olhando para as minhas meias-calças arruinadas. «É melhor tirar este vestido comprido antes que faça mais estragos.» Mudei para um vestido de ganga de rua.

Sentámo-nos juntos calmamente a ver o fim do programa, eu a cuidar das feridas. Depois, de repente, a porta abriu-se de rompante e Lesley, a produtora, entrou a correr. «Vamos, Doris, querem-te de volta.»

Cigarro a meio caminho dos lábios, encarei-a. «Peço desculpa?»

«Vamos, querem-te de volta. O público quer-te de volta.»

«Mas tirei o vestido comprido.»

«Não importa, isso serve.» Pegou num lenço vermelho. «De quem é isto?»

«Meu», disse eu.

«Ótimo», atou-o rapidamente ao meu pescoço. «Isso dá-te um pouco de cor, vamos.»

Voltei ao palco e o público aplaudiu e continuou. Se foi porque gostaram da minha atuação ou porque queriam ver se eu estava bem depois da queda, não sei. Mas tudo o que eu conseguia pensar era em manter a saia para baixo para não verem o buraco nas meias-calças!

A reação a *The Don Lane Show* foi espantosa. Depois, as linhas telefónicas do estúdio ficaram congestionadas com mais de 1000 chamadas em Melbourne e Sydney, onde o programa foi transmitido simultaneamente. Cerca de 500 cartas chegaram ao nosso hotel. Os jornais clamavam e as pessoas tentavam continuamente marcar sessões.

Houve tanto alarido que prolongaram a minha aparição de quinta-feira e tiraram *Starsky and Hutch* para me dar uma hora só para mim. «E nem para Sammy Davis Junior fizemos isso», brincou um responsável da televisão.

Os eventos tornaram-se um pouco irreais. Por vezes, John e eu sentiamos-nos apanhados num sonho incrível. Era maravilhoso, mas não conseguíamos acreditar que estava mesmo a acontecer.

A seguir, soubemos que Kevin entrou no nosso quarto de hotel com mais notícias empolgantes. «Vamos em tournée com os Edgeley's», gritou ele. «Não consigo acreditar, mas vão levar-nos em tournée.»

Aparentemente, o maior promotor da Austrália queria mandar-me em tournée pelo país a realizar reuniões nas grandes cidades. Kevin iria comigo para me apresentar ao público e atuar como uma espécie de mestre de cerimónias. A minha estadia foi prolongada para seis semanas e contrataram dois guarda-costas para cuidarem de nós.

Iria visitar Melbourne, Sydney, Adelaide, Brisbane e Perth, mas como era com tão pouca antecedência, não foi possível reservar salas em bloco; por isso, tive de saltar de um lado para o outro.

Levou muito arranjo e, entretanto, ofereci-me para realizar um serviço religioso para a Igreja Espiritualista em Melbourne; era algo que queria fazer desde que saíramos de Inglaterra.

Era apenas um serviço de domingo normal, mas quando cheguei de carro pensei que viera ao sítio errado. Multidões de pessoas alinhavam as ruas. A igreja transbordava, todos os lugares estavam ocupados, estavam de pé nos corredores, encostados às paredes, nas portas e tinham enfiado mais 200 lá em baixo e ligado microfones para poderem ouvir. Os outros que não conseguiam espremer-se no edifício esperavam lá fora.

Quando saí do carro, a multidão avançou tentando tocar-me, beijar-me e atirar flores. Não conseguia entender e foi um pouco assustador. O que queriam estas pessoas de mim? Não podia esperar dar uma mensagem pessoal a todas. O que esperavam elas? Deviam estar a confundir-me com algo que eu não era.

Dentro da igreja, fui direita ao microfone. «Não sou nada especial», expliquei eu. «Por favor, não fiquem com a impressão errada. Sou igual a vocês. Não sou diferente. Tenho os meus defeitos e fraquezas como toda a gente.» Mas pareceu não fazer diferença. Estava perplexa. O que procuravam estas pessoas?

Por toda a Austrália era o mesmo. Ficava constantemente espantada com a reação extraordinária que provocava. Até comprar roupa, por exemplo.

De repente, percebi que, se ia em tournée, precisava de mais vestidos de noite — só trouxera dois, um para cada *Don Lane Show*. Estava a fazer um programa de programa em direto quando a perceção surgiu, não me perguntem porquê, e depois perguntei à apresentadora, Mary Harty, se sabia onde podia comprar vestidos de noite de tamanho grande. Ela prometeu encontrar-me um lugar.

Na manhã seguinte, o nosso telefone tocou e Alan, o nosso guarda-costas, atendeu, porque já não me era permitido atender o telefone.

«É um lugar chamado Wicked Lady, para ti», disse-me ele após uma curta conversa.

«Parece um clube noturno», disse eu a John. Mas não era. Era uma loja de vestidos que vendia roupa de noite de tamanho grande e disseram-me que, se eu dissesse de onde vinham os meus vestidos, podia ter os primeiros dois grátis. Pareceu-me uma oferta muito generosa, por isso fomos lá.

Tive uma manhã agradável a experimentar roupa e a conversar com o pessoal e até fiz uma mini sessão no provador. Havia uma senhora alemã e de repente o marido dela começou a falar comigo. Dei-lhe o nome dele e vários pormenores familiares antes de acabar as compras.

Não pensei mais nisso até, pouco depois, uma jaqueta fina que acompanhava um dos vestidos ficar presa num fecho e rasgar; por isso voltei à Wicked Lady para arranjar outra. Por um momento, ao entrar pela porta, pensei que tinham posto um espelho novo, porque dei de caras comigo mesma. Depois percebi que não vestira a roupa que o eu no espelho usava e, no mesmo instante, compreendi que olhava para uma fotografia minha em tamanho real. Parei morta de espanto. Depois, pela primeira vez, vi o letreiro no topo da imagem: «Vestimos Doris Stokes» e desatei a rir.

Noutra ocasião, fui comprar sapatos de noite e, para variar, John e eu fomos sozinhos. Entrámos na primeira grande loja que encontrámos e demos por nós no departamento de homens. «Oh, John, podias comprar mais meias», lembrei-lhe eu, mas antes de termos tempo de dizer o que queríamos, o rapaz saiu de trás do balcão e disse: «É Doris Stokes, não é? Posso dar-te um beijo?»

Comprámos as meias, mas infelizmente não havia nada de que gostasse no departamento de sapatos, por isso voltámos para a rua. Quase imediatamente, duas senhoras pararam-nos.

«É Doris Stokes! Oh, adorámos os teus programas na televisão e comprámos bilhetes para o teu espetáculo ao vivo.»

«Obrigada, fico contente», disse eu, um pouco sobrecarregada. «Não me poderiam dizer onde há uma sapataria? Não conseguimos encontrar nenhuma.»

«Nós mostramos-te», disseram elas, e assim os quatro partimos juntos. Um pouco mais adiante na estrada, mais pessoas nos pararam e, após uma pequena conversa, juntaram-se a nós também.

De alguma forma, à medida que avançávamos, fomos reunindo cada vez mais gente; até que, eventualmente, cerca de dezasseis de nós entrámos apinhados na loja para comprar um par de sapatos. No entanto, longe de ficar zangado, o gerente até mandou o assistente sair connosco para nos ajudar a atravessar a estrada em segurança!

A minha primeira reunião pública foi no Dallas Brook Hall, em Melbourne. Lá, pela primeira vez, conheci alguém que definitivamente não estava impressionado com o meu trabalho. O engenheiro-chefe era um jovem simpático, mas muito cético em relação a tudo. As pessoas eram loucas por fazer fila e pagar bilhetes. Era tudo disparate, pensava ele.

Pouco depois, voltámos a vê-lo e a atitude dele era a mesma. Ainda assim, cada um tem direito à sua opinião, pensei eu.

O espetáculo começou e, no palco, tudo corria bem. O público, pelo menos, estava apreciativo, mas quando saí para uma pequena pausa, descobri que todos os relógios — e havia muitos nos bastidores — estavam a enlouquecer. Os ponteiros giravam uma hora a cada minuto. O engenheiro-chefe já não tinha tempo para conversar. Corria de um lado para o outro a tentar localizar a avaria.

«Não devias ter gozado com Doris», brincou alguém do nosso grupo ao passar por ele, mas ele não estava com humor para rir.

Voltei ao palco, mas quando regressei no intervalo, os relógios estavam tão loucos como sempre e o pobre engenheiro quase arrancava os cabelos. Tentara tudo o que sabia, mas não encontrava nada errado.

Entrei no meu camarim e encarei o relógio. Os ponteiros giravam loucamente e não davam sinais de abrandar.

«Se são vocês aí em cima», disse eu, «parem agora. Ele já teve o suficiente», e imediatamente os ponteiros deram um pequeno esticão e depois abrandaram para o ritmo normal.

Duvido que o jovem acreditasse que tivesse algo a ver comigo, mas depois disso não fez mais comentários.

De volta ao palco, uma grande onda de amor recebeu-me assim que entrei. Era um público maravilhoso. Perto do fim, decidíramos ter um período de perguntas para o público me fazer questões e, nessa noite, uma mulher levantou-se e perguntou se podia ter uma sessão comigo, porque acabara de perder o marido.

«Isso não é justo, minha senhora», disse Kevin, «tantas pessoas gostariam de ter sessões com Doris.»

Mas o marido dela estava lá e, assim, sem sequer tentar, consegui dar-lhe alguns pequenos pormenores: o nome dele e nomes de família que eram alemães, porque a família era de origem alemã. Depois, ela escreveu-me a dizer o quanto ficara emocionada.

Depois, de repente, era hora de dizer adeus. Disse as minhas últimas palavras como de costume, houve uma ligeira pausa e, de repente, explodiu um rugido tremendo. Saltaram dos lugares, bateram com os pés, gritaram, aplaudiram e assobiaram. O barulho era ensurdecedor. «Boa para a Inglaterra!», gritou alguém. «Sim, boa para a Inglaterra», ecoou outro, e eu fiquei ali parada a chorar como uma criança. Estava tão orgulhosa.

Se alguém me oferecesse mil libras para sair do palco naquele momento, não conseguiria.

Apareci no Dallas Brook na noite seguinte também e, no meio da minha demonstração, um rapazinho materializou-se no palco. Perdera a maior parte do cabelo, só restava um pequeno tufo no topo da cabeça, mas era uma coisinha querida e viva. Disse que se chamava Jerad e procurava a mamã e o papá.

Descrevi-o ao público e perguntei se os pais estavam lá, mas ninguém o reclamou.

«Desculpa, querido, não estão aqui hoje», disse-lhe eu, «é melhor ires brincar enquanto eu continuo», e ele desapareceu.

No dia seguinte, voámos para Adelaide, onde originalmente ia fazer um espetáculo; mas os bilhetes esgotaram tão rapidamente que tiveram de

arranjar mais três. Durante o segundo espetáculo, Jerad materializou-se novamente, ainda à procura da mamã e do papá.

«Alguém perdeu um rapazinho chamado Jerad?», perguntei eu. Desta vez, para deleite dele, os pais estavam no público.

«Quantos anos tens, Jerad?», perguntei-lhe eu.

«Tenho 5», disse ele, «mas faço 6 na sexta-feira», e os pais confirmaram que a sexta-feira teria sido o sexto aniversário dele.

Após o espetáculo, perguntei-lhes nos bastidores e dei-lhes as minhas flores como presente de Jerad.

Gostaria de fazer sessões privadas enquanto estava na Austrália, mas infelizmente era impossível satisfazer a procura. Um dos jornais, o *Sydney Sun*, contornou isso realizando um concurso para ganhar uma sessão comigo. Pediram aos leitores que completassem a frase: «O momento em que comecei a acreditar na vida após a morte foi…» e os seis vencedores tiveram uma sessão.

Sydney foi possivelmente o lugar mais empolgante que visitei, porque apareci na famosa Ópera, aquele edifício moderno fantástico com vista para o porto de Sydney.

Como com todas as salas, recusara ir vê-la primeiro. «Se a vir, nunca me tiram dali», costumava dizer eu, «fico com os pés frios.» Por isso, Kevin substituía-me quando trabalhavam na iluminação, som e o que mais fosse preciso.

Ainda bem que não fazia ideia do tamanho da Ópera, senão poderia ter voado para casa de medo! Quando chegámos, vi centenas e centenas de pessoas a subir as escadas; mas não me ocorreu que vinham ver-me a mim.

Nos bastidores, tirou-me o fôlego. Havia quilómetros e quilómetros de corredores acarpetados e silenciosos; depois, levaram-me para o camarim número uma das estrelas.

Nunca vira nada assim. Havia uma enorme sala de estar com vários sofás, um piano de cauda e janelas panorâmicas com vista para as luzes dançantes do porto de Sydney, um camarim separado com cama e uma casa de banho separada. Andei por ali de boca aberta. Era maior do que o meu apartamento em casa e isto era só o camarim!

A cama parecia certamente convidativa, mas nem conseguia sentar-me, quanto mais deitar-me. Tudo o que podia fazer era andar de um lado

para o outro. Kevin praticava ioga e, pouco antes de entrar em palco, costumava ficar de cabeça para baixo no camarim dele.

«Devias experimentar, sabes», disse ele, vendo o estado em que eu estava, «é uma ótima forma de relaxar.»

«Kevin», disse eu, «se eu fizesse isso, tinham de me levar em maca!»

Quando finalmente cheguei às coxias, morri mil mortes. Havia tantos técnicos de iluminação e som que fariam um público só por si. Como será lá fora, se está assim tão cheio aqui atrás?, perguntei-me eu nervosamente.

Minutos depois, descobri. Kevin apresentou-me, ouvi o meu sinal, saí corajosamente e quase tropecei no vestido de espanto. Havia lugares atrás de mim, lugares ao lado e lugares à frente num grande círculo escalonado; por isso, para onde quer que olhasse, via um mar de rostos. Sentia-me como uma mosca no fundo de um copo.

Kevin sorriu encorajadoramente e dei mais alguns passos na direção dele. Isto é loucura, pensava eu freneticamente, não consigo fazer isto. Depois sintonizei e imediatamente os meus medos dissolveram-se. Assim que comecei a trabalhar, a minha mente ficou vazia para tudo o resto.

O tempo voou e, de repente, era o fim; estava no centro de um furacão tremendo de aplausos, tão alto que senti que me levantaria até ao teto. Lágrimas inundavam novamente os meus olhos.

Fiz três espetáculos na Ópera, o que foi uma experiência maravilhosa; mas a outra coisa empolgante em Sydney eram todas as pessoas famosas que ficavam no nosso hotel. Jimmy Edwards, Eric Sykes, Warren Mitchell, Catherine Grayson; John e eu adorávamos sentar-nos no restaurante e ver estrelas.

Um dia, quando trabalhara de manhã e tinha uma aparição à noite, decidi deitar-me após o almoço. John também estava cansado e já na cama; mas eu fizera o cabelo e cuidadosamente metera os caracóis frescos numa rede antes de me atrever a deitar. Operação delicada completa, estava mesmo a meter-me na cama quando o telefone tocou.

O nosso guarda-costas saíra, claro, por isso atendi eu mesma.

«És tu, Dol?», perguntou uma voz vagamente familiar.

«Sim», disse eu, incerta.

«Aqui Dick Emery.»

Quase desmaiei.

«John!», guinchei eu, tapando o auscultador, «é Dick Emery!»

«Quem?»

Mas a voz ao telefone falava novamente.

«O que estás a fazer?»

«Nada», disse eu, dobrando um pouco a verdade. Não queria admitir que ia só para a cama.

«Bem, estava a pensar se gostarias de vir tomar uma chávena de chá com a minha mulher Jo e comigo?»

«Oh, adoraríamos», arquejei eu.

«Ótimo. Vemo-nos no restaurante, então», e desligou.

«John! John! Levanta-te», gritei eu, largando o auscultador e arrancando a rede do cabelo. «Vamos tomar chá com Dick Emery.»

«Dick Emery?», ele empurrava os lençóis em câmara lenta, enlouquecedora. «Sim. Foi ele ao telefone. Vamos. Levanta-te, vamos encontrá-lo no restaurante.»

De alguma forma, vestimo-nos. Arranjei novamente o cabelo e chegámos ao restaurante em tão pouco tempo que qualquer um pensaria que estávamos levantados e vestidos o tempo todo.

Não havia como enganar o rosto largo e amigável de Dick Emery. Levantou-se assim que entrámos e deu-me um grande abraço. Era um verdadeiro cavalheiro. Um homem tão inteligente e talentoso; esforçou-se por nos fazer sentir importantes.

«Como te estão a tratar?», perguntou ele ao chá.

«Oh, toda a gente tem sido muito boa para mim», disse eu, «a única coisa é que, em vez de sair após o espetáculo e tomar champanhe, preferia voltar para o hotel, tomar uma chávena de chá, ver um pouco de televisão e ir para a cama.»

«Bem, diz-lhes, querida», disse ele, «és a estrela.»

Ri-me. «Não sou uma estrela.»

«Sim, és», disse ele, «sou um grande nome na Austrália, mas no Entertainment Centre em Perth só consegui vender 3000 bilhetes. Tu vendeste todos os lugares e são 8000. Senta-te aí e diz-me que não és uma estrela!»

Ri-me apenas. Não conseguia assimilar. 8000 lugares? Certamente exagerava. Não conseguia imaginar uma sala com 8000 pessoas.

Mais tarde nessa noite, ao sairmos para o espetáculo, Dick estava no átrio. «Olá, amor, como estás?»

«Oh, um pouco cansada», admiti eu.

Virou-se para o resto do grupo. «Ela não quer sair para jantar», disse-lhes ele, «só quer ir para a suite e tomar uma boa chávena de chá, não é, amor?»

«Sim, quero», disse eu.

«Bem, é isso que ela vai fazer», insistiu ele.

Não conseguia superar a bondade dele.

Estranhamente, considerando o quão bem os bilhetes se venderam em Perth, tive de ter permissão especial para ir lá, porque acredito que a mediunidade é ilegal lá. Mesmo após a permissão ser concedida, ainda houve bastante alarido. Uma sociedade religiosa decidiu realizar uma vigília de oração e jejum de quarenta e oito horas porque eu ia, e eram tão contra o meu trabalho.

Soube disso às quinze para as sete da manhã, quando um repórter telefonou para me ler a notícia e pedir os meus comentários. Fiquei absolutamente espantada, mas tentei ser justa.

«Bem, têm todo o direito de fazer isso se é assim que se sentem», disse eu, «mas cabe a todas as pessoas de Perth decidir se querem o meu trabalho ou não. Não só a uma sociedade.»

E nessa noite, vendo o público incrível de 8000 pessoas à minha frente, senti que tinham decidido. Foi uma experiência extraordinária. Estava muito consciente de todas aquelas pessoas a querer algo de mim e de que não podia esperar satisfazê-las a todas mesmo se continuasse por doze horas. Numa tal multidão — como encontraria o contacto certo?

Tudo parecia grande demais.

Tentaram sugerir-me como devia trabalhar. «Faz primeiro a secção da frente, depois a de trás, depois para um lado e depois para o outro.»

«Faço o meu melhor», disse eu. «Mas tenho de ir onde me mandam.» Pareciam não entender.

De qualquer forma, por sorte, o primeiro contacto foi na frente da sala, mas a seguir a luz foi para o lado do palco. Tive de abandonar as instruções. «Tenho o nome Kitchin, uma voz de senhora e pertence a alguém ali», apontei para o lado.

Uma rapariga levantou-se imediatamente: «É a minha mãe.»

«Quem é Margaret?», perguntei eu.

«Sou eu, sou eu.»

Finalmente, fiquei satisfeita. Num lugar tão grande, duas pessoas podem ter os mesmos nomes e, por vezes, a pessoa errada reclama a mensagem, o que pode causar todo o tipo de confusão.

«Bem, temos o contacto certo, então», disse eu e, abafando as outras vozes, foquei-me em Kitchin. Mas assim que o fiz, tudo o que ouvi foi «cozinha arrumada, arrumada, cozinha, cozinha arrumada». O que raio se passava?

Kevin viu que eu estava bloqueada e começou a ficar um pouco agitado. Tentou passar-me adiante; mas eu não conseguia ultrapassar este «cozinha arrumada, cozinha arrumada». «Sei que parece muito estranho», disse eu por fim, «mas tudo o que oiço é cozinha arrumada, cozinha arrumada!»

Um grande rugido de riso subiu com isto, mas Margaret disse: «Está tudo bem, Doris, o meu apelido de casada é Tidy.»

A mãe dela continuou a dizer que passara com uma hemorragia cerebral, que Margaret era divorciada mas casaria novamente, um homem chamado Laurie, acho que era, e também nomeou os netos. Depois disse que tinha consigo uma mulher chamada Phyllis que morrera de cancro. Margaret abanou a cabeça: «Não conheço nenhuma Phyllis.» Mas a mãe insistiu que ela a conhecera.

«Bem, a tua mãe acha que sim, querida», disse eu, «talvez tenhas esquecido.»

As mensagens continuaram e, quando o espetáculo devia acabar, o público não me deixou ir. «Ela ainda não veio aqui!», veio um grito angustiado de uma secção negligenciada da sala, por isso andei entre eles, subindo e descendo o corredor até terem a sua quota justa de atenção.

Na manhã seguinte, após uma sesta mais longa do que o costume, o telefone tocou. Era o mesmo repórter que telefonara no dia anterior para os meus comentários sobre a sociedade religiosa. «Quero só agradecer-te a mensagem que deste a Margaret Tidy ontem à noite», disse ele, «sou Laurie, o homem com quem ela vai casar, e a Phyllis que morreu de cancro era a minha mãe. Margaret conhecera-a, mas a mente dela ficou em branco até depois.»

Alguém escreveu após a minha visita que apareci perante 39 000 pessoas ao vivo na Austrália e milhões na televisão. Não tenho a certeza da exatidão desses números; mas sei que, durante toda a tournée, só fui vaiada uma vez — em Adelaide.

O lugar estava cheio e esta rapariga deve ter-se infiltrado perto do fim, na hora das perguntas, porque de repente gritou do fundo: «O diabo está aí em cima a trabalhar contigo, Doris?»

«Não sei, querida, nunca o conheci», disse eu. «E tu?» E com isso, ela saiu novamente.

Foi o único problema que tivemos. Toda a gente nos deu tanto amor.

Fico com tantas memórias preciosas da Austrália. Algumas engraçadas — como a vez que voámos de Adelaide para Brisbane num pequeno jato privado. O carro parou na pista e saímos: a Sra. Edgeley, Kevin, Clive e Eric, John e eu, e entrámos no avião apertado.

Primeiro, John pôs o pé nos salgados, depois Kevin pôs o pé nos bolos — felizmente, estavam cobertos com película aderente —, depois a Sra. Edgeley disse: «Onde será a casa de banho? Piloto, onde é a casa de banho?»

«No cabine, senhora», disse ele.

«Onde?», perguntámos nós.

«Ali onde está aquela cortina pequena.»

Olhámos e vimos uma cortina fina que só descia até aos joelhos.

Não se disse uma palavra. Silenciosamente, todos nos levantámos, saímos novamente para a pista, entrámos nos carros e voltámos ao terminal para visitar as casas de banho. E mais: durante todo o voo, a Sra. Edgeley e eu nem ousámos olhar para uma chávena de café!

Há memórias tristes também. Em Adelaide, fomos convidados para a casa do Primeiro-Ministro para conhecer a mulher dele — Adele Coe.

Era uma rapariga adorável, bela na aparência e na natureza. Pequena e frágil como um passarinho, tinha cabelo preto comprido, olhos escuros brilhantes e estava a morrer. Tinha cancro e sabia-o.

Conversámos longamente várias vezes, fomos almoçar com ela novamente e ela veio à nossa última aparição ao vivo em Adelaide. Na verdade, o marido até saiu do Parlamento para ver o fim do espetáculo e depois vieram aos bastidores.

Após voltarmos para casa, Adele continuou a escrever e a telefonar. Depois, numa manhã de domingo, enquanto John saíra para passear e eu preparava o almoço, aconteceu-me olhar pela porta da cozinha para o hall e lá estava Adele, de pé a olhar para mim, o seu belo cabelo preto a cair pelos ombros.

Abri a boca para falar e ela desaparecera.

Não, pensei eu, não pode ser. Tão cedo. Mas mencionei-o a John quando ele voltou e decidimos esperar um pouco mais antes de telefonar para a Austrália.

Depois, na terça-feira, vi-a novamente. Exatamente como antes. Desta vez, soube com certeza que passara para o outro lado. Não quis incomodar o pobre marido, por isso telefonei para o escritório dos Edgeley em Melbourne. «Sim, tens razão, Doris», disseram-me eles. «Passou para o outro lado na semana passada.»

Fico tão contente por John e eu a termos visitado na Austrália. Sei, pelo que ela nos contou nas cartas e conversas telefónicas, que lhe tirei o medo da morte; por isso, se não fiz mais nada na Austrália, sei que fiz algo realmente valioso.

Acima de tudo, lembro-me da tremenda bondade que nos mostraram em todo o lado. Havia Scottie, que trabalhava no nosso hotel em Melbourne. Uma escocesa magra com um lenço sempre atado à cabeça à moda cigana, que insistia em trazer o pequeno-almoço ao nosso quarto de manhã.

Entrava aos tropeções com uma bandeja enorme, porque o nosso guarda-costas lutador tinha jarras de leite e quatro ovos ao pequeno-almoço.

«Fiz-te a papa de aveia, amor», dizia ela, «aqui não sabem fazer.» Até nos tricotou dois aquecedores de ovos para os manter quentes.

Depois havia — chamo-lhe apenas Ruth — no nosso hotel em Sydney. Vinha muitas vezes à nossa suite para ver se precisávamos de algo e parecia sempre um pouco triste. Uma noite, disse-lhe eu: «Acho que gostarias de falar comigo, não gostarias?»

«Oh, sei que estás terrivelmente ocupada», disse ela.

«Bem, tenho uma tarde livre no sábado. Podes passar uma hora?»

Bem, ela veio, fiz uma sessão para ela e descobriu-se que tinha uma filha, uma rapariga jovem e bela que se suicidara.

Mais tarde, estávamos a conversar e aconteceu-me dizer: «Oh, espero que não me mantenham fora até tarde esta noite, partimos para Perth de manhã e ainda tenho de fazer as malas.»

Mas quando voltámos, mais tarde do que pretendíamos, como de costume, descobri que Ruth fizera todas as nossas malas e, ao lado da minha mala, havia um pequeno embrulho. Dentro, encontrei um isqueiro de luxo, um frasco do perfume favorito da filha dela e uma notinha a dizer que eu mudara a vida dela.

Houve todo o tipo de surpresas comoventes. Uma noite, Alan, o nosso guarda-costas, foi à porta pôr o cartão do pequeno-almoço e entrou com duas cravinas azuis que tinham sido coladas à maçaneta com um cartão que dizia: «Querida Doris, do teu empregado de mesa favorito, Ray.» Ao passar na receção antes de um espetáculo, havia sempre um pequeno presente que fora entregue para mim: uma orquídea, um ramo de violetas ou, num caso, uma lata de talco de um reformado. De igrejas, um estojo de escrita esculpido.

Sim, ficámos muito tristes por deixar a Austrália no fim das nossas seis semanas, mas decidimos que um dia voltaríamos.

CAPÍTULO 17

De volta a Londres, fui rapidamente trazida à terra com um solavanco. Foi ótimo ver Terry e Matey, o nosso gato ruivo, novamente e, claro, todos os nossos amigos. Mas foi um choque passar de um mundo de quartos de hotel caros, refeições luxuosamente cozinhadas e carros com motorista para o nosso pequeno apartamento, uma pilha de roupa para lavar e fazer fila no verdureiro com um saco de compras!

Não podia ter ilusões de grandeza enquanto engomava catorze camisas!

A excitação estava longe de acabar, no entanto. A minha tournée pela Austrália teve um efeito bola de neve e, na primavera seguinte, fui convidada para a América e o Canadá.

John e eu voámos para Nova Iorque, onde devíamos encontrar o produtor de um programa chamado *Mid-day Live*, para discutir a possibilidade de eu aparecer no programa. Ia também fazer um phone-in de rádio numa estação canadiana, o *John Gilbert Show*.

As reuniões em Nova Iorque pareceram correr bem e, enquanto os arranjos eram feitos, John e eu fomos para o Canadá por uma noite apenas, ou assim pensávamos na altura.

Chegámos na terça-feira e o programa em direto era das 9h00 às 11h00 de quarta-feira de manhã.

Gostei imediatamente de John Gilbert. Era um homem caloroso e simpático e sabia que podia trabalhar bem com ele.

O programa em direto ia esplendidamente quando, de repente, recebi um nome de homem, Alec. Ninguém o reclamou e, por isso, não prossegui essa comunicação. Durante o intervalo comercial, no entanto, ele voltou. «Quero falar com John», disse ele muito distintamente.

«John», disse eu, «este Alec quer falar contigo.»

O rosto dele ficou um tom mais pálido. «Meu Deus», arquejou ele, «é o meu pai. Esperava que fosse, mas não ia dar-te nenhuma ajuda.»

Depois estávamos no ar e a mensagem continuou. Alec nomeou corretamente os filhos e depois disse-me que o seu próprio apelido era Bubs.

«Isso é incrível», disse John, «ninguém além da família mais próxima poderia saber o apelido dele.»

Não tinha a certeza se devia repeti-lo, mas Alec continuou a dizer que a mulher dele, Floss, tivera uma vida terrível com ele e o quão orgulhoso estava por o filho John ter feito tanto sucesso na vida.

«Lembra John da Sheila», disse ele, «é a fulana com quem eu fugi.»

«Sim, sim, é verdade», admitiu John.

A seguir, recebi uma rapariga jovem na linha e fiquei perplexa no início. Uma voz saiu com um nome que eu nem conseguia começar a pronunciar.

«Desculpa, querida», disse eu, «mas estou a ouvir um nome estrangeiro que simplesmente não consigo dizer.»

«É verdade», disse ela, «provavelmente é polaco e eu também não consigo pronunciá-lo!»

Depois, o pai dela veio e, de repente, senti uma sensação de esmagamento terrífica na parte de trás do pescoço e na cabeça. Ouvi uma explosão e cheirei um forte odor a fumo.

«Meu Deus, houve uma tragédia aqui», disse eu, «ele foi baleado.»

«Não», disse a rapariga, «não foi baleado.»

Fiquei perplexa. As sensações tinham sido muito fortes.

«Bem, ele passou muito de repente», disse eu. Depois, de repente, senti-me atirada pelo ar. «Foi uma explosão de algum tipo.»

«Sim», disse a rapariga, «uma caldeira explodiu.»

O pai dela ainda estava perturbado com isso. «Mais cinco minutos», continuava a dizer-me ele, «ela fizera-me uma chávena de café e eu disse que não demorava um minuto e saí do apartamento para ver a caldeira. Se ao menos me tivesse sentado e bebido o café. Pensa só. Cinco minutos de diferença entre a vida e a eternidade.»

As chamadas telefónicas chegavam em catadupa e John Gilbert não teve problemas em preencher as duas horas. Depois, saímos do estúdio juntos e demos de caras com um camionista robusto a segurar duas caixas de café a fumegar.

«John», disse ele, «foi o melhor programa que tiveste. Estive aqui sentado a ouvir o programa todo. Não fiz um bocadinho de trabalho!» e solenemente ofereceu-nos uma caixa de café a cada um.

Pareceu tão popular com os outros ouvintes também que John me pediu para voltar no dia seguinte. O programa correu igualmente bem e, mais uma vez, ao sairmos do estúdio, o mesmo camionista esperava. Mais uma vez explicou que não fizera trabalho nenhum e, desta vez, ofereceu-me um ramo de flores.

Finalmente, fui convidada de volta uma terceira vez e mal podia acreditar nos meus olhos quando o mesmo camionista fiel veio ao meu encontro com um belo ramo de flores.

«O programa todo?», perguntei eu.

«O programa todo», disse ele.

Fiquei bastante contente por ser hora de seguir em frente. Se fizesse mais programas, ele poderia perder o emprego!

Pedidos para participar em programas em direto chegavam agora de todo o Canadá. Fiz um em Otava e um em Londres, embora não tenha ficado muito satisfeita com esse. Tinha uma dor de cabeça terrível nesse dia e não fiquei muito contente com os resultados que saíram. Bill Brady, o apresentador, tranquilizou-me depois de que tinham tido uma boa resposta, mas eu ainda fiquei algo desapontada.

Houve um desenvolvimento interessante na minha viagem a Hamilton, no entanto. Enquanto lá estava, fazia uma entrevista para um jornal. A repórter era uma rapariga chamada Anne e, após as perguntas dela, perguntou se podia ter uma sessão.

Foi uma coisa rotineira — contactei o avô dela e ela anotava tudo —, quando de repente a voz de um rapazinho veio mais alta e clara do que a do velho.

«Sou Jason», disse o rapazinho.

Mas Anne abanou a cabeça. Não significava nada. «A senhora não te conhece, Jason», disse-lhe eu. Ele não ficou nada perturbado.

«Fui morto, sabes. A minha mamã, a minha irmã e eu fomos mortos.»

Repeti isto em voz alta e o reconhecimento brilhou de repente no rosto de Anne.

«Sei quem é», disse ela, levantando-se de um salto, «um minuto, vou chamar o editor.»

Foi o repórter-chefe que voltou, acho eu. Explicou que eu poderia ter tropeçado em alguns pormenores de um caso de assassínio; poderia eu fazer mais por eles?

Hesitei. Fizera regra nunca me envolver em casos a menos que trabalhasse diretamente para as pessoas envolvidas — em casos criminais, ou os familiares das vítimas ou a polícia.

«Lamento», disse eu por fim, «não posso. Se a polícia ou os familiares me pedirem ajuda, é diferente; do modo como está, não é da conta de mais ninguém.»

Alguma história deve ter aparecido impressa, no entanto, porque foi mencionada novamente no meu programa em direto seguinte.

Ia falar no programa de Tom Charrington e, a caminho, Donna, a rapariga que cuidava de nós, assustou-me de morte. «Agora não o deixes preocupar-te, Doris», avisou ela, «Tom Charrington é um osso duro de roer. Cínico como tudo.»

Quando lá cheguei, estava nervosa, para dizer o mínimo, e quando vi Tom Charrington senti vontade de dar meia-volta e ir embora. Era muito alto, com um rosto muito severo e austero. Meu Deus, pensei eu, como raio vou fazer algo com ele.

Mas não havia escapatória. Por isso, sentei-me e começámos; no primeiro intervalo comercial, Tom virou-se para mim, um sorriso iluminou aquele rosto severo e disse: «Jesus Cristo, és uma senhora incrível.»

De volta ao ar, perguntou-me sobre a história de Jason. Pude confirmar os pormenores que ele lera e acrescentar que o nome da irmã era Stephanie. Depois, enquanto falava, a voz de Jason veio novamente.

«Sou eu, Jason», disse ele, «e quero falar com Doug.»

Repeti isto em voz alta, mas não significava nada. Não havia ninguém no estúdio chamado Doug. Encolhi os ombros e passei à comunicação seguinte.

O programa acabou e, para grande surpresa minha, Tom veio ter comigo e deu-me um beijo sonoro. «Podes não acreditar nisto, Doris», disse ele gravemente, «mas em vinte anos de radiodifusão, és a primeira convidada que beijei.»

Atordoada, levei a mão à face, sem saber como responder a esta grande honra, mas fui salva pelo telefone. Tocou e tocou e Tom atendeu a contragosto.

Vi o rosto dele ficar sério novamente enquanto ouvia; depois cobriu o bocal. «Doris, é a avó do rapazinho. Falas com ela?»

«Claro.» Peguei no telefone e imediatamente uma voz angustiada crepitou na linha. «Jason é o meu neto e Stephanie é a irmã dele», disse ela, «por favor, podemos vir ver-te? Encontraram o corpo da minha filha e o de Stephanie, mas não conseguiram encontrar o de Jason e tenho a certeza de que podes ajudar. Por favor, podemos vir ver-te?»

Não podia recusar um pedido tão desesperado. No sábado seguinte, a avó, o marido Doug e um polícia vieram visitar-me em Toronto.

Comecei a sessão, mas, em vez da voz do rapazinho que esperava, uma mulher veio com muita força. Era Sandra, a mãe de Jason.

Enquanto ela falava, comecei a sentir sensações estranhas e desagradáveis. Vi sangue salpicado por toda a cama, senti pancadas na cara e dentes a serem arrancados para dentro da boca. Sandra descreveu então o local onde os dois corpos tinham sido encontrados — que o polícia confirmou — e depois outro local onde achava que o corpo de Jason poderia estar.

Nesse ponto, o pequeno Jason interrompeu novamente. «Ela guardou o meu fato azul, sabes.»

E a avó começou a soluçar. «Sim, sim, é verdade. Guardei o fatinho dele para enterrar o corpo.»

Com suavidade, tentei explicar-lhe que, após dois anos na água, ela não poderia vestir um fato a Jason; mas não importava, porque ele estava perfeitamente seguro e feliz e não precisava dele agora.

Enquanto confortava a senhora idosa, ocorreu-me que, até então, a polícia poderia achar que eu não lhes dissera nada que não pudesse ter lido nos jornais. Por isso, sintonizei novamente com Sandra e perguntei-lhe se podia dar-me pormenores que a polícia e os repórteres não soubessem.

Ela falou-me de uma carrinha station branca que o marido pedira emprestada, o nome dos vizinhos do lado e as palavras: Pasadena, Jack, Laurie e Hamilton.

O inspetor da polícia pareceu perplexo. «Sabes o que isso significa?», perguntou à avó.

«Oh, sim, certamente», disse ela. «Jack é o primo do marido dela que está na prisão por estes assassínios horríveis. Laurie era a mulher dele. Viviam em Pasadena e, antes disto acontecer, Sandra e a família costumavam ir ficar com eles. Agora mudaram-se para Hamilton.»

A história de Jason e da família não foi o único caso violento com que me deparei durante a visita. Pouco depois, John Gilbert perguntou-me se podia fazer uma sessão privada para amigos dele.

Trouxe-os ao nosso quarto numa noite: dois casais, um dos filhos deles e o próprio John. John não me dissera nada sobre o caso, porque sabia que eu gostava de começar do zero; mas depressa ficou claro que eram todos de uma família e os pais vieram falar comigo.

De repente, olhava para outro quarto. Havia uma mulher deitada na cama com manchas de sangue a espalhar-se pelo corpo e o marido dela estava desfalecido no chão ao lado, onde tentara protegê-la. Ambos tinham sido baleados.

«Isto é terrível», disse eu horrorizada, «foram baleados.»

A família confirmou que eu tinha razão.

Depois, o pai deu-me vários nomes, incluindo o do assassino.

A família soube imediatamente. Acontece que suspeitavam deste homem o tempo todo, mas ele tinha um álibi e não havia provas para o condenar.

Parece que todo o meu trabalho do outro lado do Atlântico foi algo sombrio, mas na verdade houve muitos momentos felizes. Uma das coisas mais agradáveis que fizemos foi visitar as cataratas do Niágara. Estava a fazer algumas aparições ao vivo em salas e tive de obter uma permissão de trabalho especial para trabalhar em teatros. Disseram-me que levaria algum tempo a preparar; por isso, fomos ver as cataratas enquanto a arranjavam.

Foi uma visão que John e eu nunca esqueceremos. Era inverno. A neve ainda estava no chão, mas o céu era de um azul vívido e, entre o chão branco e o céu azul, rugia esta grande montanha de água verde-gelo, com cascatas de spray voador que apanhavam o sol e faziam um arco-íris.

A queda era como um íman e aproximámo-nos cada vez mais, emocionados com o poder e a beleza tremendas. Foi muito difícil afastarmo-nos para algo tão mundano como uma permissão de trabalho.

De volta a Nova Iorque, tudo estava arranjado para a minha aparição em *Mid-day Live*. Primeiro, fiz sessões privadas para o produtor e Bill Boggs, o apresentador; depois, o produtor perguntou-me se podia chegar meia hora mais cedo para ensaiar.

Ri-me. «Não vale a pena ensaiar», disse eu, «nunca se sabe o que vai acontecer.» De alguma forma, acho que isso não tranquilizou a mente dela.

Não precisava de se preocupar. Tudo correu bem no ar, mesmo com algumas surpresas.

Primeiro, Bill Boggs contou ao público sobre a sessão dele comigo; depois, uma loira glamorosa entrou com aplausos apreciativos. Era Monique Vanhusen, uma estrela famosa nos Estados Unidos. Sentou-se ao meu lado e Bill disse: «Já visitaste médiuns antes, Monique?»

«Oh, sim, claro», disse ela, «vou muitas vezes. Acho que toda a gente está interessada no futuro.»

Antes que pudesse impedir-me, já estava a dizer: «Bem, estás numa perda total comigo, amor. Não faço esse tipo de coisas.»

Ela ergueu as sobrancelhas. «Oh, realmente. O que fazes então?»

«Sou médium», disse eu, «sou um instrumento entre os dois mundos.»

«Oh», disse ela, parecendo nada mais sábia, «então não poderás fazer nada por mim.»

«Vamos ver.» Mas mesmo enquanto dizia as palavras, um torrente rápida de francês vinha.

Contei a Monique. «Um minuto, vai ser traduzido», acrescentei eu. Era a mãe de Monique da Bélgica. Contou-me como passara, o que Monique confirmou, depois listou alguns nomes.

«Quem é Pierre?», perguntei eu.

«Conheço um Pierre», disse Monique cautelosamente.

«Quem é Jacqueline?»

«Meu Deus. São Pierre e Jacqueline com quem vou ficar.»

«Perto da Torre Eiffel?»

«Sim! É verdade!»

Houve mais e, no fim, peguei na mão dela e disse: «A tua mãe quer dizer feliz aniversário, querida.»

«Foi o meu aniversário ontem», arquejou ela e, com isso, dissolveu-se em lágrimas e apressou-se a sair.

Fiz algum trabalho geral com o público a seguir; depois houve um intervalo comercial e, depois, um rapaz muito bonito veio sentar-se ao meu lado.

«Isto é um pouco estranho», explicou Bill Boggs, «não o conheces. É o nosso repórter-chefe, mas só quer ver Doris. Ele conta-te.»

A história dele era certamente invulgar. Explicou que ia sair para um trabalho, saíra da estação de TV com a pasta, chegara ao canto da rua e parara. Sabia que tinha de dar meia-volta e voltar. O que não sabia era porquê.

Voltou à estação e perguntou à rececionista, que estava no andar de cima em *Mid-day Live*. «Doris Stokes, a médium britânica», disse-lhe ela.

«Foi por isso que tive de voltar», disse ele, «e aqui estou.»

Intrigada, sintonizei para ele. O avô dele fez contacto rápido e, pouco a pouco, saiu uma história triste. Aparentemente, o rapaz ouvira vozes antes e ignorara-as. Depois, a caminho de casa de uma festa às 4h00 da manhã, ouviu uma voz dizer distintamente «Vai para casa agora». Achando ridículo, continuou a andar, mas novamente, perto do ombro dele, a voz disse «Vai para casa agora». Farto das vozes estranhas e pensando que poderia estar a enlouquecer (não sabia eu como ele se sentia), decidiu sentar-se num banco e esperar, para provar de uma vez por todas que era imaginação dele. Finalmente, foi devagar para casa e, quando chegou, descobriu que uma tragédia acontecera. Não direi o quê.

Nesse ponto, o avô dele foi muito insistente — repito as palavras exatas dele. «Diz-lhe para não se preocupar, filho», repeti eu, «terás todo o perdão do mundo.»

Lágrimas vieram aos olhos do rapaz. «Sabes, depois de acontecer, passei a semana toda de joelhos a pedir perdão, porque não fui direto para casa.»

No fim, disse-lhe eu: «Tens o perdão deles e eles amam-te muito.»

E, para minha surpresa, ele pegou na minha mão e beijou-a. «E eu amo-te muito», disse ele.

Mais uma vez, era hora de ir para casa e parti com muitas promessas de voltar em breve. Não fazia ideia, ao fazê-las, de quão breve se revelaria.

Apenas alguns meses depois, o DJ e apresentador britânico David Hamilton convidou-me para aparecer num programa que estava a fazer em Los Angeles. Aparentemente, a nossa Thames Television estava a realizar uma semana de programas na América, um dos quais incluía David Hamilton toda a semana.

Foi muito divertido. Fiz um programa em direto na televisão e fui convidada de volta para outro, e fiz um programa em direto de rádio na principal estação de rádio também. Mas o caso mais memorável em que me envolvi aconteceu por acidente.

John e eu fomos convidados para almoçar no famoso Polo Lounge do Hotel Beverley Hills pela atriz e cantora Kay Stevens. Era um lugar muito luxuoso e caro, com celebridades por todo o lado, e John e eu mal encontrávamos a nossa mesa de tanto olhar à volta e murmurar: «Não é aquele…?» «Certamente não pode ser…»

Sentámo-nos para um almoço interessante, mas após um bocado não conseguia concentrar-me na conversa à mesa. Uma voz masculina insistente continuava a falar comigo, exigindo ser ouvida. Mencionou uma casa branca numa colina, os nomes Vic e Rose, disse que partira num Rolls-Royce bordô e branco e que fora baleado duas vezes na cabeça.

Pousei o garfo. O meu apetite parecia ter desaparecido. Isto soava a outro assassínio terrível.

Cansada, contei aos outros o que ouvira e perguntei se sabiam algo sobre isso.

Inicialmente, pensaram que eu poderia estar a referir-me ao assassínio da família de um magnata local de sabão algum tempo antes; mas eu tinha a certeza de que não era isso. O homem parecia certo de que passara nos últimos dias.

Era um enigma, mas por via das dúvidas, os nossos amigos levaram uma gravação da minha «prova» à polícia. Não significou nada para eles.

No dia seguinte, no entanto, soubemos que um promotor desportivo chamado Vic Weiss desaparecera misteriosamente. Envolvia um Rolls-Royce «vermelho», a mulher do homem chamava-se Rose e viviam numa casa branca numa colina.

Tudo parecia encaixar e, quanto a mim, a notícia do dia seguinte confirmou-o. Vic Weiss fora encontrado assassinado na bagageira de um Rolls-Royce bordô num parque de estacionamento de um hotel. A causa da morte ainda era desconhecida.

Pela primeira vez, quebrei a minha regra de não ajudar a menos que a polícia ou um familiar me pedisse. Desta vez, senti que o próprio Vic queria urgentemente que eu fizesse mais. Não podia intrometer-me sem convite na viúva chocada; por isso, John e eu fomos de carro ao parque de estacionamento do hotel onde o Rolls-Royce fora encontrado. Acendi um cigarro, recostei-me calmamente e esperei.

Vic veio ter comigo quase imediatamente. Era um homem zangado. Repetiu que fora baleado na cabeça duas vezes, uma atrás da orelha e outra na parte de trás do crânio. Disse que fora despejado no parque de estacionamento por dois homens; um esperara lá fora num carro verde enquanto o outro estacionava o Rolls.

«Vigia a minha mulher», continuava a dizer. «Pergunta a Jerry. Pergunta a Jerry.» Repetiu o nome de um dos assassinos e as palavras «River» e «Canyon» muitas vezes.

«Adorava aquele Rolls-Royce», disse ele, «nunca pensei que seria o meu caixão. Apanha os cabrões! Apanha os cabrões!»

No fim da comunicação, senti-me flácida e esgotada. A violência e a emoção reprimida vieram tão fortemente que senti que este homem não descansaria até os assassinos serem levados à justiça.

Contactámos novamente a polícia e, desta vez, tomaram notas extensas e fizeram dezenas de perguntas. No entanto, frustrantemente, depois não confirmaram que a minha informação fora útil.

Mais tarde nesse mesmo dia, o gabinete do legista voltou com os resultados da autópsia. Vic Weiss morrera de duas feridas de bala… uma atrás da orelha, a outra na parte de trás do crânio!

A história saiu e depressa estava nos jornais na Califórnia, Nova Iorque e Londres. Mais uma vez, o mesmo clamor que começara na Austrália começava na América. O telefone não parava de tocar.

Repórteres, estações de televisão, estações de rádio, inquéritos de promotores.

Mas a essa altura, tinha de ir para casa cumprir vários meses de compromissos antigos.

«Sim», disse a toda a gente, «volto em breve.»

Mas mesmo em casa, não perdi o contacto com eles. As cartas ainda chegam aos montes, da América, Canadá e Austrália e, vezes sem conta, os autores agradecem-me porque os pequenos fragmentos de informação que consegui fornecer lhes deram esperança e paz.

E, na verdade, essas cartas, quando todo o alarido e excitação acabam, significam mais para mim do que qualquer outra coisa. Claro que as viagens foram divertidas. Claro que foram uma emoção, mas o melhor de tudo é saber que fiz algum bem.

Não tento forçar o que acho ser a verdade pela garganta das outras pessoas abaixo. Simplesmente quero partilhar o que descobri — a paz de espírito, a esperança e a força para continuar com uma vida despedaçada pela tragédia.

CAPÍTULO 18

Voltei recentemente a Grantham. Pensar neste livro e recordar os eventos da minha vida encheu-me de um grande desejo de voltar ao início, de ver os lugares e os rostos de há muito.

«Vais ao cemitério?», perguntou-me uma senhora.

E eu disse: «Meu Deus, não. Por que havia de querer ir lá?» Ela pareceu chocada. «Não queres ver a sepultura dos teus pais ou a de John Michael?»

Ri-me. «Não. Não saberia onde os encontrar. Os meus pais e John Michael não estão no cemitério.»

Obviamente, ofendi-a e ela foi-se embora, mas não pude deixar de sorrir. Que estranho ficar chocada por eu não querer pôr flores em sepulturas e fazer o lado mórbido.

Mas foi um erro voltar. Grantham parecia tão pequeno, tão mudado. Caminhei até à rua onde nasci e agora havia uma piscina coberta aquecida.

O lugar onde brincávamos ao apanhada e o parapeito da janela de onde saltava para as costas de carroças que passavam para um passeio grátis desaparecera.

Em vez dos jardins, havia campos abertos e cavalos a pastar.

Encostei-me à vedação, a olhar para os cavalos, os olhos cheios de lágrimas de deceção. Desejara tanto ver as filas de couves e a pista de cinzas onde brincara com os meus amigos espirituais, o lugar onde encontrara o gatinho.

Que estranho pensar que tudo desaparecera. O meu passado desaparecera.

E depois, de repente, senti a presença do meu pai muito fortemente e a sua velha voz familiar disse: «Mas não é muito melhor assim? Olha para todo este espaço aberto lindo para as crianças brincarem e os cavalos pastarem. É muito melhor agora, rapariga.»

Esteve comigo pelo resto do passeio.

E encontrei algo que restava intocado. Refazendo os meus passos para a cidade, cheguei ao antigo cruzeiro do mercado onde Edna e eu nos sentávamos a tirar grainhas de romãs; enquanto o meu pai levava a mãe ao pub para celebrar uma vitória ocasional nos cavalos.

Talvez esteja a ficar uma velha sentimental, mas subi novamente àquele cruzeiro do mercado e sentei-me lá. E, de repente, enquanto estava sentada, a cena nadou diante dos meus olhos, o presente esvaiu-se e eu olhava para um caleidoscópio de imagens.

Havia o antigo mercado com lâmpadas a gás a fumegar e calçada, e havia pessoas, tantas pessoas; havia o palco na Ópera de Sydney, estúdios de televisão na América, estações de rádio no Canadá; estavam todos lá, lado a lado. Passado e passado recente eram um só e descobri que chorava novamente por há muito e pelas coisas que poderiam ter sido.

Depois, através de tudo, veio a voz do meu pai: «Lembra-te, Doll, nunca olhes para trás, progresso, sempre progresso…»